

O NATURALISTA  
NO  
RIO AMAZONAS  
1.º VOLUME



Série 5.º

★ B R A S I L I A N A ★  
BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA ★

Vol. 237

HENRY WALTER BATES

O NATURALISTA  
NO  
RIO AMAZONAS

*Tradução, Prefácio e Notas*

do

PROF. DR. CANDIDO DE MELLO-LEITÃO

1.º VOLUME

1944

COMPANHIA EDITORA NACIONAL  
São Paulo — Rio de Janeiro — Bahia — Recife — Porto-Alegre

Do original inglês:

**THE NATURALIST ON THE AMAZON RIVER**

## P R E F Á C I O

Este livro é dos que devem ser lidos e meditados por todos os brasileiros. Não há em toda a bibliografia estrangeira a respeito do Brasil nada mais interessante, nada mais simpático, nada mais compreensivo de nossa gente e nossas coisas. E foi escrito por quem passara em afastados lugarejos quasi dez anos de sua mocidade, olhando-nos sem azedume, comparando nossos defeitos com os de sua terra para desculpar-nos, alegrando-se com o nosso progresso, guardando sempre no coração a saudade dessa região de eterno verão.

Tem a Amazonia e sobretudo o Pará uma dívida imensa para com a memória de Henry Walter Bates: a de colocar a sua estátua nessa estrada das mongubeiras que ele tanto amou, para mostrar a todos o homem que amou e fez conhecida essa imensa região banhada pelo sistema do rio-mar; a estátua desse que, diz a Enciclopédia Britânica, com todo o peso de sua autoridade, "escreveu um dos mais deliciosos livros de viagem, escritos em lingua inglêsa", e de quem escreveu Carlos Darwin a Carlos Lyell: "Só Humboldt pode comparar-se com Bates na descrição de uma floresta tropical".

Nasceu Henry Walter Bates em Leicester no dia 8 de fevereiro de 1825. O pai era fabricante de moveis de vime e queria que o filho se destinasse ao comércio, tendo-o portanto a seu lado, mas de vez em quando Bates dava uma escapada e ia percorrer os campos circunvi-

zinhos, herborizando e colecionando insetos. Em 1844 chegou a Leicester, como mestre-escola, um moço de 21 anos; era Alfred Russel Wallace, que se iria iniciar no amor das ciências naturais com o filho do vimeiro, mais novo que êle dois anos. Aí nesses passeios pela bem tratada campina inglêsa, nesses bosques claros e monótonos, quantos sonhos e quantos projetos não fizeram os dois jovens, as mentes a escaudar das leituras de viagens e explorações, e aos poucos amadureceram o plano de uma longa viagem a qualquer das regiões menos conhecidas do globo, cobertas as despesas com a venda das duplicatas enviadas para Londres.

Suas excursões estendem-se um pouco além de Leicester, visitam os condados vizinhos e procuram familiarizar-se com a flora e sobretudo com a fauna. Wallace deixa Leicester mas a ausência não arrefece o entusiasmo dos dois amigos, que em cartas frequentes vão ajustando minúcias e fixando-se na escolha de uma região. Para os dois naturalistas estava naturalmente indicada uma região tropical, mas o Brasil só entrou em cogitações quasi nas vésperas da partida. Tal o que se pode concluir do trecho inicial do prefácio das "Viagens pelo Amazonas e Rio Negro" de Wallace: "O desejo ardente de visitar uma região tropical, para observar a luxuriante vida que dizem aí existir e ver com meus próprios olhos todas essas maravilhas que lera com tal encanto nas narrativas dos viajantes, foram os motivos que me levaram a quebrar os liames de meus afazeres e as afeições do lar e lançar-me para

"alguma terra longinqua  
onde reina um verão sem fim".

"Minha atenção foi dirigida para o Pará e Amazonas pelo livrinho de Edwards "Uma viagem subindo o Ama-

zonas”, e decidí ir para lá, tanto pela facilidade de acesso como pelo pouco que era conhecido, comparado a quasi todos os outros lugares da América do Sul”.

O livro de William Edwards, “Uma viagem subindo o rio Amazonas, incluindo uma estada no Pará” foi publicado em Londres em 1847, e a viagem do americano se realizara em 1846. Sem perda de tempo escreve ao amigo de Leicester, propondo-lhe essa viagem na qual acumulariam “fatos que resolvessem o problema da origem das espécies”. Logo nos primeiros dias de 1848 segue Bates para Londres. Juntos visitam as coleções ainda incipientes e relativamente pobres do Museu de História Natural, o célebre jardim botânico de Kew e passam horas e horas na Biblioteca em busca de informações da terra que iam explorar. Gastam em tais preparativos tres meses e afinal, em 26 de abril, “num pequeno navio mercante” deixam Liverpool em demanda da Amazonia, chegando a Salinas um mês depois, para desembarcar em Belém a 28 de maio.

De vinte e oito de maio de 1848 a dois de junho de 1859 vive Bates na Amazonia, residindo em Belém; Cametá, Óbidos, Santarém, Ega, S. Paulo de Olivença. Quanta coisa se passou desde essa primeira noite de mês mariano, quando tivera “a impressão de que o misto de desalinho, riqueza e formosura das mulheres estava em perfeita harmonia com a mistura igualmente impressionante das riquezas naturais e da miséria humana”, e essa noite derradeira quando, partido o piloto mameluco êle sentiu “que se partira o último elo que o prendia à terra de tantas recordações agradáveis e na qual tantas vezes pensou ser mais um exemplo a acrescentar à lista expressa no provérbio parauara — Chegou no Pará, parou; bebeu assaí, ficou”.

Não se pense, pelo título, que Bates apenas trate da fauna e da flora. Seu livro traduz a observação de um curioso por todos os nossos problemas, sempre olhados com simpatia. Era natural que estranhasse os costumes, ainda com muita coisa de colonial, mas reconhece que era uma herança portuguesa e que aos poucos nos iam libertando dos velhos moldes carrancistas. Entre os seus melhores amigos tivera não somente pessoas das classes mais elevadas e cultas, como o Dr. Angelo Custodio Correia, por mais de uma vez presidente do Pará, mas gente humilde como o alfaiate negro de S. Paulo de Olivença, a velha negra liberta que tomava conta do que era seu, durante suas ausências de Belém, e em Ega batisou uma porção de afilhados. Faz justiça a alguns de nossos padres, à pureza de costumes da gente de Ega, onde a vida podia ser comparada à de qualquer vilarejo igualmente isolado da Europa.

Do clima, tão malsinado por outros viajantes, escreve: "A temperatura uniforme, a vegetação perene, a frescura da estação seca, quando o calor do sol é amenizado pelas brisas marinhas, e a moderação das chuvas periódicas fazem do seu clima um dos mais agradáveis da face da terra". E adiante se refere a ingleses aí residentes que conservavam seu bom aspecto florido, como se continuassem em sua terra.

O etnólogo encontrará neste livro informações de nada menos de trinta diferentes tribus de índios, com a observação sobre os seus costumes, nível mental, festas, etc.

Ninguém conseguiu ainda, melhor que Bates, compendiar em tão poucas páginas e de modo tão vivo e interessante, a fauna amazônica. Leia-se o comentário de Carlos Darwin a esta obra e se verá como o livro vale o comentarista.

Mas não vamos resumir o livro que ganha em ser lido na íntegra, e depois relido e meditado. Na parte biológica muita coisa, naturalmente, se tornou desueta mas tudo que é observação continua vivo e oportuno e muitas de suas conclusões foram marcos definitivos no conhecimento da fauna.

De volta à pátria, combalido pela moléstia e sentindo sempre a nostalgia do “perpétuo verão”, vieram aumentar-lhe as penas as dificuldades financeiras cada vez mais prementes, sentindo-se toda a sua amargura, quando nos conta que a sua valiosa coleção particular “não mais existe em sua integridade, pois alguns grupos passaram para outras mãos em diversas partes da Europa”. Insiste Darwin para que êle publique a narrativa de sua viagem, insistencia que se torna cada vez maior e Bates afinal acede e quatro anos passados de seu regresso nos dá a primeira edição desta obra.

O que há nas entrelinhas de seu prefácio é afinal compreendido por seus amigos, e em 1864 é ele nomeado assistente-secretário da Real Sociedade Geográfica de Londres, função que desempenha com a mais escrupulosa honestidade até à morte em 1892. Os deveres do cargo e os estudos de entomologia, apresentados quasi sempre à Sociedade Entomológica de Londres, tomam todo o seu tempo.

Antes deste livro publicara Bates a obra que lhe deu maior renome, a memória — “Contribuições a uma fauna entomológica do vale do Amazonas” —, vinda a lume nas *Transactions* da Sociedade Lineana de Londres, em 1862, trabalho que é considerado sua mais notavel contribuição à biologia e descoberta do mimetismo. “A hipótese de Bates”, escreve depois o eminentíssimo professor de Freiburg Augusto Weismann, “foi

subsequentemente confirmada em todos os seus pormenores”.

Em 1864 tinha ainda Bates consigo a sua coleção de Coleópteros, coleção vasta e única, que, felizmente para a ciência, passou integralmente para as mãos de René Oberthur, de Rennes.

Do livro de Bates foram publicados tres tipos de edições. A primeira, de 1863, sôbre a qual é calcada a presente tradução, foi publicada em dois volumes. Um ano depois, a pedido de seus amigos e admiradores, dá êle uma segunda edição, da qual retira os comentários de filosofia biológica, alguns dados mais extensos de geografia amazônica, certas particularidades a respeito da vida social da Amazonia e muitas descrições referentes à fauna. Foi esta edição que obteve maior successo, e que tem sido repetida algumas dezenas de vezes. Depois da morte de Bates tiraram-se outras, populares, onde se fizeram amputações ainda maiores, cortando-se quasi tudo que não interessasse diretamente ao leitor inglês, e por isso mesmo tais edições são quasi sem interesse para o leitor brasileiro.

A presente tradução é do livro de um Naturalista, anotado por outro naturalista. Nestas notas, feitas com muito cuidado e amor, para não desmerecer do valor da obra, procurei ser util aos leitores mais curiosos, e raramente me aventurei a sair de minha seara. Procurei reduzi-las a um mínimo, e mesmo assim (contadas as do Autor), foram a mais de quinhentas. Os que já tiveram de anotar um livro de ciência, mesmo de vulgarização científica, bem poderão aquilatar do que isto representa de trabalho e de pesquisa e certamente perdoarão alguns erros ou enganos que ainda tenham escapado.

CANDIDO DE MELLO-LEITÃO.

## PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

No outono de 1847, Alfredo Russel Wallace (1), que depois grangeou larga fama, por estar ligado à teoria darwiniana da Seleção Natural, propoz fazermos uma expedição ao rio Amazonas, com o fim de explorar a Historia Natural de suas margens. O plano era colecionarmos produtos naturais, dispendo das duplicatas em Londres para pagar as despesas, e acumularmos factos, como dizia Wallace em uma de suas cartas "para resolver o problema da origem das especies", assunto que muito havíamos debatido em nossas conversas e correspondência.

---

(1) Alfredo Russell Wallace nasceu em Usk, Monmouthshire, Inglaterra, no dia oito de janeiro de 1823. Em 1847, contando apenas 17 anos, começou a formar um herbário da Gales do Sul, o que demonstra desde cedo esse misto de ciência e poesia que caracteriza toda a sua vida: engenheiro, torna-se logo mestre-escola, mas esta vida sedentária e de constante contacto com a juventude não o satisfaz; torna-se viajante incansavel, apaixonado das regiões tropicais, e ao mesmo tempo que procura documentos para a sua hipótese da formação das espécies, escreve os versos da descrição de Javita, nos quais diz desejar ser um desses índios selvagens de vida livre; é o fundador da Zoogeografia moderna, o émulo de Darwin, o interpretador do mimetismo e ao mesmo tempo o apaixonado do espiritismo, assíduo frequentador de sessões. Aos vinte e um anos (em 1844) era professor no Collegiate School de Leicester, e aí conheceu Bates, mais novo que ele dois anos e que, ao mesmo tempo que seguia as ordens paternas, dedicando-se ao comércio, já mostrava seu pendor pela entomologia e foi Bates quem deu a Wallace o gosto pela coleção de Coleópteros. Desde esse momento se fizeram amigos. Em 1847 acompanhou Wallace um irmão e a irmã a uma viagem a Paris, mas, mesmo longe de Leicester, continuou a corresponder-se com Bates

Encontrámo-nos em Londres, logo em princípios do ano seguinte, para estudarmos nas principais coleções as plantas e animais sul-americanos, e no mês de abril, como se relata nesta narrativa, começámos nossa viagem.

Meu companheiro deixou a região ao cabo de quatro anos de estada e, de volta à Inglaterra, publicou um relato de sua viagem, sob o título — “Viagens pelo Amazonas e Rio Negro” — Demorei-me sete anos mais, re-

---

tendo os dois combinado viagem à Amazonia, que deu à xenobiografia brasileira esses dois livros até certo ponto tão diversos, e que, por isso mesmo se completam: as *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*, de Wallace e *O Naturalista no Rio Amazonas*, de Bates. Estiveram juntos nos primeiros tempos, mas em Barra (a atual Manaus) separaram-se os dois amigos. Enquanto Bates subia o Solimões, dirigiu-se Wallace para o Rio Negro. A demora de Wallace foi bem menor que a de Bates. Em 1852 resolveu voltar para a Inglaterra, com tanta infelicidade que o navio em que regressava se incendiou e perdeu Wallace toda a sua bagagem e quasi a vida. Pouco depois de chegado à Inglaterra sua febre de aventuras o fez dirigir-se para outra zona tropical, em 1854, tendo chegado a Singapura em julho desse ano. No Oriente visitou Sumatra, Java, Bornéu, Célebes, Molucas, Timor, Nova Guiné, Ilhas Arú e Ke, demorando-se nesta viagem duas vezes mais que na Amazônia, pois aí ficou até 1862. Dessas duas viagens capitais para a sua vida de sábio surgiram os trabalhos que lhe deram universal renome. Em 1855 escreveu de Sarawak, Bornéu a célebre memória publicada nesse mesmo ano nos *Annals and Magazine of Natural History*, intitulada *A lei que regula a introdução de novas espécies*, que representa como que um pródromo da outra que o celebrou e que foi lida na seção da Linnean Society, de Londres, de primeiro de julho de 1858, em seu nome e no de Darwin sobre a hipótese da origem das espécies por seleção natural. De volta à Pátria, cheio de fama, continuou seus estudos biológicos comparados das várias ilhas (que resumiu nesse livro, ainda hoje lido com proveito e encanto que é a *Vida nas Ilhas*), parte em sucessivas viagens, parte em seu proprio arquipélago. Nunca teve Wallace vencimentos certos, ganhando do que lhe rendiam suas coleções e seus livros e conferências. Foi quasi aos sessenta anos que recebeu da Coroa uma pensão anual de duzentas libras, da qual se manteve até 1913, data de sua morte. Sua obra de maior valor, indispensavel a todos que se dediquem aos estudos de biogeografia, é a *Distribuição Geográfica dos Animais*, base de todas as concepções modernas de Zoogeografia e suas regiões são ainda hoje aceitas, com pequenas modificações. A linha de Wallace, que separa as faunas indiana e australiana, que passa entre Bali e Lombok e mais ao norte, entre Bornéu e Celebes, tornou-se famosa. Sua interpretação do mimetismo é ainda largamente citada embora, como diz Nordenskiöld, tenha tido a mesma sorte da teoria da seleção natural, isto é, completamente abandonada pelos cientistas modernos.

gressando à pátria em julho de 1859. Tendo tomado, passados os dois primeiros anos, um rumo diverso do seguido por meu amigo, não me parece fora de propósito dar à publicidade uma noticia de minhas viagens e experiencias.

Logo que cheguei à Inglaterra tinha a saúde e o espírito muito deprimidos por onze anos de residência quase sôbre a linha do equador, dos quais os tres últimos numa região selvagem, a 1400 milhas do litoral. Via então poucas possibilidades de dar ao mundo minha narrativa e, passados dois anos, quase de todo abandonara êsse intento. Conheci então a Darwin (2) que, tendo formado uma lisongeira opinião a meu respeito, instou para que eu escrevesse um livro. Passados alguns mêses novamente insistiu quando, já escrito o começo, minha resolução começava a fraquejar. Foi com êsse incentivo que levei a cabo esta árdua tarefa. Julgo necessário fazer esta declaração que explica porque

---

(2) Nasceu Charles Robert Darwin em 1809 em Shrewbury. Era neto de Erasmo Darwin e sexto filho de Roberto Darwin e Suzannah Wedgewood. Dos novê aos 16 anos frequentou a escola de Shrewsbury, onde fez seus estudos primários e secundários. Daf seguiu para Edimburgo onde foi a estudar medicina, sendo de pouca duração sua estada na capital da Escôcia. Seruiu para Cambridge onde passou tres anos, combinando sua paixão pelo esporte com a coleta de plantas, insetos e especímenes geológicos. Em 1831 recebeu o grau de Bacharel em artes e pouco depois foi indicado por seu professor Henslow para o pôsto não remunerado de naturalista a bordo da fragata *Beagle*, que partia em viagem de circumnavegação. Nessa viagem, que durou cinco anos, esteve êle por duas vezes no Brasil, demorando-se na ida alguns meses no Rio de Janeiro, onde residiu na actual praia de Botafogo. De volta à Inglaterra escreve a interessante *Viagem de um Naturalista ao redor do mundo*. Casado com sua prima Emma Wedgewood, retira-se para Down, no condado de Kent e êle mesmo escreve em sua autobiografia que a sua vida foi a mais uniforme e calma, toda dedicada a escrever muitos livros. Destes os mais célebres são — “Sôbre a Origem das Espécies por meio da seleção natural; Variação dos Animais e Plantas na Domesticação; Descendencia do Homem e Monografia dos Cirrípeds”. Morreu em 1882 e está sepultado na Abadia de Westminster.

se passou tanto tempo entre minha volta à Inglaterra e a publicação dêste livro (3).

As coleções que fiz durante êsses onze anos foram, com intervalos de poucos meses, enviadas para Londres, para ser distribuídas, exceto um lote de especies que reservei para meu estudo e ficaram comigo, acompanhando-me sempre em minhas longas excursões.

Como exceção de algumas plantas vivas ou de exemplares para illustração da botânica médica e econômica, tais coleções compreendiam somente produtos faunísticos da região.

Dou abaixo uma enumeração aproximada do número total de espécies por mim obtidas, nas várias classes:

Mamais .....	52
Aves .....	360
Repteis (4) .....	140
Peixes .....	120
Insetos (5) .....	14.000
Moluscos .....	35
Zoófitos (6) .....	5

A parte da Amazônia onde residi por mais tempo era uma região inexplorada para o Naturalista, de mo-

---

(3) Apenas saída a obra de Bates, publicou Darwin na *Natural History Review* esplêndida apreciação da qual fazemos uma tradução.

(4) Como Repteis considera Bates, de acôrdo com as classificações de Cuvier e de Owen, não somente os Repteis das modernas classificações mas igualmente os Anfíbios. E' bom lembrar que, enquanto Lineu dividia a Classe Amphibia nas ordens Reptiles, Serpentes, Nantes, Cuvier invertia os termos e é sua classe Reptiles dividida em Quelônios, Saurios, Ofídios e Batráquios.

(5) O termo Insetos tem aqui a accepção de Artrópodes ou Articulados e Bates, como aliás em mais de uma passagem de sua obra, cita, referindo-se aos insetos, não só os Hexápodes como também os Aracnídios e os Miriápodes.

(6) Refere Bates os Zoófitos de acôrdo com a classificação de Milne Edwards, compreendendo os atuais Cnidários e Espongiários.

do que nada menos de oito mil espécies aqui enumeradas foram novas para a ciência. Há atualmente, no trabalho de descrêve-las, as penas de certo número de especialistas de diferentes partes da Europa. Os poucos mamais novos foram descritos pelo Dr. Gray (7) as aves pelo Dr. Sclater (8); zoófitos pelo Dr. Bowerbank (9-; as novidades mais numerosas em repteis e peixes estão em curso de publicação pelo Dr. Guenther (10).

(7) John Edward Gray nasceu em Walsall, Staffordshire, em 1800, e era o filho mais velho de S. F. Gray, autor do Suplemento à Farmacopéia; seu avô traduziu a *Philosophia Botânica* de Linné e a *Introdução à Botânica* de James Lee. J. E. Gray estudou medicina, mas inuito cedo foi atraído pela botânica, tendo colaborado no *Arranjo Natural das Plantas Britânicas*, publicado em 1821. Em 1822, tendo sido recusada sua admissão na Sociedade Linneana (secção de Botânica), voltou-se para o estudo de Zoologia, tendo como professor a Leach. Por influência de seu mestre foi nomeado assistente do Museu Britânico em 1824 e, quando aquele se aposentou, passou a custos da secção de zoologia em 1839. Procurou dar a essa secção um grande desenvolvimento que a fizesse rivalizar com os gabinetes então célebres de Leiden, Paris e Berlim e começou a fazer o catálogo sistemático das coleções. Esses catálogos científicos se sucediam rapidamente e, graças aos mesmos, toda a gente do Reino Unido começou a interessar-se por seu Museu que se tornou em breve o mais notavel do mundo, fama de que ainda hoje merecidamente goza. Tendo ficado paráltico em 1870, continuou ainda por mais dois anos no seu posto, aposentando-se no Natal de 1874, pouco antes de sua morte, que ocorreu em Londres no dia sete de março de 1875. Publicou Gray 1.162 memórias sobre vários ramos da zoologia, mas sua grande especialidade foram os mamais.

(8) O naturalista inglês Philipp Lutley Sclater nasceu em 4 de novembro de 1829. Seu estudo das aves e de sua distribuição deram lugar à publicação de sua obra capital sobre a divisão do Mundo em seis regiões Zoogeográficas, feita em 1857.

(9) James Scott Bowerbank, naturalista e paleontólogo inglês, nasceu em Bishopsgate, Londres, em 14 de julho de 1797. Esteve associado à destilaria do pai até 1847. Em sua mocidade estudou Astronomia e História Natural, especialmente Botânica. Em 1836 fundou o London Clay Club. Homem abastado, sempre poz à disposição dos estudiosos de História Natural suas coleções, biblioteca e microscópios, em sua casa, às segundas feiras. Seus principais trabalhos são uma Monografia das Esponjas Britânicas e outra das Esponjas de Agua doce, na qual estão descritas as colhidas por Bates na Amazônia. Morreu em 8 de março de 1877.

(10) Albert C. L. G. Guenther era alemão de nascimento, mas passou em Londres a maior parte de sua vida, como custos

Cabe talvez aqui uma palavra referente ao destino dessas grandes coleções. Será motivo de pesar para muitos naturalistas saberem que não se conservou em parte alguma uma coleção completa das espécies, pois isso teria constituído bela ilustração da fauna de uma região que não pode ser novamente explorada com a mesma finalidade em nossa época. Os meios limitados do viajante particular não permitem que ele faça uma grande coleção com fins puramente científicos. Grande número das remessas que chegaram a Londres foram escolhidas para o Museu Britânico, de modo que o maior lote, depois do meu, está em nossa Coleção Nacional, mas isto compreende, provavelmente, menos da metade do total das espécies obtidas. Minha coleção particular de insetos, de quasi todas as ordens, muito completa e que era especialmente valiosa por conter todas as variedades etiquetadas com suas localidades exatas, de modo a ilustrar a formação de raças, não mais existe em sua integridade, pois alguns grandes grupos passaram para outras mãos em diversas partes da Europa (11).

Quanto às ilustrações de meu livro, devo mencionar que os assuntos de Historia Natural foram feitas principalmente de especímenes desenhados por mim, e os

---

do Museu Britânico, tendo publicado de 1859 a 1870 esse admirável *Catálogo dos Peixes do Museu Britânico*, em oito volumes, da qual escreve David Star Jordan: "Nesta obra monumental, a mais essencial a qualquer estudo sistemático dos peixes, descrevem-se 6.843 espécies e se mencionam 1.682 espécies duvidosas. O livro é um exemplo de trabalho paciente. Seus grandes méritos se tornam evidentes à primeira vista e aqueles que se empenham na mesma rota de estudos devem passar sobre os seus defeitos com a indulgência que pode esperar que a posteridade tenha com os próprios". Foi o fundador do *Zoological Record* e seu redator até 1869.

(11) Voltando para a Inglaterra foi Bates residir a principio em Leicester, e suas dificuldades financeiras o obrigaram a desfazer-se de parte de suas coleções, com a tristeza que transparece claramente nestas suas palavras.

outros realizados por hábeis artistas, segundo meus ligeiros esboços. Os snrs. Wolf e Zwecker executaram quasi todos os desenhos maiores, que dão uma ideia precisa dos objetos e cenas que representam. Quanto aos menores, muitos dos quais (por exemplo os peixes, repteis e insetos) desenhados com tão meticoloso cuidado, eu os devo à gentileza de E. W. Robinson.

Leicester, janeiro de 1863.

## COMENTÁRIO DE CARLOS DARWIN

Em abril de 1848 o autor do presente volume deixou a Inglaterra em companhia de Mr. A. R. Wallace — “que depois adquiriu larga fama em conexão com a teoria darwiniana da Seleção Natural” — numa expedição conjunta pelo rio Amazonas, com o fim de investigar a História Natural da vasta região florestal atravessada por este formidável rio e seus tributários. Mr. Wallace voltou para a Inglaterra ao cabo de quatro anos de estada e foi, acreditamos, muito infeliz, pois perdeu a maior parte de suas coleções no naufrágio do navio em que as enviava para Londres. Mr. Bates prolongou sua residência no vale do Amazonas por mais sete anos depois da partida de Mr. Wallace, e não reviu sua pátria até 1859. Mr. Bates foi mais feliz que seu companheiro pois trouxe à salvamento para a Inglaterra os tesouros que colheu. Tão grande era, de facto, a massa de especimes acumulados por Mr. Bates durante seus onze anos de pesquisas que no trabalho de suas coleções, que foi empreendida (ou está ainda em curso de ser executada) por diversos cientistas deste país, foram encontradas representantes de não menos de 14 712 espécies, oito mil das quais eram ainda desconhecidas para a ciência. Deve-se salientar que a imensa maioria destes espécies, cerca de quatorze mil, pertencem à classe dos insetos — ao estudo dos quais Bates devotou principalmente sua atenção — sendo, como é

notório, uma das mais acatadas autoridades nesta classe de seres orgânicos. No presente volume, porém, não se confina Bates às suas descobertas entomológicas nem a qualquer outro ramo da Historia Natural, mas nos dá um apanhado geral de suas aventuras durante as suas excursões subindo e descendo o portentoso rio, e uma copia de informações que se referem a todos os assuntos de interesse físico ou político, que foi encontrando.

Mr. Bates desembarcou no Pará em maio de 1848. A primeira parte do livro é inteiramente dedicada a um apanhado do Baixo Amazonas — isto é, do rio desde a cidade de Manaus ou Barra do Rio Negro, onde desagua o grande afluente norte deste nome — e com a narrativa de sua residência no Pará e suas varias excursões pelos arredores desta cidade. A grande coleção feita por Bates dos produtos naturais do Pará lhe permitiu chegar às seguintes conclusões quanto às relações da fauna da margem sul do delta do Amazonas com as de outras regiões:

“Afirma-se geralmente que a Guiana e o Brasil, ao norte e ao sul do distrito do Pará, formam duas provincias distintas quanto aos seus habitantes vegetais e animais. Entende-se com isto que as duas regiões possuem um grande número de formas autóctones, e que se supõe que as mesmas não derivem de outros setores durante os tempos geológicos modernos. Cada um pode ser considerado como o centro de distribuição nos processos posteriores de disseminação das especies pela América tropical. O Pará fica a meio caminho entre os dois centros, cada qual com seu nucleo e peneplanicies, e que o vale intermédio forma uma vasta extensão de terras baixas. É interessante, portanto, determinar de onde este último recebeu sua população ou se contém

um numero tal de espécies endémicas que permitam concluir que ela constitue por si uma provincia independente. Para ajudar a decisão de questões como esta, devemos comparar estreitamente as especies encontradas nesse distrito com as das duas outras regiões contiguas, e tentar determinar se são idénticas, levemente modificadas ou altamente peculiares.

“Von Martius, quando visitou esta parte do Brasil, vindo do sul, ficou muito impressionado pela dessemelhança das produções animais e vegetais desta e das outras partes do Brasil. A fauna do Pará e da parte inferior do Amazonas não tem efetivamente uma relação estreita com a do Brasil propriamente, mas tem uma grande afinidade com as das regiões costeiras da Guiana, de Caiena e Demerara. Se podemos julgar pelos resultados fornecidos pelo estudo de certas famílias de insetos, não se encontra no distrito do Pará nenhuma forma peculiar do Brasil, ao passo que mais da metade de seu numero total é essencialmente de espécies da Guiana, que só se encontram na Guiana e na Amazônia. Muitas delas são, porém, modificações do tipo da Guiana e cerca de um sétimo parece restrito ao Pará. Estas especies endémicas não são altamente peculiares, e podem ser ainda encontradas em uma vasta area do Norte do Brasil, quando o país fôr melhor explorado. Elas absolutamente não nos permitem concluir que esse distrito forme uma provincia independente, embora mostrem que sua fauna não é toda ela derivada, e que a terra provavelmente não é toda de nova formação. Penso que podemos concluir, de todos estes factos, que o distrito do Pará pertence à provincia das Guianas e que, se é mais recente que a Guiana, deve ter recebido uma grande massa de sua população animal dessa região. Fui informado pelo Dr. Sclater que se chega a resulta-

dos semelhantes pela comparação das aves das duas regiões”.

Uma das mais interessantes excursões feitas por Mr. Bates, foi a subida do rio Tocantins — cuja foz fica a umas quarenta e cinco milhas da cidade do Pará. — Ela foi tentada duas vezes. Na segunda ocasião — estando nosso autor em companhia de Mr. Wallace — os viajantes penetraram até às cachoeiras de Arroios, a umas 130 milhas da foz. Este distrito é um dos principais lugares de colheita da conhecida castanha do Pará (*Bertholletia excelsa*), que é aí muito abundante, vendo-se succeder os bosques destas esplêndidas árvores que crescem muito acima das outras, com os “seus frutos lenhosos, grandes e redondos como balas de canhões, pendentes dos ramos”. A arara azul (*Ara hyacinthina*) é outra maravilha natural que foi encontrada aí pela primeira vez. Esta esplêndida ave, que casualmente é trazida viva para os Jardins Zoológicos da Europa “só ocorre no interior do Brasil, dos 16.º de latitude S. até à margem sul do rio Amazonas”. Seu bico enorme — que deve maravilhar mesmo a pessoa menos curiosa — parece adaptado a permiti-la alimentar-se das nozes da palmeiras mucujá (*Acrocomia lasiospatha*).” Estes caroços, tão duros que difficilmente podem ser quebrados com um pesado martelo, são reduzidos a polpa pelo poderoso bico desta arara”.

A última parte do livro de Bates é dedicado principalmente a sua residencia em Santarém, na junção do Tapajós com o curso principal, e ao seu inventário do Alto Amazonas ou Solimões — cuja fauna, como veremos agora, é em muitos pontos, muito diferente da da parte inferior do rio. De Santarém — “o povoado mais importante e mais civilizado sôbre o Amazonas, entre o rio Negro e o Pará” — fez Bates, o seu centro de ope-

rações durante tres anos e meio, quando fez várias excursões subindo o Tapajós que era então pouco conhecido. Um setenta milhas, subindo o rio, encontrou em seu afluente, o Cupari, uma fauna em sua maioria muito distinta da da porção inferior do mesmo rio. "Ao mesmo tempo uma porção consideravel de especies do Cupari eram idénticas ás de Ega, no Alto Amazonas, distrito oito vezes mais afastado que a aldeia acima referido". Bates foi mais feliz aqui que em sua excursão subindo o Tocantins e obteve vinte novas especies de peixes e muitos insetos novos e conspicuos, aparentemente peculiares a essa parte do vale amazónico.

Num último capítulo começa Bates seu inventário do Solimões ou Alto Amazonas, em cujas margens passou quatro anos e meio. A região é uma "brenha magnífica, onde o homem civilizado raramente poz o pé, pois a parte cultivada, do rio Negro aos Andes, se reduz apenas a algumas dezenas de geiras." Durante todo este tempo a residencia principal de Bates foi Ega, no Tefé, um afluente sul do grande rio, e de onde suas excursões pelo interior foram até uma distancia de 300 a 400 milhas. Nos intervalos Bates continuou na tarefa de naturalista colecionador, "do mesmo modo tranquilo e regular" que teria feito em uma aldeia européia. Nosso autor esboça o mais admiravel quadro da vida quieta e reclusa que passava nesse distante lugarejo. A dificuldade de ter noticias de casa e a falta de uma sociedade intelectual eram os grandes inconvenientes, o último dos quais "cresceu de tal modo que se tornou quasi insuportavel". "Fui obrigado afinal", observa ingenuamente Bates, "a chegar à conclusão de que a simples contemplação da natureza por si só não basta para encher o coração e o espirito humano". Bates deve efetivamente ter sido levado a uma grande penúria, no que

diz respeito a sua alimentação intelectual, quando, como nos conta, se poz a ler o *Athenaeum* tres vezes a seguir, “da primeira vez devorando os artigos mais interessantes, da segunda todo o resto e da terceira lendo todos os anúncios de começo a fim”.

Era Ega, de facto, como Bates observa, um belo campo para um colecionador de Historia Natural, pois os unicos visitantes da região tinham sido os naturalistas alemães Spix e Martius e o conde de Castelnau, quando desceu o Amazonas, de volta do Pacifico. A descrição que nos faz Bates dos macacos dos géneros *Brachiurus*, *Nyctipithecus* e *Midas*, encontrados nessa região, assim como todas as notas muito sutís que faz sôbre as formas americanas de *Quadrumanos*, serão lidas com muito interesse por todos, particularmente por aqueles que se dedicam ao importante assunto da distribuição geográfica. Julgo inutil dizer que Bates, depois da atençaõ com que examinou essa questãõ, é um zeloso advogado da hipótese da origem das espécies por derivação de um tronco comum. Depois de dar-nos um esboço da distribuição geral dos monos, claramente deduz que “se não se admitir a origem comum, ao menos das especies de uma familia, o problema de sua distribuição terá de ficar como um mistério inexplicavel”. Evidentemente Bates comprehende a natureza deste interessante problema, e em outra passagem, na qual é discutida a distribuição muito singular das borboletas do género *Heliconius*, conclue com as notas mais significativas sôbre este importante assunto.

Mas, voltando às maravilhas zoológicas do Alto Amazonas, as aves, insetos e borboletas são tratados por Bates neste capítulo sôbre as riquezas naturais do distrito, e é evidente que nenhuma destas classes de seres escapou à observação dessa viva intelligencia. A descri-

ção das formigas de correição do gênero *Eciton* é decididamente maravilhosa e só por si bastaria para colocar o cronista de seus costumes como um homem de extraordinário poder evocativo.

O último capítulo da obra de Bates contém a narrativa de suas excursões além de Ega. Fonteboa, Tunantins — pequeno povoado meio indígena a 240 milhas mais acima, no rio — e S. Paulo de Olivença, algumas milhas ainda mais acima foram os principais lugares visitados, nos quais se obtiveram novas aquisições. No quarto mês de residência na ultima dessas localidades, ataques graves de febres intermitentes obrigaram-no a abandonar os planos que fizera de continuar até às cidades peruanas de Pebas e Moyobamba e “completar assim o exame da Historia Natural das planícies amazônicas até ao sopé dos Andes”. Esses ataques, que pareciam ser a culminancia de uma deterioração gradativa da saúde, causada por onze anos de árduos trabalhos nos trópicos, levaram-no a voltar a Ega e finalmente ao Pará, onde embarcou para a Inglaterra no dia dois de junho de 1859. Muito naturalmente nos diz Bates que a principio se sentiu um pouco amedrontado com a ideia de deixar o equador, onde as forças bem equilibradas da Natureza mantêm a superficie da terra e o clima sempre uniforme, a ordem e a beleza”, para navegar para os “ceus crepusculares” do frio norte. Mas consola-nos acrescentando a nota que “tres anos de renovada experiencia da Inglaterra” o convenceram “como é incomparavelmente superior a vida civilizada à esterilidade espiritual de uma existência meio-selvagem, mesmo quando passada no Jardim do Eden”.

## PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Como tivessem insistido para que eu preparasse nova edição desta obra para um círculo mais amplo, que os contemplados na anterior, julguei aconselhavel condensar aqueles trechos que, tratando de questões científicas complexas, pressupõem um conhecimento mais preciso de Historia Natural do que o autor tem, o direito de esperar da generalidade dos leitores. A narrativa pessoal foi deixada completa, junto com aquelas minúcias descritivas, capazes de interessar a todas as classes, moços e velhos, e referentes ao grande rio em si, à maravilhosa região por ele percorrida, às luxuriantes florestas primitivas que a revestem quasi inteira, como ao seu clima, suas produções, seus habitantes.

Não faltam indícios de que esta região tão fértil, mas tão pouco povoada, cedo se tornará, pelos recentes esforços dos governos brasileiro e peruano para torná-la acessivel a colonizá-la, da mais alta importância para as nações do norte da Europa. A plena significação do título, "o maior rio do mundo", que todos aprendemos nos bancos escolares a aplicar ao Amazonas, sem ter uma ideia nítida de sua magnitude, se tornará então aparente para o público inglês. Será uma novidade para quasi toda a gente, que esta nobre corrente foi recentemente navegada por navios a vapor até uma distancia de 2200 milhas geográficas de sua foz, no Pará, ou o duplo da distância que os barcos podem percorrer

no Yang-tze-Kiang, que é o maior rio do Velho Mundo, pois a profundidade da água na estação seca é de sete braças até esse ponto terminal da navegação. Não é, contudo, a extensão do rio principal que trouxe para o Amazonas a designação de "Mediterrâneo da América do Sul", que lhe foi dada pelos brasileiros do Pará, mas a rede de canais e lagos que acompanham o seu curso a uma certa distância de suas margens e que acrescenta muitos milhares de milhas de fácil navegação interna ao total apresentado pelo rio principal e seus tributários.

Os peruanos, particularmente, se posso julgar pelas cartas que recebi nestas últimas semanas, parecem estar entusiasmados para aproveitar as vantagens que põe ao seu alcance a posse do curso superior do rio. Barcos de grande tonelagem chegaram ao Pará, vindos da Inglaterra, trazendo materiais para a construção de estaleiros em um ponto situado duas mil milhas acima da foz. Barcos peruanos a vapor navegaram dos Andes ao Atlântico, e muito algodão (agora exportado pela primeira vez), produto da região salubre e rica, ribeirinha do Alto Amazonas, foi assim transportado e embarcado do Pará para a Europa.

A probabilidade de que seja despertada na Inglaterra dentro de pouco tempo, uma curiosidade geral por esta região até agora despresada, parece-me, por si só, uma razão suficiente para pôr nas mãos de todos os leitores uma narração dos lineamentos naturais e da condição atual da mesma.

Londres, janeiro, 1864.

## CAPÍTULO I

# PARÁ

**Chegada — Aspecto da região — O rio Pará — Primeiro passeio pelos suburbios do Pará — Aves, lagartos e insetos dos suburbios — Formiga carregadeira de fôlhas — Esboço do clima, história e condição atual do Pará.**

A 26 de abril de 1848 tomei em Liverpool, em companhia do senhor Wallace, um pequeno navio mercante e após rápida travessia do canal da Mancha ao equador, cheguei a Salinas no dia 26 de maio. Salinas é o ponto de praticagem dos navios que demandam o Pará, único porto de entrada para a vasta região banhada pelo rio Amazonas. É uma pequena aldeia, antiga sede de missão dos Jesuítas, situada algumas milhas a leste do Pará. Aí o navio fundeou em alto mar, a uma distância de seis milhas da praia, pois a pouca profundidade que se encontra, mesmo a grande distância da foz do grande rio, não permite maior aproximação com segurança. Foi içado o sinal pedindo o práctico (12). Era com o mais

---

(12) Martius, indo do Sul, assim se refere à chegada ao Pará: "As tres horas da tarde, ancorámos na profundidade de oito braças, defronte da costa de Salinas, e avisámos, com alguns tiros de canhão, ao piloto, na casa de guarda da Ponta da Atalaia, que precisávamos dele a bordo. Este práctico é mantido aquí com um sóldo de 600\$000, para guiar os navios ao Pará. A noite, deu-nos êle, a entender, com dois sinais luminosos, que estava pre-

profundo interesse que eu e meu companheiro, que víamos e examinávamos agora, pela primeira vêz, as belezas de uma região tropical, mirávamos a terra onde eu, afinal, passei onze dos melhores anos de minha vida. Para os lados do nascente a região nada apresentava de notavel, mostrando-se levemente ondulada, com seus montículos de areia, onde apenas se viam algumas árvores esparsas; mas ao ocidente, estendendo-se para a foz do rio, podíamos ver, pelo óculo do comandante, uma extensa orla de floresta que parecia erguer-se das aguas: era um denso maciço de árvores gigantescas, a princípio formando grupos, depois aparecendo como árvores separadas que se esbatiam com a distância. Era a' linde, nessa direção, da grande selva primitiva, característica da região, que guarda em seus recônditos tantas maravilhas e reveste toda a superfície da região, numa extensão de duas mil milhas, desde esse ponto até à falda dos Andes.

No dia seguinte, com branda viração, e em parte auxiliados pela maré, subimos o rio-Pará, navegando o dia e a noite. À tarde passámos por Vigia e Colares, duas aldeias de pescadores, e vimos muitas canoas de nativos, que pareciam brinquedos sob as arrogantes muralhas da floresta escura. O ar estava excessivamente abafado, o ceu carregado e os relâmpagos que quasi sem cessar iluminavam a fímbria do horizonte, pareciam uma saudação a propósito no limiar de uma região bem sô-

---

sente e que na manhã seguinte viria ter conosco". Mais de uma vez compararemos as impressões de Bates e de Martius e de Wallace. Para Martius nos servimos sempre da tradução do Instituto Histórico, e nos foram de proveito as eruditas notas de Basilio de Magalhães. (As de História Natural são, muitas delas, defeituosas, o que é desculpavel no Revisor da tradução de Martius, que, sendo um grande Historiador, não é naturalista). Para Wallace nos servimos do original Inglês e da tradução de Orlando Torres.

bre a linha do equador. A tarde era calma, pois estávamos na estação sem ventos violentos, de modo que deslisávamos sem rumor, em agradável contraste com o barulho incessante a que nos habituáramos no Atlântico. A imensidade do rio nos impressionou profundamente, pois embora navegássemos, ás vezes, a uma distância de oito ou nove milhas da margem direita, nunca era visível a margem oposta. O rio Pará tem, efetivamente, 36 milhas de boca, e em frente à cidade do Pará, que está a quasi 70 milhas da foz, conta ainda 20 milhas de largura, mas aí começa uma serie de ilhas, que diminue a visãõ do rio defronte da cidade (13).

Convém ficar aqui bem explicado que o rio Pará não é rigorosamente falando, uma das bocas do Amazonas. Assim aparece em muitos mapas de uso comum, porque os canais que o ligam ao rio principal são representados muito mais largos do que na realidade, dando a impressão de que grande massa d'agua encontra uma passagem do Amazonas para dentro do Pará. É discutivel, porém, que haja qualquer corrente d'agua consideravel fluindo constantemente numa direçãõ por esses canais. Todo o distrito por eles atravessado consiste num grupo complexo de ilhas baixas, formadas pelo depósito do rio, entre o que é uma intrincada rede de canais profundos e estreitos. Provavelmente a terra aí é um pouco mais baixa que na costa do mar, e a maré penetra pelos canais, mas o fluxo e refluxo são tão complicados que é difficil precisar onde há uma linha constante de cor-

---

(13) Bates, como Wallace, referindo-se à capital da provincia, escreve sempre Pará ou cidade do Pará. Assim deixamos na tradução. Mas já Martius, mais rigorosamente, fala na cidade de Santa Maria de Belém, capital da provincia do Grão Pará. Mas, os dois naturalistas ingleses dão a designação mais comum por que era conhecida a cidade no seu tempo, como, aliás, já diz Martius no terceiro volume de seu livro. (Fig. 1).

rente numa só direção. O fluxo de um dos canais às vezes se transforma em refluxo em suas ramificações. Viajando do Pará para o Amazonas sempre segui o canal mais a Leste e aí o fluxo da maré sempre traz uma forte correnteza para montante. Dizem que isso não é tão apreciavel em outros canais e que o fluxo nunca supera a correnteza do rio principal, o que pareceria em favor da opinião dos geógrafos que acreditam ser o Pará uma das bocas do Rei dos Rios.

Os canais de que estamos falando, ao menos os mais direitos, que os navios mercantes percorrem na viagem do Pará para o Amazonas, têm umas 80 milhas de comprimento, mas em muitas milhas do seu curso não vão além de 100 jardas de largura. São muito profundos e, em certos pontos, tão retos e regulares que parecem artificiais. Os grandes vapores fluviais, que atualmente viajam para o interior, em alguns pontos roçam nas árvores de uma e outra margem com as suas caixas das rodas.

Toda a região é uma imensa brenha, coberta pela mais luxuriante vegetação tropical, na qual sobressaem, em elevada proporção, as mais estranhas formas de palmeiras de algumas dezenas de espécies. Mais tarde, quando chegar a este ponto de minha narrativa, terei ocasião de novamente aludir à maravilhosa beleza destes românticos canais.

O rio Pará pode ser considerado como o estuário d'água doce, comum a numerosos rios que para ele correm, vindos do sul. O principal é o Tocantins, de 1600 milhas de comprimento e cêrca de 10 milhas de largura na foz. Forma então o estuário magnífica massa d'água de 160 milhas de extensão e oito de largura em seu começo brusco, onde recebe os canais que acabo de referir. Há um grande contraste entre o aspecto geral do Pará

e o do Amazonas. No primeiro o fluxo da maré sempre cria uma forte correnteza para cima, enquanto no Amazonas a túrbida correnteza do poderoso rio supera todas as marés e produz um refluxo constante para baixo. O colorido da agua é diferente: o Pará é de um pardo-alaranjado sujo, e o do Amazonas é de um tom ocre ou barrêto. As florestas das margens são também de diverso aspecto. No Pará as árvores, de uma infinita variedade, parecem erguer-se diretamente da agua, o chão da floresta é coberto de relva e tem um aspecto tranquilo. As praias do Amazonas são atravancadas de troncos caídos e orladas de um cinto de ervas de fôlhas largas. Esta diferença em parte se deve a que as correntes do rio principal solapam as margens e arrastam para o mar uma fila quasi contínua de árvores mortas e outros detritos de suas praias.

Podemos, contudo, considerar o conjunto das bocas do Pará e do Amazonas, com seu arquipélago de inúmeras ilhas, como formando um imenso delta, tendo de cada lado 180 milhas (uma área quasi igual à metade sul da Inglaterra com o país de Gales). No meio está a ilha de Marajó, que é do tamanho da Sicilia. A terra é baixa e chã, mas não é formada totalmente pelo alúvio ou depósito fluvial, pois em muitos pontos o solo é pedregoso e há rochas formando recifes no meio do rio Pará.

Os colossais volumes d'agua doce que passam por estas largas embocaduras e a contribuição conjunta de inúmeras correntes, alimentadas pelas copiosas chuvas tropicais, impedem que estes estuários sejam salgados. Só acidentalmente a agua fica um pouco salobra perto do Pará, nas sizígias da maré. Na realidade a agua doce tinge o mar ao longo das praias da Guiana até uma distância de quasi duzentas milhas além da foz do rio.

Chegámos ao nosso destino na manhã de 28 de maio. O aspecto da cidade, ao amanhecer, era dos mais aprazíveis. Ela está construída em uma faixa de terra baixa, apenas com pequena elevação rochosa em sua extremidade sul, de modo que, vista do rio, não se mostra como um anfiteatro. Mas o casario branco, com seus telhados vermelhos, as numerosas torres e os zimbórios das igrejas e conventos, as copas das palmeiras que dominam as construções, tudo nitidamente destacado no claro azul dos ceus, dão uma impressão de leveza e de alegria das mais gentis. A floresta perene forma, do lado de terra, um caixilho completo à cidade e para os lados dos subúrbios vêem-se pitorescas casas de campo, meio escondidas na luxuriante vegetação. O porto estava apinhado de canoas indígenas e de outras embarcações, grandes e pequenas. O repicar dos sinos e o espoucar dos foguetes, anunciando a alvorada de um dia festivo para a Igreja Católica, demonstravam que a população já estava despertada nessa hora matinal.

Desembarcámos na primeira oportunidade e fomos amavelmente recebidos pelo agente do navio Sr. Miller, que nos convidou a ficarmos em sua casa até que conseguíssemos uma residência conveniente. Em terra, o ar úmido e quente, como um bafio que se desprendesse do solo e das paredes, me fez lembrar a atmosfera das estufas tropicais de Kew (14). À tarde caía pesado aguaceiro e à noite, tendo refrescado o tempo, caminhámos cêrca de uma milha fora da cidade, até à casa de um senhor americano a quem nosso hóspede nos queria apresentar.

As impressões que recebi durante êste primeiro passeio, nunca se apagarão completamente de minha lembrança.

---

(14) Kew é pequena cidade do condado de Surrey, perto de Londres, universalmente conhecida por seu observatório astronômico e por seu jardim botânico, que é o mais rico do mundo.

ga. Depois de percorrermos as poucas ruas perto do porto, de edificios altos, tristonhos, com aspecto de conventos, habitadas principalmente por negociantes em grosso e a varejo e nas quais se viam perambulando soldados indolentes, metidos em velhas fardas e levando descuidadamente ao ombro os mosquetões, padres, negros carregando á cabeça talhas de barro vermelho, índias de aspecto tristonho, com os filhos nús escanchados nos quadris, e várias outras amostras da vida multicolor do lugar, atravessamos uma rua longa e estreita, que levava aos subúrbios. Mais adiante a estrada, que percorriamos, cortava ampla campina e ia ter a uma pitoresca vereda que levava à floresta virgem. Essa rua, sem calçamento e com algumas polegadas de poeira, era habitada pela classe mais pobre da população. As casas eram todas de um só pavimento, de aspecto miseravel e irregular, com as janelas sem vidros, tendo a substituílos, gradeados de madeira. Do lado de fora das portas viam-se grupos tomando fresco: pessoas de todos os tons de pele, Europeus, Nevros e Indios, mas principalmente uma mistura incerta dos tres. Havia nesses grupos algumas mulheres bonitas, com as roupas em desalinho, descalças ou de chinelas, mas com brincos ricamente trabalhados e com colares de grandes contas de ouro. Tinham negros olhos expressivos e cabeleiras notavelmente densas. Era uma mera fantasia, mas eu tinha a impressão de que o misto de desalinho, riqueza e formosura dessas mulheres estava em perfeita harmonia com o resto do cenário, pois era igualmente impressionante a mistura das riquezas naturais e da pobreza humana. As casas, quasi todas, estavam em ruinas notando-se, por toda parte, sinais de indolência e desleixo. As cêrcas de madeira, que separavam os jardins cheios de mato, tinham sido quebradas e espalhadas a esmo.

Porcos, cabras e galinhas magras andavam à toa, entrando e saindo pelos rombos. Mas no meio de tudo isto, compensando todos os senões, erguia-se a deslumbrante beleza da vegetação. Viam-se por toda parte as largas copas escuras de frondosas mangueiras entre as habitações, rodeadas de laranjeiras em flor, limoeiros e muitas outras árvores frutíferas, próprias das regiões tropicais, umas em flor, outras cobertas de frutos em vários estados de desenvolvimento. Aqui e ali, destacando-se das árvores mais altas e copadas, viam-se os caules lisos e colunares das palmeiras, que ostentavam, por cima de tudo, as copas magnificas de folhas finalmente recortadas (15). Entre estas era especialmente digno de admiração o esguio açazeiro (16), crescendo em pequenas touceiras de quatro ou cinco, com seu estipe levemente curvo, liso, de 20 a 30 pés de altura, terminando numa coroa de folhas que parecem grandes plumas, de uma leveza e elegancia indescrevíveis. Nos ramos das árvores mais altas, de aspecto mais vulgar, assentavam tufos de parasitas (17) de fôlhas curiosas. Delgadas lianas lenhosas pendiam dos galhos, formando festões ou se suspendiam como fitas e cordoalhas, enquanto luxuriantes trepadeiras subiam pelos troncos das árvores, telhados e paredes ou caíam nas cêrcas num entrançado de folhagem copiosa e profusa.

---

(15) Em meu livro *O Brasil visto pelos Ingleses* já tive ocasião de comparar as impressões de Bates, Wallace e Spruce com as notas de Alexandre Rodrigues Ferreira (págs. 26-33).

(16) O nome açai é designação comum que dão na Amazônia e no Maranhão a várias palmeiras do gênero *Euterpe*; as principais espécies são *Euterpe olracea*, conhecida por açai, açai branco, açai do Pará; *Euterpe precatoria*, que é o açai do Alto Amazonas; também chamado açai do mato (em Manaus); *Euterpe lasiocarpa*, chamado açai de touceira, açai pardo, açai-tuira.

(17) Não quizemos alterar o termo empregado por Bates, mas o que ele refere como parasitas, são todas as plantas epífitas, simples inquilinos e não parasitas.

A soberba bananeira (*Musa paradisiaca*) (18), que eu já conhecia, de leitura, como formando um dos encantos da vegetação tropical, cresce aqui com extraordinário vigor: suas folhas lustrosas, de um verde aveludado, alcançam 12 pés de comprimento, curvando-se sobre os telhados das varandas em quasi todos os quintais. A forma das folhas, os varios tons de verde que apresentam quando levemente agitadas pelo vento, e principalmente o contraste que apresentam, na côr e na forma, com o colorido mais sombrio e o contorno mais arredondado das folhas de outras plantas, são amplamente suficientes para explicar o encanto desta soberba árvore (19).

Maravilhosas formas de vegetação chamavam a cada passo a nossa atenção. Entre elas havia várias espécies de Bromélias, ou plantas semelhantes ao ananás, com suas longas fôlhas rígidas, em forma de espadas, algumas com as bordas serrilhadas ou denteadas. Havia também a fruta-pão — árvore importada, é certo — mas digna de nota por suas grandes folhas luzidias, verde-escuras, fortemente digitadas e por sua interessante história (20). Muitas outras plantas curiosas por suas

---

(18) O género *Musa* a que pertence a nossa tão conhecida bananeira é Paleotropical, contando umas trinta espécies. As formas cultivadas são consideradas como variedades de *Musa paradisiaca* (e talvez, como espécie boa *Musa sapientium*). A respeito de sua origem escreve Loefgren: "A bananeira já existia na América por ocasião do descobrimento, porém há toda a probabilidade de ter sido introduzida da Asia em época muito remota".

(19) A bananeira é, realmente, gigantesca erva, cujos gomos aéreos, que se destacam do rizoma, são constituídos por suas grandes folhas que se enrolam umas em redor das outras, formando assim um falso caule aéreo, que pode atingir até dois metros de altura, sendo desculpavel a denominação, embora errônea, que lhe dá Bates.

(20) A fruta-pão é o *Artocarpus incisus*, planta, como todas as espécies do género *Artocarpus*, da região Indo-Malala, e foi introduzida no Brasil com outras plantas da Ilha de França, pelo chefe de divisão Luiz Abreu Vieira e Silva. Em maio de 1808 o regente D. João VI criou, onde é hoje o Jardim Botânico, a Fá-

hastes, folhagem ou modo de crescimento apareciam na orla da floresta que era atravessada pela estrada que percorríamos, todas eram cheias de atrativos para os recém-chegados, cuja última excursão campestre, em data muito recente, tinha sido realizada nos brejais frios do condado de Derby, numa manhã de chuva e geada de abril.

Como continuássemos o nosso passeio, começou o breve crepúsculo e da vegetação em tórno nos chegavam os múltiplos sons de uma vida multifária. O zangarreio das cigarras, o canto estrídulo dos grilos e esperanças, cada espécie com a sua nota particular; o coaxar plangente das pererecas, tudo fundido num soido continuo: — a expressão audível da profusão prolífica da natureza. Com o cair da noite muitas especies de rãs e de sapos dos alagadiços próximos vieram juntar-se ao côro: seu coaxar e martelar, muito mais alto que qualquer outro que eu tinha ouvido até então, juntando-se aos demais ruidos, faziam um alarido quasi ensurdecador. Mais tarde verifiquei que esse rumor nunca cessava completamente, dia e noite, mas com o decorrer do tempo eu

---

brica de Pólvora. Por êsse tempo naufragou em Goa a fragata *Princesa do Brasil*. Abreu e Silva e outros officiaes da tripulação da fragata naufragada embarcaram no brigue *Conceição* e dirigiram-se para o Cabo da Boa Esperança, com destino ao Brasil. Durante a travessia cafram prisioneiros dos francezes e foram mandados para a ilha de França, onde havia o jardim *Gabrielle*, rico em especiarias introduzidas por Poivre e Menouvilliers. Auxiliado por Frei Francisco João da Graça, franciscano, e Rafael Botado de Almeida, senador de Macau, Luis de Abreu conseguiu fugir, trazendo consigo, à custa de inauditos sacrificios e perigos, um caixote com certo número das plantas que lhe pareceram mais úteis e com as quais chegou ao Rio de Janeiro. Aqui chegado, ofereceu-as a D. João VI, que as mandou plantar no seu Real Horto. Trouxera Luis Abreu Vieira e Silva 4 moscadeiros (*Myristica fragrans*), 4 abacateiros (*Persea gratissima*), 2 lichiseiros (*Nephelium litchi*), 3 caneleiras (*Laurus cinamomum*) e sementes de coração de negro, de fruta-pão, de sagú, de cajás e de arecas (a palmeira real). Foram estas sementes a origem de todos os pés de fruta-pão atualmente encontrados no Brasil. E' a esta interessante história que se refere Bates, certamente.

me habituei a ele, como os outros residentes. E' esta, contudo, uma das singularidades do clima tropical — pelo menos do Brasil — que provavelmente mais surpreende ao estrangeiro. Quando voltei para a Inglaterra, o silêncio de morte dos dias estivais no campo me pareceu tão estranho como o ruído confuso por ocasião de minha primeira chegada ao Pará. Terminado o objetivo de nossa visita, voltámos para a cidade. Miríades de vagalumes voavam então pelos bosques sombrios e até pelas ruas frequentadas. Metemo-nos em nossas redes, cheios de satisfação pelo que tínhamos visto e antecipando a riqueza das coisas naturais que tínhamos vindo explorar.

\* \* \*

Nos primeiros dias estivemos ocupados com o desembarque de nossa bagagem e arranjo de nossa profusa aparelhagem. Aceitámos depois o convite do Snr. Muller para utilizarmos a sua rocinha, ou casa de campo nos subúrbios, até que decidissemos sôbre a nossa residência definitiva. Aí fizemos nossos primeiros ensaios de instalação. Comprámos redes de algodão, (o substitutivo universal da cama nessa região), trens de cosinha, louças de barro e tomámos como cozinheiro e para todo o serviço de casa, um negro fôrro, chamado Isidoro. (21)

Isidoro já fôra antes empregado de ingleses e, embora não tivesse pescado nem duas palavras de inglês, julgava ter um grande talento para compreender e se fazer compreendido. Era divertidíssimo em seus esfor-

---

(21) Segundo Wallace estiveram os dois, desde seu desembarque em casa do Snr. Miller, primeiro na cidade, durante quatro dias e depois na rocinha.

ços para atender-nos. Como não tivéssemos outro meio de tornar conhecidos nossos desejos, fazíamos rápidos progressos no aprender o português. Fiquei muito surpreendido por não encontrar em Isidoro nem vestígios d'aquela vileza de carater, que lera ser a regra entre os negros dos países escravocratas. Isidoro era um negro velho, com uma expressão ansiosa e melancólica no semblante e mostrava sinais de ter sofrido trabalhos excessivos em sua mocidade, que se consumira na escravidão. Os primeiros traços que nele percebi foram um certo amor próprio e espírito de independência. Verifiquei mais tarde que tais qualidades não são raras nos negros fôrros.

Algum tempo depois dele ter entrado para o nosso serviço, chamei a sua atenção por tardar em preparar o almoço. Não fôra culpa sua pois ficara retido muito contra a vontade, no açougue. Respondeu à minha observação sem insolência, mas de modo tranquilo e respeitoso, dizendo-me como as coisas se tinham passado e que eu não devia esperar no Brasil a mesma regularidade que encontrava na Inglaterra, e que *paciência* (22) era uma prenda necessária ao viajante brasileiro.

Não havia nada de ridículo em Isidoro. Ele possuía uma gravidade de conduta e um senso de justiça como se poderia exigir em um criado de qualquer país. O amor-próprio é devido, na minha opinião, em parte ao tratamento bondoso que os escravos recebiam geralmente de seus senhores brancos nessa parte do Brasil, e

---

(22) Em português no original. Frequentemente emprega Bates palavras portuguesas, grafando-as sempre corretamente, pois os seus onze anos de Brasil lhe deram bom conhecimento da língua. Seria estender demasiado estas notas chamar a atenção cada vez que Bates escreve o termo ou a frase em português. Achamos, por isso, de melhor alvitre, não lembrar a cada passo essa particularidade.

em parte à ausência quasi completa de preconceitos contra a gente de côr por parte dos habitantes. Este último modo de agir é uma coisa muito auspiciosa. Parece ser animado pela classe dirigente do Brasil e êsse amálgama de raças dará, sem dúvida, os mais felizes resultados. Pude mais tarde, como terei ocasião de referir, contar negros livres entre meus melhores amigos: homens de costumes morigerados, quietos, desejando o progresso mental e moral, observando as pequenas cortezias da vida e tão honrados, em assuntos mais importantes, como os brancos e mestiços da provincia. Isidoro não era, talvez, escrupulosamente honesto em todos os casos, mas a honestidade escrupulosa é qualidade rara nos criados de qualquer parte do mundo. Ele se esforçava por demonstrar que sabia que tinha feito um contrato para cumprir com determinados deveres e procurava, evidentemente, executá-los da melhor maneira ao seu alcance.

Nessas primeiras excursões foram pelos subúrbios mais próximos do Pará. A cidade está situada numa língua de terra, formada pela junção do rio Guamá com o Pará. Como já disse acima, a floresta que cobre toda essa região, estende-se até junto às ruas da cidade. Esta foi efetivamente construída em terra desbravada e é mantida livre da invasão da selva pelos cuidados incessantes do Governo. O terreno, embora baixo em toda a sua extensão, é levemente ondulado, de maneira que alternam zonas de terra seca e alagada, caracterizadas por vegetação e fauna muito diferentes. Nossa residencia estava na parte da cidade mais próxima do Guamá, à beira de uma dessas áreas baixas e alagadiças que aí se estendem sobre uma parte dos subúrbios. Estes são cortados por estradas bem macadamizadas, das quais a principal é a Estrada das Mongubeiras, de cerca de uma milha de comprimento. E' uma magnífica aveni-

da de paineiras (*Bombax monguba* e *B. ceiba*) (23), imensas árvores cujos troncos rapidamente diminuem de diâmetro pouco acima do solo e cujas flôres, antes de desabrochar, parecem bólas vermelhas nas pontas dos ramos. Esta linda estrada foi construída durante o governo do Conde dos Arcos, (24) por volta de 1812. Cortam-na em ângulos retos vários caminhos relvados e todo o distrito é drenado por um sistema de pequenos canais ou valas que se enchem e esvaziam com o fluxo e refluxo da maré, mostrando como o lugar é baixo. Antes de eu deixar o país, outros governadores progressistas haviam rasgado certo número de avenidas, arborizadas com coqueiros, amendoeiras e outras árvores, em continuação à estrada das Mongubeiras nas partes mais altas e mais secas, a nordeste da cidade. Nas terras altas a vegetação tem um aspecto totalmente diverso do que apresenta nas partes alagadiças. De facto, excetuan-

---

(23) A mongubeira do Pará, tão bem resumida na bela descrição de Bates, é de fato a *Bombax munguba*, classificada por Martius, que à mesma já se refere em sua descrição da capital do Pará. O grande botânico bavaro af chama a atenção para a sumauma que ele cita como *Ceiba* sp. O anotador da tradução de Martius louva-se em Almeida Pinto, para considerar como a mesma planta a mongubeira, a sumaumeira, a barriguda de Pernambuco e a paineira do Sul. O nome de paineira cabe a muitas plantas diferentes, sendo a barriguda ou árvore de paina a *Chorizia speciosa* St. Hil. A sùmaúma comum, do Pará, é a *Ceiba pentandra* Gaertn. e a do Alto Amazonas é a *Ceiba sumauma* Mart. Monguba, sumaúma e barriguda (ou paineira) são todas da família Bombacaceas, à qual pertence igualmente o famoso baobá.

(24) Há nesta informação engano de Bates, quanto à data da construção da estrada das mongubeiras. Diz Martius: "Na parte da cidade, voltada à leste para o continente, acha-se o Passeio Público, instituído pela providencia do falecido D. Marcos de Noronha e Brito, conde dos Arcos, que começou a sua benéfica atividade no Brasil, assumindo o governo do Pará. Adquiriu um trecho de terreno devoluto, que drenado por meio de covas, guardado com avenidas de belas árvores, é o único logradouro da cidade". E o erudito Basilio de Magalhães nos ensina: "O conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha e Brito, governou o Grão-Pará desde 22 de setembro de 1803 até ser substituído por José Narciso de Magalhães Menezes, a 10 de março de 1806".

do-se as palmeiras, os subúrbios apresentam aqui um aspecto semelhante ao dos campos das aldeias inglesas. O solo é arenoso e os terrenos baldios estão cobertos de ervas e pequenos arbustos. Mais além a terra desce novamente para uma zona pantanosa onde estão situadas as fontes públicas. Aí toda a roupa da cidade é lavada por bandos de negras barulhentas, e aí vêm buscar água em carroças formadas por barris pintados e montados sobre rodas, que são puxadas por juntas de bois. Logo de madrugada, quando o sol mal rompe uma cortina de neblina e o orvalho ainda goteja, essa parte da cidade já está cheia de vida: negros palradores e galegos (25) resingentos, proprietários das carroças d'água, tagarelando ou discutindo ou tomando aguardente nos imundos botequins das esquinas.

Havia ao longo dessas formosas estradas muita coisa que nos interessasse durante êsses primeiros dias. Os subúrbios das cidades brasileiras e os terrenos cultivados, descampados e soalheiros, são ocupados por plantas e animais de espécies muito diferentes das que vivem no recesso das florestas primitivas. Vou, portanto, dar uma relação do que observámos, no mundo animal, durante as nossas explorações pelos arredores do Pará.

O numero e beleza das aves e insetos não corresponderam, a principio, à nossa expectativa. Quasi todas as aves que víamos eram pequenas e de côres escuras, semelhantes, em seu aspecto geral, às que encontrávamos nos campos de Inglaterra. Acidentalmente um bando de periquitos verdes, com mancha frontal amarela, vi-

---

(25) Naturais da Gallicia, na Espanha, que têm esta ocupação em Lisboa e no Porto, assim como no Pará. (*Nota do Autor*). De fato o nome de galegos é dado no Brasil, como pejorativo, a todos os portugueses das classes mais baixas, provindo esta designação dos misteres que elles aqui exerciam e que eram os dos galegos em Lisboa.

nha pela madrugada pousar nas árvores à beira da estrada. Eles comiam em silêncio, às vezes tagarelando baixinho, mas, quando perturbados, faziam um súbito alarido e voavam. Por esse tempo não vimos beija-flores, embora depois eu os encontrasse às centenas, quando certas árvores estavam em flor. Só vimos urubús à distância, revoando a grande altura por cima do matadouro. Vários papa-moscas (26), piscos (27), chocas (28), pássaros de cores neutras, de estrutura intermediária à dos papa-moscas e dos tordos, alguns dos quais surpreendem o recém-chegado pelas notas extraordinárias que emitem, escondidos na ramaria; e também gaturamos (29) e outros passarinhos habitavam os arredores. Nenhum desses pássaros é de canto agradável, exceto uma pequena carriça (30) parda (*Troglodytes furvus*) (31), cujo canto e melodia parecem com os do

---

(26) Escrevendo para um público europeu, para que o leitor tenha idéia de nossas aves, dá-lhes frequentemente Bates a designação pela qual são conhecidas as espécies mais afins, acaso encontradas na Inglaterra. A família Muscicapidae, à qual pertencem os papa-moscas (flicatchers ou gobe-mouches) não tem representantes no Brasil.

(27) Também não há piscos no Brasil, mas a sua família — Fringilidae — é aqui amplamente representada pelos pássaros que mais apreciamos por seu canto, tais como os coleiras, avinhados, curiós, pintassilgos, etc.

(28) Chocas e papa-formigas são as designações mais comuns para os nossos pássaros da família Formicariidae; o nome chocas cabe mais rigorosamente às espécies do género *Thamnophilus*, do qual descreveu Pelzeln várias espécies novas, colhidas por Bates.

(29) Escreve Bates tanagras. Preferimos a designação gaturamos, muito mais generalizada no Brasil, conquanto não compreenda todos os *Tráupidaeos* (designação atual dos Tanágridas) família na qual estão, além dos gaturamos, o azulão, os tiês, etc.

(30) A carriça é ave europeia, sendo a inglesa, que Bates cita para que seus leitores tenham uma idéia da nossa tão comum cambaxirra ou curruira, o *Troglodytes parvulus*.

(31) Esta curruira é muito comum em todo Brasil; Bates dá o nome de Forbes, que ao descrevê-la, diz ser muito comum por toda a parte. Antes de Forbes a mesma espécie tinha sido descrita por Neumann, de modo que seu nome científico é *Tro-*

pintarroxo inglês. Ela é vista, muitas vezes, saltitando e trepando nos muros e telhados das casas ou nas árvores da vizinhança. Ouve-se mais frequentemente o seu canto durante a estação chuvosa, quando as paineiras estão desfolhadas. Nessa ocasião a Estrada das Mongubeiras apresenta aspecto fora do comum numa região tropical. Essas árvores é uma das poucas da região amazônica, que se despe de toda sua folhagem antes de aparecerem os novos rebentos. Os ramos nus, a terra úmida recamada de folhas mortas, a névoa acinzentada que vela a vegetação e a frescura do ar logo depois do pôr do sol, tudo se combina para trazer à lembrança uma manhã de outono da Inglaterra. Passeando descuidado, numa disposição de espírito particular, com o pensamento na pátria, o canto desse pássaro trazia por um momento a mais perfeita ilusão. Muitos gaturamos visitavam as fruteiras e outras árvores de nosso quintal. As duas espécies que mais chamaram a nossa atenção foram o *Rhamphocoelus jacapa* (32) e o *Tanagra episcopus* (33). As fêmeas de ambos são de cores baças, mas o macho de *jacapa* tem uma magnífica plumagem aveludada, rubra e negra, com o bico em parte branco; e o mesmo sexo de *episcopus* é de um azul pálido, com manchas brancas nas asas. Os hábitos de ambos assemelham-se aos do pardal doméstico da Europa, que não existe na América do Sul (34), seu lugar sendo até certo ponto

---

*glodytes musculus musculus*. Em Pernambuco, diz Olivério Pinto, chamam-na rouxinol; no Rio de Janeiro cambaxilra ou carriga (por se parecer com a carriga portuguesa).

(32) É esta ave a espécie amazônica do que para o sul chamam tiê-sangue e sangue de boi.

(33) O nome atual deste gaturamo é *Thraupis episcopus*.

(34) Infelizmente o pardal já é hoje comum em grande número de cidades brasileiras, tendo sido introduzido no Rio de Janeiro em princípios do século atual.

tomado por estes gaturamos familiares. São, como o pardal, vivos, irrequietos, petulantes e cautelosos; o seu canto é o mesmo chilreio desharmonioso e eles parecem apreciar igualmente a vizinhança humana. Apenas não constroem os seus ninhos nas casas.

Outro pássaro interessante e comum era o japim, uma espécie de *Cassicus* (*C. icteronotus*) (35). Pertence à mesma família que o estorninho, a pega e a gralha de Europa (36) e possui rica plumagem negra e amarela, notavelmente compacta, de tons aveludados. A forma de sua cabeça e seu aspecto geral são muito semelhantes aos da pega; tem uns olhos cinzento-claros que lhe dão a mesma expressão de inteligência. É de hábitos sociais e faz o ninho, como a gralha inglesa, nas árvores dos arredores de casa; mas os ninhos são de construção muito diversa, parecendo bolsas de uns dois pés de comprimento e suspensos dos ramos mais finos, em todo o contorno da copa, alguns muito perto do solo. A entrada é lateral e fica perto do fundo do ninho. O pássaro é um dos favoritos dos brasileiros do Pará. É uma criatura barulhenta e irrequieta, indo e vindo sem cessar, chamando as companheiras, e imita com grande facilidade as outras aves, especialmente as aves domésticas da vizinhança. Houve outrora um semanário, pu-

---

(35) O japim ou japú do Amazonas é o *Ostinops decumanus*, cujos ninhos são aqui bem descritos. O material de que é feito o ninho do japim deu lugar a uma polémica entre von Ihering e Huber, tendo dito o primeiro que os naturalistas do Museu Goeldi haviam confundido fibras de *Tillandsia* com líquenes. Huber em estudo cuidadoso demonstrou que no Baixo Amazonas o ninho do japú é feito principalmente com os rizomorfos de um cogumelo do género *Marasmius*, e que a *Tillandsia usneoides* é ausente no Baixo Amazonas.

(36) Hoje estes pássaros estão distribuídos em tres famílias distintas: o japim, como o xexeu, o concri, o soldado, pertence à família Ictéridas; os estorninhos são da família Stúrnidas (que Evans considera como ligando, até certo ponto, os Ictéridas aos Córvidas) e a pega e a gralha são Córvidas.

blicado no Pará, chamado "O Japim", nome que havia sido escolhido, ao que suponho, pelas tendências do pássaro para a cosevilhice. Seus ovos são quasi esféricos, de cor branco-azulada, mosqueados de pardo.

Vimos muito poucos outros vertebrados, com exceção dos lagartos. Estes logo atraem a atenção do recém-chegado do Norte da Europa, graças ao seu estranho aspecto, grande número e variedade. As espécies que se vêem subindo pelas paredes dos edifícios da cidade são diferentes dos que se encontram na floresta ou dentro de casa. São animais de aspecto desagradavel, com côres que imitam a pedra e o barro dos velhos muros onde se encontram. Os de casa pertencem a uma familia particular, os Geckos (37) e se encontram mesmo nos quartos mais bem cuidados, de preferênciã nas paredes e nos tetos, onde permanecem imóveis durante o dia, mostrando-se ativos só à noite. Apresentam maculação cinzenta. As patas estão magnificamente adaptadas para trepar e correr em superficies lisas; a face ventral dos dedos se dilata em coxins, sob os quais dobras cutâneas formam

---

(37) Dá Bates o principal carater que facilita o reconhecimento desta familia. São as lagartixas domésticas, comuns dentro de casa por todo o Brasil, mas representadas por várias espécies. A vista por Bates era, provavelmente o *Hemidactylus mabuia*. Desta comuníssima lagartixa escreve Goeldi: "Conhece-se-o, por assim dizer, em toda a Sul-América, pelo menos em sua parte tórrida; outrossim nas Antilhas, na África meridional, no Zambeze, em Zanzibar, em Madagascar e nas ilhas Comoras. Qual é sua legítima pátria? A África ou a América do Sul? Um d'estes dois continentes terá recebido o nosso saurio noturno pelo tráfico de navios e, atendendo às múltiplas relações que no tempo da escravidão entre a África e o Brasil existiam, uma explicação para tal problema não será demasiadamente difficil de ser achada". E' animal inofensivo, mas o povo o tem por altamente venenoso, sendo chamado em certos pontos do Brasil víbora, briba e osga. A gente do Nordeste diz que com a mordedura da víbora morrem tres pessoas a seguir. Espécies peculiares da Amazõnia são *Gonatodes humeralis*, colhido por Castelnau, *Sphaerodactylus amazonicus* e *Thecadactylus rapicaudus*, que Goeldi diz ter sido coligido por Bates, mas que já era conhecido desde 1782.

uma serie de placas flexiveis. Graças a êste aparelho, podem caminhar e correr por um teto liso, de dorso para baixo; as dilatações ventrais dos dedos, por bruscos movimentos musculares, expelem e admitem ar alternativamente. Os "Geckos" são de aspecto repelente. Os brasileiros chamam-nos osgas e acreditam firmemente que são venenosos, mas, de fato, são criaturas inofensivas. Os de casa são pequenos, mas vi outros, de grande tamanho, nos troncos gretados da floresta. Às vezes aparecem alguns com a cauda forquilhada, o que resulta da formação de uma cauda rudimentar, em seguida a uma mutilação. Leve pancada é bastante para quebrar-se a cauda, sendo a perda parcialmente reparada por novo crescimento. As caudas dos lagartos parecem ser apêndices quasi inúteis para êsses animais. Muitas vezes, quando descansava na varanda de casa, durante as horas cálidas do meio dia, eu me divertia em observar os lagartos terrestres, variegados de verde, pardo e amarelo. Êles avançavam com vivacidade e começavam a cavar com as patas anteriores e o focinho, procurando larvas de insetos nas raizes. Ao menor rebate fugiam. Em sua desageitada correria erguiam a cauda ao ar, pois esta era um estôrvo para a rapidez da fuga.

Os insetos do Pará merecem algumas notas, ao lado das aves e dos lagartos. As espécies observadas no ervaçal e nos lugares descampados, como já disse, eram geralmente diferentes das que vivem no recesso da mata.

É digno de nota, que as espécies de mais larga distribuição na América e que têm a mais estreita afinidade com as dos trópicos do Velho Mundo, são as que ocorrem nos descampados, perto das cidades. O aspecto geral dos insetos e aves de tais meios é muito semelhante ao das espécies européias. Tal semelhança, contudo, é em muitos casos apenas de analogia, isto é, as espécies

são semelhantes em tamanho, forma e colorido mas pertencem a gêneros muito diversos. Assim, todos os pequenos besouros carnívoros que se encontram nos caminhos arenosos, têm o mesmo aspecto dos *Amarae* (38), êsses besouros ovais, côr de cobre, que se vêem em sítios semelhantes da Inglaterra. Mas pertencem a um gênero muito distinto *Selenophorus* — o gênero *Amarae* sendo desconhecido na América tropical. Entre as borboletas víamos uma pequena espécie de *Erycinidae*, voando nos arbustos baixos dos campos e que era extremamente parecida na côr com o *Nemeobius lucina* europeu. Mas o inseto do Pará pertence a um gênero muito afastado de *Nemeobius* em todos os seus pontos essenciais — *Lemonius*, tratando-se de *Lemonius epulus* (39). Devemos salientar que todos os representantes do Velho Mundo, quer tropicais, quer temperados, desta bela família de borboletas, pertence ao mesmo grupo de *Nemeobius lucina* inglês, ao passo que as poucas espécies norte-americanas pertencem integralmente aos tipos da América do Sul.

Fatos desta natureza (e são muitos) pareceriam demonstrar que são inteiramente as condições ambientes de luz, calor, umidade, etc., que determinam o aspecto geral dos animais de uma região. É noção geralmente aceita que o maior tamanho e maior beleza das aves e insetos tropicais são devidos às condições físicas de um clima tropical ou estão com as mesmas diretamente relaciona-

---

(38) São besouros da família Carábidas, geralmente carnívoros, quer na fase larvar, quer os adultos. É uma família muito grande e importante, espalhada por todo o mundo e contando-se atualmente mais de dezessete mil espécies conhecidas.

(39) Esse *Lemontus epulus*, hoje *Hamearis epulus* é uma pequena borboleta da família *Erycinidae*, de uns dois e meio centímetros de envergadura, de asas castanho-escuras, cobertas de pontinhos e placas brancas.

dos. Acho que tal noção é incorreta e que há outras causas mais poderosas que as condições climáticas, capazes de afetar o aspecto das espécies. Para nos certificarmos, devemos comparar os membros dos gêneros que são comuns a duas regiões, ao Norte da Europa e à América equatorial, por exemplo, e verificar se o clima produz a espécie maior e de mais belo colorido. Deveríamos ver assim os supostos efeitos do clima sobre os congêneres muito afins, isto é, sobre criaturas de organização muito semelhante.

Na primeira família da ordem *Coleoptera*, os *Cicindelidae*, há um gênero, *Cicindela*, comum às duas regiões. As espécies encontradas no Vale do Amazonas têm precisamente os mesmos hábitos que seus irmãos ingleses, correndo e voando sobre solos arenosos nas horas de sol a pino. Encontra-se um número quasi igual em ambas estas regiões; mas todas as espécies amazônicas são muito menores e de cores mais escuras que as do Norte da Europa, não havendo nenhuma que se compare à *Cicindela campestris*, lindo besouro verde-claro, manchado de branco, familiar a todos os que na Inglaterra se interessam pela História Natural (40).

Entre as borboletas vejo que há oito gêneros comuns às duas regiões que estamos comparando. Dêstes apenas três (*Papilio*, *Pieris* e *Thecla*) são representados na Amazônia por espécies mais bonitas que as do norte da Europa; três outros (*Lycaena*, *Melitaea* e *Apatura*) apresentam espécies maiores e mais formosas na Inglaterra

---

(40) A família Cicindélidas é a primeira da sub-ordem *Adephaga*. . . São besouros de aspecto muito característico, por seu corpo convexo, o protorax bem mais estreitado e a cabeça muito distinta. Conta 1.800 espécies, das quais cerca da metade pertence ao gênero *Cicindela*. Diz Imms que são eles os mais vorazes e ferozes dos insetos, justificando a denominação dos autores ingleses de besouros-tigres (tiger beetles).

que nas planícies amazônicas; quanto aos dois restantes (*Pamphila* e *Pyrgus*) não há diferença.

Há ainda um outro fato, até agora despresado, que é de grande importância para os que se interessam por estes assuntos. Quasi sempre *somente os machos* são de côres vistosas. A roupagem brilhante é raramente encontrada nos dois sexos da mesma espécie. Se o clima tem qualquer influência direta nêsse assunto, por que os dois sexos não sofrem seus efeitos e por que os machos de gêneros que vivem sob os nossos enevoados céus ingleses são ornados de brilhante colorido?

É verdade que os trópicos têm um número total de lindas borboletas muitíssimo maior que as zonas temperadas, mas devemos ter em mente que êles contam com um número muito mais elevado de gêneros e espécies.

É regra geral em tôdas as famílias, que os dois sexos das espécies de côres mais brilhantes raramente têm a mesma beleza, sendo as fêmeas quasi sempre de roupagem escura. Há um número muito grande de espécies de colorido sombrio nas regiões tropicais. Há igualmente nos trópicos muitas espécies, nas quais o contraste entre os sexos é maior do que em qualquer espécie das zonas temperadas. Em alguns casos os machos foram postos em um gênero e as fêmeas em outro, tão grande é a diferença que entre os mesmos se observa. Na mesma família há espécies maiores nas latitudes tropicais que nas temperadas, mas há outras espécies menores. Se refletirmos sôbre todos êstes fatos, chegaremos à conclusão de que o clima, ao qual a princípio nos sentíramos inclinados a atribuir tão grande importância, tem realmente pequena ou nenhuma influência. Darwin foi levado à mesma conclusão, há muitos anos, quando comparou as aves, plantas e insetos das ilhas Galápagos, situadas no Equador, com os da Patagônia, e da América tropical.

A abundância de alimentos, a temperatura elevada, a ausência de estações de extremo frio e esterilidade, e a variedade de sítios provavelmente operam conjuntamente para favorecer a existência de um número maior e maior variedade de espécies nos trópicos. Eis tudo o que podemos considerar quanto às influências das condições climáticas. As causas que produziram a grande beleza que nos enche de espanto, se realmente as quisermos investigar, devem ser procuradas em outras direções. Entendo que os factos acima mencionados são bastantes para orientar-nos nas pesquisas. Mostram, por exemplo, que a beleza de forma e colorido não é peculiar a uma zona, mas pode ser produzida em qualquer clima, onde certo número de espécies de determinado gênero levam próspera existência. A roupagem ornamental é geralmente propriedade de um sexo, com exclusão do outro, e os casos de mais frisante contraste entre os dois apresentam-se nas regiões onde a vida é geralmente mais ativa e prolífica. Tudo isto leva a considerar as mútuas relações das espécies e particularmente as dos sexos, como muito mais importantes que o clima.

Viam-se esvoaçando nos jardins bandos de formosas e magníficas borboletas. Havia duas espécies de asas com prolongamento caudiforme, de côres semelhantes às de nosso *Papilio machaon*, uma *Pieris* branca (*Pieris monuste*) (41) e duas ou três espécies de borboletas côr de enxofre e alaranjadas, mas que não pertencem a êsse mesmo gênero das nossas borboletas inglesas. Era comum nos campos uma linda borboleta, com manchas ocelifor-

---

(41) *Pieris monuste* é a mais comum das borboletas de sua família (Piéridas), que se vê, às vezes em grandes bandos, e facilmente reconhecível por suas asas arredondadas, brancas, as anteriores com o ângulo distal negro e as posteriores com uma orla denteada negra.

mes nas asas (*Junonia lavinia*) (42) única espécie amazônica estreitamente ligada às nossas *Vanessas*. Um dia travámos conhecimento com dois dos mais formosos produtos da natureza nessa região: *Helicopsis cupido* e *H. endymion*. (43). Um pouco além de nossa casa, uma das veredas a que já me referi, aberta entre sebes cobertas de uma profusão de trepadeiras e de flores magníficas, levava a uma clareira onde havia pitoresco jardim público, escondido num maciço de palmeiras mucajá (44). Nos troncos das árvores, nos muros e estacas havia infinidade de trepadeiras de grandes folhas cordiformes, lustrosas. Tais plantas eram o ponto de reunião dessas duas admiráveis espécies, e aí capturámos grande número de indivíduos. São de textura extremamente delicada. As asas eram cremes; as posteriores apresentavam vários apêndices caudiformes e eram revestidas, em sua face inferior, de escamas prateadas. O seu vôo é muito lento e fraco; elas buscam a face inferior das folhas, mais protegida, e em repouso fecham as asas sobre o dorso, como a expor a face inferior, brilhantemente manchada.

Deixarei de lado muitas outras ordens e famílias de insetos, para tratar imediatamente das formigas. En-

---

(42) *Junonia lavinia* é hoje chamada *Precis lavinia*; borboleta da família Nymphalidae, comum nos campos e estradas, com o centro das asas azul ou azul-esverdeado e com dois ocelos em cada asa; margens com diversas linhas de tonalidades variadas. Encontra-se em todo o continente americano.

(43) *Helicopsis cupido* e *Helicopsis endymion* são duas pequenas borboletas da família Erycinidae, providas, nas asas posteriores, de caudas de diversos comprimentos; o centro das asas é creme ou esbranquiçado, e as margens são negras ou pardo-escuras. Em *Helicopsis endymion* há um desenho nas asas posteriores com o aspecto de uma aranha.

(44) A mucajá (*Acrocomia sclerocarpa*) é a palmeira conhecida em Pernambuco e Paraíba por macaíba, na Bahia por macaúba. No Rio de Janeiro é o côco-de-catarro, chamada também alhures macajá, macajuba, mocaúba e mocaíuva.

contravam-se em multidão por tôda parte, mas mencionarei aqui apenas duas espécies. Ficámos aturdidos, vendo formigas de mais de uma polegada de comprimento e proporcionalmente robustas, caminhando em fila indiana pelas moitas. Estas eram da espécie chamada *Dinoponera grandis* (45). Suas colônias são constituídas por pequeno número de indivíduos que se estabelecem entre as raízes das árvores mais delgadas. É uma espécie provida de ferrão, mas sua picada é menos dolorosa que a de muitas das espécies menores. Nada havia de particular ou de curioso nos costumes dessas gigantes das formigas. Outra espécie muito mais interessante era a saúva (*Oecodoma cephalotes*) (46). Encontra-se esta formiga por tôda parte dos subúrbios, indo e vindo em largas colunas. O seu costume de despirm de suas fôlhas as mais valiosas árvores cultivadas constitue um flagelo para os brasileiros. Em algumas localidades é tão abundante, que torna quasi impossível a agricultura e em tôda parte se ouvem queixas contra essa terrível praga.

---

(45) A *Dinoponera grandis* é a tocandira, formiga gigantesca da família Formicidas, subfamília Ponerinas, de picada dolorosíssima. São estas formigas que servem aos índios para cerimônias de iniciação. Em certas tribus os rapazes têm que mergulhar a mão em um cesto cheio de tocandiras, para ser considerado homem. Sobre essa formiga escreveu Roquette Pinto sua tese de livre docência à Faculdade do Rio de Janeiro. Em Rondonia escreve ele: "Na varzea Comprida pousámos no dia 27. Amaro, cozinheiro de nossa tropa, deixou-se ferrar no pé por uma tocanguira. Verdadeira intoxicação: dores fortes, edema do membro, febre ligeira, vômitos, vertigens. Pulso a 102. Injeções hipodérmicas de cloridrato de heroína e óleo canforado. Em poucas horas tudo cedeu. Foi caso benigno". Como se vê suas observações não concordam com a nota de Bates.

(46) Há na América tropical doze espécies de saúvas, do género *Atta*. A espécie *Atta cephalotes* (de que *Oecodoma cephalotes* é sinónimo) é das Guianas, sendo o tipo descrito de Surinam. Há no Pará duas saúvas: a *Atta laevigata* Smith, 1858 e a *Atta sexdens fuscata* Santschi, 1922. Provavelmente a primeira se refere Bates. Aliás as saúvas têm todas os mesmos costumes, largamente descritos em uma infinidade de memórias de entomologia e narrações de viajantes e naturalistas.

As operárias dessa espécie são de três tipos e variam de duas a sete linhas de tamanho (47), podendo-se fazer uma idéia pela gravura junto. As legítimas obreiras da colônia são as de tamanho menor. As duas outras castas, cujas funções, como veremos, não estão ainda bem conhecidas, têm enormes cabeças maciças e dilatadas; numa a cabeça é muito lisa e brilhante; na outra é opaca e pilosa. As obreiras menores variam muito de tamanho, algumas sendo o dôbro das outras. O corpo é de tegumentos muito duros e de colorido pardo-avermelhado-claro. O tórax (ou segmento médio) é armado de três pares de espinhos pontiagudos; a cabeça possui um par de espinhos semelhantes, na parte posterior das genas.

Em nossos primeiros passeios sentíamos-nos embaraçados, sem poder explicar os cômoros de terra que encontrávamos nas plantações e na mata, de uma côr diferente da do solo vizinho. Alguns eram enormes, com umas quarenta jardas de circunferência e sem ter mais de dois pés de altura. Breve nos certificámos de que era obra das saúvas, sendo a saliência ou cúpula que cobre e protege as entradas de suas vastas galerias subterrâneas. Por um exame meticoloso, vi que a terra de que são formados, consiste em grânulos muito pequeninos, aglomerados sem cimento e formando muitas filas de pequenas cristas e turrículas. A sua diferença da côr do solo circunvizinho é porque êles são formados pelo subsolo, trazido de grande profundidade. E' muito raro que se vejam as formigas trabalhando nesses cômoros; geralmente as entradas parecem fechadas; só de vez em quando, ao executar-se algum trabalho especial, se abrem

---

(47) Naturalmente Bates dá todas as suas referências em medidas inglesas; achei preferível deixar tais referências a fazer a cada passo sua redução para as medidas do sistema métrico, o que se encontrará em qualquer aritmética.

as galerias. As entradas são pequenas e numerosas e nos outeiros maiores era preciso cavar fundo para alcançar as galerias principais; mas eu consegui, removendo porções da cúpula dos cômodos menores, observar que as entradas mais estreitas convergem, na profundidade de cerca de dois pés, para uma larga galeria, cuidadosamente trabalhada, com umas quatro ou cinco polegadas de diâmetro.

O hábito da formiga saíva cortar e carregar uma quantidade imensa de fôlhas já foi referida em livros de história natural.

Quando ocupadas neste mister suas procissões parecem uma multidão de fôlhas animadas em marcha. Em alguns lugares eu encontrava acúmulos de fôlhas cortadas em peças circulares, do tamanho de uma moeda de seis *pence*, caídas no meio do caminho, abandonadas pelas formigas e a alguma distância de qualquer colônia. Tais amontoados tinham sido removidos, quando eu os visitava novamente no dia imediato. Com o correr dos tempos tive inúmeras ocasiões de vê-las trabalhando. Elas trepam nas árvores em multidões, tratando-se sempre das obreiras menores. Cada qual se coloca no limbo da fôlha e faz, com suas mandíbulas afiadas como tesouras, uma incisão quasi semicircular na face superior; toma então a borda entre as mandíbulas e com um golpe bruceo destaca o pedacinho. Às vezes deixa cair as fôlhas cortadas no solo, onde formam pequenos montões, de onde uma outra turma de operárias as carrega. Geralmente, porém, cada qual transporta a porção que cortou, e todas tomam o caminho da colônia, e a trilha por elas seguida dentro em breve fica lisa e nua, parecendo o rasto de uma roda de carro no gramado.

E' interessantíssimo espetáculo ver essa imensidade de pequenas operárias diligentes, ocupadas nesse

trabalho, mas infelizmente elas escolhem as árvores cultivadas para a execução de sua tarefa.

Esta formiga é exclusiva da América tropical, bem como o gênero a que pertence. As vezes despojam as árvores novas que crescem no interior da floresta nativa, mas parecem preferir, quando as encontram, as árvores importadas de outras regiões, tais como o cafeeiro e a laranjeira. Ainda não ficou satisfatoriamente demonstrada a aplicação que dão às fôlhas (48). Eu só a descobri depois de muito tempo de investigação. As fôlhas são empregadas para a cobertura das entradas de suas habitações subterrâneas, protegendo das chuvas torrenciais as jovens larvas que ficam nos ninhos situados abaixo. Os cômodos maiores, já descritos, são tão extensos que seriam precisas algumas pessoas para removê-los, caso quizessem examinar o seu interior; mas os montículos menores, cobrindo outras entradas para o mesmo sistema de câmaras e túneis, estão situados em lugares abrigados das intempéries e são sempre cobertos de fôlhas, misturadas com grãos de terra. Umas operárias trazem a carga pesada das fôlhas cortadas, transportando-as verticalmente, segurando a borda inferior com as mandíbulas e sobem o montículo, onde atiram os seus fardos; outra turma coloca as fôlhas na devida posição, cobrindo-as com uma camada de terra, que é trazida, grão por grão, do subsolo.

Sabe-se que as habitações subterrâneas dessa maravilhosa formiga são muito extensas. O Rev. Hamlet

---

(48) Houve engano na observação de Bates. Se, no seu tempo ainda não se conhecia exatamente o destino dado às folhas colhidas pela saúva, hoje está demonstrado que as substâncias vegetais por elas transportadas são postas a fermentar e servem para adubar o seu jardim de cogumelos, que constituem o alimento da colônia. E' um cogumelo especial, que, tratado pelas formigas não chega a esporular, formando pequenas mássas brancas, parecendo minúsculas trufas (embora o cogumelo seja um Basidiomiceto), que são consideradas pelas saúvas um manjar.

Clark contou que a saúva do Rio de Janeiro, de uma espécie muito próxima da nossa (48), cavou um tunel por baixo do rio Paraíba, em um ponto onde êsse rio é tão largo como o Tâmis na Ponte de Londres. Num moinho de arroz de Magoarí, perto do Pará, estas formigas furaram o dique de uma grande represa, vasando grande volume d'água antes que o dano pudesse ser reparado. No Jardim Botânico do Pará um diligente jardineiro francês tentou tudo o que se podia imaginar para extirpar a saúva. Para êsse fim acendeu fogo sôbre algumas das muitas entradas dos formigueiros e injetou gás sulfuroso nas galerias, por meio de foles. Eu vi o fumo saindo por grande número de olhos, um dos quais a umas 70 jardas do ponto onde os foles estavam trabalhando. Isto mostra como as galerias subterrâneas são extensas e ramificadas.

Além de prejudicar e destruir as árvores novas, despindo-as de suas fôlhas, a saúva é nociva ao homem pelo seu costume de saquear os depósitos de provisões durante a noite, pois são ainda mais ativas de noite que de dia. A princípio eu não queria acreditar nas histórias que me contavam, de que elas entravam nas casas e carregavam grão por grão a farinha de mandioca, que é o pão da gente pobre do Brasil. Afinal, quando residia em uma aldeia de índios no Tapajós, tive prova cabal do fato. Uma noite meu criado veio despertar-me tres ou quatro horas antes de amanhecer, contando-me que os ratos estavam roubaudo os cestos de farinha, artigo que nessa ocasião era escasso e caro. Pulei da rede, escutei

---

(49) No Rio de Janeiro, segundo o recentíssimo trabalho de Cincinato Gonçalves (1942) encontram-se as seguintes espécies de saúvas: *Atta bisphaerica*, *A. robusta* (que parece ser a mais comum), *A. laevigata*, e *A. serdens rubropilosa* (também muito comum).

e vi que o ruído era muito diferente do que é produzido pelos ratos. Por isso apanhei uma luz e fui à dispensa, que ficava ao lado do meu quarto. Aí encontrei larga coluna de saúvas, formada por milhares de indivíduos, muito atarefados, indo e vindo da porta até minhas preciosas cestas. Quasi todas as que saíam carregavam grãos de farinha, em alguns casos maiores e mais pesados que o corpo das carregadeiras. A farinha é formada de grãos de tamanho e aspecto semelhantes aos da tapioca de nossos armazens; ambos são produtos da mesma raiz: a tapioca constituída de amilo puro e a farinha de amilo misturado com as fibras lenhosas, o que lhe dá uma côr amarelada (50). Era divertido ver alguns dos anões, os menores membros da sua família, cambeteando, ocultos sob o seu fardo. Os cestos, postos em uma mesa alta, estavam completamente cobertos de formigas, das quais muitas centenas occupadas em cortar as fôlhas sêcas que serviam de envoltório. Era isso que produzia aquele sussurro que nos chamara a atenção. Disse-me o criado que elas teriam carregado todo o conteúdo dos dois cestos, (cerca de dois alqueires) no decurso da noite se não fossem enxotadas. Procurámos exterminá-las, esmagando-as com os nossos tamancos, mas era impossível evitar que novas hostes chegassem à proporção que íamos matando as suas companheiras. Elas voltaram na noite seguinte; e eu fui obrigado a fazer rastilhos de polvora em seu caminho e queimá-las. Fiz isto repetidas vezes, o que parece que acabou por intimidá-las, pois nos vimos livres de suas visitas durante o resto de minha residência nesse lugar. Nunca pude saber ou sequer conjecturar o que elas faziam com os grãos secos de mandioca. A farinha não contém gluten

---

(50) Refere-se o autor, provavelmente à farinha d'agua, muito comum na Amazônia.

e portanto não podia servir como cimento. Contém apenas porção relativamente pequena de amido e, quando misturada com agua, se desfaz, como se fosse um pouco de terra. E' possível que sirva de alimento para as operárias subterrâneas. Mas as larvas são habitualmente alimentadas por sucos secretados pelas formigas criadeiras.

As formigas de cada espécie dividem-se, como todos sabem, em tres castas ou, como alguns dizem, em tres sexos: machos, fêmeas e operárias, constituídas estas ultimas por fêmeas que não se desenvolveram. Os sexos perfeitos são alados, ao atingir a fase adulta; só eles propagam a espécie, fugindo do ninho em que se criaram pouco antes do ato da reprodução. Esse estado alado dos machos e fêmeas perfeitas, e o costume de voarem para longe antes da união, são pontos muito importantes na economia das formigas, pois assim podem cruzar-se com membros de colônias distantes que enxameiam na mesma ocasião, e assim aumentam o vigor da raça, processo essencial para a prosperidade de qualquer espécie (51). Em muitas formigas, especialmente nas dos climas tropicais, as operárias são também de dois tipos de estrutura e funções muito diferentes. Em outras há uma gradação de indivíduos entre os dois extremos. As curiosas diferenças na estrutura e hábitos destas duas classes formam estudo interessante mas muito difficil. Uma das mais interessantes características da saúva é possuir tres castas de operárias. Minhas investigações a esse respeito estão longe de ser completas, mas vou contar o que observei.

---

(51) Conquanto seja a regra, não é universal que os indivíduos sexuados sejam alados; em uma pequena formiga argentina, do género *Bruchomyrmex*, observou Carlos Bruch que machos e fêmeas eram ápteros, como as operárias.

Há sempre duas castas de operárias nos misteres de cortar folhas, roubar farinha e outras operações. Na verdade não são nitidamente distintas, pois há indivíduos intermediários. Todo o trabalho é realizado, entretanto, pelos indivíduos de cabeça pequena, enquanto os de cabeça enorme, as obreiras maiores, apenas caminham de um lado para outro, sem que eu nunca pudesse descobrir qual a sua função. Não são os soldados ou defensores da casta operária da comunidade, como as castas armadas dos termitas ou cupins, pois nunca brigam. A espécie não tem ferrão, e não demonstra resistência ativa quando perturbada. Pensei a principio que elas exercessem uma como vigilância sobre as outras, mas tal função é totalmente desnecessária em comunidade onde todos trabalham com precisão e regularidade, parecendo as peças bem ajustadas de uma máquina. Cheguei à conclusão, afinal, de que elas não têm função muito precisamente definida. Não podem, contudo, ser inteiramente inúteis para a comunidade, pois o sustento de uma classe indolente de indivíduos tão corpulentos seria pesadíssimo encargo para o resto da colônia. Acho que servem de algum modo, como instrumentos passivos de proteção para as verdadeiras operárias. Suas cabeças enormes, duras e indestrutíveis, podem ser eficazes na proteção contra os ataques dos animais insetívoros. Seriam, deste modo, peças de resistência, servindo como cunhas contra o ataque feito às operárias (52).

---

(52) As duas castas de operárias a que se refere o autor são as operárias média e minor, dos modernos mirmecólogos que atualmente reconhecem 3 tipos de operárias: máxima, média e mínima, estas duas últimas distintas da máxima pelo tamanho da cabeça, pelos espinhos occipitais e do vertex e pela presença ou ausência de ocelos. As operárias máximas são descritas às vezes como soldados, embora não esteja bem averiguada tal função. Bates fala nesses indivíduos colossais, sempre providos de ocelos.

A terceira casta de obreiras é a mais curiosa de todas. Se retirarmos o topo de um desses montículos recentes, nos quais está sendo executado o trabalho de cobertura, vê-se ampla chaminé cilíndrica, a uns dois pés de profundidade. Se a sondarmos com uma vara, que pode enterrar-se uns tres ou quatro pés sem alcançar o fundo, pequeno número de indivíduos colossais surgirá lentamente, subindo pelas paredes lisas da chaminé. As cabeças são iguais às das operárias maiores, mas as frentes são pilosas e não lusídias e apresentam no meio do clipeo um ocelo gêmeo, ou olho simples, de estrutura muito diferente da dos grandes olhos laterais compostos. Falta completamente esse olho frontal às outras operárias, e não é conhecido em nenhuma outra espécie de formiga. O aparecimento dessas estranhas criaturas, vindo das câmaras subterrâneas do formigueiro me recordaram, quando as vi pela primeira vez, os cíclopes da fábula de Homero (53). Elas não são muito agressivas, como eu receava, e não tive dificuldade em tomar algumas com os dedos. Nunca as vi em nenhuma outra circunstância, senão na que acabo de referir e não posso adivinhar qual sejam suas funções especiais (54).

Todo o arranjo do formigueiro e todas as diversas atividades da vida das formigas estão dispostos para uma finalidade principal — a perpetuação e disseminação da espécie. Quasi todo o trabalho, que vemos

---

(53) Eram os Cíclopes, segundo Homero, uma tribo selvagem de gigantes da costa oriental da Sicília, com um só olho no meio da frente (d'onde a comparação de Bates). Segundo Estodo os Cíclopes eram os ferreiros que fabricavam os raios de Júpiter e Vergílio, na Enéida, os põe no Etna. Vieram outros Cíclopes, segundo Estrabão, da Lícia para a Grécia, onde construíram formidáveis muros, feitos de grandes blocos de pedras superpostos, os muros ciclópicos.

(54) São os soldados de alguns mirmecólogos.

executado pelas obreiras, tem por fim o sustento e bem estar da prole, constituída por indefesos gusanos. As verdadeiras fêmeas são incapazes de prover às necessidades dos filhos; e é sobre as pobres operárias estéreis, privadas dos outros prazeres da maternidade, que recaem todos os cuidados. São igualmente as operárias os principais agentes que executam as diversas migrações das colônias, coisa de capital importância na dispersão e conseqüente prosperidade da espécie. A iniciação feliz dos machos e fêmeas aladas depende igualmente das operárias. É divertido ver a atividade e excitação que reina num formigueiro, quando esta se prepara para o êxodo dos indivíduos alados. As operárias limpam as estradas de saída e demonstram o mais vivo interesse por essa partida, embora seja muito pouco provável que qualquer deles volte para a mesma colônia. O enxameio ou êxodo dos indivíduos alados da saúva tem lugar nos meses de janeiro e fevereiro, isto é, no começo da estação chuvosa. Saem aos milhares, ao anoitecer, provocando uma certa perturbação nas ruas e caminhos. São indivíduos enormes, medindo a fêmea mais de duas polegadas de envergadura; o macho tem pouco mais da metade desse tamanho. São tão perseguidas pelos animais insetívoros que na manhã seguinte ao vôo, não se vê um só indivíduo, escapando da carnificina apenas poucas fêmeas fecundadas que irão fundar novas colônias. (55)

---

(55) Em meus livros "*A vida maravilhosa dos animais*" e "*No mundo dos humildes*" já tive a ocasião de contar essa história da fundação das novas colônias de saúvas e a vida de penúrias e sacrifícios da içá (ou tanajura, como chamam igualmente a gigantesca fêmea da saúva) ao fundar o novo ninho, até que suas primeiras filhas estéreis se possam encarregar dos trabalhos da república. É muito interessante a recente observação de Autuori da postura, pela içá fundadora, de ovos estéreis, que ele chamou ovos de alimentação. (Figs. 2 e 3).

Quando aí chegámos, o Pará ainda não se havia restabelecido dos efeitos de uma série de revoluções, motivadas pelo ódio existente entre brasileiros natos e portugueses, tendo os primeiros, afinal, chamado em seu auxílio os índios e os mestiços. O numero de habitantes da cidade caíra, em consequência dessas desordens, de 24500 em 1819 (56) a 15000 em 1848. Embora não tivesse sido perturbada a tranquilidade pública durante os 12 anos que procederam a nossa chegada, ainda não voltara a confiança, e os negociantes e mercadores portugueses não se aventuravam a ir morar em suas lindas casas de campo ou *rocinhas*, com seus luxuriantes jardins ensombrados dos arredores da cidade que ficavam abandonadas. Não se fizera nenhuma tentativa para derrubar o capoeirão que crescera em pontos antes cultivados, e que chegava agora até aos confins de todas as ruas suburbanas. A cidade mostrava ter conhecido melhores dias; os edificios públicos, incluindo os palácios do presidente e do bispo, a catedral, as igrejas e principais conventos, tudo parecia construido em uma escala de grandeza muito acima das atuais necessidades. Ruas inteiras de amplas residências particulares, construidas em estilo italiano, estavam abandonadas, com ervas más e arbustos crescendo nos interstícios das paredes. As grandes praças públicas estavam cheias de capim e intransitaveis, pelos atoleiros que ocupavam grandes porções de sua área. Mas o comércio começava a reviver, e antes de deixar o país vi

---

(56) Os dados estatísticos referentes a 1819 são tirados de Martius, que escreve no relato de sua viagem: "Era avaliada a população de Belém, ao tempo de nossa permanência, em 24.500 almas; todavia estatística rigorosa não se havia feito". A população actual de Belém, segundo o censo de 1940 é de 350.000 habitantes.

grandes melhoramentos, conforme terei ocasião de contar no fim desta narrativa. (57)

A provincia de que o Pará era capital, era, na época que me refiro, a mais extensa do império do Brasil, com cerca de 1560 milhas de este e oeste e cerca de 600 de norte a sul. (58) Mais tarde, em 1853, foi dividida em duas, pela separação do Alto Amazonas como uma provincia autónoma. (59) Antes constituia uma secção, capitania ou governo da colônia portuguesa. Originariamente fora bem povoada de índios, cuja con-

---

(57) Veja-se no fim do livro a descrição muito lisonjeira que dessa mesma cidade faz o autor, ao regressar de sua longa viagem pelo Alto Amazonas.

(58) Transcrevemos aqui, data venia, a erudita nota de Basílio de Magalhães à viagem de Martius: "Em 1621 (ou 1624 segundo o barão do Rio Branco) foi a colônia luso-americana dividida em dois Estados: O *Estado do Brasil*, capital Bafá, que vinha desde o Rio-Grande-do-Norte até Santa Catarina; e o *Estado do Maranhão*, capital São Luis, abrangendo o Maranhão, o Grão-Pará (Pará e Amazonas) e o Ceará. Em 1663, conforme Varnhagen (segundo Araripe em 1629), o Ceará deixou de pertencer ao Estado do Maranhão, pois foi anexado ao governo de Pernambuco. O Piauí, cuja conquista aos índios e subsequente povoamento datam do último quartel do século XVII, dependia do Estado do Brasil. Em 1701 o Estado do Maranhão abrangia apenas as duas capitanias do Maranhão e Grão Pará, tendo sido criada esta última em 1652. Em 14 de julho de 1757 foi criado o governo de São-José-do-Rio-Negro, subordinado à capitania do Grão-Pará. E, finalmente, por ordem regia de 20 de agosto de 1772, foram separados, ficando d'af em diante extinto o Estado do Maranhão, os dois governos da capitania do Maranhão e da capitania do Grão-Pará".

(59) E' igualmente transcrita de Basílio de Magalhães: "A capitania de São-José-do-Rio-Negro foi criada em 1.º de julho de 1757 (reinado de d. José), ficando subordinada à do Grão-Pará. De capitania passou, não à categoria de provincia, mas à de comarca, a partir de 1833. Com as denominações de "Comarca de São-José-do-Rio-Negro" e Comarca do Alto-Amazonas" foi parte integrante da provincia do Grão-Pará até meados do século XIX. Então foi que a comarca do Alto Amazonas constituiu uma das unidades politico-administrativas do império, com a denominação de "Provincia do Amazonas" (lei de 5 de setembro de 1850). A sua primitiva capital foi a vila de Mariuá (depois cidade de Barcelos), de 1757 a 1791; em seguida a vila de Barra-do-Rio-Negro (depois cidade de Manaus), de 1791 a 1799; novamente Barcelos de 1799 a 1804; e, finalmente, Manaus, de 1804 para cá."

dição social variava muito de uma tribo para a outra, todos, porém, apresentando os mesmos caracteres físicos, que são os dos peles vermelhas americanos, um pouco modificados pela longa residência em uma floresta equatorial. Quasi todas as tribus estão agora extintas ou esquecidas, pelo menos as que primitivamente povoavam as margens do rio principal, tendo-se os seus descendentes amalgamado com os imigrantes negros e brancos (60). Mas ainda existem muitas em seu estado primitivo no Alto Amazonas e na maioria dos seus tributários. Portanto os índios são muito mais numerosos nesta provincia do que no resto do Brasil, e pode-se dizer que o elemento índio prevalece na população mestiça, pois há uma proporção muito menor de negros no sul do Brasil. (61)

A cidade está construída no ponto mais adequado para um porto na entrada da região amazônica e futuramente será um vasto empório, pois a margem norte do rio principal, onde poderia ser erguida uma capital rival, é de muito mais difícil acesso e, além disso, extremamente insalubre. Embora situada tão perto do equador (1.º

---

(60) As raças mestiças que formam agora, provavelmente, a maior parte da população, são conhecidas por nomes distintos, a saber: o mameluco é o filho de branco com índio; mulato o de branco com negro; cafuzo a mistura de índio e negro; curiboca o cruzamento de cafuzo com índio; xibaro o de cafuzo com o negro. Mas raramente se vêem diferenças bem marcadas, encontrando-se todos os tons de pele. E' provavel que os nomes sejam applicados por simples aproximação. O termo creoulo é restrito aos negros nascidos no país; ao índio civilizado chamam tapuio ou caboclo. (*Nota do Autor*).

(61) E' interessante, para quem queira ter uma noção da infinidade de tribus que se encontravam nas margens do Amazonas e seus afluentes, ler a lista dada por Cristobal de Acuña em seu "Novo Descobrimto do Rio das Amazonas". Já no número XXXVI escreve o jesuíta espanhol: "Todo este Novo Mundo (chamemo-lo assim) é habitado de bárbaros de distintas provincias e nações, das quais posso dar fé, chamando-as por seus nomes, e assinalando as suas situações, umas de vista outras por informações dos índios que nelas haviam estado. Passam de 150, todas de linguas diferentes, tão dilatadas e povoadas de moradores como as que vimos por todo este caminho, como depois diremos".

28' S.) o clima não é excessivamente quente. Durante tres anos só uma vez o termômetro subiu a 95.º Farenheit. A temperatura máxima, por volta das duas horas, apenas chega a 89.º e 94.º; mas, por outro lado, nunca desce abaixo de 73.º, havendo, portanto, uma temperatura uniformemente elevada, sendo a média anual de 81.º Os residentes norte-americanos dizem que o calor não é tão opressivo como o que se sente durante o verão em New York ou Filadélfia (62). A umidade é, evidentemente, excessiva, mas as chuvas não são tão torrenciais e contínuas como em muitos outros climas tropicais. A região gozou, durante muito tempo, da reputação de extrema salubridade. Depois da epidemia de varíola de 1819, que atacou principalmente os índios, nenhuma epidemia grave visitou a província (63). Foi para nós uma agradável surpresa verificarmos que não havia perigo em nos expormos ao sereno ou residirmos em lugares baixos e alagadiços. Alguns residentes ingleses, que aí se tinham estabelecido há 20 ou 30 anos, mostravam uma pele tão fresca como se nunca tivessem deixado o seu país natal. As mulheres brasileiras também pareciam conservar sua boa apparencia e nediaz até à velhice. Nunca observei nas senhoras brasileiras esse declínio

---

(62) Encontrando a temperatura menos quente do que esperava escreve Wallace: "Nunca tive tão grande e tão completo desapontamento. A temperatura não era tão ardente, os costumes do povo não eram tão exóticos, nem mesmo a vegetação era tão espantosa como eu imaginara".

(63) Escreve Martius a respeito dessa epidemia de 1819: "Entre as doenças exantemáticas, devo sobretudo citar as bexigas, o sarampo e a escarlatina. A primeira dessas grassava justamente ao tempo de nossa estada, constituindo maligna epidemia, que sacrificava diariamente 30 a 40 pessoas, e durante meio ano arrebatou mais de tres mil indivíduos, de todas as raças e condições". E em nota do fim do capítulo: "Já de la Condamine encontrou na sua estada em Belém (dezembro de 1743) uma terrível epidemia de bexigas. Depois dessa época repetiu-se mais quatro ou cinco vezes, porém nunca com tanta violência como no ano de 1819".

precoce, que dizem ser tão generalizado nas mulheres norte-americanas. Até 1848 a salubridade do Pará era realmente notavel para uma cidade situada no delta de um grande rio em plena zona tropical e meio rodeada de pântanos. Mas não gozou por muito tempo dessa imunidade contra as epidemias. Em 1850 a febre amarela visitou a província pela primeira vez e em poucas semanas matou mais de quatro por cento da população.

Sucederam-se as epidemias, até que em 1855 a cólera assolou o país e provocou terrível devastação. Depois a salubridade do clima foi aos poucos sendo restabelecida e atualmente quasi recuperou sua boa reputação antiga. No Pará não há perturbações endêmicas graves e durante algum tempo foi o sanatório dos inválidos de Nova York e Massachussetts. A temperatura uniforme, a vegetação perene, a frescura da estação seca, quando o calor do sol é amenizado pelas brisas marinhas e a moderação das chuvas periódicas, fazem do seu clima um dos mais agradáveis da face da terra.

A província é governada, como todas as outras do Império, por um Presidente, que é a principal autoridade civil. Quando chegámos havia também, por exceção, um chefe militar. Este funcionário, como o chefe de polícia e os juizes, é nomeado pelo Governo Central do Rio de Janeiro. Os negócios municipais e internos são resolvidos por uma assembleia provincial, eleita pelo povo. Cada vila da província também possui seu Conselho Municipal, e, nos lugares de população muito escassa, os habitantes escolhem de quatro em quatro anos um juiz de paz que resolve as pequenas questões entre vizinhos. Existe um sistema de educação popular e cada aldeia tem sua escola de primeiras letras, cujo professor

é pago pelo governo, recebendo um ordenado de cerca de setenta libras anuais, que é igual ao que recebem os padres (64). Além das escolas primárias há no Pará um seminário clássico bem dotado, ao qual os lavradores e negociantes do interior mandam os filhos para completarem sua educação. Todos os quatro anos a província manda sua representação à câmara e senado do parlamento imperial. Cada chefe de família tem um voto.

Constituiu-se o julgamento pelo juri, escolhendo-se os jurados entre os chefes de família, de qualquer raça ou colorido, e eu vi o negociante branco, o agricultor negro, o mameluco, o mulato e o índio sentados lado a lado no mesmo banco. A Constituição do Brasil parece combinar de maneira feliz os princípios de governo autônomo e de centralização, e requer apenas certo grau de virtude e inteligência no povo para levar a Nação a uma grande prosperidade.

A província do Pará ou, como agora podemos dizer, as duas províncias do Pará e Amazonas, têm uma área de 800000 milhas quadradas, com uma população de 320000 habitantes, o que dá a proporção de uma pessoa para quatro milhas quadradas. São cobertas de florestas, cortadas, em toda a sua extensão, por grandes rios largos, profundos e navegáveis e o solo é extremamente fértil, mesmo para uma região tropical. Orgulham-se os paraenses de chamar ao Amazonas o Mediterrâneo da América do Sul. Esse rio colossal talvez mereça esse nome, pois não só o rio principal e seus afluentes mais importantes representam imenso volume d'agua, ba-

---

(64) Aos pádres era paga no tempo do Império um estipêndio que se chamava a côngrua. A situação financeira dos professores primários no Pará, dada a diferença de custo de vida no tempo de Bates e agora, plorou bastante, pois varia de tres mil a 4.800 cruzeiros, ou sejam, no máximo, sessenta libras anuais.

nhando as praias de regiões extensas e variadas, como por aí existir um sistema de canais (ou furos) ligados aos rios principais e aos lagos, às vezes muito extensos, com 15, 20, 30 milhas de comprimento. Todo o vale do Amazonas é assim coberto por uma rede de águas navegáveis, que formam vasto mar interno de água doce, com infinitas ramificações.

A cidade do Pará foi fundada em 1615 e era uma praça de considerável importância na segunda metade do século XVIII, sob o governo do irmão de Pombal, o famoso estadista português (65). A província foi a derradeira no Brasil a declarar sua independência da mãe pátria e reconhecer a autoridade do primeiro D. Pedro (66). Foi isto devido ao grande número e in-

---

(65) Nomeou Pombal para o lugar de Capitão-mór no Maranhão e Pará, a esse tempo ainda reunidos como componentes do Estado do Maranhão, a seu irmão Francisco Xavier de Mendonça Furtado com o fim expresso de servir aos seus desígnios de expulsão dos Jesuítas de quem era Pombal fidalgal inimigo. A deserção dos índios que exigira das ordens religiosas para uma expedição ao rio Negro foi o pretexto dado por Mendonça Furtado, de conluio com seu irmão, para tornar efetiva a expulsão dos Jesuítas. Escreve Martius "Tinham os Jesuítas grande número de missões no litoral, na ilha de Marajó e, no interior, à margem do Amazonas, até às extremas fronteiras do domínio português no rio Javari. A condição das aldeias conservou-se florescente até à dissolução da Companhia de Jesus; nessa ocasião, em 1759, foram deportados do Pará e Maranhão, para a Europa, nada menos de 112 jesuítas. Pombal, levado tanto por falsas informações, como por quiméricos temores e pelo seu arraigado ódio contra os jesuítas, desfechou com inoportuna expulsão desses padres, golpe doloroso, em mais de um sentido, na mais importante colônia de Portugal e, quanto aos índios, preparou-lhes a ruína política e o desgraçado desamparo, em que tivemos oportunidade de observar os indígenas daquelas regiões". Em 1757 foram criados os diretórios de índios; um completo desastre.

(66) Depois da vitória de 2 de julho de 1823, seguiu o almirante Cochrane para o Maranhão e enviou ao Pará o capitão Grenfell. Foi no Pará que, sufocada a sedição militar, se deu o lamentável desastre do brigue *Palhaço*, no qual morreram por asfixia, 255 dos 256 prisioneiros encerrados em seus porões. Quando, por motivo do movimento constitucionalista do Porto, foi deposto o conde de Vila-Flor, Antonio José de Sousa Manuel de Menezes, sucedeu-lhe uma junta provisória, presidida por D. Romualdo Antonio de Seixas, marquês de Santa Cruz, nascido em

fluência dos Portuguezes; e depois a raiva do partido nacionalista foi tão grande que, apenas proclamada a independência, em 1823, rebentou uma contra-revolução, durante a qual se acirraram muitos ódios e muitas vidas se perderam. Perdurou tal antagonismo por muitos anos, com insurreições parciais, quando o povo pensava que os imigrantes de Portugal eram favorecidos pelos governadores enviados da capital do Império. Afinal houve uma revolta mais séria em 1835, a qual em pouco tempo se alastrou por toda a província. Começou pelo assassinio do Presidente e das principais figuras do governo. A luta foi grave e o partido nativista em má hora chamou em seu auxílio os mestiços fanáticos e ignorantes e a população indígena. O grito de morte aos portuguezes cedo se transformou em morte aos pedreiros livres, pois a maçonaria era então uma sociedade poderosamente organizada, da qual faziam parte, em sua maioria, os homens brancos da localidade. Vitorioso o partido nativista, tratou de estabelecer um governo seu.

Depois de perdurar êsse estado de coisas durante uns seis meses, aceitaram êles o novo Presidente, mandado do Rio de Janeiro, o qual, porém, de novo os irritou, por prender o seu chefe mais querido, um tal Vinagre. A vingança que se seguiu foi terrível. Imensa horda de gente de côr, semi-selvagem, reuniu-se em recantos esconsos, atrás do Pará e, em dia aprasado, depois do irmão de Vinagre mandar por tres vezes uma mensagem ao Presidente, pedindo, em vão, a liberdade do seu chefe, toda essa malta penetrou na cidade, surtindo de várias trilhas da floresta que a cerca. Tra-

---

Cametá em 7 de fevereiro de 1787. Dominada a sedição portuguesa de 1823, tendo o Pará aderido afinal (como diz Bates) à independência do resto do Brasil, formou-se uma junta governativa, presidida pelo mesmo prelado e da qual fazia parte Antonio Correia de Lacerda.

vou-se nas ruas cruenta batalha que durou nove dias, sendo as autoridades legais assistidas, do lado do rio, por um navio de guerra inglês, outro francês e outro português. Mas afinal estas foram obrigadas a retirar-se para uma ilha a algumas milhas de distância, junto com as pessoas pacíficas e ordeiras. Cidade e província ficaram entregues à anarquia. A gente de côr, embriagada pela vitória, proclamou a matança de todos os brancos, exceto os moradores ingleses, franceses e americanos. Os chefes primitivos, que tão desastrosamente tinham sido os primeiros a fomentar todo êsse ódio de raças, foram também obrigados a fugir.

No interior, os que apoiavam a autoridade legal, inclusive as tribus de índios mansos e grande número de negros e mulatos, concentraram-se em certos pontos bem fortificados, onde se defenderam até que a capital e as grandes cidades, depois de dez meses de anarquia, foram reconquistadas em 1836, graças a uma fôrça do Rio de Janeiro (67).

---

(67) Nos últimos anos do reinado de Pedro I acirravam-se os ódios e rivalidades entre brasileiros e reinóis, sobretudo nas Províncias do Norte. Fora os puças! Morram os marinheiros! eram brados correntemente ouvidos. Tornou-se banal a sentença: "Se nos libertamos dos puças, por que conservar um puça no poder?". A vitória nacionalista do sete de abril, foi o levado que levou ao cúmulo o fermento da revolta; em Alagoas e Pernambuco o povilêu, em sua maioria residentes em mucambos e palhoças fizeram o levante do mata-marinheiro, e os insurrectos foram conhecidos pelo epíteto de cabanos e a insurreição por cabanagem. Movimento semelhante, ao qual se deu igualmente a denominação do revolução dos cabanos surgiu no Pará, a princípio surda, depois cada vez mais aberta, terminando pela carnificina dos anos de 1835 e 1836. Pode-se ter uma idéia da instabilidade da situação na série de presidentes que teve a província nesses quatro anos. Em 19 de julho (quando começaram a manifestar-se as primeiras arruaças dos cabanos) assumiu a presidência Bernardo José da Gama, mais tarde Visconde de Golana. Em 27 de fevereiro de 1832 é substituído por José Joaquim Machado de Oliveira. Nomeado para seu substituto José Mariani, este é impedido de assumir a presidência. Em 4 de dezembro de 1833 assume o governo Bernardo Lopo de Sousa, que governa pouco mais de um ano, sendo substituído em sete de janeiro de 1835 por Felix Antonio Clemente Malcher. Em 21 de fevereiro desse mesmo ano

Anos de governo conciliador, a lição aprendida pelo partido nativista e a moderação dos portugueses, auxiliados pela indolência e bondade passiva dos paraenses de todas as classes e coloridos, estavam começando a produzir seus bons efeitos quando aí chegámos. A vida era, já há algum tempo, perfeitamente socegada em toda a região. Alguns dos piores elementos tinham sido deportados ou presos e os restantes, uma vez anistiados, se tinham convertido em cidadãos pacatos e ordeiros.

Residi no Pará quasi ano e meio, aí me demorando depois de cada pequena excursão pelo interior, até que, em 6 de novembro de 1851, iniciei minha longa viagem ao Tapajós e ao Alto Amazonas, na qual gastei sete anos e meio.

Durante êsse tempo me familiarizei com a capital da região amazônica e seus habitantes. Sempre ouvi dizer que o Pará, comparado com outros portos do Brasil, apresentava grandes vantagens. Era mais limpo, os suburbios mais frescos, mais rurais e muito mais agradá-

---

Francisco Vinagre, que exercia as funções de comandante das armas, passou a desempenhar, cumulativamente, a presidência da provincia. Mal começado seu governo, que representava a vitória dos insurrectos, pois êsse Vinagre era o chefe dos cabanos, chegou ao Pará o capitão-tenente Pedro da Cunha, comandante da fragata *Imperatriz*, acompanhado de mais dois outros navios, com a incumbência de restabelecer a ordem, profundamente perturbada pelas facções dos cabanos. Pedro da Cunha esforçou-se para que os cabanos aceitassem o Dr. Angelo Custódio Correia, paraense de nascimento, como vice-presidente da provincia, mas inutilmente. Após um desembarque das forças de mar, os cabanos repeliram, de armas nas mãos, o Dr. Angelo Custódio, que se retirou para Cametá, fazendo desta cidade a sede de seu governo de 22 de maio de 1835 a 25 de junho do mesmo ano. Sua posse tivera lugar a 15 de maio, a bordo da *Imperatriz*. Em 25 de junho desembarcou em Belém o marechal de campo Manuel Jorge Rodrigues, nomeado pela Regencia presidente da provincia, tendo o Dr. Angelo Custódio imediatamente dado por terminado seu governo, enquanto em Belém era preso Francisco Vinagre. Mas os cabanos não se deram por vencidos e em 24 de agosto invadiam a cidade e punham no governo a Eduardo Francisco Angelim, que aí se manteve até à chegada de Francisco José de Sousa Soares Andréa, mais tarde barão de Caçapava, que afinal conseguiu dominar a revolta.

veis, graças à sua vegetação magnífica, sempre verde e à sua sombra. A gente era mais singela, mais pacífica e amavel em seus modos e propósitos, e os assassínios, que tão má fama dão às provincias do sul, eram quasi desconhecidos. Em compensação o povo do Pará era muito inferior aos brasileiros do sul em energia e diligencia (68).

Como os gêneros e o aluguer de casa são baratos e as ambições da gente muito reduzidas, pois se contentam com alimentação e alojamento de uma qualidade que não seria tolerada pelos pobres da Inglaterra, passam a maior parte do tempo em prazeres sensuais e em divertimentos que o governo e as pessoas abastadas lhes proporcionam gratuitamente (69).

O comércio, tanto em grosso como a retalho, estava em mãos dos portuguezes, que eram então uns 2500. Muitos officios manuaes são exercidos pela gente de côr — mulatos, mamelucos, negros fôrros e indios. Os brasileiros das classes mais elevadas detestam o officio insignificante do comércio a retalho, e se não são negociantes

---

(68) Da boa indole do povo paraense dão testemunho Martius e Bates, embora falem também de sua indolência (atribuindo a sua bondade antes a uma qualidade negativa que positiva). Alexandre Rodrigues Ferreira diz: "A respeito da constituição, fisionomia e carater dos naturais pouco há que dizer de novo. São pela maior parte morenos e cloróticos os parauaras, pouco barbados, de maus dentes e piores vozes, luxuriosos, desconfiados, indolentes e mais supersticiosos que devotos". E Martius: "Com esse gênio sossegado e as decorrentes restricções, não se encontra aqui nem a animação espirituosa do trato desembaraçado do pernambucano, nem a expedita atividade comercial do baiano, pratico e sólido, nem a delicadeza insinuante do maranhense, o donaire cavalheiresco do mineiro, nem o gênio afavel e franco do paulista. O paraense é homem do hemisfério sul, a quem o ardor do sol equatorial embota a característica vivacidade do temperamento meridional".

(69) São quasi as mesmas palavras de Martius: "Apenas ganham para as suas poucas necessidades, nas quais figuram, como principais, o *dolce far niente*, a cachaça e as mulheres. As águas muito piscosas, o pedacinho de terreno fértil em volta da palhoça dão-lhes o necessário sem que muito se esforcem".

tes atacadistas, preferem a vida de agricultores no interior, embora as fazendas sejam pequenas e reduzidos os lucros. Os negros formam a classe dos trabalhadores rurais e carregadores. Os índios eram todos marujos e formavam as tripulações dos inúmeros barcos de todos os tamanhos e feitios que faziam o tráfego entre o Pará e o interior.

Os brasileiros educados (e não são muitos os de pura ascendência caucásica, pois a imigração de portugueses, durante muitos anos, se limitou quasi exclusivamente ao sexo masculino) são cortezes, vivos e inteligentes. Aos poucos se vão libertando das noções ignorantes e supersticiosas que herdaram de seus antepassados portugueses, principalmente no que se refere ao trato com as senhoras. Antes os portugueses não consentiam que as esposas frequentassem a sociedade e que as filhas aprendessem a ler e escrever. Em 1848 as senhoras brasileiras mal começavam a emergir dessa posição inferior e os pais brasileiros estavam abrindo os olhos para as vantagens da educação das filhas. Tais reformas são lentas.

Isto talvez seja devido à posição degradante sempre occupada pelas mulheres, de modo que as relações entre os sexos estavam e ainda permanecem num pé pouco satisfatório, conservando-se a moralidade privada, no Brasil, em um nível muito baixo. Acredito que no Pará as coisas estejam melhorando. Antes, uma promiscuidade vergonhosa era a regra geral em todas as classes, e as intrigas e alcoviteces constituíam a maior preocupação da maior parte da população. Não penso que tal estado de coisas seja uma necessidade, dependendo do clima e das instituições, pois residi em pequenas cidades do interior, onde os hábitos e o padrão de moralidade eram tão puros como em lugares semelhantes da Inglaterra.

## CAPÍTULO II

### PARÁ

(continuação)

**As florestas pluviais do Pará — Um fazendeiro português — Casa de campo em Nazaré — Vida de um naturalista no Equador — A floresta virgem mais seca — Maguari — Aborígenes.**

Depois de ter passado uns quinze dias na rocinha do sr. Miller, soubemos de outro sitio que estava para alugar, e muito melhor situado para os nossos fins, na aldeia de Nazaré, a milha e meia da cidade, junto da mata. O proprietario era um velho português chamado Danin, que residia em sua fábrica de telhas, na boca do Una, riosinho duas milhas abaixo do Pará. Resolvemos ir até lá pela floresta, o que aumentava a distancia para umas tres milhas, embora nos dissessem que a estrada estava quasi intransitável nessa época do ano. Mas nos sentíamos contentes com esta primeira oportunidade de atravessar a rica floresta alagadiça que tanto havíamos admirado do convés do navio. Por volta das onze horas de uma manhã de sol, depois de obter as necessárias informações sôbre a estrada, partimos naquella direção. Essa parte da floresta veio a tornar-se um dos melhores pontos de caça. Narrarei os incidentes do caminho dando minhas primeiras impressões e algumas notas sôbre

a maravilhosa vegetação. A floresta é muito uniforme na maior parte das terras baixas e portanto sua descrição servirá para todas.

Deixando a cidade, seguimos por uma estrada suburbana direita, construída acima do nível das terras circunvizinhas. O terreno apresentava-se alagadiço de um e outro lado, mas estava edificado, vendo-se várias rocinhas espaçosas, mergulhadas na magnífica vegetação. Passada a última casa, chegámos a um ponto onde a magestosa floresta se erguia, como dupla muralha, a cinco ou seis jardas do caminho, até uma altura provavel de 100 pés. Só de vez em quando víamos parte dos troncos das árvores, estando a mata quasi toda fechada, do chão ao topo, coberta por um reposteiro de trepadeiras, variegado de todos os tons mais brilhantes do verde. Era raro ver-se uma flor, exceto as do maracujá, que surgiam aqui e ali, como solitárias estrelas escarlates, recamando o manto verde.

O terreno baixo, entre a floresta e a estrada, era coberto por intrincada vegetação de ervas e arbustos, entre os quais as mimosas espinescentes apareciam numerosíssimas, no meio da massega, à semelhança das sarças na Inglaterra. Outras mimosas anãs cobriam o chão à beira da estrada, retraindo-se quando os nossos pés lhes tocavam, mesmo de leve (70). Cassias de elegante folhagem penada e de vistosas flores formavam a grande proporção das árvores mais baixas, e aráceas arborescentes cresciam em touceiras em tórno dos charcos. Por cima de tudo voavam borboletas de brilhantes côres, em bandos como nunca tínhamos visto. Algumas eram inteira-

---

(70) Refere-se o autor, sem dúvida, à sensitiva; E' bom notar que a sensitiva do Amazônia é de espécie distinta da do sul do Brasil. A que se vê tão frequentemente de Nordeste para o sul, também chamada malícia de mulher, é a *Mimosa pudica*; segundo Spruce a espécie amazônica é a *Mimosa orthocarpa*.

mente amarelas ou alaranjadas (*Callidryas*) (71); outras de asas excessivamente alongadas, coloridas de azul, rubro e amarelo (*Heliconias*) (72) cortavam o ar horizontalmente. Uma especie de magnífico verde claro (*Colaenis dido*) (73) chamou especialmente a nossa atenção. Perto do chão, atraídas pelas flores de numerosas leguminosas e outras ervas, esvoaçavam muitas outras especies menores, semelhantes no aspecto às nossas. Fora das borboletas havia poucos outros insetos, exceto libélulas, que apareciam em profusão, e parecidas no aspecto com as especies inglesas mas algumas eram nitidamente diferentes, por suas cores de um vermelho rutilante.

Depois de longa parada para examinar e admirar, continuámos afinal nossa viagem. A estrada subia então suavemente e o solo e a vegetação bruscamente mudaram de feição. A vegetação rasteira era de gramíneas, pequenos juncos e outras plantas de fôlhas menores que as que cresciam nos lugares úmidos. A floresta era mais baixa, formada por árvores com o aspecto geral de loureiros e outras plantas de folhagem persistente de nossos jardins: as fôlhas de um verde escuro e lusidio. Algumas eram pilosas e de elegantes nervuras (Melastomáceas) (74), enquanto muitas, esparsas no meio da vegetação dominante, eram de fôlhas menores (Mirtáceas)

---

(71) *Callidryas* é sinônimo de *Catopsilia*, gênero da família Pieridae, que abrange muitas borboletas de porte médio e cor amarela, enxofre e laranja, e branco esverdeado. Pousam em grandes bandos em pontos de lama revolta, da qual se alimentam.

(72) As *Heliconias* de Bates se referem ao gênero *Heliconia* (s.l.), compreendendo esse gênero e vários outros afins.

(73) *Colaenis dido* é atualmente chamada *Metamorpha dido*, borboleta da família Nymphalidae, de asas alongadas e com as bordas das asas posteriores onduladas. Predominam as cores verde, negro e cinzento, sendo os grupos de manchas verdes separadas pelo preto. Ocorre em toda a América do Sul e Central.

(74) Formam as Melastomáceas uma família muito natural, cujos representantes facilmente se reconhecem pela nervação mul-

(75) mas estas não eram em tal número que modificassem muito o aspecto geral do conjunto.

O sol estava agora excessivamente forte, pois nos demorámos a flunar pela estrada. O dia era dos mais claros, com o céu sem uma nuvem. Era daqueles dias maravilhosos que anunciam o começo da estação seca. A radiação de calor, que vinha do chão arenoso, era visível pelo movimento de tremulação do ar pouco acima do solo. Não víamos nem ouvíamos aves nem mamíferos. Algumas rezes de uma fazenda próxima agrupavam-se, ruminando, sob a larga copa das árvores. O próprio solo escaldava debaixo dos pés a apressámo-nos para a sombra da floresta que víamos a pouca distancia. Quando aí penetrámos afinal, que alívio!

Encontrámo-nos em um caminho de pequena largura, uma aléa onde os ramos das árvores se entrecruzavam acima de nossas cabeças, dando uma sombra deliciosa. A floresta era, a princípio, de formação recente, muito densa e quasi impenetravel. O solo, em vez da alfombra de grama e relva como nas selvas da Europa, era completamente atapetada de licopódios (Selaginelas) (76). Aos poucos a cena foi mudando. Descíamos suavemente de uma área arenosa, seca e elevada para uma região baixa e alagadiça. Uma aragem fria nos acariciava o rosto, trazendo o bafio que se desprendia da vegetação a apodrecer. As árvores eram agora mais altas e o su-

---

to caracteristica de suas fôlhas: divergindo da base, as nervuras novamente se reúnem no ápice (tipo curvinervo). São bem conhecidas as flores de quaresma que emprestam um aspecto tão interessante a algumas regiões com suas flores de um roxo vivo. Na classificação de Engler estão na ordem Myrtifloras.

(75) As Mirtáceas constituem uma grande família com 72 gêneros e 2.800 espécies, principalmente da Austrália e América tropical. É a família a que pertencem as goiabas e araçás, já-boticaba, cambucá. É a família tipo da ordem Mirtifloras.

(76) As selaginelas pertencem à mesma ordem *Lycopodiales*, mas são de família diferente da dos licopódios, e que é constituída por um só gênero — *Selaginella*. —

bosque menos denso, permitindo-nos vislumbrar a selva de todos os lados. As franças das árvores, das quais dificilmente se encontravam juntas duas da mesma espécie, estavam muito longe de nós, como se fossem de um outro mundo. Só de vez em quando, onde havia uma aberta, percebíamos o recorte da folhagem no claro azul dos ceus. Ora as fôlhas eram palmadas, com a forma de grandes mãos abertas, ora finalmente recortadas à semelhança das fôlhas das mimosas. Viam-se em baixo, por toda parte, os troncos enfeitados pelos cipós, as hastes lenhosas e flexuosas das lianas, cuja folhagem aparecia muito alto, misturando-se com as das mais altas árvores. Umias estendiam-se como cabos, outras apresentavam espessos caules contorcidos de todos os modos possíveis, enrolando-se como serpentes em torno dos troncos ou formando alças e volutas gigantescas entre os ramos principais; outros ainda, tinham a forma em zig-zague ou denteada como os degraus de uma escada, erguendo-se até uma incomensuravel altura (77).

Uma das coisas que achei mais interessante foi saber que essas lianas não formam uma família particular. Não há um grupo distinto de plantas especialmente trepadeiras, mas espécies das mais variadas famílias, cujo conjunto é de plantas sem tal aptidão, parecem ter sido levadas pelas circunstâncias a adotar êste hábito. As ordens Leguminosae, Guttiferae, Bignoniaceae, Moraceae e outras fornecem o maior número (78). Há mesmo um gênero de palmeiras trepadeiras (*Desmoncus*), cujas es-

---

(77) Refere-se o autor aos cipós vulgarmente conhecidos por cipó-escada, escada-de-jaboti e também, em alguns lugares, por matamatá, plantas escandentes de várias espécies do gênero *Bauhinia* (Leguminosae da subfamília Cesalpinoideae), de fôlhas bilobadas.

(78) No tempo de Bates ainda não havia terminação uniforme para os nomes de famílias vegetais. E' interessante que o autor ora se refere às famílias como tais, ora lhes dá, como aqui, o carater de ordens. Mas atualmente são todas as quatro famílias, de ordens (realmente) bem distintas. (Fig. 4).

pécies são conhecidas em lingua tupi por jacitara. Apresentam elas hastes muito espinhosas, flexuosas, que se estendem de uma árvore a outra, pelo alto, e alcançam um tamanho incrível. As fôlhas que têm a forma característica da família, surgem com longos intervalos, em vez de formar a densa coroa apical, e são providas de certo número de longos espinhos recurvos apicais. Tais órgãos são excelentes auxiliares que permitem à jacitara agarrar-se em sua ascensão, mas são muito incômodos para o viajante, pois às vezes pendem sôbre a estrada e se prendem às roupas e ao chapéu, arrancando êste ultimo ou rasgando aquelas (79). O número e variedade de trepadeiras nas florestas amazônicas são interessantes, postos em comparação com a tendência muito geral dos animais de se tornarem igualmente escansores.

Todos os macacos da Amazônia, aliás todos os da América do Sul, são arborícolas. Não há grupo que corresponda aos babuinos do Velho Mundo, que vivem no chão. Os Galináceos da região, representantes dos galos e faisões da Asia e da Africa, estão bem adaptados, pela posição dos dedos, a empoleirar-se nas árvores, e só nas árvores, a uma grande altura, é que são vistos (79 A). Um gênero de Carnívoros plantigrados, aliado aos ursos (*Cercoleptes*), só encontrado nas florestas da Amazônia (79 B), é inteiramente arborícola e possui uma longa cauda flexível, como a de certos monos. Poderíamos citar muitos outros casos semelhantes, mas re-

---

(79) A designação comum indígena jacitara cabe a todas as espécies do gênero *Desmoncus*. Segundo Barbosa Rodrigues jacitara significa o que agarra a gente. E' também conhecida por titara. No Rio de Janeiro há duas espécies: o côco de cigano (*Desmoncus orthacanthus*) e o côco de veado (*Desmoncus inermis*).

(79A) Quer referir-se Bates aos macucos, jacús e jacutingas.

(79B) Refere-se Bates ao macaco-da-meia-noite (*Potos-flavus*, conhecido pelos autores do tempo de Bates por *Cercoleptes caudivolutus*).

feriremos somente os Geodeófagos (80) ou besouros carnívoros do solo, com uma grande proporção de gêneros e espécies que, nessas regiões de floresta, estão, pela estrutura de suas patas, adaptados a viver exclusivamente nos ramos e fôlhas das árvores.

Muitos cipós pendentes das árvores, não são trepadeiras mas raízes de plantas epífitas (Aráceas), situadas nos ramos mais robustos das árvores, e que pendem como fios de prumo (81). Alguns estão isolados, outros formam tufos; uns param a meia altura, outros alcançam o solo, emitindo radicelas na terra. O subosque, nesta parte da floresta, era formado de plantas mais novas, das mesmas espécies que seus gigantescos vizinhos e de palmeiras de muitas espécies, algumas com vinte a trinta pés de altura, outras pequenas e delicadas, com estipes que não eram mais grossas que um dedo. Estas últimas, várias espécies de (*Bactris*) (82), produzem pequenos cachos de frutos negros ou ver-

---

(80) Os Geodeófagos de Bates correspondem à primeira subordem de besouros (Coleópteros), conhecida atualmente como Adéfagos, e compreendendo uma única superfamília, dos *Caraboidea*. A observação do autor refere-se especialmente à família típica desta sub-ordem os Carábidas, importante família de besouros contando mais de 17 mil espécies, espalhadas por todo o mundo. Nas regiões temperadas são quasi exclusivamente terrestres (d'onde a denominação vulgar inglesa de *ground-beetles*), ocorrendo no solo, sob as pedras, no musgo, nos paus podres, e por isso em muitas espécies os élitros se soldam completamente na linha mediana e as asas se atrofiam. Nos trópicos há numerosos gêneros arborícolas, de asas bem desenvolvidas e de voo longo. É uma família de besouros essencialmente carnívoros, tanto as larvas como os adultos.

(81) Estas raízes em cordoalha das Aráceas são conhecidas geralmente por imbés ou cipó-imbé, quasi sempre espécies do gênero *Philodendron*. Barbosa Rodrigues grafa *Icypó guembé*, que traduz por — cipó que trepa. A espécie mais conhecida é o *Philodendron imbe* Schot.

(82) Estas lindas e delicadas palmeiras do gênero *Bactris* são vulgarmente conhecidas na Amazônia por marajás ou marís (seg. Barbosa Rodrigues). Alberto Sampaio cita *Bactris maraja*, *B. concinna*, *B. major*, *B. ersotata*, *B. leptospadix*; e Barbosa Rodrigues: maraj-açu (*Bactris maraja-açu*), maraj-piranga (*B. acanthocarpa*), marairana (*B. sobralensis*) e maraiú (*B. hirta*).

melhos, providos, às vezes, de um suco doce, lembrando o da uva.

Mais adiante o solo se tornou mais pantanoso e tivemos dificuldades em continuar o caminho. A banana selvagem (*Urania amazonica*) começava a mostrar-se (83) e como forma touceiras, dava novo aspecto à paisagem. As folhas dessa linda planta parecem largas lâminas de espada de oito pés de comprimento por um de largura, erguendo-se erectas e alternas no topo de uma estipe de cinco ou seis pés de altura. Numerosas espécies de plantas com folhas do mesmo aspecto, porém menores, cobriam o solo. Entre elas havia espécies de Marantáceas, algumas de largas folhas lusidias, com longos pecíolos, que se destacavam dos nós de uma haste que parecia um caniço (84). Os troncos das árvores estavam cobertos de fetos escandentes e imbés (85) com grandes folhas carnosas cordiformes. Bambús, capins de flecha e caniços curvavam-se sobre o caminho. O aspecto dessa parte da floresta era extremamente bizarra, não havendo uma descrição que possa dar uma noção exata. O leitor, que visitou o jardim botânico de Kew, pode fazer uma ideia, imaginando uma vegetação semelhante à da grande estufa de palmeiras, derramada por

---

(83) O nome de banana do mato cabe a várias Musáceas, principalmente do género *Heliconia*. Parece, porém, que o autor aqui se refere especialmente à *Ravenala guianensis*, também conhecida no Pará por pacova sororoca, tirando a designação científica do texto da que lhe dá Martius.

(84) Constituem as Marantáceas pequena família de Monocotyledóneas, de plantas herbáceas, perenes, com folhas disticas, penínervas, assimétricas e com o pecíolo singularmente entumecido no lugar de união com o limbo, caracter que permite reconhecê-la desde logo. São as Marantáceas conhecidas na Amazônia por arumãs, uarumãs ou guarumãs (segundo Barbosa Rodrigues de *ut tala* e *umá*, por *ibá*, árvore — árvore de que se tiram talas). Alberto Sampaio dá para arumã as tres espécies *Ischnostiphon aruman*, *I. simplex* e *I. obliquus*.

(85) Veja-se a nota 81.

imensa extensão de um solo pantanoso, mas misturada com grandes árvores exógenas (86), semelhantes aos nossos carvalhos e olmos, cobertas de trepadeiras e parasitas, e, completando o quadro, imaginar o solo atravancado de troncos caídos, ramos secos e fôlhas a apodrecer, o todo iluminado por um esplendido sol a pino e fumeante de umidade.

Nestas brenhas úmidas receiávamos esbarrar a cada passo com algum réptil peçonhento. Mas não vimos nenhum durante esta primeira visita, embora eu viesse a verificar mais tarde que as serpentes são comuns aí. Não percebemos sinais de animais maiores e vimos poucas aves. Os insetos são mais numerosos, especialmente as borboletas. A espécie mais vistosa era uma grande *Morpho* brilhante, azul e negra (*Morpho achilles*, de Línceu) (87), que mede seis polegadas ou mais de envergadura das asas. Vinha pela estrada em ritmo rápido e com vôo ondulante, mas antes de chegar ao ponto onde estávamos parados, penetrou na mata. Outra espécie era a linda *Papilio sesostris*, de um negro veludoso, com grande mancha verde setinosa nas asas. Só o macho apresenta este colorido; a fêmea é de tom mais uniforme e totalmente diferente, de modo que foi considerada como espécie distinta, até que se provou o contrário. Várias outras espécies afins habitam quasi exclusivamente estas brenhas úmidas. Em todas elas os machos são de brilhante colorido e muito diferente das fêmeas. Tais são *Papilio aeneus*, *P. vertumnus* e *P. lysander*, todas de um negro

---

(86) Emprega o autor a designação exógenas no sentido que lhe dá Lindley no seu Sistema de classificação publicado na obra "O Reino Vegetal". Dividia este botânico inglês as plantas de flor em cinco classes, correspondendo suas Exógenas às atuais Dicotiledoneas.

(87) Refere-se o autor à linda borboleta de um azul setinoso, conhecida vulgarmente no Rio de Janeiro como capitão-do-mato. (Fig. 5).

aveludado e com manchas verdes e carmezins nas asas (88). As fêmeas dessas espécies não voam em companhia dos machos, mas se encontram adejando devagar nos pontos onde a sombra é menos densa. Nas partes úmidas vêem-se muitos machos, às vezes quatro espécies juntas, percorrendo os labirintos da mata e subindo de vez em quando a pousar nas flôres escarlates das trepadeiras, perto das franças das árvores. Encontra-se acidentalmente um ou outro desgarrado nas localidades frequentadas pelas fêmeas. Nos lugares mais alagados vimos bandos de *Epicalia ancea* (89), uma das borboletas de mais rico colorido, negra, com largas faixas azuis claras e alaranjadas. Gostavam de pousar nas fôlhas largas das *Uranias* (e plantas parecidas), onde vinha refletir-se um raio de sol, mas eram excessivamente ariscas, fugindo com a velocidade de um raio, quando nos aproximávamos.

Para ter-se uma boa noção do número e variedade dos animais dessas matas é preciso continuar a pesquisa meses e meses, explorando-as em diferentes direções, em todas as estações. Durante vários meses eu costumava visitar êsse distrito dois ou tres dias por semana, e nunca deixei de obter alguma espécie de ave, réptil ou inseto nova para mim. Parecia ser um epítome de tudo o que as porções úmidas das matas do Pará podiam produzir. Esta infinita diversidade, a frescura do ar, as formas estranhas e variadas de vegetação, a ausência completa de mosquitos e outros sevandijas, e mesmo o silêncio e

---

(88) *Papilio aeneas* é uma borboleta negra, com uma grande mancha verde-esmeralda clara na borda inferior da asa anterior, e uma mancha carmezim na base da posterior e com pequenos lúmulas brancas nas franjas das asas. *Papilio vertumnus* é muito parecida com a anterior, mas com a mancha verde bem mais escura e baça. Em *Papilio lysander* a mancha verde da asa anterior é larga na base e forma um triângulo agudo.

(89) A *Epicalia ancea*, *Nessaea obrinus* da nomenclatura atual, é uma borboleta da família *Nymphalidae*.

semiobscuridade solenes se combinavam para tornar meus passeios por aí sempre agradáveis e proveitosos. Tais sítios são paraísos para um naturalista, e se é um contemplativo, não há situação mais favorável para abandonar-se a êsse pendor. Há algo na floresta tropical que produz na alma efeitos semelhantes aos do oceano: o homem sente igualmente sua completa insignificância diante da vastidão da natureza. Um naturalista não pode deixar de refletir sôbre as fôrças vegetais que se manifestam em redor numa escala tão elevada.

Um viajante alemão, Burmeister (90) disse, que a contemplação de uma selva brasileira lhe produzia dolorosa impressão, porque a vegetação manifestava um espírito de inquieto egoísmo, da mais vehemente emulação e astúcia. Achava êle que a doçura, regularidade e calma do cenário florestal europeu eram muito mais agradáveis, e que isso constituía um dos motivos da superioridade moral do carater das nações européas.

---

(90) Hermann Burmeister nasceu em 15 de janeiro de 1807 em Stralsund, Alemanha, doutorando-se em filosofia e dedicando-se especialmente à entomologia. Na Alemanha publicou o seu tratado clássico de Entomologia que ainda presta serviços aos taxonomistas. Em 12 de setembro de 1850 chegou pela primeira vez à América do Sul. Depois de curta demora no Rio, onde teve o ensejo de conhecer e receber todas as facilidades para a sua missão, dadas pelo jovem imperador, seguiu para Minas Gerais, em busca dessa Lagoa Santa de que já se falava na Europa. Af, num lamentável acidente, partiu a perna, demorando-se cinco meses em companhia de Lund, de 2 de junho de 1851 até fins do mesmo ano. Voltou então para o Rio de Janeiro e d'af para a Europa, em princípios de 1852. Quatro anos depois voltou Burmeister para a América do Sul, dirigindo-se desta feita à República Argentina, por onde realizou longa e proveitosa viagem. De regresso à pátria, foi convidado mais tarde pelo Governo Argentino para dirigir o Museu de História Natural de Buenos Aires, cargo que occupou até sua morte em 2 de maio de 1892. Pouco antes estivera no Rio de Janeiro, comissionado pelo Governo Argentino para trazer e armar os esqueletos de *Machalrodus* (o tigre fossil americano) e *Mulodon* (grande xenarthro fossil). De sua viagem pelo Brasil resultam dois livros muito lidos e de grande interesse para o Brasil: *Compendio dos animais do Brasil e Illustrações para a Fauna do Brasil*,

Nestas matas tropicais cada planta, cada árvore parece lutar para sobrepujar a companheira, esforçando-se por erguer para o ar e para a luz o ramo, a fôlha, a flor, sem consideração com as vizinhas. Vêem-se plantas parasitas segurando-se com robustas garras em outras, empregando-as com descuidada indiferença, como instrumentos para sua ascensão. Viver e deixar viver não é a máxima ensinada nessas brenhas. Há uma espécie de árvore parasita, muito comum perto do Pará, que apresenta essa particularidade de maneira muito saliente. Chamam-na cipó matador (91). Pertence à ordem do figo e foi descrita e figurada por Martius no Atlas das Viagens de Spix e Martius (92). Observei muitos exemplares. A base de seu caule seria incapaz de sustentar o peso das partes superiores; é obrigado, portanto, a arrimar-se a uma árvore de outra espécie. Nisso não é essencialmente diferente das outras trepadeiras, mas o modo pelo qual o matador se segura lhe é peculiar e certamente produz uma impressão desagradável. Surge junto da árvore em que pretende fixar-se e o lenho de sua haste cresce, formando um molde plástico de um dos lados do tronco de seu suporte. Emite então, de cada lado, um ramo que cresce rapidamente, como se um fluxo de seiva estivesse correndo e endurecendo-o, à proporção que ele caminha. Cada ramo adre estreitamente ao tronco da vítima e os dois braços se reúnem do lado oposto, onde se fundem. Tais braços surgem com intervalos regulares, à medida que a planta sobe, e a vítima, quando o estrangulador completou seu desenvolvimento, é apertada por um certo número de aneis inflexíveis. Tais aneis

---

(91) A designação do cipó matador cabe indistintamente a um grande número de espécies do gênero *Ficus*, encontradas em todo o Brasil tropical.

(92) Damos uma reprodução da figura do matapau ou cipó matador, do Atlas da viagem de Spix e Martius. (Fig. 6).

vão aumentando quando o matador floresce, erguendo para os céus sua coroa de fôlhas misturada à de sua vítima, que acaba matando, por paralizar o fluxo da seiva. Persiste apenas o estranho espetáculo da parasita apertando em seus braços o corpo sem vida e em decomposição de sua vítima, que a auxiliou durante o seu crescimento. Seus fins foram conseguidos: floresceu e frutificou e propagou a espécie; e agora, quando o tronco morto apodrece, seu próprio fim está próximo; desfeito o suporte, ela cai também.

O cipó matador apresenta apenas, de maneira mais saliente, a luta que forçosamente existe entre as formas vegetais destas florestas atravancadas, nas quais o indivíduo luta com o indivíduo e a espécie com a espécie, esforçando-se todos por alcançar a luz e o ar onde desdobrem suas fôlhas e desenvolvam seus órgãos de frutificação. Todas as espécies acarretam, nas suas lutas, a injúria ou destruição de muitos de seus vizinhos ou dos que lhe servem de suporte, mas o processo não chama tanto a atenção como no caso do matador. Os esforços para estender as raízes são tão estrénuos em algumas plantas como nas outras para subir. São sinais desses esforços aparentes os troncos com botareus, as raízes aéreas bambaleantes e outros fenômenos parecidos. A competição entre os seres organizados foi descrita de modo magistral por Darwin na "Origem das Espécies" (93). É um facto que sempre se deve ter em vista quando se estudam êstes assuntos. Ela existe em toda parte, em qualquer zona, tanto no reino animal como no vegetal. Indubitavelmente é mais grave, em

---

(93) A primeira edição do célebre livro de Darwin, cujo título completo é "A Origem das Espécies por meio da seleção natural ou Preservação de raças favorecidas na Luta pela vida", foi publicada em 1859; a segunda é de 1860. Depois vieram inúmeras outras, quasi em todas as linguas.

conjunto, nas regiões tropicais mas o apresentar-se nas formas vegetais da mata não é fenómeno excepcional. Apenas aí se apresenta de maneira mais assinalada, talvez porque afeta principalmente os órgãos vegetativos — raiz, caule e folhas —, cujo crescimento é igualmente estimulado pela luz intensa, pelo calor e pela umidade.

A competição existe também nas regiões temperadas, mas está oculta sob a aparência externa de paz, apresentada pela vegetação. É que em casos tais, talvez afete de preferência os órgãos de reprodução em vez dos vegetativos, e especialmente as flores, que são elementos muito mais decorativos nos bosques das elevadas altitudes que nas selvas tropicais. Mas isto é um assunto muito difícil e demanda ulterior investigação.

Penso que há muita coisa na natureza tropical suficiente para apagar qualquer impressão desagradável que a energia inquieta da vegetação possa produzir. A incomparável beleza e variedade da folhagem, as cores vivas, a riqueza e a exuberância que se notam por toda parte e que fazem, na minha opinião, o mais rico cenário florestal do norte da Europa parecer um deserto estéril, é uma delas. Mas é especialmente a alegria de viver, manifestada de modo tão nítido por todos os indivíduos, que compensa a destruição e a dor causadas pela inevitável competição. Embora essa competição aí seja mais ativa e mais numerosos os perigos a que cada indivíduo está exposto, a alegria de viver é sentida com ardor mais intenso (94).

---

(94) As impressões dos naturalistas, pela selva tropical são muito descontraídas, mas os que ficam deslumbrados e, do regresso às regiões temperadas, guardam a lembrança de seus encantos "como de uma história ouvida na meninice da qual apenas ficassem impressões comparáveis às de um sonho atravessado por figuras indistintas mas admiráveis" é muito maior do que os que se mostram tão falsos como Burmeister. Em meu livro "A Vida na Selva", resumi as impressões dos grandes naturalistas que nos visitaram.

Se a vegetação tivesse sensações pode-se imaginar que seu rápido e vigoroso crescimento, não interrompido pelo sono frio do inverno, deveria ser uma fonte de prazer para seus indivíduos.

Nos animais a mútua competição pode ser maior, por isso que as espécies predadoras estão mais constantemente à espreita do que nos climas temperados, mas em compensação não há uma luta periódica mais grave durante as estações inclementes. Nos sítios cheios de sol em certas estações, as árvores e o ar estão em festa, enchendo-se de aves e insetos, em plena alegria de viver. O calor, a luz do sol e a abundância de alimentos produzem seus resultados sobre a animação e vivacidade dos seres que se congregam.

Não devemos também deixar de considerar as roupagens sexuais — as côres brilhantes e a ornamentação dos machos as quais, existindo na fauna de todos os climas, atingem o maior grau de perfeição nos trópicos. Isto parece contribuir para o prazer na época dos amores.

Acho que é uma noção pueril a de muita gente, de que a beleza das aves, insetos e outras criaturas tenha sido preparada para agradar à vista humana. Uma pequena observação e um momento de reflexão logo demonstram que isto não é verdade. Por que então só um sexo é ricamente ornamentado, ficando o outro vestido de pardo ou de cinzento? Seguramente a rica plumagem, o canto, bem como todos os outros dotes das espécies lhes são dados para seu próprio prazer e vantagem. Isto, sendo verdade, nos leva a ampliarmos nossas idéas sobre a vida íntima e as mútuas relações de nossos companheiros mais humildes da criação.



Saimos finalmente da mata às margens do Una, perto da foz, onde ele tinha umas 100 jardas de largura.

A residência do senhor Danin ficava do lado oposto: um grande edifício, caiado de branco e coberto de telhas vermelhas, erguido, como de costume, sôbre pilares de madeira a certa altura do solo alagadiço. O segundo andar era a parte ocupada pela família, onde trabalhavam homens e mulheres. Em baixo havia vários negros, carregando barro na cabeça. Pedimos um bote, e um deles atravessou o rio para levar-nos. O senhor Danin recebeu-nos com a polidez formal dos portugueses. Falava muito bem o inglês e, quando concluimos nosso trato, ficámos conversando com êle sôbre vários assuntos da região. Como todos os patrões da província, queixava-se da falta de braços. Parece que tinha feito grandes esforços para introduzir trabalhadores brancos, mas fôra mal sucedido, depois de ter mandado vir muita gente de Portugal e outros países para trabalhar como empregados. Todos o abandonaram pouco tempo depois de chegados. A abundância da terra sem dono, a liberdade existente, o estado de coisas produzido pela vida semi-selvagem nas montarias e a facilidade com que se pode obter a subsistência com pouco trabalho, tentam mesmo os mais bem intencionados a abandonar o trabalho regular logo que podem.

Queixou-se também da carestia dos escravos, devida á proibição do tráfico africano, dizendo-nos que antes se podia comprar um escravo por 120 dólares e agora era difficil obtê-los a 400.

O senhor Danin nos disse que viajara pela Inglaterra e Estados Unidos, e que tinha agora dois filhos completando sua educação nêsses países. Conheci depois muitas pessoas empreendedoras, como o senhor Danin, tanto brasileiros como portugueses; sua grande ambição era fazer uma viagem á Europa e á América do Norte e mandar os filhos para serem educados aí. O terreno onde fôra

construída a sua casa, disse-nos êle, era uma elevação artificial; um dos angulos da casa estava situado em um promontório sôbre o rio, obtendo-se assim esplêndida vista, da sala de estar, para a cidade e para o pôrto. Soubemos que o sítio fôra antes uma grande e florescente fazenda de gado, com largas pastagens bem tratadas como um parque. Aos domingos aí acorriam alegres bandos de 40 e 50 pessoas, vindos por terra e por água, em carros e galeotas, para passar o dia com o hospitaleiro dono. Depois das desordens políticas a que já me referí, êste e varios outros grandes estabelecimentos caíram em decadência. Os campos cultivados e as estradas que aí levavam foram completamente cobertos por densa floresta.

Quando estávamos prontos para sair, o senhor Danin mandou uma canoa e dois negros para levar-nos à cidade, onde chegámos ao entardecer depois de um dia rico em novas experiências.

Pouco depois entrámos na posse de nossa nova moradia. A casa era um edificio quadrado, com quatro salas do mesmo tamanho. O telhado projetava-se, formando em tôrno do edificio uma larga varanda, fresca e agradável para o trabalho. O quintal, que parecia recentemente roubado à floresta, era plantado de árvores frutíferas e de pequenos trechos com roças de café e mandioca. Entrava-se por um portão de ferro, que dava para uma praça gramada, em tôrno da qual estavam as poucas casas e mucambos cobertos de palha, que então formavam a aldeia. O edificio mais importante era a capela de Nossa Senhora de Nazaré, que se erguia defronte de nossa casa. A Virgem aí entronizada era de grande devoção de todos os católicos paraenses, que lhe atribuem muitos milagres. Via-se no altar uma linda imagem de uns quatro pés de altura, com uma

coroa de prata e manto de seda, recamado de estrelas de ouro. Dentro e em tórno da capela estavam os exvotos, testemunhas dos milagres por ela realizados. Havia modelos de pernas, braços, seios, que ela curara. Mas o mais curioso de todos era um bote, aí depositado pela guarnição de certa nau portuguesa, que naufragara ao largo de Caiena, durante uma tempestade, um ou dois anos antes de nossa chegada. Parte da tripulação se salvara no bote, tendo invocado a proteção da Virgem aqui venerada. A festa anual em honra de Nossa Senhora de Nazaré é o maior dos dias santos do Pará. Muitas pessoas para lá acorrem, até da cidade do Maranhão, a umas 300 milhas de distância. De uma feita o presidente fez o paquete demorar-se dois dias no Pará, por conveniência dêsses visitantes. Deve-se essa popularidade, em parte, ao bom tempo reinante, pois ela tem lugar em meados da boa estação, nos dez dias que precedem a lua cheia de outubro ou novembro. O Pará apresenta então o seu melhor aspecto. O tempo não é demasiadamente sêco pois nunca se passam tres semanas seguidas sem um aguaceiro, de modo que toda a beleza da verdura e das flores pode ser apreciado com ceu claro. As noites de lua cheia são então particularmente formosas, com a atmosfera clara e transparente e uma agradável frescura, trazida por leve brisa marinha.

Instalámo-nos então para alguns mêses de trabalho regular. Tínhamos a floresta de tres lados; estava-se no fim da estação chuvosa; as aves, em sua maioria, tinham acabado a muda, e cada dia os insetos aumentavam em número e variedade. Atrás da rocinha, ao cabo de alguns dias de exploração, encontrei uma série de verdadeiras na floresta, que levavam à estrada do Una. A meio

caminho ficava a casa onde os célebres viajantes Spix (95) e Martius (96) tinha residido em 1819, durante a sua estada no Pará (97). Atualmente estava abandonada, e as plantações cobertas de mato. Os caminhos dos

(95) João Batista von Spix nasceu em Hochstaedt, em 1781. Estudou Teologia no seminário de Würzburg, mas deixou a carreira eclesiástica, dedicando-se ao estudo da História Natural, sobretudo da Zoologia e em 1807 (aos vinte e seis anos) recebeu uma bolsa de estudos em Paris. De volta a Munique publicou, em 1811, sua "História e apreciação de todos os sistemas de Zoologia". Em 1817 foi nomeado pelo Governo da Baviera para acompanhar ao Brasil a princesa D. Leopoldina d'Austria que trazia em seu séquito luzida plêiade de sábios. Quatro anos durou a viagem de Spix e Martius pelo Brasil. Regressando à pátria, publicou sobre nossa fauna os seguintes tratados: *Simiarum et Vespertilionum brasiliensium species novae*, "*Avium species novae*", "*Species novas testudinum et ranarum Brasiliae*", e "*Testacea fluviatilia que in itinera per Brasiliem colligerunt J. B. Spix et C. F. P. Martius*". Isso mostra o imenso trabalho a que se entregou, pois todos estes tratados foram escritos em menos de quatro anos. No dia 13 de março de 1826 faleceu em Munique.

(96) *Carlos Frederico Felipe von Martius* nasceu em Erlangen (Baviera) no dia 17 de abril de 1794. Aos dezoito anos formou-se em Filosofia na Universidade de Munique, defendendo tese intitulada "*Plantarum horti academici Erlangensi enumeratio*". Aos vinte e cinco anos foi nomeado assistente de Schrank, inspetor do jardim botânico de Erlangen. Em 1816 passou a professor adjunto da Academia de Erlangen. Um ano mais tarde veio ao Brasil na comitiva da princesa D. Leopoldina, com seu amigo Spix. Voltou para a Europa em 1820 e dois anos depois começou a publicação do seu magnífico livro "*Viagem pelo Brasil*", que só foi terminado em 1831, obra cuja tradução foi patrioticamente publicada pelo Instituto Histórico no ano de 1838. Como resultado de sua viagem publicou Martius: "*Nova genera et species plantarum brasiliensium*" (1827-1832), 3 vols.), "*Historia naturalis palmarum*" (3 vols. 1824-1853) e foi o redator dessa admirável "*Flora Brasiliensis*", que só veio a terminar sua publicação quasi cinquenta anos depois de sua morte, tendo sido continuada por Eichler e Urban. Em carta ao Sr. Paulo Barbosa da Silva, escrevia ele: "Ainda alguns anos; depois dormirei no chão destas pacíficas montanhas; mas algumas pessoas do Brasil dirão: "Morreu um alemão, um sábio e ativo lente, que trabalhou entre nós e amou a nossa gente". A viagem de Spix e Martius está resumida em meu livro "*História das Expedições científicas no Brasil*".

(97) No fim do segundo volume de narrativa de sua viagem escreve Martius: "Logo após o desembarque fomos visitar s. ex. o governador geral, conde de Vila-Flor, que nos deu as mais cordiais boas-vindas, não só em consideração às reais cartas de recomendação, mas também por sentimento próprio e de cooperação científica; durante nossa longa permanência na sua provincia, honrou-nos com as mais lisongeiros provas de boa vontade e confiança. Por sua instigação, ainda nessa mesma tarde nos alojá-

arredores davam-nos farta colheita de insetos e, sendo completamente sombreados, eram muito agradáveis de percorrer. Perto de nossa porta começava a estrada principal da mata. Era bastante larga para permitir a passagem de dois cavaleiros, e ramificava-se em tres direções, indo o ramo principal até Ourém, a umas cinquenta milhas de distância. Antes essa estrada chegava até ao Maranhão, mas esteve muito tempo sem ser trafegada, sendo obstruída pelo mato, e hoje mal pode ser percorrida entre o Pará e Ourém.

Nossas pesquisas foram feitas em várias direções por essas veredas, e todos os dias nos proporcionavam certo número de espécies novas e interessantes. Nosso tempo era todo tomado pelo trabalho de coligir e preparar os espécimes e em tomar notas. Os dias eram tão semelhantes uns aos outros, que uma descrição geral dos incidentes diuturnos, incluindo a sequência dos fenômenos naturais, será suficiente para dar uma ideia de como os naturalistas passavam os dias no equador.

Costumávamos levantar-nos logo depois do naseer do sol, quando Isidoro, depois de servir-nos uma xícara de café, ia à cidade buscar os mantimentos frescos para o consumo diário. As duas horas antes do almoço eram dedicadas à ornitologia. Nessa primeira parte da manhã o ceu estava sempre límpido (o termômetro marcando

---

mos na aprazível vivenda do sr. coronel Ambrósio Henriques, distante um quarto de hora da cidade, e que se nos oferecia hospitaleira. Quando pela primeira vez acordámos aqui, abrimos o postigo de nosso quarto; resplandecia o sol, como em triunfo, no azul profundo do céu; o campo estendia-se cintilante de orvalho; e o sussurro das palmeiras, agitadas pela aragem, acompanhava o hosana, entoado pelo canto de bandos de pássaros. Comparticipámos, então, da soberba festa da natureza, enlevados, fortalecidos, como que sagrados para mais nobres aspirações e mais altos gozos!" E começa o último capítulo de sua obra com estas palavras: "De novo na solitária rocinha, de volta das canseiras de uma viagem de nove meses, não podemos encontrar o sossego que seria para desejar".

72° ou 73° Fahr.); as gotas de orvalho ou da chuva da noite anterior, que se depositavam nas fôlhas úmidas, eram rapidamente evaporadas pelo sol brilhante que, elevando-se em linha reta a leste, subia rapidamente para o zénite. A natureza inteira era louçã, expandindo-se rapidamente os botões de flores e os rebentos novos. Algumas vezes, pela manhã, aparecia uma árvore toda coberta de flores, no meio do que, na véspera, era um maciço verde da floresta — como se uma cúpula florida se tivesse repentinamente criado por magia. Todas as aves estavam em atividade e das fruteiras silvestres próximas ouvíamos frequentemente o grito estrí-dulo dos tucanos (*Rhamphastos vitellinus*). Quasi todas as manhãs passavam, voando muito alto, pequenos bandos de papagaios, destacando-se no ceu azul, sempre aos pares, a palrar, separados uns dos outros por intervalos regulares. Na altura em que iam não era possível apreciar-lhes o brilhante colorido. Depois do almoço dedicávamos o tempo, das 10 da manhã às tres da tarde, à entomologia, pois o melhor tempo para os insetos na mata é um pouco antes da canícula.

Os insetos não eram então muito numerosos, embora pertencessem a uma grande variedade de espécies. Os únicos que apareciam em numerosos bandos eram as formigas, cupins e certas especies de vespas sociais. Nos lugares descampados as lavadeiras eram também muito abundantes. Os besouros apareciam numa proporção muito menor de indivíduos do que na Inglaterra, e isso nos levou a concluirmos que aí as formigas e cupins devem exercer muitas das funções que são peculiares aos coleópteros nos climas temperados. Quanto às borboletas, extraio, de entre muitas outras do mesmo teor, a seguinte nota do meu diário: “*Terça-feira* — Coligidos 46 exemplares de 39 espécies. *Quarta-feira* — Trinta e

sete exemplares de 33 espécies, 27 das quais são diferente das apanhadas no dia anterior”.

O número de indivíduos seria maior se eu tivesse computado todas as espécies mais comuns, mas mesmo assim fica bem estabelecido o facto de haver uma grande pobreza de indivíduos, relativamente à riqueza de espécies, quer nos Lepidópteros, quer nos Coleópteros.

Raramente vimos lagartãs. Depois de alguns anos de observação, cheguei à conclusão de que a propagação destas criaturas era muito reduzida pela perseguição tenaz dos animais insetívoros, que são muito numerosos na região. O ataque se dá em todos os períodos do desenvolvimento: nos ovos, nas larvas, nos insetos perfeitos.

O calor aumentava rapidamente por volta das duas horas (92° e 93° Fahr.), calando-se todas as vozes das aves ou dos mamíferos. Ouvia-se apenas nas árvores, de quando em vez, o estrídulo zangarreio de uma cigarra. As fôlhas, úmidas e frescas de manhã, apresentavam-se agora murchas e pendentes; as flores se despetalavam. Quando voltávamos para casa, cansados do passeio, nossos vizinhos, índios e mulatos das palhoças abertas, ou dormiam nas redes ou ficavam sentados à sombra, sem fôrças nem para falar. Quasi todos os dias de junho e julho caía um aguaceiro á tarde, trazendo a mais abençoada frescura. A aproximação das nuvens carregadas tinha lugar de maneira uniforme e era muito interessante de observar. A princípio a brisa fresca do mar, que começava a soprar, e que aumentava à medida que o sol esquentava, ia amainando até parar. O calor e a tensão eléctrica da atmosfera tornavam-se quasi insupportaveis. Todos eram tomados de abatimento e mal estar, que se manifestava até nos movimentos dos habitantes da selva. Apareciam a leste nuvens brancas, que pas-

savam a cúmulos, com crescente negror de suas porções inferiores. Toda a porção oriental do horizonte tornava-se quasi repentinamente negra e, estendendo-se para cima, acabava por escurecer o sol. Ouvia-se o ruido do tufão que perpassava pela floresta, agitando as franças das árvores; um relâmpago rasgava as nuvens, ribombava o trovão, e caía uma chuva torrencial. Essas tempestades passavam depressa, deixando no ceu, à noite, nuvens paradas, de um negro-azulado. Mas toda a natureza refrescava, vendo-se sob as árvores montes de pétalas e de fôlhas caídas.

À tardinha a vida recomeça, no rumorejo que se ouve nas árvores e silvedos. Na manhã seguinte ergue-se de novo o sol num ceu escampo, e assim se completa o ciclo: primavera, verão, e outono num só dia tropical. Nesta zona os dias são mais ou menos iguais durante todo o ano. Nota-se apenas uma pequena diferença entre as estações de sêca e de chuvas; mas em geral a estação sêca, que vai de julho a dezembro, é, de vez em quando, cortada por aguaceiros, e a das chuvas, de janeiro a junho, tem seus dias de sol. D'aí resulta que os fenômenos periódicos das plantas e animais não se passam ao mesmo tempo para todas as espécies ou todos os indivíduos, de uma mesma espécie, como estamos habituados a observar nos climas temperados. Não há hibernação e, como a estação sêca não é excessiva, também não se nota aquele torpor observado em outras regiões tropicais. As plantas não florescem ou se desfolham simultaneamente, nem as aves mudam, acasalam, ou nidificam numa época certa. Na Europa a paisagem tem os seus aspectos de primavera, verão, outono e inverno. Nas florestas equatoriais o aspecto é mais ou menos o mesmo em todos os dias do ano: há sempre, nesta ou naquela espécie, novos rebentos, flores,

frutos, fôlhas murchas. A atividade das aves e insetos não sofre interrupções, cada espécie tendo o seu ciclo próprio. As colônias de vespas, por exemplo, não morrem anualmente, deixando só as rainhas, como nos climas frios, mas a sucessão de gerações e colônias é ininterrupta. Nunca há primavera, verão ou outono, mas cada dia é uma combinação das tres estações. Com o dia e a noite sempre da mesma duração, as perturbações atmosféricas do dia se neutralizam antes da manhã seguinte. Com o sol fazendo igual trajeto no ceu, e a temperatura média conservando-se quasi inalterada, apenas com uma diferença de dois ou tres graus o ano todo, como é grandiosa em seu perfeito equilibrio e simplicidade, a marcha da Natureza no equador! (98)-

Em geral, nossas tardes eram inteiramente ocupadas a conservar as coleções e a tomar notas. Jantávamos às quatro da tarde e tomávamos chá às sete. Às vezes íamos à cidade observar a vida dos brasileiros ou gozar a convivência de europeus e norte-americanos. E assim passou o tempo de 15 de junho a 26 de agosto. Durante êsse período fizemos duas excursões mais longas ao arrozal e à serraria de Magoarí, propriedade de um americano, Upton, situada às margens de um igarapé, no coração da floresta, a umas 12 milhas do Pará. Vou contar alguns dos incidentes dessas excursões e dar um resumo

---

(98) As expressões de Martius afinam com as de Bates. Escreve o grande botânico bavaro: "Pará, 16 de agosto de 1819. Como sou feliz aqui! quão profunda e intimamente ocorre à minha compreensão tanta coisa que antes me era inacessível! A majestade deste lugar, onde todas as forças se congregam, concordes, e ressoam conjuntas em hino triunfal, amadurecem sensações e pensamentos. Quero dizer que melhor compreendo o que é ser historiador da natureza. Aprofundo-me diariamente na grandiosa e inexprimível pulsação de vida da natureza, e, se não consigo compenetrar-me da sua divina essência, entretanto pressinto, em arrebatamento nunca antes experimentado, a idéia de seu esplendor".

das observações mais interessantes sôbre a história natural e os habitantes da selva e de seus cursos d'água.

Nossa primeira viagem foi feita por terra. O igarapé Iritirí, em cujas margens assenta a serra, comunica com o rio Pará por outro maior, o Magoari, de modo que há um caminho por água, mas que faz uma volta de umas vinte milhas. Partimos de madrugada, levando Isidoro conosco. A estrada penetrava imediatamente na mata, logo depois de Nazaré, de modo que em poucos minutos mergulhámos na sombra. Durante certo trecho havia capoeirão, pois a floresta primitiva fôra derrubada perto da cidade; mas já se mostrava impenetrável pelo crescimento muito embastido das árvores novas e pela massa de espinheiros e cipós. Esses maciços fervilhavam de formigas e eram frequentados por uma especie de tangará, passarinho que de vez em quando atravessava a estrada, fazendo estranho ruido, provavelmente devido ao bater das asas, semelhante ao de uma pequena matraça de madeira (99).

---

(99) Em seu interessante livro "A vida animal nos Trópicos", refere-se Chapman, conservador do Museu de História Natural de Nova York, ao tangará que minuciosamente observou em Barro Colorado, confirmando esta primeira presunção de Bates (a quem aliás não se refere) dos sons produzidos pelas asas. "O tangará de Gould" escreve ele, "não é um pássaro canoro: um *pi-úú* insignificante, mas não discordante, um *pi-iuque* e suas variantes, e um suave *xii-pú* formam seu repertório vocal, mas distingue-se dos outros pássaros como "instrumentista". Tais chamados são emitidos somente pelo macho e aparentemente só durante a época da reprodução, fazendo às vezes de canto. Compreendem: um batimento ou estalido, uma pancada breve, um murmúrio, um matraquear, todos estes sons produzidos pelas penas das asas. O estalido se produz quando a ave salta de ramo para outro. Assemelha-se um pouco ao ruído produzido pela percussão de uma cápsula e resulta provavelmente do choque violento e súbito das penas inferiores, umas nas outras. Quando a ave está empoleirada e que se lança levemente para diante, levantando as asas acima do dorso até que estejam a menos de uma polegada, sem se tocar, e que ela faz estalar as remiges e virar as penas superiores, produz um ruido que é ao mesmo tempo estalido e zumbido".

Milha ou milha e meia mais longe, começou a mudar o carater da vegetação, e nos encontrámos no seio da selva primitiva. O aspecto era mui diverso do trecho alagadiço que já descrevi. O solo era mais elevado e ondulado. Já não apareciam as múltiplas plantas de fôlhas largas e compridas das terras úmidas, e havia menos alfombras, embora as árvores estivessem mais separadas. A estrada percorria seis ou sete milhas dessa mata, que se estende ininterrupta até ao Maranhão e em outras direções, ao que nos disseram, até umas 300 milhas para o Sul e para leste do Pará. Em quasi todas as depressões a estrada era atravessada por um córrego, sôbre cujas águas frias, escuras, coloridas pelas fôlhas, havia pontes, feitas de troncos de árvores. O chão era atapetado de selaginelas, mas estava igualmente coberto de espêssa camada de detritos vegetais e de fôlhas mortas. Viam-se esparsos pelo solo frutos de muitas qualidades, entre os quais vários tipos de favas, algumas de vagens de um pé de comprimento, outras chatas e coriáceas, outras duras como pedras. Em certo trecho viam-se em abundancia grandes vasos ôcos de madeira, que Isidoro disse caírem da sapucaia. São chamados vulgarmente cuias de macaco, e são as cápsulas que contêm as sementes, vendidas com o nome de castanha de macaco no mercado de Covent Garden. Na parte superior do vaso há um orificio circular, ao qual perfeitamente se adapta uma tampa natural. Quando as amêndoas amadurecem, a tampa afrouxa e a pesada cuia cai com fragor, espalhando as sementes pelo solo. A árvore que produz êsse fruto (*Lecythis ollaria*) é de imensa altura (100). Apre-

---

(100) São conhecidas pela designação comum de sapucaias várias espécies do gênero *Lecythis*; a do Rio de Janeiro, que forma a bela aléa da entrada principal da Quinta da Boa Vista é *Lecythis pisonis*. As sapucaias do Pará são *Lecythis paraensis* e *L. usitata*. Em seu interessante trabalho *Nomes vulgares de Plantas da Amazônia* diz, em nota, Alberto Sampaio: "Citada

senta grandes afinidades com a castanha do Pará (*Bertholletia excelsa*) cujas sementes estão igualmente encerradas em grandes cápsulas lenhosas; mas estas não têm opérculos e caem inteiras no solo. É este o motivo pelo qual uma castanha é muito mais cara que a outra. A sapucaia, provavelmente, não é menos abundante que a *Bertholletia*, mas suas sementes se derramam na queda e são comidas pelos animais selvagens, enquanto as cápsulas da castanha do Pará são apanhadas inteiras pelos nativos (101).

O que mais chamou a atenção foram as árvores colossais. Em geral tais árvores não são notáveis pela espessura de seus troncos. A altura imensa e uniforme a que atingem, ao esgalhar-se, é um aspecto muito mais digno de nota que a sua grossura, mas com intervalos de cerca de cem braças erguia-se um verdadeiro gigante. Só uma dessas monstruosas árvores pode crescer em tal

---

*Lecythis ollaria* por vários autores, mas segundo A. Ducke esta espécie é da Venezuela". E Ducke é o nosso melhor conhecedor da flora amazônica. A sapucaia e a castanha do Pará (*Bertholletia excelsa*) pertencem à família Lecitidáceas (família que foi destacada das Mirtáceas), toda constituída por grandes árvores tropicais. Diz Willis que o fruto vazio da sapucaia é conhecido por combuca de macaco, porque serve para apanhar-se este animal. Enche-se a combuca de açúcar, o macaco mete a mão, toma o açúcar e depois não pode tirar a mão; a abertura que permite entrar a mão aberta, não basta para a saída da mão fechada, agarrando o açúcar. Virá d'aí a conhecidíssima expressão popular brasileira: *macaco velho não mete a mão em combuca*. A descrição feita por Bates do fruto da sapucaia e do da castanha é perfeita, dispensando maiores esclarecimentos. Segundo Barbosa Rodrigues sapucaia quer dizer fruto (uá) que se abre (puá); diz esse mesmo autor que o nome indígena da castanha do Pará é nhíá, que quer dizer fruto (uá) enrugado (nhí).

(101) Diz o autor que no mercado de Covent Garden vendem as sementes de sapucaia com o nome de castanhas de macaco, mas o nome de castanha do macaco é dado no Pará às sementes de outras Lecitidáceas, especialmente de *Couropita gutanensis*, *C. subsessilis*, *Jugastrum platyspermum*, *J. subcinctum*, *J. depressum*. A castanha do Pará, conhecida na Amazônia simplesmente como castanha ou tovarí (nhíá, segundo Barbosa Rodrigues) é considerada pela maioria dos autores como sendo uma única espécie, mas há quem considere duas: a *Bertholletia excelsa* e *B. nobilis*.

espaço monopolizando o domínio, de modo que apenas os indivíduos de tamanho muito inferior podem crescer a seus pés. Os troncos cilíndricos dessas árvores maiores tinham geralmente 20 a 25 pés de circunferência. Von Martius refere ter medido árvores no Pará, pertencendo a várias espécies *Symphonia coccinea*, *Lecythis* sp. e *Crataeva tapia* (102) com 50 a 60 pés no ponto em que se tornavam cilíndricas. A altura das colossais colunas desses troncos não seria de menos de 100 pés até aos ramos inferiores. Disse-me Mr. Leavens que, na serra, eram frequentemente cerrados troncos de pau-d'arco e massaranduba com cem pés. A altura destas árvores, até ao topo, pode ser calculada em 180 a 200 pés. Onde há alguma, sua vasta copa eleva-se acima das outras árvores da floresta como o zimbório de uma catedral acima dos outros edifícios da cidade.

Particularidade muito notável nestas árvores é o crescimento de projeções tabulares em torno da parte inferior do tronco. Os espaços entre estas saliências, geralmente formadas por delgadas tábuas, formam câmaras espaçosas, comparadas às baías de uma estrebaria

---

(102) O trecho de Martius a que se refere Bates é o seguinte: "Entre todos, porém, estranhámos a grossura monstruosa de muitos troncos, que superam os mais agigantados que havíamos visto antes. Medimos alguns pés de sapucaia (*Lecythis*), pau-d'alho (*Crataeva tapia*) e bacurí (*Symphonia coccinea*) e achámos na extremidade inferior 50 a 60 pés de circunferência, e nas raízes estendidas em volta, como estreladas, mais de cem pés". A respeito das sapucaias já demos à nota 100. O nome comum bacurí é dado a algumas Gutíferas (Clusiáceas) de delicioso fruto, o bacurí do Pará é a *Platonia insignis* Mart.; os do Amazonas são *Moronobea coccinea* (a *Symphonia coccinea* do texto de Martius e Bates) e *M. pulchra* Ducke. "Pau d'alho", diz Alberto Sampaio, "é nome de árvore do sul". Efetivamente chamam no Sul do Brasil pau-d'alho a duas árvores de cheiro aliáceo: a *Gallezia gorarema*, uma Fltolacácea, também chamada guararema, ibirarema ou uburarema, e *Crataeva tapia*, uma caparidácea. Teria Martius encontrado esta última em terras do rio Guamá. E' mais provavel que tivesse dado o nome do sul a outra espécie de *Crataeva* (*C. benthamii*), conhecida na Amazônia pelo nome vulgar de catauari.

— algumas podendo abrigar meia dúzia de pessoas. Percebe-se à primeira vista a sua finalidade, podendo ser comparadas aos contrafortes que sustentam altos muros. Não são peculiares a uma determinada espécie, mas são comuns a quasi todas as árvores mais altas da mata. Explicam-se sua natureza e modo de crescimento, examinando-se uma série de árvores novas, de diferentes idades. Vê-se então que são raízes que se elevaram como cristas, fora do solo, e cresceram gradativamente para cima, à medida que a altura das árvores exigia maior segurança. Assim elas podem sustentar a copa maciça e o tronco nessas florestas densas, onde o crescimento lateral das raízes é dificultado pela multidão de competidores (103).

---

(103) São as sapopembas, tão bem descritas e interpretadas no texto e que correspondem às raízes estreladas de Martius e às raízes tabulares de Massart. E' interessante que os índios já tivessem observado a natureza radicular destes contrafortes de sustentação, pois sapopemba quer dizer raiz ôca. Sobre as sapopembas escreve Hingston em seu livro "Um Naturalista nas florestas da Guiana": "As sapopembas são realmente raízes modificadas. Compreende-se facilmente o facto quando se examinam árvores de diferentes idades. Os exemplares mais novos não têm sapopembas, mas quando as árvores aumentam de espessura e altura, surgem da terra, gradativamente, cristas achatadas, que acabam por envolver a base do vasto pilar por um círculo de espeques obliquos. Pergunta-se naturalmente qual a sua finalidade e a resposta óbvia, que geralmente se dá, é de que servem como botaréis. Aumentam a base, sustentam-na firmemente em redor, e isso dá maior segurança à árvore como os contrafortes de alvenaria na base dos pilares dos altos muros. Mas duvido que seja este o verdadeiro objetivo. Estas árvores da mata pluvial, embora muito altas, estão pouco expostas aos ventos violentos. Elas se erguem numa selva que está quasi sempre calma; suas copas arredondadas limitam-se ao topo dos troncos e ficam protegidas por mergulhadas no denso docel. O vento, quando as atinge, desliza por seus cimos; elas nunca oferecem, como nossos olmos e carvalhos, larga e alta área de ramos à furia dos vendavais. Se estas árvores tropicais precisam de botareus para sua estabilidade, admira-se a gente de que o mesmo não tenha acontecido nas espécies dos climas temperados. Pensei que talvez estas sapopembas sirvam para sustentar a árvore quando o seu interior foi comido até ao cerne, e seguramente elas muitas vezes exercem tal função. Os grandes destruidores das árvores tropicais são insetos, especialmente termitas, que lhes devoram o interior e destroem

As outras grandes árvores da floresta, cujos nomes indígenas aprendemos, eram a Moira-tinga (104), provavelmente a mesma *Mora excelsa* descrita por Schomburgk (105), na Guiana Inglesa ou espécie muito próxima, a sumaúma (*Eriodendron samaúma*) (106) e a massaranduba. Esta última é a mais notável. Já ouvimos muita coisa a respeito dessa árvore, que produz

---

grande parte do cerne dos troncos. Essa destruição é levada a tal ponto, que frequentemente encontramos uma árvore cuja base desapareceu e que o tronco não passa de um cilindro óco, de pé sobre os botareus, como um instrumento em sua tripeça. Só as sapopembas conservam o monstro erecto, e levam a nutrição à sua folhagem ainda verde". (Fig. 7).

(104) Respeitamos a grafia do original, onde se lê entre parênteses (árvore-branca ou árvore-real). A designação geral muiratinga é dada a várias moráceas, que foram descritas, porém, depois da viagem de Bates, d'onde a sua suposição natural de estar vendo a mesma árvore descrita por Schomburgk da Guiana. As árvores conhecidas por muiratinga são *Nucleopsis cauloneura*, *Olmedia maxima* Ducke, *O. obliqua*, *Noyera nobilis*, *N. mollis*.

(105) Robert Hermann Schomburgk nasceu em 11 de março de 1804 em Freiberg, Alemanha, tendo explorado a Guiana Inglesa de 1834 a 1839 e de 1840 a 1844, por conta da Sociedade Geográfica de Londres, tendo entrado no Brasil pelo norte, chegando até ao Alto Rio Negro. De 1856 a 1864 foi consul da Inglaterra em Sião. Morreu em 1865 em Schoenberg, perto de Berlim.

(106) A sumaúma mais comum é a *Ceiba pentandra*, mas o mesmo nome cabe a outras Bombacáceas: *Bombax globosum* e *Ceiba pentandra*, que são conhecidas como sumaúma-da-terra-firme. A espécie de Martius *Ceiba samauma* é do Alto Amazonas. Diz Barbosa Rodrigues que sumaúma significa paina. Comparando a sumaúma e a mongubeira (*Bombax munguba*) escreve Martius: "Os frutos de ambas estas árvores, uma cápsula uniforme, às vezes do tamanho de um palmo, contém considerável quantidade de fios, seguros por uma coluneta mediana, que fica após a queda da cápsula, dando à árvore, quando são muitas, um aspecto extremamente singular. A felpa da mongubeira é amarelo-acinzentada; mas a da sumaúma é da alvura do mais belo algodão. Tentou-se fiar esses filamentos vegetais, como se fossem os do próprio algodão; como, porém, os fios são mais quebradiços e menos providos de pequeninas farpas, pelas quais o algodão se presta especialmente para muitos tecidos, pouco proveito se achou na sua exploração. Essa espécie de algodão é mais adequada para o feltro, como para leves chapéus de verão e para o preparo de acolchoados mais macios e mais elásticos". Tanto Martius como Bates escrevem samaúma, parecendo que tal fosse a designação mais corrente no Pará, quando os dois naturalistas aí estiveram.

abundante leite tão agradável ao paladar como o de vaca. Comêramos seus frutos no Pará, onde as negras do mercado os vendem pelas ruas, e tínhamos sido informados sôbre a durabilidade de sua madeira dentro d'água. Sentímos, pois, grande satisfação em ver essa árvore maravilhosa em seu *habitat* natural. É um dos maiores reis da floresta, e seu aspecto é muito característico, pela casca avermelhada e muito fendilhada. Ao que me disseram, o cozimento da casca é usado para tingir os panos de vermelho. Alguns dias mais tarde provámos o seu leite, tirado de troncos secos, que tinham ficado durante muitos dias expostos ao sol, na serraria. Era agradável com o café, mas levemente rançoso, quando bebido puro. Em pouco tempo endurece, tomando consistencia de visgo excessivamente resistente, que é usado para colar loiça quebrada. Disseram-nos que é perigoso abusar dêsse leite, pois recentemente um escravo quasi morrera por ter bebido demais (107).

Em algumas partes da estrada eram as samambaias que mais chamavam a atenção. Depois verifiquei que eram muito mais abundantes na estrada do Maranhão, especialmente num ponto onde uma clareira da floresta formava imensa estufa: o solo estava coberto pelas espe-

---

(107) O nome maçaranduba corresponde a várias Sapotáceas, cujo fruto é de delicioso sabor, sendo as do Pará muito gabadas por Bates e Wallace. A verdadeira maçaranduba é *Manilkara huberi*; as outras espécies amazônicas são *M. amazonica* e *M. excelsa*, também chamada maparajuba, em Bragança. A maçaranduba do Nordeste e do sul do Brasil é a *Manilkara elata*, dando-se o mesmo nome a uma espécie de abio de fruto pequenino, a *Lucuma procera*. Segundo Chevalier o gênero *Mimusops*, no qual estavam incluídas as espécies acima citadas, é paleotrópico, devendo as espécies americanas ser incluídas no gênero *Manilkara*. D. Antonio Lustosa denomina a maçaranduba vaca-vegetal, mas esse nome comum é antes do Perú. Sôbre as propriedades e gôsto do leite de maçaranduba concordam Bates e Wallace. Este último diz que os troncos tinham ficado depositados no terreiro durante um mês; que o leite misturado com o chá tinha o aspecto e o gôsto de creme gordo, e que o sr. Leavens tinha preparado com o mesmo um creme de gôsto agradável, embora muito escuro.

cies terrestres e os troncos revestidos de formas escandentes e epifíticas. Não vi fetos arborescentes no Pará. Eles pertencem às regiões montanhosas, mas alguns ocorrem no Alto Amazonas.

Eram estas as principais características da vegetação silvestre. Mas onde estavam as flores? Com grande desapontamento nosso, não vimos nenhuma, ou muito poucas e de aspecto insignificante. As orquídeas são muito raras nas florestas densas das terras baixas. Creio que já está bem estabelecido que as árvores florestais do Brasil equatorial, em sua maioria, têm flores pequenas e que não chamam a atenção. Os insetos que visitam as flores também são raros na floresta. Evidentemente eles não podiam ser encontrados onde falta o seu alimento favorito, mas sempre observei que, embora houvesse flores na mata, nelas não se via nenhum inseto, ou muito poucos. Nos campos de Santarém no Baixo Amazonas, árvores e arbustos em flor são mais abundantes e há, atraídos por elas, insetos florícolas em profusão. As abelhas silvestres da América do Sul pertencem aos gêneros *Melipona* e *Euglossa* (108) e se vêm com frequência preferindo a seiva adocicada que exsuda das árvores ou os excrementos de aves, caídos nas fôlhas.

Não menor foi a nossa decepção, não encontrando na floresta nenhum dos grandes animais. Não havia movimento tumultuoso ou rumor de vida. Não vimos nem ouvimos os macacos, e nem anta ou jaguar cruzou nosso caminho. Também as aves pareciam excessivamente escassas. Ouvimos, acidentalmente, as notas de

---

(108) Até começos deste século as abelhas sulamericanas sem ferrão eram distribuídas nos dois gêneros *Melipona* e *Trigona*, mas depois da importante monografia de Hermann von Ihering foram todas reunidas em um só gênero — *Melipona*, pois há grande número de formas intermediárias. Cita mesmo Ducke uma espécie (*Melipona caerulea*) que foi descrita duas vezes, uma como *Melipona* e outra como *Trigona*.

moradas e tristes de inhambú (*Crypturus cinereus?*) (109) e. nas margens dos riachos, os gritos de uma outra ave, que parecia andar aos casais, entre as franças das árvores, chamando-se mutuamente. Estas notas ressoavam na floresta. Uma outra ave solitária tinha um canto cheio de suavidade e melancolia, formado de algumas notas singelas, emitidas num tom dorido, começando alto e descendo com intervalos harmônicos. Era provavelmente um pássaro canoro do gênero *Trichas* (110). Todas estas notas eram bem distintas e características da mata.

Mais tarde tive motivos para modificar essa opinião, fundada nas primeiras impressões a respeito da quantidade e variedade da vida animal nessa e em outras partes das florestas amazônicas. Há, na realidade, grande variedade de mamais, aves e répteis, mas estão muito esparsos e são todos excessivamente ariscos. A região é tão extensa e uniforme no seu revestimento florestal, que só de longe em longe se vêem êstes animais em abundância, quando há um ponto que lhes pareça mais atraente. O Brasil é, entretanto, pobre em mamais terrestres e as espécies são de pequeno porte, de maneira que não formam um aspecto notável de seus bosques. Ficaria desapontado o caçador que esperasse encontrar aqui bandos de animais comparáveis às manadas de búfalos hordas de pesados paquidermes da África do Sul (111). A porção maior e mais interessante da fauna brasileira

---

(109) Gulando-se apenas pelo que ouvia, é natural que Bates não passe de conjecturas. *Crypturellus cinereus* é, efetivamente, um dos inhambús do Amazonas.

(110) Alguma espécie de *Sylvitidae* ou de *Mniotiltidae*.

(111) Embora a expressão paquidermes tenha perdido toda a sua importância científica, aqui a deixamos, tal como está no original e referindo-se, provavelmente, aos Ungulados (*sensu lato*).

de mamais é de hábitos arborícolas. Já nos referimos a esta peculiaridade dos animais que vivem nestas matas. Os animais mais *intensamente* arborícolas do mundo são os macacos sulamericanos da família *Cebidae*, muitos dos quais têm, na cauda preensora, uma quinta mão para trepar, adaptada a tal função pelo seu robusto desenvolvimento muscular e ponta nua na face ventral. Isto parece ensinar-nos que a fauna sulamericana lentamente se adaptou à vida na floresta e que, portanto, sempre houve extensas florestas, mesmo antes de serem povoadas por mamais. Mas terei ocasião de voltar a este assunto e à história natural dos macacos, dos quais há 38 espécies, que habitam a região amazônica.

Lemos muitas vezes, nos livros de viagens, referências ao silêncio e tristeza das florestas do Brasil. São realidades e a impressão se torna ainda mais profunda com uma permanência maior. Os poucos cantos das aves são de caráter melancólico e misterioso, o que aumenta a sensação de solidude, em vez de trazer um sinal de vida e de alegria. Corta, às vezes, o silêncio um grito ou um bramido que nos assusta: vem de algum indefeso animal frugívoro, ao ser assaltado por um gato do mato ou furtiva giboia. De manhã e à tarde os guaribas fazem ruído tão lamentoso e pungente, que torna muito difícil conservar-se a alegria de espirito. A sensação de inhospita selvageria que se calcula ser inspirada pela floresta, é decuplicada por este pavoroso ruído. Às vezes, mesmo nas horas calmas do meio dia, ouve-se um súbito estrondo que reboia pela selva, causado por algum grosso ramo ou alguma árvore-inteira que tomba no chão. Há, porém, muitos sons impossíveis de identificar, e geralmente os naturais se mostravam tão ignorantes a êsse respeito como eu. Às vezes ouve-se um som como o retinir de uma barra de ferro, percutindo em uma árvore dura e ôca,

ou um grito percueiante eorta o espaço. Estes sons não se repetem, e o silêncio que se segue tende a aumentar a sensação desagradavel que produzem na alma. Com o caboclo é sempre o Curupira, o demônio ou espírito da mata, que produz todos os ruídos que êle é incapaz de explicar. Os mitos são as rudes teorias que o espírito humano, ainda na infância do conhecimento, inventa para explicar os fenômenos naturais. — O Curupira é um ser misterioso, eujos atributos são incertos, pois variam de acôrdo com a localidade. É deserito, ás vezes, como uma espécie de orangotango, coberto de longo e denso pelágio e vivendo nas árvores; outras vezes dizem possuir pés de cabra e cara vermelha. Tem mulher e filhos e vem às roças roubar mandioca (112). Durante algum tempo tive ao meu serviço um jovem mameluco, cuja cabeça estava cheia de lendas e superstições da região. Ia sempre comigo á floresta e nunca consegui que ele fosse sósinho. Quando ouviamos qualquer dos estranhos ruídos a que me referi acima, tremia de medo. Escondia-se atrás de mim, suplicando-me que voltasse e só passava o seu susto depois de ter feito algum feitiço que nos protegesse do curupira. Para isso tomava uma fôlha nova de palmeira, trançando-a, formando uma roda que pendurava em um ramo de nosso caminho.

Depois de seis horas de marcha atingimos afinal o nosso destino. Nas duas últimas milhas a estrada atravessava novo capoeirão. A serraria formava grande aglomerado de construções, pitorescamente situadas em larga clareira, completamente cercada pela mata virgem. Fomos recebidos de modo amabilíssimo pelo gerente, Sr.

---

(112) O curupira do Amazonas é, segundo Basilio de Magalhães, o mesmo caapora. "Curupira e caapora constituem a mesma personificação do gênio das florestas". Segundo Teodoro Sampaio curupira quer dizer o chagado, o coberto de feridas ou tumores. (Fig. 8).

Leavens, que nos mostrou tudo que podia ser de interêsse no lugar e nos levou aos melhores sitios para coleta de aves e insetos, existentes nas vizinhanças (113). A serraria tinha sido construida há muito tempo por um abastado brasileiro, mas há muitos anos pertencia ao Sr. Upton. Disseram-me que quando os revolucionários cabanos estavam preparando o seu ataque ao Pará, occuparam o lugar, mas sem causar o mínimo dano às máquinas ou aos edificios, pois os chefes diziam que estavam em guerra contra os portuguezes e seus partidários e não contra os outros estrangeiros.

O riacho Iritiri tem, na serraria, apenas algumas jardas de largura, serpeia entre dois altos paredões de um trecho da mata, tornando-se depois muito mais largo, para lançar-se afinal no Magoari. Há muitas outras ramificações, furos e curuperés (114), que levam a cabanas retiradas ou a casas esparsas, habitadas por mestiços de branco, negro e indio. Muitos tinham negócios com o Snr. Leavens, vendendo-lhe as suas pequenas colleitas de arroz ou alguns toros de madeira. Era interessante vê-los em suas pequenas montarias sobrecarregadas. Os botes eram, ás vezes, conduzidos por môços simpáticos e sadios, de chapéu de palha, camisa branca e calças de azulão, arregaçadas até aos joelhos. Eles os dirigiam, remavam e manejavam o varejão com muita graça e dextreza.

Fizemos muitas excursões ao Iritiri e visitámos muitos dêsses furos, e nossa segunda visita teve lugar

---

(113) No livro de Wallace encontramos uma descripção, embora sucinta, da serraria e dos dois engenhos de arroz, um destes movido a vapor, o outro e a serraria movidos a água, obtida de uma barragem.

(114) Emprega Bates os termos inglêses para ribeiros e regatos ainda menores, que traduzimos pelos termos regionais da Amazônia igarapés (muito frequentemente empregado pelo próprio Bates) e curuperés que são, segundo Alberto Sampaio, os pequenos riachos, afluentes dos igarapés.

por agua. O Magoari é um magnífico furo, cujos vários ramos formam um labirinto, cortando um terreno sempre pouco elevado. Todos os pequenos rios junto ao estuário do Pará são dêsse mesmo tipo. A terra é tão plana, que os curtos rios locais não têm nascentes e curso tais como geralmente imaginamos. Servem para drenar a terra e suas águas não correm sempre na mesma direção, mas obedecem ao fluxo e refluxo das marés. Chamam-nos os naturais de *igarapés* que quer dizer, em lingua tupi, passagens de canoa. Os igarapés e furos, em número infinito nesse grande delta do rio, são característicos da região. A terra é completamente coberta de impenetraveis florestas. Casas e aldeias estão todas à beira d'água e quasi todas as comunicações se fazem por água. Esta vida semi-aquática do povo é uma das mais interessantes características da região. Para pequenas excursões ou para a pescaria em águas tranquilas usam todos um pequeno bote, chamado *montaria*. E' feito de cinco tábuas: uma larga, que se curva convenientemente pela ação do calor, serve de fundo; uma de cada lado e duas pequenas peças triangulares na popa e na proa. Não têm leme, servindo o remo para propulsão e direção. A montaria substitue aqui o cavallo, a mula ou o camelo de outras regiões. Além de uma ou mais montarias, quasi todas as famílias possuem uma canoa maior, chamada *igarité*. Esta é provida de dois mastros, leme e quilha, e possui um toldo arqueado pertõ da popa, feïto de cipós entrelaçados e coberto de fôlhas de palmeiras. Na igarité êles podem cruzar os rios caudalosos, de 15 a 20 milhas de largura. Todos os nativos são construtores de embarcações. Ouvi muitas vezes de boca de brancos, que um índio é carpinteiro e armador por intuição. E' espantoso, como essa gente se arrisca em barcos sem nenhuma segurança. Vi índios

cruzando os rios em montarias furadas, exigindo o mais perfeito equilíbrio para conservar o rombo pouco acima do nível da água; a menor oscilação levaria tudo para o fundo, mas elles manobravam de modo que cruzavam o rio a salvamento. Tomam um cuidado todo especial, quando levam estranhos consigo, e os viajantes brasileiros e portuguezes costumam deixar a seu cuidado toda a direção. Quando sós, são mais afoitos, e muitas vezes precisam salvar-se a nado. Quando vão com a canoa muito carregada e sobrevém uma borrasca, pulam nágua e ficam nadando até que passe o mau tempo.

\* \* \*

Agora algumas palavras sôbre a população aborígene do estuário do Pará não virão fora de propósito. As margens do Pará eram primitivamente habitadas por certo número de tribus diferentes que, por seus costumes, muito se pareciam com os indígenas da costa, desde o Maranhão até à Baía. Conta-se que uma grande tribu, a dos Tupinambás, emigrou de Pernambuco para o Amazonas (115). Um fato parece bem estabelecido: que todas as tribus litorâneas estavam, num estado de civilização muito mais adiantado e que eram de costumes mais brandos que os selvagens do interior do Brasil. Viviam em aldeias e dedicavam-se á agricultura. Navegavam nos rios em grandes canoas, chamadas

---

(115) Refere-se o autor á tradição de que se fez arauto o padre Acuña no seu "Novo Descobrimento do rio das Amazonas". Af, no número LXIX, tratando da "ilha grande dos Tupinambás", diz que essa é toda povoada pelos valentes Tupinambás, "gente que das conquistas do Brasil, em terras de Pernambuco, saíram derrotados há muitos años, fugindo do rigor com que os portuguezes os iam subjugando". E continua: "Saíram em grandíssimo número, que, despovoando ao mesmo tempo 84 aldeias onde estavam situados, não ficou de todos eles nenhuma criatura que não trouxessem em sua companhia".

ubás, feitas de imensos troncos de árvores escavados. Costumavam fazer expedições guerreiras levando nas proas de suas embarcações os trofeus e maracás, cujo ruído servia para atemorizar os inimigos. Eram de gênio docil e receberam os primeiros colonos portugueses com grande afabilidade. Os selvagens do interior, ao contrário, levavam vida nômade, como até hoje, só vindo ao litoral para a pilhagem das lavouras das tribus litorâneas, que sempre foram seus inimigos.

As tribus originais do distrito estão atualmente civilizadas ou amalgamadas com os imigrantes brancos e negros. Os nomes pelos quais se distinguiam as tribus ficaram de há muito olvidados, e todos são agora conhecidos pela designação geral de tapuios, que parece ser um dos antigos nomes dos Tupinambás. Os índios do interior, que ainda se conservam em estado selvagem, são chamados pelos brasileiros *índios* ou *gentios*. Todos os tapuios semi-civilizados das aldeias, bem como os habitantes dos retirados lugarejos, falam habitualmente a Língua Geral, adaptada pelos missionários Jesuítas do idioma primitivo dos Tupinambás. A língua dos Guaranís, nação que vive nas margens do Paraguai, é um dialeto seu, e por isso a Língua Geral é chamada pelos filólogos Tupi-Guaraní. Encontram-se à venda, nas livrarias do Pará, gramáticas impressas da mesma. O facto de uma língua ter sido falada em uma região extensa como a que vai do Amazonas ao Paraguai, é caso virgem neste Continente, e demonstra consideráveis migrações das tribus indígenas nos tempos primitivos. Atualmente as línguas faladas por tribus vizinhas das margens do rios interiores são inteiramente distintas. No Juruá, grupos esparsos, pertencentes à mesma tribu, são incapazes de compreender uns aos outros.

O tapuio civilizado do Pará não difere do índio do interior em nenhum ponto essencial, físico ou moral. E'

mais robusto, por ser melhor alimentado; mas a êste respeito há grandes diferenças entre as tribus. Apresenta todos os principais caracteres dos peles-vermelhas americanos: a pele é côr de cobre, o feitio largo da face, o cabelo negro, espêsso e estirado. Geralmente é meião de altura, corpulento, com largo peito musculoso, pernas e braços bem feitos, embora um pouco grossos, mãos e pés pequenos. Os males geralmente não são proeminentes; os olhos são negros e raramente obliquos como os das raças tartáricas da Asia oriental, que se supõe providas do mesmo tronco que o pele-vermelha. As feições quasi não mostram mobilidade de expressão, o que está ligado ao carater excessivamente apático e indifferente da raça. Nunca demonstra as emoções de alegria, tristeza, espanto, medo, que efetivamente parece não sentir com intensidade. Nunca pode ser levado ao entusiasmo, mas possui fortes afeições, especialmente as ligadas à família. Os brancos e negros dizem geralmente que o índio é ingrato. As donas de casa brasileiras, que têm muita experiência do índio, contam sempre aos estrangeiros uma longa fieira de casos, demonstrando a sua ingratidão. Na verdade, êle parece não recordar ou pensar em pagar os benefícios recebidos, mas isto é devído, provavelmente, a que não considera ou não avalia os benefícios do mesmo modo que os seus patrões. Conheci casos de dedicação e fidelidade de índios para com seus patrões, mas são casos excepcionais. Todos os atos do índio provam que o seu desejo dominante é que o deixem só: está muito arraigado ao seu lar, à sua floresta monótona e tranquila e à vida do rio; gosta de ir à cidade uma vez por outra, para ver as maravilhas introduzidas pelo branco, mas tem uma grande aversão pela vida no meio da multidão. Prefere os trabalhos manuais à agricultura e sobretudo não gosta

de alugar-se para um trabalho regular. E' tímido e canhestro diante de estranhos mas, se estes o visitam em casa, trata-os bem, pois tem uma noção profunda do dever de hospitalidade. Há nele certo orgulho e, sendo naturalmente formal e polido, trata o hóspede com grande dignidade. Foge das cidades logo que o tumulto da civilização começa a se fazer sentir. Quando chegámos ao Pará, aí residiam ainda muitas famílias de índios, pois a vida era semelhante à de uma grande aldeia, e não de uma cidade. Mas logo que começaram os vapores e houve mais atividade comercial, foram aos poucos abandonando a cidade.

Estas características dos índios do Pará são aplicáveis, até certo ponto, aos mamelucos, que constituem atualmente elevada proporção da população. A inflexibilidade de caráter dos índios e sua incapacidade total para acomodar-se a novos meios, levá-los-á fatalmente à extinção, quando aumentarem os imigrantes, providos de organização mais maleável e avançar a civilização na Amazônia. Mas, como as diferentes raças facilmente se caldeiam, e os filhos de branco e índio não raro se tornam proeminentes cidadãos brasileiros, há poucos motivos para lamentar o destino da raça. Antigamente o índio era tratado com crueldade, o que ainda hoje se observa em muitas partes do interior. Segundo as leis do Brasil, êle é um cidadão livre, com os mesmos direitos do branco e há sanções muito severas contra a escravização e mau trato dos índios. Os residentes no interior, que não têm princípios elevados que corrijam o egoísmo instintivo ou a antipatia racial, não podem compreender porque não se lhes permite obrigar os índios a trabalharem, vendo que o não podem obter por bem. O resultado inevitável do conflito de interesses entre um europeu e um indígena mais fraco é o sacri-

fício deste último. No distrito do Pará, os índios já não são escravizados, mas são espoliados de suas terras, coisa de que amargamente se queixam, como ouvi de um dêles, homem trabalhador e diligente.

Não é mais ou menos o mesmo que se observa atualmente na Nova Zelândia entre os Maoris e os colonos inglêses?

E' interessante ler as amargas discussões travadas de 1570 a 1759 entre os imigrantes portuguezes no Brasil e os Jesuítas e outros missionários. São semelhantes às que se travaram recentemente na África do Sul entre os missionários ingleses e os Boers, mas em muito maior escala. Os Jesuítas, tanto quanto eu pude respigar na tradição e na história, atuaram pelos mesmos motivos que os nossos missionários e parecem ter tido o mesmo successo no ensino da moral cristã pura e elevada aos singelos nativos. Mas foi em vão que procuraram proteger a raça mais fraca na luta contra o estrangeiro, o qual, embora se dissesse cristão, parecia permanecer tão necessitado da instrução moral ministrada pelos missionários, como os nativos. Em 1759 venceram afinal os colonos brancos. Os Jesuítas foram obrigados a deixar o país e 51 prósperas aldeias missionárias caíram em ruínas. Dêsse momento para cá a raça aborígene veio diminuindo em número, como consequencia do tratamento recebido, precisando, como já disse, ser atualmente protegida pelas leis do Governo Central.

Em nossa segunda visita às serrarias lá ficámos 10 dias. Há um grande reservatório e um lago natural perto d'ali, ambos com plantas aquáticas, cujas fôlhas flutuam como as dos nossos nelumbos, mas não são tão elegantes, quer nas fôlhas, quer nas flores. Às margens dêsses tanques crecem inúmeros exemplares de uma es-

pécie de palmeira em leque, a caraná (116), cujas estípces são revestidas de robustos espinhos.

Muitas vezes eu tomava uma montaria e remava só-sinho, descendo o riacho. Um dia a canoa virou e tive que abrigar-me em um talude relvoso que dava para um velho roçado, onde caminhei nú, esperando que minhas roupas secassem, estendidas em um arbusto. O igarapé Iritiri não é tão pitoresco como muitos outros que explorei mais tarde. Perto do Magoarí as margens são cobertas de mangues, e o chão lamacento, onde penetram as raízes das plantas novas, que descem dos frutos, quando êstes ainda estão presos aos ramos, fervilhava de caranguejos. Nos ramos mais baixos habitava uma linda ave, a *Ardea helias* (117). E' um pequeno socó, de forma e aspecto particularmente graciosos. A plumagem é sarapintada de estreitas faixas e manchas de cores variegadas, como as asas de certas mariposas. E' difícil ver a ave na mata, pelo tom escuro do resto da plumagem, mas sua voz, um assobio doce e prolongado, às vezes denuncia o seu esconderijo. Disseram-me os índios que ela se esconde nos ramos e aí constroê um ninho de barro de belo aspecto. E' um xerimbabo favorito dos brasileiros, que o chamam pavão. Várias vêzes tive oportunidade de observar os seus costumes. Amansa com facilidade, caminhando pela casa, catando

---

(116) O nome vulgar caraná cabe a várias pequenas palmeiras de caule espinhoso e fôlhas em leque, do gênero *Mauritia*, entre as quais *M. martiana*, *M. armata*, *M. carana*, *M. huebneri*, *M. intermedia*.

(117) O pavõesinho do Pará ou pavão papa-moscas (como também é conhecido) é o tipo de uma sub-ordem especial (*Furypucae*) dos Gruiformes, hoje considerada como ordem bem distinta dos Ciconiiformes, a que pertencem as garças e socós (na sub-ordem *Ardeae*). No tempo de Bates, porém, estavam ambos na mesma ordem, e, talvez por isso, ainda lhe dá o autor a designação primitiva de Pallas (que é a que se lê no texto). Hoje o nome científico do pavõesinho é *Furypucae helias helias*, encontrado em toda a província Amazônica. (Fig. 9).

restos de comida ou apanhando insetos, o que consegue, dirigindo-se sorrateiramente para o ponto onde êstes estão pousados e fisingando-os com o bico muito delgado. Consente que as crianças o agarrem e responde ao chamado — Pavão, pavão — caminhando com passo leve e circunspecto, e tomando a mosca ou besouro que lhe oferecem.

Fizemos várias excursões pelos arredores. Havia um jovem escravo negro, chamado Hilário (cujo nome anglizámos em Larry), que se interessou por nosso trabalho. Levou-me um dia ao lago onde notámos um pequeno jacaré e algumas piaçocas (*Parra jacana*) (118), frangos d'água de pernas e dedos muitos longos, o que lhes dá a aparência de caminhar sôbre andas, quando passeiam, passando por cima das fôlhas dos nenúfares. Fiquei surpreso de não encontrar coleópteros nas plantas aquáticas. A situação pareceu-me a mais favorável possível para êles. Na Inglaterra um marnel tão ricamente coberto apresentaria uma abundância de *Donaciae*, *Chrysomelae*, *Cassidae* e outros besouros; aqui encontrei um só exemplar. Também não achei besouros aquáticos; a única exceção foi uma espécie de *Gyrinus*, quasi do mesmo tamanho de *G. natator*, o pequeno besouro lusidio da Europa, e que aparecia em pequenos grupos, nos recantos escuros, fazendo piruetas na superfície da água, tal como o seu congênere da Inglaterra. A ausencia de besouros fitófagos nas plantas aquáticas é geral em toda a região, como verifiquei depois. Encontram-se alguns no capim alto e nas plantas Marantáceas de certos sítios, mas êstes geralmente se escondem nas

---

(118) A piaçoca é uma das mais lindas aves ribeirinhas do Brasil, da ordem Caradriliformes (sub-ordem Charadrii), e encontrada desde Trinidad e Guianas até ao norte e leste da Argentina e ao Uruguai. E' conhecida no Nordeste por jaçanã; segundo Olivério Pinto na Baía a chamam marrequinha e em Mato-Grosso cafézinho. Seu nome científico é *Jacana spinosa jacana*.

bordas das fôlhas e são muito chatos (119). D'af concluo que as plantas aquáticas dessa zona estão muito expostas ao calor do sol, de modo que não permitem a existência de besouros fitófagos.

· Ensinou-me Larry (120) os nomes indígenas de um certo número de árvores das florestas e enumerou as suas propriedades medicinais. Uma delas, o jutaí, era muito interessante, pois fornece a goma copal, que os nativos chamam jutaí-cica. Há várias espécies da mesma, conforme logo se percebe pela forma do fruto. São da ordem Leguminosas: as vagens são lenhosas e excessivamente duras. Dentro há um certo número de favas, envoltas em uma substância farinácea amarelada, apreciada pelos habitantes. A vagem queima com uma chama clara. Algumas espécies têm grandes frutos, outras possuem vagens pequenas, de uma só fava. As árvores são das maiores da mata, chegando a 150 e 180 pés de altura. A casca parece com a do nosso carvalho. As fôlhas estão dispostas aos pares, donde o nome botânico do gênero *Hymenaea* (121). A resina produzida pelas várias espécies exsuda das feridas feitas na casca, mas me disseram que as árvores também secretam espontaneamente da base do tronco, e que formam grandes torrões na terra, entre as raízes, quando a árvore é derrubada pelas

---

(119) As espécies pertencem às famílias *Hispidae* e *Cassidae* e aos gêneros *Cephaloera*, *Arescus*, *Himatidium*, *Homadispsis*. As vezes alguns besouros carnívoros, também achatados, os acompanham (*Nota do Autor*).

(120) Diz Bates que o nome português de seu criado era Hilário, mas que ele o simplificou (!) para Larry.

(121) Quasi nada há a acrescentar ao que nos diz o autor, muito mais completo do que muitos botânicos que escreveram depois sobre as mesmas plantas. A espécie mais conhecida de jutaí, também chamada jataí ou jatobá, é a *Hymenaea courbaril*. Segundo Willis o nome copal convém a qualquer resina dura, que exsuda de plantas dos gêneros *Agathis*, *Copaifera*, *Hymenaea* e *Trachylobium*.

tempestades. Formigas e outros insetos ficam incluídos na resina, precisamente como no ambar, substância com a qual se parece o jataí-cica, pelo menos na côr e na transparência.

Nesses passeios por água e por terra aumentávamos consideravelmente nossas coleções. Antes de deixar a serraria, combinámos com o Sr. Leavens uma excursão ao Tocantins. Ele queria subir o rio para certificar-se se era verdade, como lhe informavam, que o cedro cresce abundante entre a última cachoeira e boca do Araguaia, e concordámos em acompanhá-lo. Quando estávamos na serraria, chegou um negociante português, com grande quantidade de toros dêsse cedro, que colhera da madeira flutuando no Amazonas. A árvore que produz essa madeira, a que chamam cedro, pela semelhança de seu aroma com o do cedro verdadeiro, não é, evidentemente, uma conífera, pois não existe nenhum representante dessa classe na América equatorial, pelo menos na Amazônia. É, segundo Martius, a *Cedrella odorata*, uma exógena (122) da mesma ordem do mogno. A madeira é leve e a árvore, caindo na água, vem flutuando na correnteza. Deve crescer em abundância em algum ponto do interior, a julgar pelo número de árvores caídas, anualmente arrastadas para o mar. A madeira é muito estimada para obras de marcenaria e para construção de canoas, sendo

---

(122) O cedro da Amazônia é, efetivamente a Meliácea *Cedrella odorata*, dando-se aí o mesmo nome a outra espécie muito próxima a *C. huberi* Ducke. No sul do Brasil o nome de cedro é dado a outras Meliáceas, chamando-se simplesmente cedro ou caíarana a *Cabralea laevis*, e cedro branco à *Cedrella fissilis* Vell. e cedro-rosa à *C. glaziovii* e cedro cheiroso à *C. vellosiana* (que Fr. Velloso identificara como *C. odorata*). O legítimo mogno, a que se refere o autor, é a madeira de *Swietenia mahagoni*, mas o nome comercial é extensivo à madeira de várias outras Meliáceas. O legítimo cedro é, como diz o autor, o nome de algumas Coníferas da família Pináceas, gênero *Cedrus*. No Brasil é cultivado o cedro do Himalaia *Cedrus deodara*, conhecendo-se pelo nome de cedro de Goa ou cedro de Portugal uma outra Conífera, mas da família Cupressáceas, o *Cupressus glaucus*.

muito importante saber onde se pode obter um fornecimento regular.

Sentiamos satisfação em ir com o Sr. Leavens, que sabia bem a língua e era profundo conhecedor da navegação fluvial. Voltámos portanto ao Pará, para embarcar as coleções para a Inglaterra e preparar-nos para essa viagem a uma nova região.

### CAPÍTULO III

## PARÁ

(Conclusão)

Dias santos — Saguis — Serpentes — Insetos da floresta  
— Relações da fauna do distrito do Pará.

Antes de deixar o assunto do Pará, onde residi, como já disse, durante 18 meses, é necessário dar uma noção mais minuciosa de vários pontos relacionados com os costumes do povo e a História Natural dos arredores, que até agora apenas de leve mencionei. Reservo a notícia sobre o comércio e progresso do Pará em 1859 para o fim desta narrativa.

Houve, durante as primeiras semanas de nossa estada, muitas festas religiosas, que ocupavam grande parte do tempo e das preocupações do povo. Eram manifestações esplêndidas, com procissões artisticamente arranjadas, percorrendo as ruas, acompanhadas por milhares de pessoas; paradas militares; fogos de artifício e o clangor de músicas militares se juntavam às pompas das cerimônias religiosas nas igrejas. Para os que tinham assistido a cerimônias semelhantes nos países do Sul da Europa, estas nada tinham de notável, exceto realizarem-se no meio dos esplendores de uma natureza tropical; mas para mim elas eram cheias de novidade,

e interessantes sobretudo porque me mostravam muito do que era peculiar na maneira do povo. As festas celebram os aniversários dos santos ou os acontecimentos mais importantes da vida de Cristo. Acrescentaram-se a êstes, depois da Independência, muitos dias de gala em correlação com os acontecimentos da história nacional brasileira; mas todos têm um carater semi-religioso. Os dias santos eram tão numerosos e perturbavam tanto o comércio e a industria em 1852, que o Governo foi obrigado a reduzi-los, obtendo a necessária permissão de Roma para abolir alguns de menor significação. Muitos, dos que tinham sido conservados, estavam diminuindo de importância depois da introdução das estradas de ferro e dos paquetes, dedicando-se mais o povo ao comércio. Quando aí chegámos, porém, estavam em todo o seu esplendor. As festas realizavam-se obedecendo geralmente ao seguinte cerimonial: anualmente elegia-se, na sacristia da igreja, um diretor geral da festa, ou "Juiz" e a êle cabia administrar todos os parafernais concernentes à festa para a qual tinha sido feito — imagem do santo, bandeiras, coroas de prata, etc. Êle encarregava algumas pessoas para que visitassem os paroquianos e colhessem esmolas, para fazer face às despesas. Considerava-se que quanto mais se gastasse em velas de cêra, fogos de artifícios, músicas e banquetes, maiores seriam as honras prestadas ao santo. Se o Juiz era rico, raramente apelava para as esmolas, celebrando a festa à sua custa, subindo as despesas, às vezes, a várias centenas de libras. Cada festa durava nove dias (uma novena) e em muitos casos serviam-se bebidas ao povo todas as noites. Nas cidades menores há baile duas ou tres noites durante a novena e no último dia um grande jantar. O padre, naturalmente, tem que ser pago com muita liberalidade, especialmente pelo sermão feito no dia Santo

ou na terminação do festival, pois os sermões são um serviço extraordinário no Brasil (123).

Há muita diferença nos acessórios destes festivais das cidades e vilas do interior e os da capital; mas pouco se trabalha durante a sua realização, e êles contribuem muito para desmoralizar o povo. Percebe-se logo que a religião é, para a maioria dos paraenses, mais um divertimento que um dever. As idéias da maioria evidentemente não vão além da crença de que todos os festejos são feitos, em cada caso, em honra da imagem de madeira posta no altar da igreja. Os imigrantes portugueses sem educação parecem-me ter noções muito falsas da religião. Muitas vezes viajei em companhia desses brilhantes exemplos da civilização europeia. Geralmente carregam consigo, onde quer que vão, uma pequena imagem de algum santo favorito, e quando há tempestade ou qualquer outro perigo, seu primeiro cuidado é correr para o camarote, tomar a imagem e levá-la aos lábios, enquanto balbuciam uma oração pedindo socorro. Os negros e mulatos são, neste particular, muito parecidos com os portugueses, mas eu acho que êles mostram um sentimento de mais pura devoção; e em conversa, sempre observei que mostravam vistas mais racionais em sua religião do que as classes baixas de portugueses. Quanto aos índios, com exceção das famílias mais civilizadas, morando perto das grandes cidades, não demonstravam nenhum sentimento religioso. Êles têm o seu patrono, S. Tomé, e celebram seu aniversário de maneira pouco ortodoxa,

---

(123) Uma das coisas que mais impressionaram todos os nossos visitantes do primeiro e segundo reinados foram as festas religiosas. Enquanto Bates nos dá esta boa descrição em conjunto, Wallace precisa que "uns quinze dias após sua chegada, realizaram-se em Belém as festas do Espírito Santo e da Santíssima Trindade. Sobre as impressões dos outros viajantes vejamos meus dois livros — "Visitantes do Primeiro Império" e "O Brasil Visto pelos Ingleses".

pois não são muito ciosos em observar todas as formalidades, mas acham que os festejos têm a mesma importância que as cerimônias da igreja. Em alguns dos festivais as mascaradas ocupam grande parte das festas e os índios realmente brilham nas mesmas. Fazem imitações dos animais selvagens, vestem-se para representar a caipora (124) e outras criaturas fabulosas da floresta, e representam os seus papeis com grande habilidade. Quando chega a festa de S. Tomé, todos aqueles, que têm índios ao seu serviço, sabem que seus homens vão embriagar-se. O índio, que é geralmente muito tímido, para pedir cachaça se torna então muito animoso; êle pede um garrafão (duas garrafas e meia) e diz que está se embriagando em honra de S. Tomé.

Na cidade do Pará, o govêrno provincial concorre para o aumento do esplendor dos dias santos. As procissões que percorrem as ruas principais têm, em primeiro lugar, a imagem do santo e as de vários outros, pertencentes à mesma igreja, carregadas nos ombros de respeitáveis cidadãos, que voluntariamente se oferecem: às vezes vemos o nosso vizinho, o carpinteiro ou o açougueiro, gemendo sob o peso. O padre e os coadjutores precedem as imagens, com paramentos bordados e protegidos por magníficas umbrelas, ornamento que não é inútil aqui, pois o calor é muito grande, quando o sol não é obscurecido. De cada lado caminha longa fila de homens, com opas vermelhas, cada qual levando um brandão acêso. Atrás vai um regimento de infantaria com a banda de música, e atrás de tudo a multidão: a gente de côr limpamente vestida e conservando uma conduta circumspecta. As mulheres são sempre em grande número, com os bastos cabelos negros enfeitados de jasmims, orquídeas

---

(124) No original está escrito *Caypor*. Veja-se a nota 112.

brancas e outras flores tropicais. Vestem-se com os costumados atavios dos dias de festa, com blusas de gaze e saias de seda preta; no pescoço levam colares de contas de ouro que, nas escravas, são de propriedade das senhoras, que gostam de mostrar assim a riqueza.

À noite, quando as festas se passam nas praças em torno das igrejas dos subúrbios, há realmente muita coisa que admirar. Muita particularidade da terra e vida de seus habitantes pode ser então melhor apreciada. A graciosa igreja branca fica brilhantemente iluminada e a música, que não é de tons muito solenes, repercute através das portas e janelas. Grande número de negrotas bizarramente vestidas ficam no caminho que leva às portas da igreja, com tableiros de licôres, doces e cigarros, que vendem aos que estão do lado de fóra. A pouca distância ouve-se o ruído de dados e roletas armadas ao ar livre. Quando a festa tem lugar em noites de luar a cena é maravilhosa para o recém-chegado. Em torno da praça há grupos de altas palmeiras, e mais longe, acima das casas iluminadas, aparecem as copas das mangueiras, perto das estradas suburbanas, donde chega o eterno bulício da vida dos insetos. O suave luar tropical derrama maravilhoso encantamento sobre o conjunto. Os habitantes estão todos nas ruas, com suas melhores roupas. As classes mais elevadas, que vêm gosar da alegria geral, estão sentadas em cadeiras, à porta de casas amigas. Não há uma ruidosa jovialidade mas uma alegria sossegada, que parece sentida por todos, com delicadas regras de cortezia entre todas as classes e côres. Vi um coronel em grande gala, do palácio do Presidente, dirigir-se a um mulato e delicadamente pedir-lhe fogo para acender o charuto. Quando termina a ladainha, tocam os sinos da igreja e uma girândola de foguetes sobe ao ar, tocam as bandas de música e os pares de

pessoas de côr começam as dansas. As dez horas toca-se o Hino Nacional e todos se dispersam e sosségadamente voltam para casa.

Na festa de Corpus Christi havia ornamentação muito bonita. O grande largo da Trindade era todo iluminado em roda com balões venezianõs. Em um dos lados erguia-se belo pavilhão cujas colunas eram formadas por palmeiras em leque, a *Mauritia flexuosa* (125), trazidas da floresta com estipes e capiteis, inteiras e fixas no solo. O coreto era iluminado com lâmpadas de côres e forrado de pano branco e vermelho. Aí se sentavam as damas, nem todas de puro sangue caucásico, mas apresentando bela amostra da formosura e elegância do Pará.

A festa maior e mais imponente, era a que se realizava em honra de Nossa Senhora de Nazaré, e que é, segundo penso, privativa do Pará. Como já disse, cai no quarto crescente, em meados da estação sêca, isto é, em outubro ou novembro, e dura, como as outras, nove dias. No primeiro dia tem lugar uma enorme procissão, partindo da cathedral, para onde a santa foi trazida alguns dias antes, e terminando na capela ou ermida (como chamam), da santa, em Nazaré, a uma distância de mais de duas milhas. Toda a população vem para a rua nessa ocasião. Todos os soldados, tanto de linha, como da Guarda Nacional, tomam parte na procissão, cada batalhão acompanhado por sua banda de música. Acompanham-na também as autoridades civís, com o presidente à frente, bem como as pessoas gradas, inclusive muitos residentes estrangeiros. O bote dos naufragos portuguezes é transportado, atrás da santa, nos ombros de oficiais de marinha e marinheiros, e em seguida vêm os outros

---

(125) As diversas espécies de palmeiras em leque do gênero *Mauritia* são conhecidas vulgarmente, na Amazõnia, como caranáas.

símbolos dos milagres realizados por Nossa Senhora. A procissão tem início logo que o sol começa a declinar, isto é, mais ou menos às quatro e meia da tarde. Quando se deposita a imagem na capela, considera-se a festa como inaugurada, e a aldeia é, todas as noites, o ponto de reunião da população que procura divertir-se, sendo a parte festiva do programa precedida, naturalmente, por um serviço religioso na capela. O aspecto da praça é então o de uma feira, sem o bom humor e a galhofa de festas semelhantes na Inglaterra, mas também sem a sua algazarra e grosseria. Preparam-se grandes salas para vistas panorâmicas e outros divertimentos onde o público tem entrada gratis. Há todas as noites grande queima de fogos de artifício, tudo obedecendo a um programa publicado da festa.

As várias cerimônias, que têm lugar durante a quaresma, me pareceram as mais impressionantes, e algumas eram extraordinariamente bem organizadas. O povo, tanto os atores como os espectadores, se conduzia em tais ocasiões com circunspeção maior. Não há festas. Os atos, representando os últimos acontecimentos da vida de Cristo, realizam-se nas igrejas ou nas ruas, fazendo lembrar as velhas representações dos milagres ou mistérios (126). Alguns dias antes da Sexta-feira Santa, há a procissão dos círios, à noite, de uma igreja para outra, na qual é transportada uma grande imagem de madeira do Senhor, curvo ao pêso da Cruz. Ela é acompanhada pelos principais membros do govêrno, e todos caminham

---

(126) Ao assistir a uma procissão no Rio de Janeiro, escreveu Larondeau, oficial da corveta *La Bonite*: "Diante do espetáculo, para mim muito estranho, dêsse cortejo religioso, parecia-me ver desfilar os homens dos séculos que se foram; achava-me transportado aos primeiros tempos de nossa história, assistindo à representação de um dêsses mistérios que faziam as vezes de ópera para nossos bons avós".

lentamente ao som de tambores velados. Alguns dias depois há uma dupla procissão. A imagem de Nossa Senhora é levada numa direção e a do Salvador em outra. As duas imagens encontram-se e numa das mais belas igrejas, que já está excessivamente cheia de uma multidão ansiosa por assistir ao afetuoso encontro de mãe e filho, poucas horas antes da crucifixão. As imagens eram postas face a face no meio da igreja; a multidão caía de joelhos e era pronunciado do púlpito um sermão de lágrimas. Tudo, como muitos outros espetáculos arranjados para os poucos dias a seguir, é altamente teatral e bem calculado para excitar as emoções religiosas do povo, embora, talvez, só temporariamente. Na Sexta-feira Santa os sinos não tocam, ficam proibidos todos os sons musicais, e as horas, noite e dia, são anunciadas pelo rumor triste das matracas de madeira, tangidas por negros, estacionados perto das várias igrejas. Em cada templo há um sermão. No meio do sermão o padre desenrola uma grande imagem do Cristo sangrento. Esse ato é acompanhado por altos gritos, soltos por pessoas robustas, escondidas na sacristia e contratadas para esse fim. O padre se mostra grandemente excitado e chega a derramar lágrimas. Numa dessas ocasiões eu me impressei no meio da multidão, e observei o efeito do espetáculo sobre o auditório. Os portugueses velhos e as senhoras brasileiras pareciam muito emocionados, soluçando, batendo no peito e rezando o rosário. Os negros comportavam-se com muita decência, mas pareciam mais particularmente impressionados pela pompa, os dourados, as roupas e a exibição geral. Os jovens brasileiros sorriam. Havia lá vários aborígenes, olhando friamente para tudo. Um velho índio, que estava perto de mim, disse em tom zombeteiro, quando o sermão acabou: "Está tudo muito bom; melhor não podia ser".

Os negros do Pará são muito devotos. Construíram, aos poucos, uma bela igreja, por seu esforço exclusivo, sem auxílio nenhum. É a de Nossa Senhora do Rosário. Durante as primeiras semanas de nossa estada no Pará, eu encontrava frequentemente uma fila de negros e negras, tarde da noite, caminhando pelas ruas, cantando em côro. Cada qual levava na cabeça certa quantidade de materiais de construção: pedras, tijolos, argamassa ou táboas. Vi que eram principalmente escravos que, depois de um dia pesado de trabalho, contribuíam um pouco para a construção de sua igreja. Todos os materiais tinham sido comprados com suas economias. O interior ficou terminado cerca de um ano depois, e está decorado com o mesmo luxo que as outras igrejas, construídas com muito mais dinheiro pelas velhas ordens religiosas há mais de um século. Anualmente os negros celebram a festa de Nossa Senhora do Rosário, e geralmente o fazem com completo sucesso.



Agora acrescentarei algumas notas mais que acumulei sobre assuntos de História Natural, feitas no Pará e arredores.

Já referi que os macacos são raros na vizinhança imediata do Pará. Só encontrei três espécies na mata perto da cidade; são animais tímidos, que evitam a vizinhança das cidades, onde são objeto de muita perseguição por parte dos habitantes, que os matam para comer. A única espécie que via frequentemente era o pequeno *Midas ursulus* (127), um saguí, família peculiar à Amé-

---

(127) Constituem os saguís (ou *sauins*, os *tittis* dos espanhóis, *ouistis dos franceses e marmosets* dos ingleses) uma família especial de macacos, os *Calitriquidas*, com sete gêneros representados

rica tropical, e diferindo em muitos pontos essenciais de estrutura dos outros macacos. Os saguís são de pequeno porte, mais parecendo esquilos que macacos no seu modo de trepar nas árvores. As unhas, exceto as dos polegares das patas posteriores, são longas, em garra, como as dos esquilos, e os polegares das extremidades anteriores, ou mãos, não são oponíveis aos outros dedos. Não quero dizer com isto que êles tenham qualquer relação com os esquilos, que são roedores, uma ordem inferior de mamíferos; sua semelhança com êsses animais é meramente superficial. Têm em cada mandíbula dois molares menos que os Cébidae, outra família de macacos americanos. Concordam com êles, contudo, na posição lateral das narinas, caráter que os distingue dos macacos do Velho Mundo. O corpo é longo e delgado, revestido de pêlos macios, e a cauda, que tem quasi duas vezes o comprimento do tronco, não é prensora. As patas posteriores são muito maiores em volume, do que as anteriores. Nunca se vê o *Midas ursulus* em grandes bandos; no máximo aparecem em grupos de três ou quatro. Parece temer menos a proximidade do homem que qualquer outro macaco. Eu o encontrava frequentemente nas matas à margem das ruas dos subúrbios, e de uma feita vi dois em um maciço atrás da casa do cônsul inglês em Nazaré. Seu modo de caminhar nos ramos principais das mais altas árvores parece o dos esquilos. Não sobe aos ramos mais finos nem faz aqueles espantosos

---

no Brasil (*Callimico*, *Callithrix*, *Mico*, *Tamarin*, *Oedipomidas*, *Leontocibus* e *Marikina*). A espécie referida no texto é *Tamarin tamarin* do grupo dos saúfns sem pêlos bucais brancos, de pelágio negro lustroso, com algumas estrias transversais amareladas, mal definidas, na parte posterior do dorso. Cabrera dá como dimensões d'êste macaquinho 25 centímetros de corpo e 40 de cauda. A descrição do animal e seus costumes está muito bem nas linhas de Bates.

saltos dos *Cebidae*, cujas caudas preensoras e flexíveis mãos os tornam aptos a essas viagens de cabeça para baixo. Ele se confina aos troncos e ramos mais grossos das árvores, sendo suas afiadas garras de grande utilidade, por lhes permitirem agarrar-se à casca. Vêm-se muitas vezes passeando rapidamente em tórno dos troncos cilíndricos e erectos. É uma criaturinha irrequieta, tímida e veloz, e apresenta grande grau de curiosidade, pois quando uma pessoa passa por baixo das árvores por onde elles correm, sempre param alguns momentos para fitar com espanto o intruso. No Pará vê-se comumente *Midas ursulus* em casa, como animal domesticado. Os adultos têm cerca de nove polegadas, sem contar a cauda, que mede umas quinze polegadas. O pelágio é denso, negro, exceto uma faixa pardo-avermelhada do meio do dorso. Quando é apanhado ou quando conservado preso, mostra-se muito medroso e irritável. Não deixa a gente aproximar-se, mas recua quando alguém procura acari-ciá-lo. Parece estar sempre a queixar-se, soltando uns gritinhos trêmulos e lamurientos. Seus olhos negros e espertos, cheios de desconfiança, observam tudo o que se passa em redor. Tratados afavelmente, como geralmente acontece em casa dos naturais, fica muito manso e familiar. Vi um, travesso como um gatinho, correndo pela casa atrás dos moleques, que o enchiam de carícias. Procedia de modo diferente com os estranhos, e parecia não gostar de vê-los sentados na rêde que estava armada na sala, pulando em cima, procurando morder ou de qualquer modo incomodá-los. Alimenta-se geralmente de frutos doces, tais como bananas; mas também gosta muito de insetos, especialmente gafanhotos e aranhas de corpo mole, que êle trinca com avidéz, quando os encontra. A expressão fisionômica dêstes pequenos macacos é inte-

ligente e simpática. Isto se deve em parte ao seu largo ângulo facial, que é de 60°; mas os movimentos rápidos da cabeça, e o modo que têm de incliná-la para um lado, quando é excitada a sua curiosidade, contribuem muito para lhes dar essa expressão inteligente.

Anatomistas que dissecaram espécies de *Midas*, dizem que o seu cérebro é de tipo muito atrasado, conforme demonstra a ausência de circunvoluções, sendo sua cortex lisa como a dos esquilos. Eu concluiria imediatamente, que êste caráter é de pouco valor para julgar das qualidades mentais dêsses animais. Na mobilidade de expressão de seu semblante, inteligência e ademanes, estes pequenos macacos se assemelham muito mais aos monos mais elevados do que a qualquer roedor que eu conheça.

No Alto Amazonas vi uma vez um individuo domesticado de *Midas leoninus*, espécie descrita por Humboldt, e que é ainda mais travesso e inteligente que o que acabo de descrever. Êste raro e belo macaquinho tem somente sete polegadas, menos a cauda. Foi chamado *leoninus* por causa da longa juba parda que lhe cai do pescoço e lhe dá o aspecto de um leão em miniatura (128). Na casa onde vivia, estava acostumado com todos; seu maior prazer parecia ser trepar pelo corpo das diversas pessoas que entravam. A primeira vez que lá fui, êle atravessou a sala em linha reta, para a cadeira onde eu estava sentado, e trepou nos meus ombros; aí chegado, deu a volta, olhando para o meu rosto, mostrando os seus dentinhos e tagarelado, como se dissesse: "Bem, e como vai você?" Êle mostrava mais afeição para o seu dono que para os estranhos, subindo-lhe à cabeça uma duzia de vezes por hora, de cada vez pare-

cendo procurar aí certos animálculos. Isidoro Geoffroy de Saint Hilaire fala de uma espécie dêsse gênero, que distinguia diversos objetos representados numa gravura. Audouin mostrava-lhe as figuras de um gato e de uma vespa e êle parecia aterrorizado; ao contrário, à vista das figuras de um gafanhoto ou de um bezouro, precipitava-se sôbre o desenho, como para apanhar os objetos aí representados.

Embora os macacos sejam atualmente raros, em estado selvagem, nos arredores do Pará, vêm-se na cidade muitos em estado semi-doméstico. Os brasileiros gostam muito de xerimbabos. Mas os macacos não se reproduzem aquí em cativeiro. Em pouco tempo contei 13 espécies diferentes, que vi, passeando pelas ruas do Pará, nas portas ou janelas das casas ou nas canoas dos indígenas. Duas eu nunca mais encontrei em qualquer outra parte da região. Uma delas era o bem conhecido *Hapale jacchus*, pequena criatura parecendo um gatinho, de corpo e cauda fasciados de preto e cinzento, e com uma franja de longos pelos brancos cercando as orelhas (129). Estava sentado no ombro de uma jovem mulatinha, que passeava pelas ruas, e disseram-me que fôra apanhado na ilha de Marajó. A outra era uma espécie de *Cebus*, de cabeça notavelmente grande, pelagio pardo avermelhado, mais pálido na face, mas com um topete denegrado no alto da cabeça (130).

Na estação chuvosa as serpentes são comuns nos arredores do Pará. Certa manhã, em abril de 1849, depois de uma noite de chuva torrencial, o profeta, nos seus percursos para apagar as lâmpadas, despertou-me

---

(129) Esta é a espécie do gênero *Callithrix*, cuja descrição já encontramos em Marcgrave, e cuja área de distribuição se estende da Bata até ao baixo Tapajós.

(130) Deve referir-se Bates ao *Cebus macrocephalus*, espécie do alto Amazonas, provavelmente trazida para Belém, onde a viu o autor.

para mostrar-me uma *Boa constrictor* (131) que acabara de matar na rua Santo Antonio, não longe de minha porta. Cortara-a quasi em duas com um facão, quando ela atravessava a rua. Às vezes os caçadores nativos apanham giboias vivas na floresta dos arredores da cidade. Comprámos uma que tinha sido assim capturada e a conservámos durante algum tempo em grande caixa, embaixo de nossa varanda. Mas não é esta a maior ou mais formidável serpente, encontrada na região amazônica. E' muito menor que a medonha sucurijú, (*Eunectes murinus*) que às vezes ataca o homem; mas desta daremos notícia em um dos próximos capítulos.

Frequentemente acontecia, quando eu caminhava no mato, ver cair uma cobra dos ramos perto de mim. De uma feita fiquei durante alguns momentos, completamente enleado por uma espécie extraordinariamente delgada, de quasi seis pés de comprimento e cerca de meia polegada de diâmetro, que se enrolara em mim. Era uma espécie de *Dryophis* (132). Em sua maioria as cobras não tinham peçonha. Um dia, porém, pisei na cauda de uma serpente jovem de uma espécie muito peçonhenta, a jararaca (*Craspedocephalus atrox*) (133). Ela voltou-se e mordeu-me as calças; um rapaz índio, que ia atrás de mim, habilmente a transpassou com a faca, antes que ela tivesse tempo de escapar. Em certas épocas as serpentes são muito abundantes e muitas vezes me admirei de que os accidentes não fossem muito mais frequentes.

---

(131) O nome atual da gibola é *Constrictor constrictor constrictor*, cobra muito comum em todo o Brasil, e a que mais facilmente vive em cativeiro.

(132) Provavelmente *Philodryas viridissimus*.

(133) A jararaca do Pará é a mesma caissaca do Nordeste, a *Bothrops atrox* (L.).

Entre as cobras mais curiosas, aí encontradas, estão as *Amphisbenaes*, gênero afim do licranço europeu (134). As que me traziam, geralmente não tinham mais de um pé de comprimento. São cilíndricas, não tendo pescoço apreciável e a cauda romba, de pouco mais de uma polegada, tem o mesmo aspecto da cabeça. Esta forma peculiar, junto ao hábito que têm de rastejar para diante e para trás, deu aso à fábula de que elas têm duas cabeças, uma em cada extremidade. São de movimentos muito tardos e são revestidas de escamas, que se apresentam como pequenas placas imbricadas, formando anéis, em tôrno do corpo. Os olhos são tão pequenos que difficilmente se percebem. Vivem habitualmente nos ninhos subterrâneos da saúva, só saindo de seu esconderijo, acidentalmente, durante a noite. Os naturais chamam a anfisbena *mãe-das-saúvas*, e dizem-na muito peçonhenta, embora na realidade seja inteiramente inofensiva. E' um dos muitos animais curiosos que se tornaram o tema das histórias fantásticas dos indígenas. Dizem que as formigas a tratam com grande afeto e que, arrancando-se a cobra de um ninho, as saúvas o abandonam. Certa vez eu retirei uma quasi inteira do corpo de uma jovem jararaca, a espécie peçonhenta a que já aludi, e cujo corpo estava tão distendido pelo conteúdo, que a pele se reduzia a uma fita envolvendo a anfisbena. Infelizmente não pude tirar a limpo as

---

(134) Há neste trecho de Bates alguns enganos. Parece que ele deu a designação geral de cobras às anfisbenas e ao licranço para que o leitor comum tivesse uma idéa d'aqueles curiosos animais. Tanto o licranço como as anfisbenas são lacertílios, e apresentam de comum apenas a ausência completa de patas. O licranço europeu (*Anguis fragilis*) é da família Anguidas, à qual pertence nossa cobra de vidro (*Ophiodes striatus*, com tres subespécies). *Amphisbaena* é o gênero tipo da família Anfisbénidas, cujas espécies são todas conhecidas pelos nomes comuns de cobra de duas cabeças, minhocão, mãe-das-saúvas. A espécie aqui descrita deve ser a *Amphisbaena vermicularis vermicularis* Spix (que Gray descreveu, sobre o material de Bates, como *A. brasiliana*). (Fig. 11).

relações que há entre estas curiosas cobras e as saúvas. Julgo, contudo, que elas se alimentam de formigas, pois uma vez lhes encontrei restos de saúvas no estômago. Seus movimentos são muito característicos. As mandíbulas não dilatáveis, os olhos muito pequenos e a disposição das escamas também as distinguem das outras cobras. Estes caracteres têm evidentemente certa relação com a sua vida nos ninhos subterrâneos das formigas. Está hoje bem demonstrado pelos naturalistas que as formas mais anômalas de Coleópteros se encontram entre os que vivem exclusivamente nos ninhos de formigas, e é curioso que uma forma anormal de cobras se encontre igualmente em sociedade com êsses insetos.

O subúrbio do Pará é rico em insetos. Não quero falar do número de indivíduos, que é provavelmente menor que o que se encontra num dia de verão nas latitudes temperadas (com exceção das formigas). Mas a variedade, ou por outras palavras, o número de espécies é muito grande. Darei uma idéia da diversidade de borboletas, lembrando que encontrei cerca de 700 espécies dessa ordem a uma hora da cidade, e que o número total de espécies encontradas nas Ilhas Britânicas não passa de 56, e toda a Europa possui apenas 321. Algumas das espécies mais vistosas, tais como *Panilio thoas*, (135) *P. torquatus*, (136) *P. polycæon* (137) e

---

(135) *Pepillo thoas* é uma das borboletas mais comuns do Brasil, sendo conhecida no sul pelo nome vulgar de calção de defunto, por causa de combinação de cores negra e amarela-alaranjada clara. A forma típica é das Guianas, havendo grande número de variedades distribuídas por toda América tropical; a representante brasileira é *P. t. brasiliensis*.

(136) Borboleta também negra e amarela. A parte amarela forma uma faixa longitudinal das asas anteriores e uma série de pequenas manchas perto das bordas das asas posteriores. A fêmea é quasi toda negra, com uma mancha branca nas asas anteriores e grande mancha rosea nas posteriores, que são caudadas. Encontra-se em todo o Brasil.

(137) Hoje *Panilio androæus*, borboleta de uns quinze centímetros de envergadura; as asas anteriores do macho amarelas

outras, aparecem esvoaçando pelas ruas e jardins, e às vezes entram pelas janelas abertas, atraídas pelas flores de dentro de casa. As espécies de *Papilio* mais características da região, tão conspícuas em seus tons negro-veludoso, verde e roseo, e que Linneu, obedecendo, ao seu elegante sistema de nomenclatura (designando as diferentes espécies em honra aos heróis da mitologia) chamou *trojanus*, (138) nunca deixam as sombras da mata. As *Morpho*, de esplêndido azul metálico, algumas com sete polegadas de envergadura, geralmente se confinam às aléas sombrias da floresta. As vezes vêm ao de-campado ensolarado. Quando viemos visitar, pela primeira vez, nossa nova residência em Nazaré, um *Morpho menelaus*, (139) uma das mais belas espécies, movia as suas largas asas, como uma ave, ao longo da varanda. Esta espécie, contudo, embora muito admirada, parece de cores baças, quando comparada com a sua congênere, a *Morpho rhetenor*, (140) cujas asas, pela face dorsal, são de um brilho deslumbrante. *M. rhetenor* prefere geralmente as largas estradas ensolaradas da floresta, e é uma presa quasi inatingível, por seu vôo muito alto, raramente descendo a menos de vinte pés do solo. Quando ela vôa ao longo da estrada, de vez em quando agita

---

no centro, com larga orla amarela; asas posteriores com a cauda não espatulada. A fêmea é toda negra, com uma faixa branca nas asas anteriores, e uma orla basilar de escamas verde-azuladas nas posteriores. Também de todo o Brasil.

(138) *Papilio trojanus* é sinônimo de *Papilio torquatus*.

(139) É a formosa azul-seda, linda borboleta, de asas de um azul setinoso e intenso, tão admirada de todos os que nos têm visitado. A forma típica é das Guianas, menor que a nossa, mas de colorido mais brilhante e com a orla negra mais estreita. Da família *Morphidae*.

(140) Espécie que apresenta muitas tonalidades de azul e verde, conforme a incidência da luz. As asas, com exceção do ápice das anteriores, são inteiramente azuis; página inferior das asas com diversas tonalidades do chocolate e isabel, com dois ou tres ocelos na asa anterior e cinco na posterior. É própria da Amazônia.

as asas, e então a superfície azul brilha ao sol, sendo visível a um quarto de milha. Há outra espécie do mesmo gênero, de tom branco-acetinado, a *Morpho uraneis* (141). E' também difícil de obter; só o macho apresenta o brilho cetinoso; a fêmea é de tom verde-claro. E' no auge da estação sêca que se encontram o maior número e variedade de borboletas na mata, especialmente quando cai um aguaceiro com alguns dias de intervalo. Pode-se apanhar um número infinito de espécies raras e curiosas, diferindo gradualmente por seus hábitos, modo de vôo, côres e desenhos: umas amarelas, outras vermelho-claras, verdes, purpúreas e azuis, muitas com as asas orladas ou salpicadas de linhas e manchas de tons metálicos, prateadas e doiradas. Algumas têm asas transparentes como o vidro. Uma destas borboletas de asas transparentes é particularmente linda, a *Hectaira esmeralda*: (142) tem uma única mancha opaca nas asas, de colorido róseo e violeta. E' esta a única parte visível quando o inseto vôa baixo, sôbre as fôlhas mortas, nas sombras mais densas, onde elas se encontram e parece uma pétala esvoaçando.

Há também no Pará grande variedade de mariposas, mas quasi todas voam de dia, fazendo companhia às borboletas. Nunca consegui apanhar mariposas à noite. Em sítios tais como jardins e orlas de florestas, onde se encontram tantas na Inglaterra, eu achava apenas um ou outro indivíduo. Atribuo essa escassez de mariposas noturnas à multidão de animais insetívoros que voam à noite, principalmente morcegos e curiangos, que constantemente infestam os lugares onde estas se pode-

---

(141) Esta espécie foi descoberta e descrita por Bates.

(142) Hoje *Callitaera esmeralda*, borboleta da família Satyridae. própria do Pará, de asas diáfanas, as anteriores com riscas semiapagadas, castanho-claras, as posteriores com uma mancha azul-violeta perto da borda posterior.

riam encontrar. Vê-se nos descampados, voando durante o dia, uma mariposa que muito se parece com a comum *Plusias gramma* inglesa. Várias vezes encontrei a *Erebus strix* (143) pousada nos troncos das árvores, confundindo-se no colorido, com a casca das mesmas. E' uma das maiores mariposas conhecidas, medindo alguns exemplares cêrca de um pé de envergadura. Nas veredas da mata encontra-se durante o dia uma infinidade de mariposas de asas transparentes, em sua maioria com o colorido de vespas, abelhas, icneumônidas e outros Himenópteros (144). Algumas espécies da mesma família têm as asas opacas e vestem uma libré semelhante à de diversas espécies de besouros. Quando em repouso, elas mantêm as asas coladas ao corpo, de modo que estas parecem os élitros dos besouros que imitam de maneira tão perfeita.

As libélulas, ou lavadeiras, são quasi tão vistosas como as borboletas nos lugares descampados e ensolarados. Há nos arredores do Pará mais de cem espécies diferentes. Os tanques e lagoas, aí tão abundantes, favorecem sem dúvida a sua proliferação, pois os estados jovens das lavadeiras vivem num elemento muito diverso daquele em que se encontram os adultos. Nem todas as espécies se confinam aos lugares batidos pelo sol. Adaptaram-se algumas a viver exclusivamente nas sombras mais densas da mata e são estas, quiçá, as mais belas, de côres mais brilhantes e de estrutura mais delicada que as outras. Uma delas, *Chalcopteryx rutilans*, só é encontrada perto dos igarapés sombrios que cruzam

---

(143) Hoje *Erebus aggriptna*, é a grande mariposa da família *Noctuidae*, cujo aspecto e tamanho estão bem descritos por Bates.

(144) Principalmente as espécies de mariposas da família *Ithomiidae*.

as estradas solitárias do Magoarí (145). As asas anteriores são transparentes e as posteriores, de fundo escuro, apresentam cintilações de ouro e violeta. Todas as libélulas fazem guerra incessante aos insetos alados que voam de dia, e estou inclinado a dizer que fazem uma destruição igual à das aves. Nem sempre são bem sucedidas em suas capturas, pois algumas de suas pretendidas vítimas por seu vôo esquivo e enganador, conseguem escapar de suas garras. Quando uma libélula apanha a presa, retira-se para uma árvore e aí, pousada em um ramo, calmamente a devora. As diversas espécies consomem grandes quantidades de moscas, especialmente durante o momento breve do crepúsculo, quando enxames dessas criaturas rapineiras se congregam nos brejos ou no tôpo das árvores.

As abelhas e vespas não são muito numerosas nos arredores do Pará e eu me reservo para tratar de seus hábitos em outro capítulo. Muitas espécies de *Mygale* (146), aranhas monstruosas e peludas, de meio pé de tamanho, que tanto atraem a atenção nos museus, aparecem nos pontos arenosos de Nazaré. As várias espécies apresentam os hábitos mais diversos. Uma constroem, entre as telhas ou calhas das casas, uma teia muito densa, parecendo de musselina. E' comum vê-las caminhando nas paredes dos compartimentos. Outras fazem teias semelhantes nas árvores e dizem que atacam as aves. Uma espécie muito robusta, a *Mygale blondii*

---

(145) As libélulas constituem uma ordem bem característica de insetos, os Odonatos; nessa ordem as larvas são aquáticas, conhecidas por odonátades, e como os adultos são predadoras. *Chalcopteryx rutilans* pertence à sub-ordem *Zygoptera*, família *Plythoridae* e é uma das mais lindas libélulas conhecidas.

(146) O nome *Mygale* tornou-se nome nú, correspondendo a designação de Bates a qualquer dos grandes Aviculariidae, conhecidos pelo povo como caranguejeiras; talvez se pudesse generalizar e vulgarizar a expressão mígalas.

(147) cava a terra, construindo uma galeria oblíqua e ampla, de cerca de dois pés de comprimento, que ela forra de seda. E' de hábitos noturnos. Logo antes do pôr do sol, vemô-la a espreita na bôca do tunel, desaparecendo subitamente quando ouve passos perto de seu esconderijo. Era notável o número de aranhas de côes vistosas. Algumas se curvam para cima na base dos peciolos foliares, parecendo botões de flor, e assim enganando os insetos que caçam. A de aspecto mais extraordinário era uma espécie de *Acrosoma*, com dois espinhos curvos, bronzeados, de plegada e meia de comprimento, partindo da extremidade posterior do abdômem. Tece uma grande teia, sem que esses monstruosos apêndices impeçam o seu trabalho; mas é impossível perceber qual seja a utilidade dos mesmos (148).

Os coleópteros, ou besouros, pareciam a princípio muito escassos. Esta aparente raridade foi registrada em outras regiões equatoriais e é devida, provavelmente a que o elevado calor do sol não lhe permita viver em pontos expostos, onde formam objetos tão notáveis na Europa. Encontram-se muitas centenas de espécies de diferentes famílias, quando procurados pacientemente nos lugares sombrios onde se confinam. E' inutil procurar *Geodeophaga* (149), ou besouros carnívoros, quer sob

---

(147) A *Mygale blondii*, hoje *Theraphosa blondii* é aranha das Guianas e Venezuela e o gênero *Theraphosa* não tem representantes no Brasil. As grandes caranguejeiras que fazem teia e são capazes de subir nas árvores e paredes pertencem ao gênero *Aviculária*.

(148) Na figura 12, que se vê no texto está uma espécie com o nome *Acrosoma arcuatum*. Para Simon o nome *Acrosoma* deve ser substituído por *Micrathena*, e a opinião de Simon tem sido seguida por todos os autores modernos, mas é ainda uma questão a resolver. A espécie figurada é a *Micrathena cyaneospina* (Lucas), sendo curioso que no Catálogo de Petrunkevitch, como na Monografia de Reimoser não esteja referida a espécie de Bates, nem na sinonímia. As micratenas são aranhas exclusivamente neotrópicas.

(149) Veja-se a nota n.º 80 sobre os Adéfagos.

as pedras, quer nos lugares abertos, cheios de sol. As formas terrestres desta interessante familia, que são abundantes na Inglaterra e, de um modo geral, nas regiões temperadas, são raros nos arredores do Pará, tendo eu encontrado apenas quatro ou cinco espécies; em compensação as essencialmente arborícolas são relativamente numerosas. E' o contrário do que se observa nas latitudes de norte, onde, em grande maioria, espécies e gêneros são exclusivamente terrícolas. Distinguem-se as formas arbóreas pela estrutura dos tarsos, providos de largas solas esponjosas e garras denteadas, permitindo-lhe trepar e caminhar nos ramos e fôlhas. A notavel escassez de besouros terrestres é devida, sem dúvida, ao número de formigas e cupins que povoam cada polegada de solo em todos os lugares sombrios, e que facilmente destruiriam as larvas dos coleópteros. Mas estas ativas criaturas têm as mesmas funções dos coleópteros, tornando, portanto, sua existência desnecessária. A grande proporção de besouros arborícolas e carnívoros é um fato interessante, porque traz outro exemplo do carater arbóreo que as formas animais tendem a adquirir na América equinocial, circunstância que demonstra uma lenta adaptação da fauna a uma região coberta de florestas, através da imensa vastidão dos tempos geológicos.

• • •

As grandes coleções de produtos animais do Pará, especialmente de insetos, permitiram-me tirar algumas conclusões quanto às relações da fauna da parte sul do delta do Amazonas com as das regiões vizinhas. Afirma-se geralmente que a Guiana e o Brasil, ao norte e ao sul do distrito do Pará, formam duas províncias distintas quanto à fauna e à flora. Entende-se com isso que as duas regiões apresentam um grande número de

formas autóctones e que se supõe não terem vindo de outros pontos durante os tempos geológicos modernos. Cada província pode ser considerada como um centro de distribuição no processo ulterior de disseminação das espécies pela América tropical. O Pará está entre os dois centros, cada qual com o seu núcleo de peneplâncias elevadas, ao passo que o vale intermediário forma uma larga extensão de terras baixas. É interessante, portanto, determinar donde este último recebeu sua população, ou se contém um numero tal de espécies endêmicas que levem à conclusão de que ele constitue por si uma provincia independente. Para resolver questões como esta, devemos comparar de modo rigoroso as espécies encontradas no distrito com as de outras regiões contíguas e procurar verificar se são idênticas, levemente modificadas ou completamente distintas.

Von Martius, quando visitou esta parte baixa do Brasil, há quarenta anos, vindo do sul, ficou muito impressionado pela dessemelhança da flora dessa região com a de outras partes do Brasil. A fauna do Pará, na parte inferior do Amazonas, efetivamente não apresenta relações estreitas com as do resto do Brasil, mas demonstra grandes afinidades com a da região costeira das Guianas, de Caiena até Demerara. Se podemos julgar pelos resultados fornecidos pelas famílias de insetos, não há formas brasileiras autóctones no distrito do Pará, ao passo que mais da metade de seu número total é de espécies essencialmente da Guiana, encontradas exclusivamente nas Guianas e Amazônia. Muitas delas, porém, são modificadas de tipos guianenses e cerca de um sétimo parece restrito ao Pará. Estas espécies endêmicas não são altamente peuliares e poderão ser ainda encontradas em grande extensão do norte do Brasil, quando a região for melhor estudada. Elas não nos permi-

tem deduzir que o distrito forme uma província independente, embora demonstrem que sua fauna não é toda derivada, e provavelmente o solo não é inteiramente de neo-formação. De todos estes fatos penso que devemos concluir que o distrito do Pará faz parte da provincia Guianense e que, se não é uma terra mais nova que a Guiana, dela deve ter recebido a grande massa de sua população animal. Fui informado pelo Dr. Selater (150) que se pode chegar a resultados semelhantes, comparando as aves das duas regiões.

O interessante problema de como se formou o delta do Amazonas recebe algum esclarecimento dessa comparação das faunas. Embora essa porção da Guiana esteja consideravelmente mais próxima do Pará que as porções media e sul do Brasil, está dela separada, contudo, por duas largas expansões d'agua que, em muitos casos, devem servir, de barreira às migrações. A terra do maciço brasileiro, ao contrário, é contínua desde o Rio de Janeiro e Baía até ao Pará e não há vestígios de que tivesse havido barreiras entre essas zonas durante as épocas geológicas recentes. Algumas espécies comuns ao Pará e à Guiana não se encontram além do ponto em que o rio se estreita, de modo que não podem ter passado por aí.

Surge portanto a pergunta: Teria a embocadura do Amazonas existido desde que apareceram as espécies atuais? E' difficil responder, mas os factos parecem demonstrar que não.

Se a foz do grande rio, que conserva a largura de 170 milhas em uma grande extensão foi primitivamente um largo golfo, a pouco e pouco obstruido pelas ilhas formadas pelos sedimentos trazidos pela correnteza, deveríamos concluir que de fato existiu uma barreira efi-

---

(150) Veja-se a nota n.º 8

ciente. Mas o delta do Amazonas não é de formação aluvial como o do Mississipi e do Nilo. As ilhas de sua parte média e as praias das duas margens apresentam uma formação de rochas que ficam a descoberto ou muito perto da superfície do solo. Tal é especialmente o caso na costa do mar. Subindo o rio para o sul e sudoeste, atravessa-se grande extensão de terra que parece ter sido inteiramente formada de depósito fluvial e aí a terra é mais baixa que no litoral marinho. A região pedregosa e arenosa de Marajó e outras ilhas do delta, em direção ao mar, é tão semelhante, em sua configuração física, ao continente do lado da Guiana, que von Martins concluiu que toda ela devia ter estado primitivamente ligada e que o Amazonas forçou uma passagem para o Atlântico através do que fôra, quiça, um cordão de ilhas muito próximas ou uma faixa contínua de terra baixa.

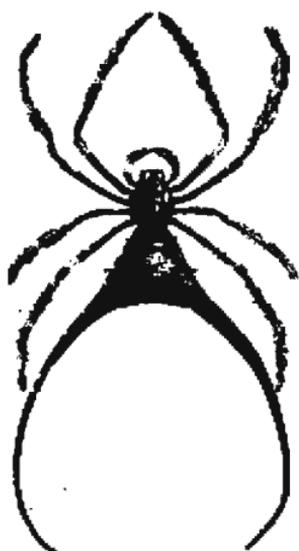


Fig. 12 — *Acrosoma arcuatum* Bates  
(*Micrathema cyanospina* Lucas).

## CAPÍTULO IV

### O TOCANTINS E CAMETÁ

Preparativos para a viagem — A baía de Guajará — Bosque de palmeiras em leque — O baixo Tocantins — Esboço do rio — Vista Alegre — Baião — Rápidos — Viagem de bote às cachoeiras de Guariba — Vida dos indígenas no Tocantins — Segunda viagem a Cametá.

AGOSTO, 26, DE 1848 — Wallace e eu começámos hoje a excursão a que já me referi, combinada com Mr. Leavens, para subir o rio Tocantins, cuja foz fica a umas quarentas milhas em linha reta, mas a umas oitenta, seguindo as voltas dos canais do rio, a sudoeste do Pará. Este rio, como já disse, tem um curso de 1600 milhas, e é o terceiro entre os rios que formam o sistema do Amazonas. Os preparativos para a viagem deram muito trabalho e incômodos. Tivemos primeiro que alugar um barco apropriado, uma *vigilinga* de dois mastros e 27 pés de comprimento, de proa chata e larga arqueação, capaz de suportar mar grosso, pois, embora nossa viagem fosse exclusivamente fluvial, havia um largo braço de mar a atravessar (151). Não tinha camarotes na coberta, mas dois toldos arqueados, forma-

---

(151) O termo *vigilinga* está em português no original; Wallace fala em um barco de táboas toscamente aparelhadas, e as medidas dadas pelos dois viajantes não concordam: 27 pés de comprimento em Bates, 24 pés de comprimento e oito de largura em Wallace.

dos de ramos entrelaçados e cobertos de folhas de palmeira. Tivemos então que armazenar provisões para tres meses, duração que a principio prevíramos para a nossa viagem, procurar os necessários passaportes e, finalmente, contratar a tripulação. Leavens, tendo muito conhecimento do país, cuidou de todos estes assuntos. Trouxe dois índios do arrozal e estes conseguiram que outros se alugassem. Por nossa parte tomámos nosso cosinheiro Isidoro e um indiozinho, chamado António, que se afeiçoara conosco durante nossa estada em Nazaré. Nosso homem principal era Alexandre, um dos índios de Leavens. Era um joven tapuio, inteligente e bem-disposto, perito marinheiro e caçador infatigavel. À sua fidelidade confiámos todos os objetos de nossa viagem. Sendo filho de um distrito perto da capital, Alexandre era um tapuio civilizado, um cidadão livre como os brancos seus semelhantes. Falava só o portugûês. Era magro, baixote, de feições regulares e, o que é pouco comum entre os índios, com o labio provido de bigode. Tres anos mais tarde eu o vi no Pará com o uniforme da Guarda Nacional, e frequentemente ele me chamava para falar do passado. Eu o apreciava, como companheiro calmo, sensível e varonil.

Começámos a navegar à tarde, depois de esperar algumas horas, em vão, por um dos homens da equipagem. Cedo escoreceu, o vento soprava forte, e a corrente nos levou com grande rapidez além dos navios que estavam ancorados no pôrto. O barco jogava bastante. Depois de umas cinco ou seis milhas de viagem, a maré virou e tivemos que lançar âncora. Pouco depois deitámo-nos os tres juntos na esteira, que fôra posta no chão de nosso camarote e logo adormecemos.

Despertando de madrugada vimos que estávamos derivando com a maré, ao longo da Baía de Guajará.

É um largo canal entre a terra firme e uma fila de ilhas que se estende um pouco além da cidade. Nela tres grandes rios despejam suas águas: o Guamá, o Acará e o Mojú, formando assim um sub-estuário, dentro do grande estuário do Pará. Tem quasi quatro milhas de largura. A margem esquerda, perto da qual agora navegávamos, era extraordinariamente formosa. Não se via uma polegada de solo. A beira d'agua apresentava uma parede compacta de floresta rica e variegada, que parecia formar um caixilho à paisagem aquática. As copas arredondadas das árvores exógenas (152) que constituam a corpo principal e a diversidade infinita de Helicônias e Palmeiras formavam rico rendilhado. A manhã era calma e sem nuvens, e os raios oblíquos do sol nascente batiam em cheio na floresta fronteira, iluminando tudo gloriosamente. O único som de vida que chegava até nós era o canto da saracura (*Gallinula cayennensis*) (153), especie de galinha selvagem. Tudo estava tão silencioso que se ouviam perfeitamente as vozes dos barqueiros que passavam a uma ou duas milhas de nós. O sol rapidamente foi esquentando, mas como a brisa do mar aumentasse de intensidade, moderava o calor que, de outro modo, seria quasi insuportavel. Chegámos ao extremo de Guajará por volta de meio dia.

---

(152) E' preciso não esquecer que Bates sempre se refere às Dicotiledoneas como *Exógenas*.

(153) No original, por exceção ao escrúpulo de Bates, está escrito *Serracura*. O nome comum saracura é applicado a quasi todos os Gruiformes da familia *Rallidae*, havendo engano em Bates quando a ella se refere como especie de galinha selvagem. A especie citada no texto é atualmente designada *Aramides cajanea cajanea*, também conhecida no Amazonas por *Sericoia* (nome que também lhe dão na Paraíba e Pernambuco), chamada no sul saracura-do-brejo e na Baía tres-potes; é de tom cinzento-plumbeo na cabeça e pescoço, o dorso côr de azeitona, asas côr de ferrugem como a parte anterior do ventre; uropígio negro e bico verde-amarelado. As saracuras, diz Goeldi, são criaturas intelligentes e cautas, mais faccis de ser ouvidas que vistas,

penetrando no estreito canal do Mojú. D'aí em diante continuámos a viagem, em parte à vela, em parte remando entre as mesmas paredes ininterruptas de florestas, até à manhã do dia 28.

Agosto, 29. — O Mojú, rio pouco menor que o Tamisa, está ligado ao Tocantins, cerca de vinte milhas de sua foz, por um curto canal artificial, o Igarapé-Mirim. Pequenas embarcações, como a nossa, preferem esse caminho à passagem tempestuosa pelo rio principal, embora a distância seja consideravelmente maior. Percorremos ontem êsse canal, e hoje estamos navegando por um labirinto de estreitos canais; suas margens são todas revestidas da mesma floresta magnífica, mas agradavelmente salpicada de casas de agricultores e colonos. Passámos por grandes fazendas além de uma linda aldeola chamada Santana. Todos estes canais sofrem a influência das marés, ao contrário do que succede com o furo que comunica com o Tocantins. A agua era quasi tépida (77.ºF.) e a vegetação em tôrno parecia fumegante de umidade. A região é, porém, perfeitamente sadia, ao que me disseram. Algumas casas são construídas sôbre pilares, acima da lama do pântano.

A tarde atingimos o extremo do último furo, chamado Anapír, que corre algumas milhas entre duas linhas ininterruptas de palmeiras em leque, formando com seus espiques colunas erectas de colossais palissadas. Virando uma ponta de terra avistamos o Tocantins. O acontecimento foi anunciado por um dos índios, que estava de vigia na proa, gritando: "*Lá está o Paraná-uassú*". (154) "*Lá está o grande rio!*"

---

(154) Em português no original. As duas narrações de Bates e Wallace se completam para êste primeiro trecho da viagem pelo Tocantins. Escreve Wallace: "As nove horas da manhã do dia 28, entrámos no Igarapé-mirim, que é um canal de cerca de

Era uma larga extensão de aguas escuras, encrespadas pelo vento; a margem oposta, estreita linha azul, aparecia a muitas milhas.

Descemos em uma ilha coberta de palmeiras, para fazer fogo e ferver agua para o chá. Caminhei um pouco ilha a dentro e fiquei espantado com o aspecto. A terra fica abaixo do nivel das marés diárias, não havendo subseqe e o solo era nú. As árvores eram quasi todas de uma espécie de palmeira, e gigantesca *Mauritia flexuosa* (155), de fôlhas em leque; só nas margens

meia milha, ligando o rio Mojú com outro, que desagua no Tocantins quasi em frente de Cameté. Quando fomos em meio dêsse canal, fomos surpreendidos pela maré contrária, de modo que fomos obrigados a esperar o refluxo, e amarrámos a embarcação em uma das árvores da margem. Mas dentro em pouco rompeu-se o cabo e fomos arrastados, com sério risco de sermos violentamente atirados contra um baixo. Felizmente conseguimos safá-la e levá-la para uma pequena enseada de águas tranquilas... As cinco horas da manhã alcançámos Sant'Ana, povoação onde há bonita igreja do pitoresco estilo italiano, usual no Pará.

(155) E' o mirití, murití ou burití, palmeira da qual escreve Martius: "Entre todas as palmeiras da América do Sul, nenhuma tem sido tão gabaða pelos escritores como a mirití. Particularmente discorreu Gumilla com eloquência sôbre as múltiplas utilidades que ella oferece entre os guaraúnos. Também os índios brasileiros transformam os colossais troncos dessa árvore em canoas, pranchas, caibros e vários utensilios; mas o preparo de um fino amido da medula, igual ao sagú das Indias Orientais, é-lhes desconhecido, provavelmente por não terem os incolos, como acolá, moradia fixa nos terrenos úmidos, onde cresce a palmeira, e por cultivarem a mandioca nas matas enxutas. Com as fôlhas e talos fabricam igualmente cestos; também bebem a seiva doce que se ajunta em depressões feitas nos troncos derribados. Mais raramente preparam uma bebida com o cozimento dos frutos, por preferirem a das bagas das palmeiras patauá e assaí; porém tão pouco nojentos como seus irmãos mais setentrionais, conhecem e apreciam as larvas do gorgulho das palmeiras, que se desenvolvem inúmeras nos troncos caídos. Humboldt encontrou-a no sopé do monte Duida; segundo a afirmação de nossos índios, no Japurá essa palmeira se encontra nos afluentes occidentais do rio Negro, e devemos supor que se espalha desde essas terras interiores até ao sistema do Orenoco, á sua foz, á ilha Trinidad e aos llanos de Cumaná. Em Essequibo, Surinam e Calena viceja ainda mais para o interior". Segundo Alberto Sampaio o mirití de Manaus é *Mauritia sphaerocarpa*. Nas plantas novas há espinhos na página superior das nervuras, o que fez alguns autores criarem uma outra especie *Mauritia setigera*.

havia um pequeno número de outra espécie, a igualmente notável ubussú, *Manicaria saccifera*.(156) A ubussú tem folhas erectas, inteiras, de vinte e cinco pés de comprimento por seis de largura, dispostas em torno do ápice de uma estipe de quatro pés de altura, parecendo uma colossal peteca. As palmeiras em leque, que cobriam quasi toda a ilha, têm altas estipes cilíndricas e lisas, de tres pés de diâmetro e cerca de cem pés de altura. As coroas são formadas por enormes tufos de fôlhas em ventarola, cujos pecíolos medem de sete a dez pés de comprimento. Nada no mundo mais imponente que esse maciço de palmeiras. Não havia subosque para impedir a vista da longa perspectiva das altíssimas colunas. As copas se entrelaçavam a uma imensa altura, tapando os raios do sol, e a sombria solidude inferior, na qual nossas vozes retumbavam, só poderia comparar-se a um templo solene. Estavam esparsos pelo solo os frutos das duas palmeiras; as de ubussú reúnem-se em grupos de dois e tres e têm casca dura e parda; os da *Mauritia*, ao contrário, são de um vermelho brilhante e a casca apresenta sulco profundos que lhes dão o aspecto de bolas de *cricket*·pespontadas.

Cerca de meia noite, com vento forte, e maré favorável, cruzámos o rio obliquamente, num percurso de 16 milhas, e às oito horas da manhã chegámos a Cametá. E' cidade de certa importância, pitorescamente situada num trecho de terra firme da margem esquerda do Tocantins. Darei uma descrição do lugar no fim desta narrativa de nossa viagem ao Tocantins. Aí perdemos outro de nossos homens, que ficou na praia be-

---

(156) Em Alberto Sampaio e em Barbosa Rodrigues encontramos a mesma designação científica dada por Bates, sendo que Alberto Sampaio cita outra espécie, a *Manicaria martiana*, mas Loeffgren diz que o género *Manicaria* é exótico, e Willis, que o dá como sul-americano, considera uma só espécie.

bendo com alguns velhos conhecidos, e fomos obrigados a continuar nossa viagem só com dois tripulantes e êstes de muito mau humor com a perspectiva.

A vista do rio em Cametá é magnífica. A cidade está, como disse, situada em um montado, que forma elevação muito considerável para essa região chata, e larga extensão de aguas verde-escuras é salpicada de ilhas baixas, cobertas de palmeiras. A vista sôbre a parte a jusante do rio, sendo clara, é apenas limitada por um horizonte de agua e céu, como no oceano. As margens são recortadas de pequenas baías e enseadas arenosas. O Tocantins foi comparado ao Ganges pelo príncipe Adalberto da Prússia, (157) que cruzou a sua foz em 1846. Sua largura na foz é de 10 milhas; em frente a Cametá é de cinco milhas. Burchell, (158) o conhecido viajante inglês, desceu o rio, vindo das zonas de mineração do interior do Brasil, alguns anos antes de nossa visita. Infelizmente a utilidade deste belo rio é prejudicada por numerosas obstruções à sua navegação, formadas por cachoeiras e corredeiras, que começam a 120 milhas acima de Cametá, como veremos a seguir.

---

(157) Henrique Guilherme Adalberto, príncipe da Prússia, nasceu em 29 de outubro de 1811. Depois de uma viagem pelo Oriente, visitou o Brasil. Chegou ao Rio de Janeiro a bordo da fragata *San Michele*, no dia 5 de setembro de 1842. Seguindo na mesma fragata, especialmente preparada para esse cruzeiro, visitou o Amazonas, o Tocantins e o Xingú, dando algumas notas curiosas sôbre os Jurumas, um resumo histórico das viagens ao Amazonas e um belo quadro da floresta tropical. Sua viagem foi narrada no livro "Notas de meu Diário", com prefácio de Humboldt.

(158) William John Burchell nasceu em data que não está averiguada (provavelmente 1782). Deixou a Inglaterra em março de 1825, esteve dois meses em Lisboa e chegou ao Rio de Janeiro em junho, aqui se demorando até setembro. Visitou Minas, S. Paulo, onde viveu em uma cabana isolada da serra do Cubatão durante sete meses. D'aí foi a Goiás, sendo o primeiro europeu a visitar essa provincia. Desceu o Tocantins e chegou ao Pará em junho de 1829, de onde regressou à patria. Numa carta a William Hooker diz ter colhido no Brasil 15000 espécies de plantas. Morreu em 23 de março de 1863.

Agosto, 30. — Chegámos, em companhia do senhor Laroque, (159) inteligente comerciante português, a Vista Alegre, quinze milhas acima de Cametá (160). Era a residência do senhor Antonio Ferreira Gomes e um belo exemplo de uma fazenda agrícola nessa parte do país. As construções cobriam vasta área. A casa de moradia estava separada da casa de comércio, e ambas estavam construídas em terreno baixo, comunicando as duas por longa ponte de madeira. Do escritório e do quarto de hóspedes estendia-se uma ponte de madeira para o rio, o todo elevado em pilares de madeira, acima da altura máxima das águas. Havia uma tosca moenda de cana de açucar, movida por bois, mas a única coisa que se fazia com o caldo era cachaça. Atrás dos edifícios via-se pequena área desbravada, com árvores frutíferas, laranjeiras, limoeiros, genipapos, goiabeiras e outras, larga estrada através de uma plantação abandonada de café e cacau, levando a vários largos alpendres, onde faziam farinha. As plantações de mandioca estão sempre espalhadas pela mata, havendo algumas nas ilhas do meio do rio. Sendo a terra abundante e o arado, como quasi todos os outros instrumentos agrícolas, desconhecido, o mesmo campo não é plantado tres anos seguidos. Desbrava-se novo trecho de mata de dois em dois anos, e a velha clareira é afogada pela mata.

Ai ficámos dois dias, dormindo no quarto de hóspedes. Como é costume nas casas brasileiras da classe

---

(159) Bates escreve Laroque e Wallace Le Roque. A família La Roque ainda existe no Pará, sendo das mais distintas dêsse Estado.

(160) Nêste ponto não concordam as narrativas de Bates e Wallace; Bates diz, como se viu, que chegaram em companhia de La Roque a Vista Alegre. Conta Wallace que, tendo desaparecido o piloto de sua embarcação, ficaram em Cametá, tendo La Roque seguido sózinho. Depois de o procurarem em vão resolveram afinal partir sem o piloto, encontrando em meio do caminho a La Roque que já vinha de volta.

média, não fomos apresentados às mulheres da casa, que apenas vimos de longe. Fomos relativamente felizes em nossas coletas na mata e maciços dos arredores, encontrando aves e insetos que não ocorrem no Pará. Aí vi pela primeira vez o anambé azul (*Ampelis cotinga*) (161). Estava nos ramos mais altos de uma árvore gigantesca e fora do alcance do tiro de uma espingarda de caça comum. A linda côr azul-clara de sua plumagem era bem visível dessa distância. E' pássaro estúpido e socegado. Espécie muito mais comum era a cigana (*Opisthocomus cristatus*) (162), ave da mesma ordem de nosso galo doméstico. E' mais ou menos do tamanho de um faisão; a plumagem é pardo-escura, manchada de avermelhado, tendo na cabeça uma crista de longas penas. E' uma ave notável a muitos respeito. O dedo posterior não está situado a um nível mais alto que os outros, mas no mesmo plano; a forma do pé está adaptada à vida puramente arbórea da ave, permitindo-lhe agarrar-se solidamente aos ramos das árvores. É este um carater distintivo de todas as aves da América equinocial, que representam as tribus do galo e do faisão do velho mundo, e dá uma outra prova da adaptação da fauna a uma região florestal. A cigana vive em bandos consideráveis nas árvores baixas e arbustos da

---

(161) Como é regra nas aves, o colorido brilhante é do macho; o anambé azul *Cotinga cotinga*, pássaro da familia *Cotingidae* tem as partes dorsais do corpo de colorido azul brilhante, mento, garganta, peito e abdomen nupureos, coberteiras inferiores das asas pretas, bem como o bico e os pés. Há outra especie de Cotinga, igualmente conhecida por anambé azul, a *Cotinga cayana*, de dorso azul brilhante com manchiplhas pretas, asas e cauda pretas, com as remiges e retrizes marginadas de azul, partes inferiores também azuis, exceto a garganta que é purpúrea. Dão também à *Cotinga cotinga* a designação comum de cururá.

(162) O nome atual da cigana é *Opisthocomus hoazin*; é realmente um Galiforme, mas de sub-ordem distinta (*Opisthocomi*), da qual é ela o único representante. Chamam-na também catingueiro e jacú-cigano, sendo esta última denominação em Goiás.

beira dos rios e lagoas, alimentando-se de vários frutos silvestres, especialmente de araçás (*Psidium sp.*). Os naturais dizem que ela devora o fruto de Araçees arborescentes (*Caladium arborescens*) (163) que crescem em densas massas nas margens pantanosas das lagoas. Sua voz é um assobio áspero e desagradavel. Faz esse ruido quando alarmada, todos os individuos sibilando, a voarem pesadamente de uma árvore a outra, quando perturbados pela passagem das canoas. É polígama como os outros membros da mesma ordem. Nunca é vista, nem por acidente, caminhando no chão, e não se domestica. A carne tem um cheiro desagradavel de almíscar misturado com a pele suada, cheiro que os brasileiros chamam *catiga*. Ninguém a come. Se é tão desagradavel para os animais carnívoros como para o homem, a imunidade de que goza contra as perseguições, explica viver em tão grandes bandos.

Muitos insetos aí encontrados eram diferentes dos do Pará. Espécies características de uma localidade eram substituídas na outra por especies afins, fato que parece levar à conclusão de que o Tocantins serve, até certo ponto, de barreira à imigração. Tal era especialmente o caso para os Papilios do grupo cujas asas são coloridas de negro, verde e vermelho. *Papilio echelus*, dêste grupo, que é tão comum no Pará, faltava aqui, sendo substituído por outra espécie muito afim. *Papilio aeneides* (164). Ambas têm os mesmos hábitos e

---

(163) Constitue o aningal, vasta formação das grandes aráceas arborescentes (*Montrichardia arborescens*), o habitat predileto das ciganas, que aí nidificam e onde vemos os filhotes usando ainda os dedos da mão, armados de garra, para agarrar-se.

(164) A espécie *Papilio echelus* é atualmente considerada como sinónimo de *Papilio aeneas*, forma *marcius*, conhecendo-se seis formas bem definidas de *P. aeneas* ao longo do rio Amazonas. *Papilio aeneides* é sinónimo de *P. aeneas*. Sobre esta ver a nota n.º 88.

parecem ocupar esferas semelhantes na economia natural dos distritos. Outra formosa borboleta aí coligida era um membro da familia Erycinidae, a *Alesa prema*, de um verde esmeraldino rutilante, marchetado de negro (165).

Apanhei uma pequena iguana, mas as iguanas são muito comuns em toda a Amazõnia. São particularmente numerosas nos arredores das aldeias, onde trepam nas fruteiras muito atacadas pelas trepadeiras. Põem os ovos, que são alongados e de polegada e meia de comprimento, no ôco das árvores. Comidos crus e misturados com farinha são muito gostosos. A côr da pele da iguana muda como a do camaleão, e os portuguezes a conhecem por esta designação. Chega a uns cinco pés de comprimento e engorda extraordinariamente (166). Para os leitores inglêses êste lagarto é interessante pela relação que apresenta com o reptil cólossal de Wealden — o *Iguanodon* (167).

A iguana é um dos animais mais estúpidos que encontrei. A que apanhei, caíra desamparada de uma árvore, quasi aos meus pés. Voltou-se por um momento

---

(165) *Alesa prema* é uma pequena borboleta da familia *Erycinidae*, de fundo verde esmeralda escuro, metálico, com uma faixa negra discal tanto nas asas anteriores como nas posteriores, com cinco pontos negros para a base da faixa e uma serie de pontas de lança que vão da faixa à margem externa.

(166) A iguana, mais vulgarmente conhecida na Amazõnia por sinimbú e tijibú (*Iguana iguana*) é grande lagarto da familia *Iguanidae*; é o senembi de Marcgrave, de colorido verde escuro e uma crista serrilhada que lhe percorre todo o dorso. É um de nossos maiores lagartos. É de lamentar que a tradução do livro de Wallace tenha sido Inçada de erros nas notas referentes à Historia Natural.

(167) O Wealden é o Cretáceo superior. Aí foi encontrada uma das duas espécies de *Iguanodon*, o *I. mantelli*, de uns cinco metros de comprimento (a outra espécie, da Belgica, *I. bernisartensis*, chega a quasi dez metros). Nada têm de comum os iguanôdones com as iguanas, senão uma fugitiva semelhança na forma dos dentes, d'onde foi tirado o nome genérico destes gigantes Dinosaurios Ornistiquios.

para mirar o intruso com uma expressão apatetada e começou a correr pela estrada. Corri-lhe no ancalço e ela parou como um cãosinho medroso, agachando-se e deixando que eu a tomasse pelo pescoço e a carregasse.

\* \* \*

Aí perdemos outro membro de nossa tripulação; e assim, ainda no começo da viagem tínhamos diante de nós a perspectiva de sermos forçados a voltar, pela falta de remeiros. O senhor Gomes, para quem trazíamos cartas de recomendações do senhor João Augusto Correia, brasileiro da alta sociedade do Pará, fez o que pôde para convencer os canoeiros dos arredores a acompanhar-nos, mas em vão. A gente desses lugares parecia estar acima dos trabalhos assalariados. São naturalmente indolentes e, além disso, possuem todos pequenas plantações suas, que lhes dão para viver com certa independência. E' difícil obter braços em qualquer circunstância, mas era particularmente difícil em nosso caso, pois sendo estrangeiros suspeitavam, como era natural entre gente ignorante, que tivéssemos costumes extravagantes. Afinal êle nos emprestou dois escravos para nos ajudarem até ao pouso seguinte, a aldeia de Baião, onde havia grande esperanças de obtermos canoeiros, que nos seriam fornecidos pelo comandante militar do distrito.

SETEMBRO, 2. — A distancia de Vista Alegre a Baião é de cerca de vinte e cinco milhas. Tivemos pouco vento e nossos homens foram obrigados a remar quasi todo tempo. Os remos usados em canoas como a nossa, são feitos amarrando uma forte pá, por meio de cipós, na ponta de um longo cabo. Os homens se sentam em bancos elevados, formados por toscas pranchas, co-

locadas na parte anterior do barco e remam de costas para a popa. Partimos às seis da manhã e ao pôr do sol alcançámos o ponto onde o canal ocidental do rio, pelo qual vinhamos navegando, desde que deixámos Cametá, encontrava outro, mediano, bem mais largo e que forma com ele grande vastidão de água. As ilhas parecem formar aqui duas filas regulares, dividindo o grande rio em tres canais. Como íamos devagar, tomávamos a montaria e, de vez em quando, desembarcávamos nas casas que são numerosas à margem do rio assim como nas ilhas maiores. Nos pontos mais baixos são muito mal acabadas, reduzindo-se a entrançados postos em altos pilares de madeira e cobertos de fôlhas de ubuçu. Usa-se em sua construção uma outra palmeira, o açaf (*Euterpe oleracea*) (168). A parte externa do espique desta espécie é dura e de aspecto córneo. E' lascada em táboas estreitas, servindo para formar a maior parte das paredes e o soalho. Disseram-nos os residentes que o canal de oeste fica quasi seco no meio da estação sem chuvas, mas no período das águas, em abril e maio, o rio sobe ao chão das casas. O fundo do rio é arenoso e a região perfeitamente salubre. A gente pareceu-me contente e feliz, mas havia sinais inequívocos de pobreza e ociosidade. Quando se anuncia a inundação de suas ilhas, eles não se mostram preocupados. Parecem ser quasi anfíbios, morando tanto na água como em terra. Era realmente alarmante ver ho-

---

(168) O açaf, de que dá Bates uma figura e a designação científica exata, é das palmeiras mais apreciadas na Amazônia, sobretudo pela bebida do mesmo nome, que toda a gente conhece, ao menos pelo prolóquio paraense: — Chegou no Pará, parou, bebeu açaf, ficou —. Mas essa designação açaf é dada a várias outras espécies do género *Euterpe*, sendo o de Manaus e do Alto Amazonas a *Euterpe precatoria*, também conhecida por açaf-domato. Os outros açafs são: *E. catinga* (açaf catinga, açaf chumbo), *E. longibracteata* (açaf da mata), *E. badiocarpa* (açaf de touceira, açaf pardo, açaf tufra). (Fig. 13).

mens, mulheres e crianças, em pequenas canoas esburacadas, quasi cheias d'água, com malas e bagagens, atravessando largos braços de rio. Quasi todos têm casa também na terra-firme, e só residem nos palmais alagadiços das ilhas do igapó (169) durante a estação quente e sêca. Alimentam-se principalmente de peixe, de moluscos (entre os quais as grandes *Ampullaria*, (170) cuja carne me pareceu muito coriácea), a indefectivel farinha e os frutos silvestres. Entre êstes, os frutos das palmeiras ocupavam principal lugar. O açai é o mais usado, mas êste forma um artigo universal do regimen em todas as partes da região. O fruto, que é perfeitamente esférico, é do tamanho de uma cereja, contendo pouca polpa entre a casca e o caroço. Faz-se com ele, juntando agua, uma bebida espêssa, violeta, que mancha os lábios como amoras. O fruto do mirití é também alimento comum, embora a polpa seja ácida e desagradavel, pelo menos para o paladar europeu (171). A tucuma (*Astrocaryum tucuma*) e o mucujá (*Acrococmia lasiospatha*) (172) crescem somente na terra firme. Seus frutos têm uma polpa amarelada, fibrosa, que os naturais comem, como o mirití. Contêm tanta substan-

---

(169) Bates escreve Ygapó. O vocábulo gapó ou igapó deriva do tupí y-apó e significa agua estagnada ou represada, alagadiço, pântano, e Bernardino de Sousa o define. "Alagadiço ou balxada marginal onde se represa e espalha o excedente das águas dos rios". Segundo Baurepaire Rohan Oiapoc quer dizer o mesmo que igapó.

(170) As ampulárias são moluscos d'agua doce, comuns à Africa e à America tropical; são Gastrópodes Prosobrânquios, Monotocárdios Tenioglossos, da familia Ampullariidae, interessantes porque conservam a brânquia direita, e à esquerda o manto se transforma em saco pulmonar, mostrando já, portanto, uma transição para os Pulmonados.

(171) Veja-se a nota 155.

(172) O mucujá e a tucuma (ou tucumã) pertencem ao mesmo grupo de palmeiras e são de gêneros muito próximos. Sobre o mucujá ver a nota n.º 44.

cia graxa que os cães e urubús os comem com voracidade.

Logo às primeiras horas da manhã de 3 de setembro chegámos à margem direita que tem aí quarenta a sessenta pés de altura. As casas são mais bem construídas que as que víramos até então. Conseguimos comprar uma pequena tartaruga. Quasi todos os habitantes têm alguns dêstes animais, presos em pequenos currais. Por toda parte encontrei mamelucos. Eram muito delicados, mas não conseguimos obter muito alimento fresco. Penso que isso era devido a não possuírem mais que o absolutamente indispensável às suas próprias necessidades. Nêsses distritos, onde o povo depende exclusivamente da pesca para ter alimento animal, há um período do ano em que sofrem fome, de modo que dão uma grande estima à pequena reserva que conseguem. Geralmente respondiam pela negativa quando perguntávamos, com dinheiro na mão, se tinham galinhas, tartarugas ou ovos para vender.

“Não há, sinto que não possa lhe servir”, ou: “Não há, meu coração”. (173)

SETEMBRO, 3 A 7 —. Às oito e meia da manhã chegámos a Baião, que está situada em uma margem muito alta e conta cerca de 400 habitantes. Tivemos que subir à aldeia por uma escada fixa na margem, e chegando em cima, fomos para um quarto que o senhor Seixas puzera à nossa disposição (174). Ele estava ausente, em seu sítio, e só voltaria no dia seguinte. Es-

---

(173) As duas frases estão em português, no original, escritas assim: “Não ha, sinto que não posso lhe ser bom”; e “Não ha, meu coração”.

(174) Diz Wallace terem encontrado o Sr. Seixas em Jambuaçu, sítio umas quinze milhas abaixo de Baião, onde lhe entregaram a carta de recomendação do Sr. João Augusto Correia, e que tinham seguido a esperá-lo em Baião, por determinação expressa do mesmo.

távamos inteiramente na sua dependência para obter homens que nos permitissem continuar a viagem, de modo que não havia outro remédio senão esperar. A situação do lugar e a natureza das matas em tórno, prometiam muitas novidades em aves e insetos; não tínhamos razões de lamentar a demora, mas retirámos nossos aparelhos e caixas da canoa e puzemos mãos á obra.

A vida calma e ociosa do povo muito nos divertiu. Tive depois sobrado tempo para habituar-me à vida das aldeias tropicais. Há nesses lugarejos um estilo de vida livre, familiar, *pro bono publico*, que requer algum tempo para um europeu acostumar-se. Ainda bem não nos tínhamos instalado em nossos quartos, quando alguns jovens desocupados vieram espiar e fazer comentários, e tivemos que responder a toda sorte de perguntas. As casas têm portas e janelas abertas para a rua, e a gente entra e sae à vontade; há sempre, contudo, um quarto mais recatado, onde residem os membros feminimos da familia. Em sua familiaridade não há nada de intencionalmente ofensivo, e é praticado simplesmente com o intuito de serem amaveis e sociaveis. Um joven mameluco, chamado Soares, o escrivão, levou-me à sua casa para mostrar-me a biblioteca. Fiquei surpreso de aí encontrar uma coleção dos melhores clássicos latinos — Vergílio, Terêncio, as cartas de Cícero e Tito Lívio. Nesse primeiro período de minha residência no país, eu não estava suficientemente familiarizado com o portuguez para conversar desembaraçadamente com o senhor Soares ou perceber o uso que ele fazia dêsses livros: era certamente coisa inesperada encontrar uma biblioteca de clássicos numa cabana de taipa e coberta de folhas de palmeiras das margens do Tocantins.

Era magnífica a vista que se tinha da aldeia sôbre as verdes ilhas cobertas de matas, e muito ao longe a

linha cinzenta da floresta da margem oposta do Tocantins. Estávamos agora bem longe da baixa região aluvial do Amazonas, e o clima era evidentemente muito mais seco que perto do Pará. Não chovia aí durante muitas semanas, e a atmosfera estava mergulhada em nevoeiro perto do horizonte, de maneira que o sol, antes do ocaso, parecia um globo vermelho-sanguíneo. No Pará isto nunca acontece; as estrelas e o sol são tão claros e bem destacados quando aparecem acima das copas das arvores como quando estão no zênite. Esta bela transparencia do ar é devida, sem dúvida, à igual distribuição de invisível vapor. Sempre recordarei o grande espetáculo do amanhecer, que presenciei em uma de minhas viagens ao longo do rio Pará. Nosso barco era uma grande escuna, e íamos levados por brisa fresca que cobria o mar de carneirinhos, quando o dia amanheceu. O ar estava tão claro que o disco da lua cheia se destacava nitidamente a oeste, ao mesmo tempo que o sol se erguia no oriente. Os dois grandes orbes eram visíveis ao mesmo tempo, e a passagem do claro do luar para o dia era tão suave que parecia apenas se avivasse a luz mortíça.

As matas em tórno do Baião eram capoeirões, tendo sido o solo anteriormente cultivado. Muitos pés de café e de algodão cresciam no meio do mato. Há uma bela estrada que se estende na margem alta do rio, de uma casa a outra, por muitas milhas. Entrei em muitas dessas casas a conversar com os moradores. Eram todos pobres. Os homens estavam pescando, alguns muito longe, a alguns dias de viagem; as mulheres plantam mandioca, fazem farinha, fiam e tecem o algodão, fazem sabão com cascas de cacau queimadas e óleo de andiroba (175) e se ocupam em vários outros afazeres

---

(175) *Carapa guyanensis*.

domésticos. Eu lhes perguntei porque deixavam suas plantações se perderem. Responderam que era inutil tentar plantar qualquer coisa aí; a saúva devorava os cafeeiros novos, e quem quizesse lutar com ela estava certo de ser vencido. A região, na extensão de muitas milhas ao longo da margem, parecia bem povoada. Os habitantes eram quasi todos mamelucos claros. Vi boa quantidade de mulatos, mas muito poucos negros ou índios, e ninguem podia considerar-se branco puro.

Quando o senhor Seixas chegou, foi muito amavel. Arranjou-nos immediatamente dois homens, matou um boi em nossa honra e tratou-nos com grande consideração. Mas não fomos apresentados à sua família. Vi de relance a espôsa, linda mameluca, quando passava com uma menina que penso ser sua irmã, por trás da casa. Ambas usavam saias compridas, de pano de algodão de côres vivas, e ambas fumavam compridos cachimbos de pau. O quarto em que dormíamos e trabalhávamos, servira de armazem de cacau, e à noite eu era despertado por bandos de ratos e baratas, que abundam nesses lugares. As baratas fervilhavam nas paredes; de vez em quando uma vinha pousar em meu rosto e caía na camisa quando procurava afugentá-la. Os ratos se perseguiam às duzias, durante a noite inteira, pelo soalho, entrando e saindo por baixo das portas ou entre os caibros do telhado.

SETEMBRO 7. — Partimos de Baião muito cedo. Um dos nossos homens era um mulato alegre, chamado José; o outro era um índio carrancudo, chamado Manuel, que parecia estar a nosso serviço contra a vontade. O senhor Seixas, ao partirmos, poz grande quantidade de provisões frescas a bordo. Poucas milhas acima de Baião o canal ficou muito raso; roçámos no fundo várias vezes e os homens tiveram que desembarcar e empur-

rar o barco. Alexandre matou alguns bons peixes com arco e flecha. Foi a primeira vez que eu vi apanhar peixe desse modo. A flecha é pequena, com ponta de aço, fixa em uma cavidade numa extremidade, e presa por um fio fino, feito de fibras de fôlhas de abacaxi. Só nas aguas muito claras pode o peixe ser morto desta maneira; e a única habilidade exigida é, na pontaria, fazer o devido desconto da refração.

No dia seguinte, antes do sol nascer, soprou uma brisa fresca; os homens levantaram-se e desfraldaram as velas. Navegámos o dia todo pelos canais entre ilhas, com longas praias alvas, arenosas, sobre as quais víamos, de vez em quando, aves aquáticas e ribeirinhas. A floresta era baixa, e tinha aspecto severo. Aí cresciam várias palmeiras, que eu não vira antes. Nos ramos baixos, perto d'água, havia numerosas e lindas tanagras de cabeça vermelha (*Tanagra gularis*) (176), esvoaçando e chilrando, como pardais. As quatro e meia chegámos à boca de um furo, onde havia vasta praia arenosa. O vento encrespava a areia em cristas e ondulações, e sobre as partes mais úmidas corriam bandos de magaricos. Alexandre e eu fizemos grande caminhada pela praia, que aparecia como agradável digressão ao cenário monótono da floresta, em meio da qual viajáramos. Ele me mostrou na areia o rasto de um grande jaguar. Aí encontrámos também nossos primeiros ninhos de tartaruga, dos quais tirámos 120 ovos, postos a uma profundidade de quasi dois pés. A mãe primeiro cava o buraco, que tapa depois com areia. Só se descobre o lugar seguindo os rastos da tartaruga desde a água. Aí vi pela primeira vez um jacaré, que levantou a cabeça e os ombros, pouco depois de eu ter tomado banho

---

(176) O nome atual deste gaturamo é *Calospiza cyanicollis melanogaster*; a forma típica é da Bolívia.

nesse lugar. A noite era calma e sem nuvens, e passámos as horas, antes de ir deitar, a pescar de caniço à luz da lua.

No dia 10 alcançámos pequeno sítio, chamado Patos, formado de cerca de 12 casas construídas em alta praia de pedra, à margem direita. A rocha é o mesmo conglomerado nodular que se encontra em tantos lugares, desde a costa até umas 600 milhas acima, no Amazonas. Leavens fez aqui as últimas tentativas para contratar homens que nos acompanhassem ao Araguaia, mas foi em vão. Ninguém consentiu em ir em tal expedição, fosse qual fosse o salário. As notícias sobre a existencia do cedro eram muito vagas. Todos diziam que a árvore era abundante algures, mas ninguém podia precisar a localidade exata. Creio que o cedro cresce, como todas as outras árvores da mata, de modo esparso, e não em massa, em nenhum ponto. O fato de ser a principal árvore que se encontra boiando a descer a corrente do Amazonas pode ser explicado por ser essa madeira muito mais leve que a da maioria das árvores. Quando as margens são roídas pelas correntes, árvores de todas as espécies caem no rio, mas as mais pesadas, que são as mais numerosas, afundam, e as mais leves, tais como o cedro, são as únicas que flutuam e são arrastadas para o mar.

Disseram a Leavens que havia árvores de cedro em Trocará, do lado oposto do rio, perto de alguns cabeços arredondados, cobertos de florestas, visíveis de Patos e lá fomos. Aí encontrámos várias famílias, acampadas em um sítio delicioso. A praia subia docemente, e era sombreada por algumas árvores de larga copa. Não havia subosque. Viam-se muitas redes armadas entre os troncos das árvores, e espalhavam-se pelo chão trastes de numerosas famílias. Mulheres, velhas e moças,

algumas bem bonitas, e muitas crianças, além de animais domésticos, viviam no acampamento. Eram todas mestiças, gente simples e bem-disposta, moradores em Cametá e que tinham vindo tão longe (oitenta milhas) passar os meses do verão. O unico motivo que nos deram foi que estava muito quente na cidade, no verão, e elas gostavam muito de peixe fresco. Assim esse povo simples não se preocupa em deixar a casa e os afazeres para vir passar tres meses de piquenique. E' costume anual dessa classe de gente, em toda a província, passar alguns meses da boa estação nos lugares mais selvagens da região. Levam consigo toda a farinha que podem carregar, sendo esse o único artigo de que precisam. Os homens caçam e pescam para as necessidades do dia; às vezes colhem um pouco de borracha, salsaparilha ou óleo de copaíba, para vender aos negociantes, quando voltarem; as mulheres remam, cozinham e às vezes pescam de caniço. O tempo é agradável durante toda a estação, passando-se assim prazenteiramente dias e semanas.

Um dos homens prontificou-se a caminhar conosco pela mata e mostrar alguns cedros. Caminhamos uma ou duas milhas entre espinheiros e afinal chegámos ás margens do igarapé Trocará, que corre em um leito de pedras, e uma milha acima da foz, forma pequena cascata. Na vizinhança encontrámos numerosos espécimes de curioso caracol terrestre, um grande *Helix* achatado, de boca em labirinto (*Anostoma*) (177). Soubemos depois que era uma especie descoberta alguns anos antes

---

(177) O gênero *Anostoma* pertence a uma familia distinta de *Helix* (Pupidae), e na qual quasi todas as espécies apresentam a abertura da concha mais ou menos estreitada e com dentes ou cristas.

pelo Dr. Gardner, o botânico (178) na parte superior do Tocantins.

Ficámos em Patos tres dias. Encontrámos nas matas um certo número de vistosos insetos, novos para nós. Os mais notaveis eram tres especies de Pieris. Soube-mo depois que estas borboletas ocorrem tambem na Venezuela e sul do Brasil, mas são desconhecidas nas planícies aluviais do Amazonas.

Aí vimos, pela primeira vez, a esplêndida arara azul (*Macrocerus hyacinthinus* Lath., a araruna dos nativos) (179), 'mas das mais belas e raras espécies da família dos papagaios. Ela só aparece no interior do Brasil, dos 16.º de latitude S. até à margem sul do Amazonas. Tem tres pés de comprimento, do bico à ponta da cauda, e é inteiramente de um azul jacinto, exceto em redor dos olhos, onde a pele é nua e branca. Voa aos pares, e alimenta-se dos frutos duros de várias palmeiras, mas especialmente do mucujá (*Acrocomia lasiopatha*). Estes frutos tão duros, que a custo são quebrados com um pesado martelo, são reduzidos a pasta pelo robusto bico desta arara.

Leavens teve grandes aborrecimentos com a gente de Patos. Vieram de baixo dois homens, com intenção de alugar-se para acompanhar-nos, mas depois desistiram. O inspetor, alcaide ou governador do lugar era um velhaco, e penso que foi êle quem dissuadiu os homens

---

(178) Jorge Gardner visitou o Brasil de 1836 a 1841; chegou ao Rio de Janeiro no dia 22 de julho de 1836 e, depois de visitar a Serra dos Órgãos, embarcou para o norte, tendo descido em Aracati (por não poder mais suportar a viagem em nossos veleiros) e voltou por terra para o Rio de Janeiro, tendo percorrido o Ceará, Piauí, parte de Goiás e grande porção de Minas Gerais. Voltou para a Europa no dia 6 de maio de 1841. Nasceu Gardner em Glasgow em maio de 1812 e morreu de apoplexia no Cellão em 10 de maio de 1849.

(179) A araruna (*Anodorhynchus hyacinthinus*), também chamada ararauna, arara preta, arara azul é não só a maior arara como o maior Psittaciforme do mundo.

de irem conosco, embora aparentemente mostrasse grande interesse em servir-nos. Êstes sitios retirados são o refúgio de gente desocupada e de maus costumes. Há aí uma festa, na qual o povo se embriaga com caxirí, bebida tóxica, inventada pelos índios. E' feita deixando bolos de mandioca em infusão na agua, até que tenha lugar a fermentação, e tem então o gosto de cerveja nova (180).

Sendo impossivel arranjar homens, Leavens desistiu de seu projeto de subir o rio até ao Araguaia. Accedeu, contudo, ao nosso pedido para subir até às cataratas, perto de Arroios. Partimos, portanto, de Patos com um desígnio mais preciso que antes. O rio tornava-se mais pitoresco, á medida que avançávamos. A agua era muito baixa, pois estávamos em plena estação seca. As ilhas eram menores e algumas delas altas e rochosas. Grandes troncos caídos projetavam-se na corrente, e as praias apresentavam pequenas enseadas arenosas. De um dos lados do rio havia um campo com árvores esparsas. Nos dias 14 e 15 parámos algumas vezes para caminhar pela praia. Nossa excursão maior foi a uma grande lagoa rasa, cheia de plantas aquáticas, que tomava cêrca de duas milhas do campo. No lugar chamado Juquerapuá tomámos piloto para conduzir-nos a Arroios, e poucas milhas acima de sua casa chegámos a um ponto onde não era possivel continuar em nossa grande canoa, por causa das corredeiras.

SETEMBRO, 16 — Embarcámos às seis horas da manhã em grande montaria, alugada pelo senhor Seixas para esse trecho de viagem, deixando a vigilinga ancorada junto à ilhota pedregosa de Santana, esperando nossa volta. Isidoro ficou tomando conta da mesma, e

---

(180) Há vários tipos de caxiri, como veremos em nota ulterior.

sentimos deixar atrás também nosso mulato José, que adoecera ao deixar Baião. Levávamos conosco somente Alexandre, Manuel, e o piloto, um tapuio esturdiado chamado Joaquim; apenas a gente suficiente para remar contra as fortes correntes.

Às dez horas chegámos às primeiras corredeiras, chamadas de Tapaiunaquara. O rio que aí tinha cerca de uma milha de largura, escachoava contra as pedras, que formavam uma ponte partida. Entre os pilares informes de pedra a correnteza era terrivelmente forte, e formava numerosos redemoinhos. Eramos obrigados a aproveitar alguma passagem fortuita e caminhar de pedra em pedra, enquanto os nossos homens arrastavam a canoa sobre os obstáculos. Além de Tapaiunaquara a corrente se tornou novamente larga e profunda, e o cenário do rio extremamente formoso. A água era clara, azul-esverdeada. De um e outro lado do rio erguiam-se colinas cobertas de matas e no meio da corrente apareciam pitorescas ilhotas, quasi à flor d'água, cujas matas, de um verde brilhante, eram emolduradas de palmeiras, formando lindos trechos de paisagem, destacando-se na perspectiva das sombrias montanhas que se perdiam no cinzento do horizonte. Joaquim nos mostrava os maciços sucessivos de castanheiras na terra firme. Esse é um dos pontos principais de colheita da castanha do Pará. A árvore é das mais altas da floresta, ultrapassando muito as outras; podíamos ver os frutos lenhosos, grandes e redondos como balas de canhão, pendentes dos ramos. As correntes em alguns pontos eram muito fortes, de maneira que os homens preferiam viajar perto da margem e propellar o bote com longas varas.

Chegámos a Arroios por volta das quatro e meia da tarde, depois de dez horas de penoso trabalho. O

lugarinho consiste apenas de algumas casas construídas em um montado, e forma pousada onde os canoeiros das regiões de mineração do interior do Brasil ficam para descansar, antes ou depois de transpor as cachoeiras e corredeiras de Guaribas, situadas algumas milhas acima. Jantamos em terra e à noite novamente embarcamos para visitar as cachoeiras. A maneira vigorosa e eficaz com que os homens lutavam contra as terríveis correntes enchiam-nos de admiração. O leito do rio, de cerca de uma milha de largura, está cheio de blocos de vários tamanhos, postos de modo irregularíssimo, e entre eles as correntezas se despenham mais ou menos rápidas. Com perfeito conhecimento do sítio e manobras hábeis, as pequenas canoas conseguem aproximar-se das cachoeiras, seguidos pelos canais menos perigosos. A queda principal tem cerca de um quarto de milha de largura. Trepamos a uma elevação de onde se podia ver melhor a catarata. A massa d'água se despenha com força aterradora em parede quasi a pique e escachoa fragorosa entre as pedras que lhe obstruem a marcha. A braveza da cena era realmente impressionante. Por mais que a vista se estendesse viam-se somente colinas cobertas de matas, de beleza selvagem, habitadas apenas por tribus esparsas de índios brabos. No meio de tal solidão o escachoar da catarata parecia a música adequada.

• • •

SETEMBRO, 17. — Muito cedinho começamos nossa viagem de volta. Arroios está situado a cerca de 4.º e 10' de latitude S. e fica, portanto, a 130 milhas da foz do Tocantins. Quinze milhas acima de Guaribas há outra cachoeira semelhante, chamada Tabocas. Disseram-nos que há, ao todo, quinze cachoeiras entre Ar-

roios e a boca do Araguaia. A pior é a do Inferno, sendo a de Guaribas a segunda. Aí se têm perdido muitas canoas e vidas, quasi todos os accidentes sendo devidos ao choque das embarcações de encontro a enorme massa cúbica de rocha, chamada Guaribinha, que nós, nessa viagem, contornámos com a maior facilidade, um quarto de milha abaixo da queda principal. Mas isto foi na estação seca; no tempo das chuvas há tremenda correnteza que vai de encontro à mesma. Descemos o rio rapidamente, e achámos muita graça em passar as corredeiras. Os homens pareciam deleitar-se em escolher os pontos mais velozes da corrente. Cantavam e gritavam, na maior excitação, remando com força, levantando nuvens de espuma. Parámos para descansar na boca de um riacho chamado Caganxa. Dissemos o piloto que se tinha achado ouro no leito desse ribeiro, o que nos deu a curiosidade de vadear algumas centenas de jardas de suas aguas geladas a procurá-lo. Leavens parecia muito interessado no assunto. Ele apanhava todas as pedras brilhantes que via no fundo, na esperança de encontrar também diamantes. Realmente não há motivo para não encontrar-se aí ouro e diamantes, sendo os morros uma continuação das das regiões de mineração do Brasil, correndo estes riachos entre os estreitos vales que os separam.

Chegando ao ponto onde tínhamos deixado nossa canoa, encontrámos o pobre José muito pior, de modo que nos apressámos em seguir para Juquerapá, em busca de auxílio. Uma velha mestiça tomou conta d'ele. Fez cataplasmas com a polpa de um fruto silvestre; administrou beberagens frescas, feitas com ervas colhidas perto de casa e exerceu admiravelmente as funções de enfermeira. Aí nos demorámos toda a noite e parte do dia seguinte, e eu fiz uma excursão por deli-

cioso caminho que por vales e montes penetra duas ou tres milhas na floresta. Fiquei surpreso com o numero e variedade de borboletas de côres brilhantes. Eram todas pequenas, e fugiam espantadas diante de meus passos, erguendo o vôo das moitas baixas que beiravam o caminho. Aí, pela primeira vez, ouvi as notas de um trogon (181); estava pousado num ramo, a pouca altura. Era uma bela ave, de dorso verde brilhante e o peito côr de rosa (provavelmente *Trogon melanurus*). Com intervalos regulares ele emitia em tom queixoso, duas notas, parecendo as palavras *quá, quá*. E' uma ave estúpida e lerda, custando a levantar o vôo quando alguém se aproxima. Nêsse ponto, contudo, os trógones não são iguais aos jacamares (182), cuja estupidéz, permanecendo em seus postos, pousados nos ramos baixos, nos pontos mais escuros da mata, é notável num país onde todas as outras aves são excessivamente cautelosas. Não é rara aqui uma especie de jacamar (*Galbula viridis*). As vezes via dois ou tres juntos, pousados num ramo fino, silenciosos e imóveis, apenas mexendo levemente a cabeça, de vez em quando. Quando passava um inseto voando a pouca distância, uma das aves se lançava atrás d'ele, agarrava-o e voltava para o mesmo lugar. Os trógones são encontrados nos

---

(181) Foi conservado o têrmo trogon do original. A ordem Trogoniformes (com uma só família — *Trogonidae*) é constituída por aves de linda plumagem, conhecidas no Brasil pela designação vulgar de surucuás; a espécie a que se refere Bates é o surucuá de barriga vermelha (*Curucujus melanurus melanurus*)

(182) Ainda aqui conservamos a designação do original; os jacamares, são conhecidos pelas designações vulgares de arirambas ou beijaflores da mata virgem, por causa de seu bico alongado e tom brilhante de sua plumagem. Pertencem à ordem Piciformes, sub-ordem *Galbulae*; a espécie a que se refere Bates é hoje *Galbula galbula*. O anotador de Wallace, que procura de vez em quando corrigir o grande sábio inglês, diz que não há no Brasil pássaro (sic) com o nome de jacamar, devendo tratar-se de jaca-nã ou jacamim.

tropicós dos dois hemisférios; os jacamares de plumagem das mais lindas côres de aço e bronze dourado, são peculiares à América tropical.

18 DE SETEMBRO — Demorámos-nos só vinte e quatro horas em Juquerapuá e apressámos a viagem de volta. Eu estava triste por ser obrigado a deixar tão depressa uma região tão bela, embora quasi desabitada, e lamentava que a nossa viagem por aí fosse simples galopar de turista.

Suas produções animais e vegetais que, por assim dizer, apenas víramos de relance, eram evidentemente bem diversas das das planícies aluviais do Amazonas. O tempo que aí passámos era, porém, curto demais para se poder fazer uma coleção de especímenes e reunir factos que illustrassem o valor e natureza das diferenças entre as duas faunas, assunto de não pequena importância, tendo-se em vista os esclarecimentos que poderia trazer ao conhecimento das migrações das espécies na América do Sul pelo equador.

Em tanques de pedra, perto de Juquerapuá encontramos muitas espécies de conchas de água doce, e todos nós, inclusive Mr. Leavens, fizemos grandes colleções.

Havia uma concha turricular univalva, uma espécie de *Melania*, na qual faltava o ápice em todos os exemplares. Foi em vão que procurámos em espécimen perfeito. (183)

Nas aguas cristalinas vêem-se os peixes tão bem como num aquário. Chamou especialmente a nossa atenção uma espécie de *Diodon*, de umas tres polegadas

---

(183) O gênero *Melania*, tipo de uma família de Gastrópodos da mesma ordem que as *Ampularias*, tem a concha longa de periostraco espesso, a superficie com tubérculos ou estrias, e é muito frágil o ápice, facilmente caduco.

de comprimento e lindo colorido verde com faixas negras. Os nativos chamam-no mamaiacú (184). É apanhado com facilidade e, preso na mão, se distende, ficando como uma bola. Êste peixe diverte muito a gente do lugar e, quando uma pessoa é muito gorda, dizem os naturais que ela é como um mamaiacú.

A' noite dormi em terra, para variar do confinamento da canoa, tendo obtido licença do senhor Joaquim para armar minha rede debaixo do seu telheiro. A casa, como todas as outras dêstes sítios afastados da região, era grande telheiro aberto, coberto de fôlhas de palmeiras e tendo em uma extremidade pequeno quarto, de paredes feitas também de fôlhas de palmeira. Sob o telheiro estão postos todos os utensilios domésticos: panelas, alguidares e jarros de barro, instrumentos de caça e pesca, remos, arcos e flechas, harpões, etc. Um ou dois baús de madeira servem para guardar as roupas domingueiras das mulheres; não há outro mobiliário, exceto alguns tamboretas e a rede que faz as vezes de cadeira e sofá. Quando entra uma visita, convidam-na a sentar-se na rede. As pessoas íntimas recostam-se juntas na mesma rede, uma para cada lado; é arranjo muito cômodo para conversar. Não há mesas nem cadeiras; a roupa de mesa é estendida em uma esteira, e os convivas agacham-se como melhor entendem. Não há cordialidade de maneiras, mas o tratamento dos hóspedes mostra aguçado senso dos deveres de hospitalidade por parte do dono da casa. Há muita formalidade nas relações entre esses mamelucos semi-selvagens, que, penso, derivá de seus antepassados indígenas, embora um pouco tenha sido copiado dos portugueses.

---

(184) O nome vulgar baiacú ou mamaiacú é designação comum a todos os *Tetrodontidae* e *Diodontidae*. A espécie referida por Bates é o *Colomesus psittacus*.

Á pouca distância da casa havia telheiros abertos sob os quais se fazia a farinha para uso do estabelecimento. No centro de cada telheiro havia tachos rasos, feitos de barro, postos em cima do forno onde a farinha é cozida. Longo cilindro flexível, feito da casca de uma marantácea, entrançado de modo apropriado, estava suspenso do teto; aí é que espremem a polpa da mandioca, separando-a do suco, que é venenosíssimo, embora a massa seja um alimento saudável, e é recolhido em bacias apropriadas (185). Uma gamela de madeira, tal como é usada em todos esses sítios para receber a polpa de mandioca antes de extrair a parte venenosa, estava no chão, e dos moirões pendiam longos cestos entrançados, ou aturás, nos quais as mulheres carregam as raízes da roça. Há, presa aos cestos, larga fita, feita de casca de monguba, fixa nas bordas dos cestos e que são passadas pela testa para aliviar as costas no suportar a pesada carga. Em torno das palhoças havia uma plantação de bananeiras e outras árvores frutíferas. Entre elas nunca faltam pimenteiras, com seus frutos vermelhos como os azevinhos pelo Natal, e limoeiros. Uma serve de tempero picante, o outro dá o azedo do mólho para o peixe. Nunca se vêem vestígios de cultura mais cuidada, nem jardins nem hortas. As árvores uteis estão mergulhadas no mato, e logo atrás ergue-se a floresta perene.

Havia outros estranhos sob o tecto do senhor Joaquim — mulatos, mamelucos e índios —, de modo que formávamos grande grupo. As casas são raras nessa região selvagem, e a hospitalidade é dada livremente

---

(185) É o tipiti, que Martius igualmente descreve com “um cesto cilíndrico, de duas toesas de comprimento, cheio de mandioca ralada em sua parte inferior sobrecarregado com uma pedra, pendente dos postes da choça”. A ele já se refere Montoya, como instrumento de fôlhas de palmeira, para espremer a mandioca.

a todos os viajantes de passagem. Depois de uma ceia frugal, acendeu-se grande fogo, todos voltaram para suas redes e começaram a conversar. Alguns pegaram logo no sono; outros, porém, ficaram acordados até tarde, contando histórias. Alguns diziam o que lhes tinha acontecido quando caçavam ou pescavam; outros narravam historias de Curupira e de outros demônios e espíritos da mata. Eram todas muito a propósito no tempo e lugar, pois de vez em quando se ouvia um grito ou um gemido, reboando na escuridão, em tôrno da cabana. Um velho de face pergaminhada, de pele côr de mogno, parecia ser o principal contador de histórias; mas eu sentia não conhecer suficientemente a língua para seguí-lo em todas as minúcias de suas narrativas. Entre outras coisas contou o que lhe acontecera certa vez com uma onça. Levantou-se da rede, em meio da história, para dar maior vigor por meio de gestos; segurou um arco e uma grande flecha de taquara para mostrar como matara a fera, e dansou em redor do fogo como um demônio.

Descendo o rio, baixámos frequentemente à terra, e Wallace e eu não perdíamos oportunidade de aumentar nossas coleções; de modo que no fim da viagem tínhamos reunido consideravel número de aves, insetos e conchas, apanhados quasi todos, porém, nas regiões baixas. Deixando Baião dissemos o último adeus às aguas límpidas e ao cenário variado do Tocantins, e de novo nos vimos na região chata e úmida do vale do Amazonas. Descemos esta parte inferior do rio por um canal diverso do que percorrêramos na subida e frequentemente desembarcávamos nas ilhas baixas do meio do rio. Como já disse, elas ficam cobertas d'água na estação das chuvas; mas nêsse momento, depois de alguns meses de estiagem, estavam todas secas, e situa-

das a quatro ou cinco pés acima do nível do rio. Eram cobertas de floresta das mais luxuriantes, compreendendo grande número de seringueiras. Aí encontrámos muita gente acampada, ocupada em colher e preparar a borracha, e tive assim oportunidade de apreciar o processo.

A árvore que fornece este valioso suco é a *Siphonia elástica* (186), árvore da ordem das Euforbiáceas; pertence, portanto, a um grupo de plantas muito diferente das que fornecem a borracha das Indias Orientais e da Africa. Esta última é o produto de diversas especies de *Ficus* e é considerada, segundo penso, como artigo inferior à borracha do Pará. A *Siphonia elastica* cresce exclusivamente nas terras baixas da região amazônica. Aí a borracha é colhida principalmente nas ilhas e partes alagadas da terra firme a uma distância de cinquenta a cem milhas a Oeste do Pará; mas há grande número de árvores ainda inexploradas nas matas do Tapajós, Madeira, Juruá e Jauari, a umas 18000 milhas da costa do Atlântico. A árvore não é de aspecto notável. Na casca e na folhagem parece-se com o freixo europeu; mas o tronco, como o das outras árvores da mata, alcança grande altura antes de ramificar-se. As árvores não pertencem a nenhum dono. As pessoas que encontrámos nos disseram que vinham todos os annos tirar borracha nestas ilhas, logo que as aguas permitiam, isto é, em agosto, e ficavam até janeiro ou fevereiro. O processo é muito singelo. Todas as manhãs cada pessoa, homem ou mulher, a quem é distribuido certo nú-

---

(186) Refere-se Bates às seringueiras, nome pelo qual são conhecidas no Amazonas as especies de *Hevea*, principalmente *Hevea brasiliensis* (também chamada seringueira branca, seringueira rosada, seringueira roxa). *H. guianensis* (seringueira do mangue, seringueira fraca, seringueira vermelha, seringueira itaúba) e *H. bethamiana* (seringueira chicote, seringueira torrada).

mero de árvores, visita uma por uma e recolhe em grande vasilha o suco leitoso que escorre de escoriações feitas na casca na tarde anterior e que é recebido em tigelinhas de barro ou em conchas de ampulária, enfiadas abaixo das feridas. O suco, que a princípio tem a consistência de creme, logo endurece. Os tiradores são providos de grande número de fôrmas de madeiras, com a forma desejada e quando voltam ao acampamento, mergulham-nas no líquido, depositando, no decorrer de vários dias, camada após camada. Quando se faz isso a substância é branca e dura; a côr apropriada e a consistência são dadas, passando-a repetidas vezes na espessa fumaça negra que se obtém ao queimar os caroços de certas palmeiras, e só depois de defumada fica ela pronta para ser vendida. A borracha é conhecida em toda a província somente pelo nome de seringa; deve êste nome à circunstância de os primeiros colonos portugueses a verem empregada pelos aborígenes só sob esta forma. Dizem que os índios aprenderam a fazer seringas de borracha, vendo os tubos naturais que se formam, quando o latex, que escorre espontaneamente, se derrama em tôrno de gravetos. Os brasileiros de todas as classes ainda a usam largamente em forma de seringas, pois os elisteres constituem um dos grandes sistemas populares de medicação. Para tal fim a borracha é modelada em uma dilatação piriforme, com o pipo fixo a longo pescoço.

SETEMBRO, 24 — Do lado oposto a Cametá todas as ilhas estão plantadas de cacau, a árvore que dá a semente para o chocolate. A floresta não é desbastada para essa plantação, mas os cacaueiros espalhados quasi ao acaso entre as árvores. Há muitas casas nas margens do rio, todas edificadas sôbre pilares de madeira e providas de largas escadas de acesso ao pavimento térreo.

Quando passámos em nossa canoa, podíamos ver a gente em suas occupações, nas varandas abertas, e numa delas vimos um baile em pleno dia: eram rabecas e violões a tocar, e cavalheiros de calça e camisa brancas, dançando com damas pardas, atufadas em vestidos de vistosas côres. O cacauceiro produz curiosa impressão, porque as flores e frutos surgem diretamente do tronco e dos ramos. Há muitas árvores frutíferas silvestres dessa região com o mesmo hábito. Nas matas onde se plantam os cacauceiros, é perigosa a colheita dos frutos pelo grande número de cobras venenosas que aí se encontram. Certo dia, quando dirigíamos nossa montaria para terra, vimos uma grande serpente nas árvores, justamente no ponto por onde íamos passar. Parámos o bote no momento justo e Leavens derrubou o réptil com um tiro.

SETEMBRO, 26 — Saimos afinal das ilhas e vimos diante de nós, mais uma vez, a vasta extensão de agua que forma a boca do Tocantins. O rio chegara então ao seu nível mais baixo e numerosos golfinhos d'água doce nadavam entre os bancos de areia. Há aí duas espécies, das quais uma era nova para a ciência, quando mandei o exemplar para a Inglaterra: é o tucuxi (*Stenotucuxi* de Gray) (187). Quando vem à superfície respirar, levanta-se horizontalmente, mostrando primeiro sua nadadeira posterior; faz uma inspiração e mergulha vagarosamente, com a cabeça em primeiro lugar. Este modo de proceder distingue imediatamente o tucuxi da outra espécie que é chamada boto pelos natu-

---

(187) O tucuxi ou praiaguara (*Sotalia palida*) é um Cetáceo da mesma família que o boto da Baía do Rio de Janeiro (*Sotalia brasiliensis*) com a qual a confunde o tradutor de Wallace, numa nota duplamente infeliz por dar os bôtos como peixes. Escreve Cabrera: "Seu tamanho oscila entre um metro e metro e meio, é de um cinzento denegrado nas partes superiores do corpo e rosado violáceo nas inferiores. Vive este golfinho no Amazonas e parte baixa de um grande número de afluentes, assim como no Tocantins.

rais (*Inia geoffroyi* de Desmarest) (188). Quando este vem à tona é a cabeça que aparece primeiro; então respira e imediatamente mergulha, com a cabeça para baixo e curvando o dorso, de modo a expor sucessivamente toda a crista dorsal, com a nadadeira. Parece assim virar cambalhotas, mas não mostra a nadadeira caudal. Além desse movimento particular, distingue-se do tucuxi porque anda sempre aos pares. Ambas as espécies são muito abundantes no Amazonas e seus maiores tributários, mas em parte alguma mais numerosos que nas águas rasas da boca do Tocantins, sobretudo durante a estação seca. No alto Amazonas há uma terceira espécie, cor de carne, desmaiado, também abundante (o *Delphinus pallidus* de Gervais) (189). Com exceção de uma espécie encontrada no Ganges, todas as outras variedades de golfinho habitam exclusivamente o mar (190). Nas partes mais largas do Amazonas, desde a sua foz até uma distância de mil e quinhentas milhas para o interior, uma ou outra destas três espécies aqui referidas sempre aparece, ouvindo-se as suas evoluções, o bufar, especialmente á noite, e tais ruídos contribuem muito para a impressão de vastidão marinha e de deso-

---

(188) O boto do Amazonas é a *Inia geoffroyensis*, representante de uma família especial (*Iniidæ* à qual pertence igualmente o franciscano *Stenodelphis blainvilliei* do rio da Prata e Lagoa dos Patos). É de formas torudas, corpo curto e cabeça terminada em um como bico quasi ciliíndrico, de ponta obtusa e boca rasgada até debaixo dos olhos; o espiráculo abre-se em uma fenda transversal, quasi ao nível das nadadeiras peitorais, e com uma crista adiposa mediana ventral no abdomen; o seu longo focinho é revestido de pequeninas cerdas erectas; seu tamanho pode chegar a tres metros; o corpo é cinzento ou pardacento. É a respeito da Inia que corre na Amazonia grande cópia de superstições.

(189) *Delphinus pallidus* Gervais e *Steno tucuxi* Gray são o mesmo animal, tendo a designação de Gervais prioridade. Verificado que é do mesmo gênero que o boto do Rio de Janeiro, passa a chamar-se *Sotalia pallida*.

(190) Não conhecia ainda Bates o Franciscano do Rio da Prata.

lação que molesta o viajante. Além dos golfinhos na água, as fragatas (191) no ar são características desta parte baixa do Tocantins. Viamos bandos delas nos tres ultimos dias de nossa viagem, a planarem a uma imensa altura. Á noite fomos obrigados a lançar âncora em um banco no meio do rio para evitar a subida da maré. O vento começou a soprar com fôrça e isso junto com a enchente da maré, produzia altas ondas que nos impediam de dormir. O barco jogava e sacudia tanto que até os ossos doíam com os choques recebidos e todos estávamos mais ou menos enjoados. No dia seguinte entrámos no Anapú e a trinta de setembro, depois de percorrer o labirinto de canais que comunicam o Mojú com o Tocantins, chegámos ao Pará.

\* \* \*

Darei agora breve notícia de Cametá, a principal cidade do Tocantins, que visitei pela segunda vez em junho de 1849, quando Wallace partiu do Pará para explorar os rios Guamá e Capim. Tomei passagem a bordo de pequeno barco, o *S. João*, escuna de umas trinta toneladas de registro. Aprendera, por êsse tempo, que a única maneira de conseguir os objetivos de minha viagem a êste país, era acostumar-me com os modos de vida das classes mais humildes de seus habitantes. Um viajante no Amazonas pouco aproveita em levar cartas de recomendação para pessoas notáveis, pois na grande solidão das florestas e rios do interior, os canoeiros têm um modo particular de entender as coisas. As autori-

---

(191) Escreve Bates *frigate-birds*, que serlam, rigorosamente os alcatrazes, que é como são conhecidas no Brasil as espécies do gênero *Fregata*, mas estas não ocorrem nos rios. O mais provavel, tratando-se de Pelecaniformes, é que fossem biguás (*Phalacrocorax olivaceus olivaceus*).

dades não os podem obrigar a dar passagem ou alugar-se aos viajantes, e portanto o estrangeiro tem que procurar cair-lhe nas graças, para ser transportado de um lugar para outro. Gozei totalmente esta viagem a Cametá. O tempo estava de novo maravilhoso. Partimos do Pará na madrugada de 8 de junho, e a 10 saímos do furo de Anapú para o largo Tocantins. O navio estava tão carregado, que não havia lugar para dormir-se no camarote e passávamos as noites na tolda. O capitão, chamado em português *cabo*, era um mameluco, Manuel, pessoa sossegada e de bom humor, que me tratou com a maior amabilidade. O piloto era também um mameluco, de nome João Mendes, belo companheiro, cheio de vida e de espírito. Tinha a bordo uma viola e nas noites de luar, quando lançávamos âncora para esperar a maré, divertia-nos com músicas e cantigas. Êle se dava muito bem com o cabo, dormindo ambos na mesma rêde, armada entre os mastros. Eu passava as noites enrolado em uma vela velha, ao lado da coberta do camarote. A tripulação era constituída por cinco homens, índios e mestiços, todos tratando os seus superiores com alegre familiaridade, e contudo nunca vi um barco mais bem maneado que o *S. João*.

Atravessando para Cametá, tivemos que esperar a maré num canal chamado Entre-as-Ilhas, que fica entre duas ilhas no meio do rio e João Mendes, estando de bom humor, nos deu uma cantiga extra, feita de grande número de versos. A tripulação estava na coberta escutando, e todos faziam côro. Algumas estâncias falavam de mim, dizendo como eu tinha vindo da Inglaterra para esfolar macacos e aves e apanhar insetos, esta última ocupação dando amplo motivo para caçoada. Passou dêste assunto aos partidos políticos de Cametá. Então, como todos os ouvintes eram cametaenses e compreen-

diam as alusões, houve frouxos de riso, alguns contorcendo-se pela coberta às gargalhadas. As disputas de partidos são muito acesas em Cametá, não só no que se relaciona com a política local, mas com os negócios em geral, tais como a eleição dos membros do Parlamento Imperial e assim por diante. A desavença política é em parte devida à circunstância de um filho de Cametá, o Dr. Ângelo Custódio Corrêia, ter sido em quasi todas as eleições um dos candidatos à representação da província. Eu gostei de ver como estes canoeiros, ladinos mas sem maldade, julgam os absurdos destas contendas locais e daí sua inclinação para satirizá-las. Todos eram, porém, evidentemente partidários do Dr. Ângelo. O irmão do Dr. Ângelo, João Augusto Corrêia, comerciante distinto, era ativo cabo eleitoral. O partido dos Corrêias era o Liberal, ou como o chamavam no Brasil, o partido *Santa Luzia*; o lado oposto, a cuja frente estava um tal Pedro Morais, era o Conservador, ou partido *Saquarema*. Guardei uma das estrofes, que não é, porém, das mais expressivas. Dizia assim:

*Ora paná, tana paná, paná taná,  
João Augusto é bonito e homem pimpão,  
Mas Pedro é feio e um grande ladrão.  
(Coro): Ora paná, etc.*

Os canoeiros do Amazonas têm muitas cantigas e côros, com os quais quebram a monotonia de suas lentas viagens, e que são conhecidas em todo o interior. Os côros consistem em uma só nota, repetida até o cansaço, e geralmente cantada em uníssonos, mas às vezes com esbôço de harmonia. As notas são rudes e tristes, harmonizando-se bem com as circunstâncias da vida dos canoeiros: o éco dos canais, as infinitas florestas sombrias, as noites solenes e as cenas desoladas das águas largas

e tempestuosas e das terras caídas. É difícil dizer se elas foram inventadas pelos índios ou introduzidas pelos portugueses, pois muitos dos costumes das classes inferiores de Portugal são tão parecidos com os dos índios, que se misturaram com êles. Um dos cantos mais comuns é muito agreste e lindo. Tem como refrão as palavras "Mãe, Mãe", demorando-se muito na segunda palavra. As estrofes são muito variáveis; o mais sabido a bordo puxa o verso, improvisando à vontade e os outros fazem o côro. Todos contam a vida solitária do rio e as peripécias da viagem; os bancos de areia, o vento; onde pretendem parar para dormir, e assim por diante. Os sonoros nomes dos lugares, Guajará, Tucumanduba, etc. dão realce especial aos encantos da música selvagem. As vezes se refêrem aos astros assim:

*A lua está saindo.*

*Mãe, Mãe.*

*A lua está saindo.*

*Mãe, Mãe.*

*As sete estrelas estão chorando,*

*Mãe, Mãe.*

*Por se acharem desamparados,*

*Mãe, Mãe.*

Por volta das dez horas da noite adormeci, mas às quatro da manhã João Mendes me acordou para gozar da vista da pequena escuna, sulcando as águas, fangida por uma brisa fresca. A noite estava clara, transparente e quasi fria; a lua aparecia bem recortada no escuro azul dos ceus, e uma crista de espuma marcava onde a proa ia rompendo caminho nas águas. Os homens fizeram fogo na cozinha para preparar o chá de uma

erva ácida, chamada *erva cidreira* (192), que tinha apanhado no último ponto de pouso, e as chamas crepitavam alegremente. E' em momentos como êsse que a viagem pelo Amazonas é deliciosa e a gente não mais se admira de que muitas pessoas, nativos e estrangeiros, amem esta vida vagabunda. A pequena escuna singrava veloz com os mastros curvos e as velas enfunadas ao máximo. Ao amanhecer do dia entrámos no porto de Cametá, quasi sem diminuir a marcha e lançámos âncora.

\* \* \*

Fiquei em Cametá até 16 de julho e fiz uma coleção considerável dos produtos naturais dos arredores. Em 1849 a população da cidade era calculada em 5.000 habitantes. mas o distrito do qual Cametá é a cabeça, contava 20.000, compreendendo toda a parte inferior do Tocantins, que é a parte de população mais densa do Pará. O distrito produz cacau, borracha e castanha. A característica mais notável do lugar, sob o aspecto social, é a natureza híbrida de toda a população, sendo aí completa a amálgama das raças branca e índia. Os aborígenes eram primitivamente muito numerosos na margem ocidental do Tocantins, sendo a principal tribo os Cametés (193), dos quais a cidade deriva o nome. Eram uma nação superior, estável, agrícola e que recebia de

---

(192) Está escrito em português no original. A legítima erva cidreira, muito cultivada nas hortas do Nordeste e Sul do Brasil é uma Labiada exótica, a *Melissa officinalis*; nestas mesmas regiões do Brasil dão êsse nome (e o de salva-limão) a uma Verbenácea de nossa flora, a *Lippia genuina*. Na Amazônia são conhecidas por erva-cidreira outras duas Verbenáceas: *Lippia geminata*, no Pará e *Lippia alba* no Tapajós. O óleo de verbena dos perfumistas é retirado das folhas de outra espécie, a *Lippia citriodora*.

(193) Pouco se sabe a respeito dos Cametés, que ao tempo de Bates já viviam como civilizados, sendo notavel sua cerâmica de vistosas côres.

braços abertos os imigrantes brancos, atraídos para o distrito por sua fertilidade, beleza natural e salubridade do clima. Os colonos portugueses eram quasi todos varões; as índias eram bonitas e tornavam-se excelentes espôsas. O resultado natural foi essa mistura completa das raças ao cabo de dois séculos. Há agora, contudo, uma infusão considerável de sangue negro na mistura, pela introdução, nos últimos setenta anos, de algumas centenas de escravos africanos. Os poucos brancos são principalmente portugueses, mas há também duas ou três famílias brasileiras, descendentes puros de europeus. A cidade é formada por três compridas ruas que correm paralelas ao rio, com algumas travessas que as cruzam em ângulos retos. As casas são muito simples, construídas, como é costume na região, de um forte entrançado, cheio de barro e caiadas de branco. Algumas são de dois ou três andares. Há três igrejas e também um pequeno teatro, onde uma companhia de atores nativos, no tempo em que aí estive, representava, com gosto e habilidade notáveis, peças portuguesas leves. O povo era conhecido em toda a província por sua energia e perseverança e tido por tão sagaz nos negócios como os portugueses. As classes baixas são tão indolentes e sensuais como nas outras partes da província, condição moral que não é de admirar num país onde reina um verão eterno e onde as necessidades da vida são facilmente cumuladas. Mas são alegres, perspicazes, comunicativos e hospitaleiros. Aí encontrei um poeta, que tinha escrito lindos versos, cantando as belezas naturais da região, e disseram-me que o arcebispo da Bahia, primaz do Brasil, era filho de Cameté (194). E' interessante encontrar ma-

---

(194) Refere-se a D. Romualdo Antonio de Seixas, marquês de Santa Cruz e décimo sétimo arcebispo da Bahia, nascido em Cameté a 7 de fevereiro de 1787. Já sua familia dera outro illus-

melucos demonstrando talento e iniciativa, pois isto prova que não resulta necessariamente a degeneração da mistura de sangue de índio e branco. Orgulham-se os cametaenses, e com razão, de pertencer à única cidade que resistiu com sucesso aos anarquistas na grande rebelião de 1835-1836. Enquanto os brancos do Pará se submetiam aos ditames dos revolucionários semi-selvagens, os mamelucos de Cameté puzeram-se sob a direção de corajoso sacerdote, chamado Prudêncio; armaram-se, fortificaram a praça e repeliram as importantes fôrças com que os insurrectos mandaram atacar a cidade. Esta se tornou não sòmente o refúgio de todos os súditos legalistas, mas foi o centro de onde grandes levas de voluntários saíram repetidamente para atacar os anarquistas em suas fortificações.

A floresta atrás de Cameté é atravessada por várias estradas largas, que se estendem muitas milhas para o interior, sôbre um terreno ondulado. São geralmente sombreadas e atravessam aléas de cafeeiros e laranjeiras, fragrantés plantações de cacau e trechos de capoeirões. Os apertados vales, com os furos que cortam a terra, são os únicos pontos, perto da cidade, ainda cobertos de mata virgem. As casas que marginam essas belas estradas pertencem principalmente aos mamelucos, mulatos e índios, cada casa com sua pequena roça. Há poucos agricultores com sítios maiores, e, mesmo estes, raramente possuem mais de uma dúzia de escravos. Além das estradas principais há uma infinidade de veredas que cortam a mata e comunicam com casas isoladas. Por elas o viajante pode caminhar dias e dias sem deixar

---

tre prelado, D. Romualdo de Souza Coelho, seu tio materno nascido também em Cameté em 1762. D. Romualdo de Seixas morreu como primaz do Brasil, em 29 de dezembro de 1860, tendo deixado muitos escritos, reunidos nos seis volumes de suas *Obras Completas*.

a sombra, e por toda parte encontra gente amável, singela e hospitaleira.

Pouco depois de desembarcar fui apresentado ao cidadão mais distinto da localidade, Dr. Ângelo Custódio Corrêia (195), a quem já me referi. Este excelente homem era favorável amostra das classes mais elevadas dos brasileiros, e fôra duas vezes presidente de sua província natal. Suas maneiras eram menos cerimoniais, e sua bondade mais espontânea que no geral dos brasileiros. Era estimado e admirado, como tive ampla oportunidade de observar, em toda a Amazônia. Sacrificou a própria vida em 1855, para o bem de seus concidadãos, quando Cametá foi devastada pela cólera. Aí permaneceu com algumas almas heróicas, para socorrer os doentes e dirigir o sepultamento dos mortos, quando quasi todas as pessoas principais tinham fugido da localidade, e depois de ter feito o que podia, embarcou para o Pará, mas então já estava atacado pela cólera e morreu a bordo do vapor, antes de chegar à capital. O Dr. Ângelo recebeu-me com a usual amabilidade que mostrava para com todos os estranhos. Procurou-me, sem que eu pedisse, encantadora casa de campo, gratuitamente, com um mulato para servir-me, e assim me poupou muitos aborrecimentos e delongas, inerentes à primeira chegada em cidade do interior, onde se ignora até o nome de uma hospedaria. A rocinha, que me foi dada para residir, pertencia a um de seus amigos, José Raimundo Furtado, homem robusto e rosado, tal como se poderia encontrar em qualquer cidade do inte-

---

(195) O Dr. Angelo Custódio Correia esteve de fato quatro vezes no governo do Pará: como vice-presidente, tendo transferido o governo para Cametá de 15 de maio de 1835 a 25 de junho do mesmo ano; em 19 de julho de 1850, ainda como vice-presidente; em 14 de outubro de 1853, como presidente e em 14 de maio de 1855, ano em que morreu de cólera.

rior da Inglaterra. Devo-lhe também muitos atos de amabilidade.

A rocinha estava situada perto da estrada larga, orlada de árvores gigantescas, que leva de Cametá à Aldeia, povoação duas milhas distante. Meus primeiros passeios foram feitos ao longo dessa estrada. Dela parte outra, ainda mais pitoresca, que vai a Curimá e Pacalá, dois pequenos povoados, a algumas milhas de distância, no coração da floresta. A estrada de Curimá é extraordinariamente formosa. A meia milha da casa, onde eu morava, cruza um riacho que corre num profundo vale, tendo aí comprida ponte rústica de madeira. A floresta virgem foi conservada intacta. Numerosos grupos de esbeltas palmeiras, entremeadas de gigantescas árvores, cobertas de trepadeiras e parasitas, enchem o vale e se arqueiam sôbre a ponte, formando uma das cenas mais pitorescas que se podem imaginar. Pouco além da ponte havia extensa plantação de laranjeiras e outras árvores, que me proporcionaram rica colheita. A estrada da Aldeia corre paralela ao rio; a terra, desde a beira da estrada até as margens recortadas do Tocantins, formava um declive, também ricamente coberto de mata; essa ribanceira era cortada por numerosas veredas onde abundavam formosos insetos e aves. Na extremidade oposta da cidade havia larga estrada, chamada da Vaccaria, que seguia ao longo da margem do Tocantins, a alguma distância do rio, e seguia por montes e vales, entre soqueiras de bambús e maciços de palmeiras, até umas quinze milhas de distância.

Encontrei em Cametá um americano, chamado Bean, que estava no país há tanto tempo que quasi esquecera seu idioma materno. Conhecia bem os arredores e de bom grado me acompanhava como guia em minhas excursões mais dilatadas. Nesses passeios fiquei admirado da

amabilidade universal do povo. De vez em quando, em nossas caminhadas pelo intrincado das veredas da mata, éramos obrigados a passar pelas casas dos colonos. A boa gente, que quasi toda conhecia Bean, sempre nos convidava a parar. O dono da casa era o primeiro a sair ao nosso encontro, insistindo para que entrássemos a tomar alguma coisa. No mesmo momento eu percebia que os elementos femininos da família se apressavam em preparar a inevitável xícara de café. Depois de conversar um pouco com essa boa gente, preparávamos-nos para partir e então lá vinha o presente de despedida: — um cacho de bananas, alguns ovos ou um ou outro fruto. Teria sido cruel recusar tais presentes mas, às vezes, eram tão incômodos, que costumávamos atirá-los no mato, logo que nos perdíamos de vista dos doadores.

Certo dia embarcámos numa montaria para visitar uma viúva, D. Paulina, com quem Bean pretendia casar-se e que morava em uma das ilhas do meio do rio, a cerca de dez milhas de Cametá. A pequena embarcação tinha mastro e vela de construção muito curiosa, feita com talas tiradas do miolo dos pecíolos das fólhas da palmeira jupatí (*Rhaphia taedigera*). As taliças eram entrelaçadas, formando esteira e a vela era levantada e abaixada por meio de um cabo amarrado ao topo do mastro. O mesmo material é empregado para muitos fins, fazendo-se com êle divisões internas e mesmo paredes externas das casas das classes mais pobres.

Estava a meu cargo manobrar a vela durante a viagem, enquanto Bean dirigia a embarcação. No meio do rio a aderça se partiu, e quando procurávamos emendá-la quasi virámos o bote, pois o vento soprava forte e as ondas eram altas. Felizmente encontrámos, logo a seguir, um negro que descia em barco semelhante ao

nosso e que, vendo a nossa aflição, rumou para onde estávamos e amavelmente nos forneceu novo cabo.

Passámos na ilha um dia e uma noite. A casa era de construção semelhante à que já descrevi como sendo a mais comum nas ilhas baixas do Tocantins. O cacau em torno da casa tinha uns dez mil pés que, com espanto, soube que produzia apenas cem arrobas ou 3.200 libras de sementes por ano. Eu vira árvores da terra firme que, devidamente tratadas, produziam anualmente cerca de 32 libras por pé ou cem vezes mais que as do cacau de D. Paulina. A média das plantações do Amazonas, perto de Santarém, é de setecentas arrobas por dez mil pés. A agricultura estava aí muito atrasada. O valor de uma plantação de cacau era insignificante, cada pé sendo avaliado em 40 réis ou um *penny*, incluindo a terra onde estava a plantação. Podia-se comprar uma légua quadrada de terra, plantada de cacau, por quarenta ou cinquenta libras esterlinas. O preço de venda do cacau varia muito, sendo em média de 3.500 réis ou oito *shillings* por arroba de trinta e duas libras. O trato da plantação requer poucos braços. A planta frutifica três vezes por ano, em março, junho e setembro, mas a safra de junho quasi sempre falha e as dos outros meses são muito precárias. Entre as colheitas as plantações exigem uma limpa, estando a maior dificuldade em conservar as plantas livres de trepadeiras e epífitas, principalmente as parasitas do grupo das Lorantáceas, chamadas *pés-de-passarinho*, porque as suas belas flores vermelhas e alaranjadas se parecem, na forma e na disposição, com os três dedos dos pés das aves (196). Quan-

---

(196) É curiosa a explicação dada por Bates para o nome comum da planta mais geralmente conhecida por erva-de-passarinho. Essa designação vulgar é dada a várias Lorantáceas; no sul do Brasil cabe mais geralmente à *Struthanthus flexicaulis*

do os frutos estão prontos para ser colhidos, os vizinhos auxiliam uns aos outros e dêsse modo cada família pode tratar de sua pequena propriedade sem precisar de escravos. Pareceu-me que a cultura do caçau seria uma ocupação própria para os hábitos e constituição dos imigrantes europeus. Todo o trabalho é feito à sombra, mas eles teriam de acomodar-se a um modo de vida muito pobre, a não ser que aí se introduzisse melhor método de cultura e preparação. O fruto é oblongo, de seis a oito polegadas de comprimento; as sementes estão envoltas em uma polpa branca, que dá delicioso refrêscó, diluída em água, ou produz excelente geleia, quando cozida.

Encontrei muitos insetos interessantes no cacau. O mais bonito era *Salamis jucunda*, magnífica borboleta de asas falciformes, que voa com grande rapidez, mas que pode ser facilmente apanhada, quando está sugando os frutos podres (197).

A ilha tinha três a quatro milhas de comprimento por uma de largura, e estava situada bem no meio do rio. A vista da casa de D. Paulina era limitada a oeste por um fila de ilhotas, dela separadas pelo canal de cerca de uma milha de largura. Nada se via da terra firme dêsse lado, as ilhotas pareciam torres maciças de verdura, que se erguiam a grande altura e pareciam repousar na superfície da água. A casa estava muito estragada. Mas D. Paulina, que era mulherzinha singela e amável, procurou, com seus escravos, tornar nossa

---

Mart. e *Loranthus grandiflorus* Vell. Na Amazônia as espécies mais comuns são *Oryctanthes ruficaulis*, *Phoradendron platycaulon* e *Psittacanthus ruficaulis*.

(197) *Salamis jucunda*, atualmente *Napeocles jucunda* é uma borboleta da família Nymphalidae, de fundo negro-pardacento, com uma faixa azul clara nas asas anteriores, cujo ápice é recurvado e bruscamente truncado.

estada tão confortável quanto as circunstâncias o permitiam. Durante a noite choveu torrencialmente e a água caía entre as telhas quebradas, pingando em minha rede, de modo que fui obrigado a levantar-me e mudar de pouso. Mas isto é incidente muito comum em casas brasileiras.

No dia seguinte cruzámos o rio para a terra firme, para a casa do pai de D. Paulina, onde dormimos e no outro dia seguimos para Cametá pela floresta, a uma distância de nove milhas. A estrada era em alguns pontos sofrível, mas em outros se reduzia a simples trilha, e duas vezes tivemos que vadear brejos do meio do caminho. Partimos às seis da manhã, mas só chegámos a Cametá às nove da noite.

Durante nosso passeio tive a oportunidade de verificar um fato relativo aos hábitos de grande aranha peluda do género *Mygale*, e que merece ser contado. A espécie era a *Mygale avicularia* (198) ou outra muito próxima. O exemplar tinha quasi duas polegadas de comprimento do corpo, mas com as pernas esticadas chegava a sete polegadas, e tanto o corpo como as patas eram cobertos de densos pêlos cinzentos e avermelhados. Fui atraído pelos movimentos do monstro em um tronco de árvore; estava junto de uma profunda fenda na árvore, sobre a qual se estendia densa teia branca. A parte inferior da teia estava rôtta, e dois pequenos pássaros, dois pintassilgos estavam presos na seda. Eram do ta-

---

(198) Veja-se nota anterior a respeito de *Mygale*. A espécie a que se refere Bates deve ser provavelmente a *Avicularia avicularia*, pois no género *Avicularia* é que as escópulas subarsais são muito achatadas, permitindo a estas caranguejeiras vida arborícola. Há uma espécie da Paraíba, que se encontra nas copas dos coqueiros.

manho do verdelhão da Inglaterra (199) e pensei tratar-se de um casal. Um deles já estava morto, o outro estava por baixo do corpo da aranha, ainda com vida e lambusado do líquido corruto ou saliva exsudada pelo monstro. Expulsei a aranha e apanhei os pássaros, mas o segundo morreu logo. O fato de espécies de *Mygale* fazerem sortidas à noite, subindo nas árvores e chupando ovos e filhotes de beijaflôr, já fôra referido há muito tempo por Madame Meriam (200) e Palisot de Beauvois (201); mas, sem ter tido qualquer confirmação, foi considerado mentiroso. Pelo modo como o caso é referido pareceu decorrer simplesmente das histórias dos nativos, sem ter sido observado pelos narradores. O Conde Langsdorff (202) em sua *Expedição pelo Interior do*

---

(199) Bates escreve *finches* designação vulgar inglesa para todos os Fringíllidas, e, querendo dar aos seus leitores uma idéia mais exata dos pássaros mortos pela caranguejeira os compara ao *siskin*, que é o Fringílida *Chrysomitris spinus*.

(200) Maria Sibila Merian nasceu em Francfort em 1647 e morreu em Amsterdam em 1717. Era pintora e escultora e em 1665 casou com o pintor e arquiteto Andrés Graf, em cuja companhia fez a viagem a Suriname. A obra "Metamorphosis Insectorum surinamensium", que lhe deu tanta fama, foi publicada em 1705.

(201) Ambrósio Maria Francisco, barão de Palisot de Beauvois nasceu em Arras em 1752 e morreu em Paris em 1820. Como botânico, dedicou-se especialmente ao estudo dos musgos e dos licopódios.

(202) Jorge Henrique von Langsdorff nasceu no Hesse Rhenano a 18 de abril de 1772, doutourou-se em medicina na Universidade de Goettinge, e foi para Portugal em 1797 como médico do príncipe Cristiano de Waldeck. Já em começos do século passado o encontramos como botânico da expedição Krusentain que fez o cruzeiro de circunavegação por ordem do czar Alexandre I e esteve em Santa Catarina de 20 de dezembro de 1803 a 2 de fevereiro de 1804. Chegado à Rússia foi enviado ao nosso país como consul, aqui chegando em 1813, onde o visitaram Saint-Hilaire (com quem fez uma excursão pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais em 1816 e 1817), Spix e Martius, Henderson, Pohl e outros naturalistas dêsse tempo. Em 1820 voltou à Europa, tendo realizado uma viagem aos montes Urais em 1823. Dois anos depois era encarregado por Alexandre I para uma grande viagem de exploração pelo interior do Brasil. Tal expedição começada sob os melhores auspícios, teve desastroso fim, por ter enlouquecido o seu chefe. Partidos do Rio, em 3 de setembro de 1825,

*Brasil*, diz que absolutamente não acreditava na história. Eu vi que o facto por mim observado era completa novidade para os residentes da região. As *Mygales* são insetos muito comuns (203): algumas espécies fazem seus esconderijos em baixo das pedras, outras fabricam artísticos túneis na terra, e algumas se refugiam no colmo das casas. Os naturais chamam-nas *aranhas caranguejeiras*. Os pêlos de que são revestidas, largam facilmente quando são tocadas, e causam uma irritação particular e quasi de enlouquecer. O primeiro especimen que matei e preparei, foi manipulado sem cuidado, e sofreu terrivelmente durante três dias. Penso que isso não seja devido a qualquer propriedade venenosa dos pêlos, mas a que êles, sendo curtos e duros, fiquem presos às finas pregas da pele (204). Algumas são de tamanho imenso. Um dia vi as crianças de uma família de índios, que colecionavam para mim, trazer-me um destes monstros, amarrados por uma corda na cintura, pela qual êles o puxavam pela casa, como se fosse um cão.

---

chegaram a Santarém em princípios do 1829, sendo Langsdorff transportado para a Europa, onde, diz Hermann von Ihering, "viveu ou melhor vegetou, no seu canto natal Laisk, na Anóbia, até 1852. É curioso que nem em von Ihering nem em Alfredo de Carvalho, seus biógrafos, haja referências a êsse trabalho citado por Bates.

(203) As aranhas não são insetos, mas já vimos que Bates emprega o termo de um modo geral, como era ainda corrente em seu tempo.

(204) Quando as caranguejeiras se julgam ameaçadas, erguem o abdomen e o esfregam rapidamente com as patas posteriores, destacando os finos pelos que são projetados contra o suposto agressor. O contacto desses pelos com a pele humana provoca violento prurido, placas de eritema e o aparecimento de pápulas esbranquiçadas, numa sintomatologia que lembra a da urticária. Quando eu trabalhava em minha Monografia das caranguejeiras tive uma serie de terçois, provocados por êsses pelos e ainda hoje tenho allergia para os mesmos, de modo que a classificação de qualquer dessas aranhas é sempre seguida de acessos mais ou menos dolorosos de urticária: não crelo, pois, que sua ação seja devida, como diz Vellard, a simples efeito mecânico.

Os únicos macacos que observei em Cametá foram o cuiú (*Pithecia satanas*) (205), grande espécie, revestida de longo pelágio negro-pardacento, e o pequenino *Midas argentatus* (206). O cuiú tem uma cauda em froco, e os pêlos da cabeça, que parecem ter sido cuidadosamente penteados, parecem uma peruca. Vive somente nos lugares mais retirados da mata, na terra firme, e nada observei de seus hábitos. O pequeno *Midas argentatus* é um dos mais raros monos americanos. De facto, nunca ouvi dizer que fosse encontrado fora dos arredores de Cametá, onde vi, de uma feita, três indivíduos, parecendo outros tantos gatinhos brancos, que corriam sobre um ramo de cacauieiro. Em seus movimentos eram precisamente como o *Midas ursulus* ao qual já me referi. Vi depois um destes bichinhos amansado, e soube que havia muitos assim, que eram considerados como verdadeiros tesouros. O que eu vi já era adulto, embora medisse apenas sete polegadas de comprimento do corpo. Era coberto de pêlos longos, brancos, sedosos, com a cauda denegrada e a face quasi nua e côr de carne. Era muitíssimo medroso e sensível. Sua dona o trazia sempre no seio, e por dinheiro nenhum consentiria em desfazer-se dele. Chamava-o *Mico*. Comia na boca da

---

(205) Refere-se Bates ao cuiú negro (*Chitropotes satanas*). Sobre os cuiús escrevem Cabrera e Yepes: "Com o nome de cuiús designam-se no Brasil uns monos muito parecidos aos saguis (que são os macacos do género *Pithecia*)". Seu pelágio, embora longo e espesso, nunca o é tanto como no género anterior: a garganta e o peito não são pelados; o pelo do alto da cabeça não se reparte desde a nuca, mas de um ponto central no vértice, formando um como barrete, que foi comparado à gorra de um pagem antigo, e a parte inferior da cara é ornada de uma barba longa e basta, o que dá a estes monos uma fisionomia singular". Os cuiús pertencem à família *Cebidae*, sub-família *Pithecinae*.

(206) Este lindo saguzinho foi obtido pelo matemático francês Carlos Maria de La Cõndamine, que explorou o Amazonas em meados do século XVII e enviou um exemplar a Buffon, que o descreveu com o nome de *mico*. Anos mais tarde criou Lesson o género *Mico* para esse mesmo macaquinho, cujo nome científico é, portanto, *Mico argentatus*.

dona e permitia que esta o acariciasse à vontade, mas a nervosa criaturinha não deixava que estranhos lhe tocassem. Se alguém tentava fazê-lo, encolhia-se todo, tremendo de medo, rangendo os dentes e soltando gritinhos trêmulos de pavor. A expressão de suas feições é semelhante à de seu irmão mais robusto, *Midas ursulus*; os olhos muito negros, são cheios de curiosidade e desconfiança, e estão sempre fixos na pessoa que procura aproximar-se dele.

Nos laranjais e em outros sítios os beijaflôres eram abundantes, mas só encontrei três espécies. Vi um dia um pequeno pigmeu, do gênero *Phaethornis*, no ato de banhar-se num riacho, pousado em delgado ramo, cuja ponta ficava em baixo d'água. Êle mergulhava, depois espanejava as asas e limpava as penas, parecendo deliciar-se sózinho nesse ponto sombrio que escolhera — um sítio escondido por largas fôlhas de fetos e helicônias. Pensava, enquanto o admirava, que os poetas não precisavam inventar elfos e gnomos, quando a natureza põe ao nosso alcance tão maravilhosos pequeninos sêres.

\* \* \*

Minha viagem de volta ao Pará sofreu vários incidentes, característicos das viagens na Amazônia. Deixei Cametá a 16 de julho. Minha bagagem foi embarcada de manhã no *Santa Rosa*, um barco do tipo chamado *coberta*. A *coberta* é muito usada nesses rios. Os lados, adiante, são levantados e arqueados de modo a permitir que a carga seja empilhada a uma grande altura acima da linha d'água. Na popa há um camarote quadrado, também elevado, e entre êle e a parte *coberta* anterior há estreita prancha, onde se colocam os utensílios de

cozinha. E' chamado o *tombadilho* (207) e, quando a canoa está muito carregada, fica em baixo d'água, quando a canoa joga ao sabor do vento. Há dois mastros com velas de popa e de proa. A proa é assoalhada em cima, e nesta elevada coberta a tripulação manobra o barco, empurrando-o, quando não há vento, por meio das compridas varas a que já me referi.

Como acabo de dizer, minha bagagem foi embarcada de manhã. Informaram-me que deveríamos partir com a vazante da maré, à tarde; assim, cuidei que tinha tempo de fazer minhas despedidas ao Dr. Ângelo e outros amigos, cuja extrema cortesia e bondade tinham tornado tão agradável minha residência em Cametá. Depois do jantar os hóspedes, como era costume em casa dos Correias, vieram para a fresca varanda que dá para o rio; e aí vimos o *Santa Rosa*, como pequena mancha a muitas milhas de distância, descendo o rio ao sôpro do vento. Estava agora num dilema, pois seria impossível tentar tomar a coberta, e por outro lado o mar estava muito forte para uma montaria. Disseram-me que eu devia estar a bordo horas antes da fixada para a partida, pois quando sopra o vento, os barcos partem antes de virar a maré, não sendo muito forte a última hora de preamar. Todas as minhas preciosas coleções, minhas roupas e outros utensílios estavam a bordo e era indispensável que eu estivesse no Pará quando as coisas dessembarcassem. Procurei alugar uma montaria e remeiros, mas disseram-me que era uma loucura cruzar o rio num pequeno bote com êsse vento. Indo á casa do senhor Laroque, outro amigo de Cametá, fui tirado do embarço, pois aí encontrei um inglês, Patchett, de Per-

---

(207) Escreve Bates *cuberta* e *tombadilha*.

nambuco, que estava visitando o Pará e arredores, em sua ida para a Inglaterra, e que, como voltava para o Pará em pequeno bote a quatro remos, que partiria a meia noite, ofereceu-me uma passagem. A tarde foi muito tempestuosa das sete às dez. Às sete, a noite ficou muito escura, soprando terrível ventania, que arrancou as telhas das casas. Ao vento sucederam-se relâmpagos e estrondos de trovão, quasi incessantes. Tínhamos tido algumas destas tempestades súbitas e curtas durante o mês anterior. À meia-noite, quando embarcámos, estava tudo calmo, como se nunca qualquer reboliço tivesse turbado o ar, a mata ou o rio. O bote corria como uma flecha, ao remar rítmico dos quatro robustos rapazes que iam conosco, e que alegravam a viagem com seus cantos selvagens. Patchett e eu procurámos dormir um pouco, mas a cabine era tão pequena e cheia de caixas, postas em todos cantos, que era impossível dormir. Eu cochilava quando amanheceu o dia e, ao despertar, a primeira coisa que vi foi o *Santa Rosa* ancorado em uma verde ilha do meio do rio. Prefери fazer o resto da viagem junto com as minhas coleções, despedindo-me de Patchett. O dono do *Santa Rosa*, senhor Jacinto Machado, a quem não vira antes, recebeu-me a bordo e desculpou-se de ter partido sem mim. Era um homem branco, agricultor, que levava então a sua colheita anual de cacau, cerca de vinte toneladas, para o Pará. A canoa estava muito carregada, e eu fiquei um pouco alarmado em ver que ela estava fazendo água por todos os cantos. Toda a tripulação estava ocupada em esgotar a água, e tapar os buracos com pedaços de estopa e barro e um negro velho tirava a água

do porão. Que agradável perspectiva para uma viagem de tres dias! O senhor Machado olhava o incidente como coisa mais natural do mundo. “Estava sempre assim a fazer água, pois era um velho barco que tinha sido abandonado como inutil na praia e ele o comprara muito barato.

Quando se taparam as fendas, continuámos nossa viagem e à noite alcançámos a boca do Anapú. Eu me enrolei em uma vela velha e dormi na coberta. No dia seguinte alcançámos Igarapé-mirim e a 19 descemos em Mojú. Por esse tempo o senhor Machado e eu tínhamos ficado muito bons amigos. Em cada sítio interessante nas margens do Mojú, ele se metia em pequeno bote e me levava à terra. Há muitas *casas grandes* neste rio, pertencentes ao que eram antes grandes e florescentes lavouras, mas que, depois da revolução de 1835, caíram em decadência. Dois dos maiores edificios tinham sido levantados pelos Jesuítas na primeira metade do século passado. Disseram-nos que antes havia onze grandes engenhos de açúcar nas margens do Mojú, e agora só restavam tres. Em Burujuba há grande covento em ruínas, mas parte do edificio ainda é habitada por uma familia brasileira. As paredes têm quatro pés de espessura. Os longos corredores escuros e os claustros pareceram-me um contraste com esta natureza moça e radiosa. Estariam melhor no meio dos pântanos desertos do norte da Europa, do que aqui, no seio dêste verão perene. A etapa seguinte no rio, abaixo de Burujuba, levou-nos à vista da cidade do Pará. O vento estava então contra nós, e fomos obrigados a tomar outras medidas. A tarde começou a ventar com fôrça, o barco jogava muito e, pela primeira vez, o senhor Machado teve medo, pela salvação de sua carga; abriram-se novamente as brechas, quando estávamos a umas duas mi-

lhas da praia. Ele mandou que se içasse outra vela, para entrarmos mais depressa no porto, mas logo depois sobreveio um pé de vento, e o velho barco adernou perigosamente, a cordoalha partiu-se e as velas rasgaram-se cobrindo-nos com os destroços. Fomos obrigados a recorrer aos remos, e logo que nos aproximámos de terra, com medo que o barco decrépito naufragasse antes de atingir o porto, pedi ao senhor Machado que me mandasse para terra no bote, com a porção mais preciosa de minhas coleções.

## CAPÍTULO V

# CARIPÍ E BAÍA DE MARAJÓ

Rio Pará e Baía de Marajó — Viagem a Caripí — Como os negros festejam o Natal — Uma família alemã — Morcegos — Tamanduás — Beijaflores — Excursão ao Murucupi — Vida doméstica dos habitantes — Caçada com índios — Cupins.

A parte do rio que fica fronteira á cidade, como já expliquei, forma estreito canal, separado das aguas principais do estuário por um agrupado de ilhas. Esse canal tem cerca de duas milhas de largura e faz parte do estuário menor do Guajará, onde os tres rios Guamá, Mojú e Acará despejam suas águas. O canal principal fica a umas dez milhas da cidade, pelo rio. Nesse ponto, depois das ilhas, há uma expansão de 10 a 12 milhas de largura e a margem oposta (a ilha de Marajó) só é visivel em dias claros, mostrando uma linha de copas de árvores, riscando o horizonte. Pouco mais acima, isto é, para Sudoeste, aparece o continente á margem direita, no ponto chamado Carnapijó, coberto pela floresta infindavel e a costa, recortada de amplas enseadas arenosas, descreve elegante curva. A ampla entrada do Pará, em frente a essa costa, é conhecida por Bahia de Marajó. A costa e o interior da terra são povoados por índios civilizados e mamelucos, de mistura

com mulatos e negros livres. São pobres, pois as águas não são abundantes em peixes, e elles dependem inteiramente, para seu sustento, das pequenas lavouras e de escasso suprimento de caça, encontrada na mata. O distrito era primitivamente povoado por várias tribus de indios, sendo as principais os Tupinambás ou Nhengaíbas. Como todas as tribus praeiras, quer habitando as margens do Amazonas, quer o litoral entre Pará e Bahia, estavam muito mais adiantadas em civilização que as hordas esparsas pelo interior, algumas das quais, ainda permanecem em estado selvagem entre o Amazonas e o Prata. Há tres aldeias na costa de Carnapijó e várias casas de agricultores, antes sede de fazendas florescentes, e agora afogadas pela floresta, pela escassez de trabalhadores agrícolas e falta de iniciativa. Uma das maiores fazendas é a de Caripi, que nêsse tempo pertencia a um escossês, Mr. Campbell, casado com a filha de grande proprietário brasileiro. Quasi todos os inglezes e americanos de passagem pelo Pará fizeram uma estada em Caripí, que adquiriu merecida fama, pelo número e beleza dos insetos aí encontrados. Obtive permissão para passar em tal sítio dois ou tres mêses.

Distava do Pará cerca de vinte tres milhas, contornando-se o extremo Norte da ilhas das Onças, que fica fronteira à cidade. Consegui passagem com o *cabo* de pequena embarcação que por lá passava, e aí cheguei a sete de dezembro de 1848.

Eramos 13 pessoas a bordo: o *cabo*, a esposa — uma mulata —, o piloto, cinco canoeiros indios, tres jovens mamelucos (aprendizes de alfaiate que faziam viagem de recreio a Cametá), um escravo fugido, carregado de pesadas cadeias, e eu. Os rapazes mamelucos eram companheiros alegres e amaveis. Sabiam ler e escrever e divertiam-se, na viagem, com um livro de descrições

e estatísticas de países estrangeiros, pelos quais pareciam demonstrar grande interesse: um lia e os outros ouviam. Em Uirapiranga, ilhota situada atrás da ilha das Onças, parámos algum tempo para embarcar várias pipas de cachaça de uma engenhoca. O cabo tomou a montaria com dois homens. As pipas eram roladas para dentro d'água e flutuavam para a canoa; os homens passavam-lhes cabos em redor e rebocavam-nas num mar grosso. Aí dormimos, prosseguindo a viagem na manhã seguinte, quando entrámos no estreito canal, que separa a terra firme de Carnapijó. Às duas da tarde saímos desse canal, chamado Aitituba ou Arrozal, para larga bahia e vimos então, a duas ou tres milhas à esquerda, a casa de fazenda de Caripí, com suas telhas vermelhas, destacando-se da mata e situada na praia de encantadora enseada.

A agua é muito raza perto da praia, e quando sopra o vento, levanta altas ondas. Poucos anos antes um inglês, Mr. Graham, naturalista amador, quando passava de embarcação maior para uma montaria muito carregada, esta virou e ele se afogou com a mulher e o filho. Lembrando-me desse fato, eu me sentia um pouco alarmado por ver que seria obrigado a levar toda minha bagagem para terra em bote tão pequenino. A pilha de caixas, comigo e os dois índios fizeram a montaria afundar até quasi o nivel da agua. Eu me conservei imovel durante toda a travessia. Os índios manobram canoas assim carregadas com admiravel pericia. Conservam o mais perfeito equilibrio e remam tão delicadamente que não se percebe a mínima oscillação. Ao chegar à terra, uma negra velha, chamada Florinda, feitora do sítio (que era conservado apenas para criação de galinhas e hospital de escravos doentes) entregou-me

as chaves, e imediatamente me instalei nos aposentos que escolhi.

Aí fiquei nove semanas, até 12 de fevereiro de 1849. A casa era muito grande e solidamente construída, mas de um só pavimento. Disseram-me que foi edificada pelos Jesuítas, há mais de um século. Não tinha varanda na frente, as portas abriam-se para um terraço levemente elevado, a umas cem jardas da margem. O terreno tinha sido limpo em tórno da casa, numa extensão de dois ou tres alqueires e plantado de árvores frutíferas. Caminhos bem tratados, abertos na mata, levavam a pequenas povoações de autóctones, à beira de escondidos furos e igarapés do interior. Aí levei vida isolada mas que não era desagradavel, pois encontrava um grande encanto na solitude do lugar. As aguas do rio, batendo na praia dormente, produziam um murmúrio incessante, que me embalava o sono, à noite, e parecia doce música nas horas de canícula, quando toda a natureza se aquietava esbaforida, sob os raios do sol a pino. Foi aí que passei o meu primeiro Natal em terra estranha. A festa foi celebrada pelos negros de maneira muito interessante. Havia pequeno altar, muito bem arranjado, e magnífico candelabro de cobre. Homens, mulheres e crianças trabalhavam todo o dia 24 de dezembro, enfeitando o altar de flores e atapetando o chão de fôlhas de laranjeira. Convidaram alguns vizinhos para as orações da noite e, à meia noite, quando deram início à singela cerimônia a sala estava completamente cheia. Viram-se obrigados a passar sem missa, por não haver padre. O ato consistiu simplesmente em longa ladainha e alguns hinos. Colocou-se no altar pequena imagem do Menino Deus, com longa fita a tiracolo. Um negro velho, de cabelos brancos, puxava a

ladainha, respondida por todos os assistentes. Depois da cerimônia vieram todos ao altar, um a um, beijar a ponta da fita. Era admirável o respeito e devoção demonstrados. Alguns hinos eram muito singelos e cheios de beleza, especialmente o que começava “Virgem soberana” (208), cuja melodia me vem sempre à lembrança quando penso nessa solidude de sonho do Caripi.

No dia seguinte ao de minha chegada, dois meninos de olhos azuis e cabelos ruivos vieram ver-me e me falaram em inglês; e pouco depois apareceu o pai. Tratava-se de uma família alemã, chamada Petzell, que vivia na mata, à moda dos índios, a cerca de uma milha de Caripi. Petzell explicou-me como tinha vindo parar ali. Treze anos antes chegara ao Brasil com certo numero de outros alemães, para servir no exército brasileiro. Terminado o seu tempo de serviço, veio ao Pa-

---

(208) Estê cântico sacro está atualmente de todo esquecido na Amazonia, dele não havendo notícia, mesmo entre as ordens religiosas. Depois de demorada e carinhosa busca, amigo muito querido conseguiu encontrá-lo em velho livro primário de meados do século passado — “Ensaio de Leitura — Segundo livro de leitura para uso das escolas da Amazônia, composto pelo Dr. Joaquim Pedro Correia de Freitas, e editado em Paris. Ei-lo:

### VIRGEM SOBERANA

#### I

“Virgem soberana  
Do Céu esplendor -  
O’ Mãe amorosa  
Do meu Redentor

#### II

Desta Terra ingrata  
Morada de dôr  
Conduz minhas Preces  
Aos pés do Senhor.

#### III

O’ Mãe compassiva  
Em teu terno amor  
Sempre doce abrigo  
Acha o pecador

#### IV

Vê com piedade  
Do meu crime o horror  
Do Deus que ofendi  
Desarma o furor.

#### V

Depois desta vida  
Do Céu no esplendor,  
Faze, ó Virgem Santa,  
Que eu louve o Senhor.”

rá ver a região, mas poucos meses depois deixou a cidade para fixar-se nos Estados Unidos. Casou-se, foi para Illinois, e aí se estabeleceu como fazendeiro perto de S. Luís. Permaneceu nessa fazenda sete ou oito anos, e teve cinco filhos. Nunca esquecera, porém, a vida livre do rio e o verão eterno das margens do Amazonas. Convenceu a esposa a consentir que desfizessem a casa na América do Norte e a emigrar para o Pará. Ninguém pode imaginar as dificuldades que o pobre homem teve antes de atingir a terra de sua escolha. Primeiro desceu o Mississipi, certo de que podia obter passagem para o Pará em Nova Orleans. Aí lhe disseram que o único porto de onde podia partir, era o de Nova York, e novamente viajou para Nova York; mas lá, não sendo possível obter barco que partisse nessa ocasião para o Pará, tomou passagem para Demerara, que o levaria, de certo modo, perto da terra desejada. Não havendo comunicação entre Demerara e o Pará, viu-se forçado a ficar com a família quatro ou cinco meses, durante os quais todos tiveram febre amarela e um dos filhos morreu. Afinal ele soube de pequeno navio costeiro que ia para Caiena, no qual embarcou, para alcançar outro ponto mais próximo do fim de sua jornada. Pouco depois de chegar a Caiena, tomou uma escuna que ia para o Pará, ou melhor, para a ilha de Marajó, para carregar gado. Fixara-se, depois de todas essas peripécias, num recanto saudavel e fértil, na margem de um riacho perto de Caripi, onde construiu uma cabana, e plantou grande roça de mandioca e de milho. Parecia perfeitamente feliz, mas sua esposa se queixava muito da falta de alimento sadio, carne e pão de trigo. Perguntei aos meninos se eles gostavam do lugar. Sacudiram a cabeça e responderam que preferiam estar no Illinois. Disse-me Petzell que os índios, seus vizinhos,

o tratavam com muita afabilidade. Um ou outro vinha quasi diariamente ver como ele estava passando, e o tinham auxiliado de diversos modos. Tinha uma elevada opinião dos Tapuias, e dizia: "Se você trata-los bem, eles são capazes de atirar-se ao fogo para servi-lo".

Petzell e a família eram peritos colecionadores de insetos, de maneiras que os empreguei nesse trabalho, durante minha estada em Caripi. As ocorrências diárias eram sempre as mesmas. Erguia-me de madrugada, tomava uma xícara de café, e saía a passarinhar. Almoçava às dez horas, e devotava o meu tempo, das dez às tres da tarde, à entomologia. A tarde era ocupada em conservar e preparar minhas coletas. Petzell e eu fazíamos, às vezes, longas excursões, tomando o dia todo. Nosso vizinhos costumavam trazer-me todos os quadrúpedes, aves, répteis e conchas que encontravam, de maneira que fui assim adquirindo boa coleção dos produtos do distrito.

Nas primeiras noites fui muito molestado pelos morcegos. O quarto onde eu dormia não era habitado há muitos meses, e o teto era de telha-vã. Na noite de minha chegada, dormi profundamente e nada percebi de extraordinário, mas fui despertado na noite seguinte, por volta da meia-noite, pelo rumor produzido por grandes bandos de morcegos que esvoaçavam pelo quarto. O ar estava cheio deles. Tinham derrubado o candieiro e, quando o reacendi, o quarto esta negro das daninhas multidões que voavam em círculos. Depois de tê-los açoitado com uma vara durante alguns minutos, desapareceram entre as telhas, mas quando tudo se aquietou, voltaram e novamente apagaram a luz. Não lhes liguei mais importância e fui dormir. Na outra noite vários entraram em minha rede. Agarrei os que caminhavam por cima de mim, e esmaguei-os con-

tra a parede. De manhã encontrei no quadril um ferimento, evidentemente causado por morcego. Era acidente muito desagradável, de modo que puz<sup>2</sup> mãos á obra, ajudado pelos negros, procurando exterminá-los. Matei a tiros muitos que estavam pendurados nos caibros, e os negros, tendo subido ao telhado pelo lado de fora, retiraram muitas centenas, sem contar os filhotes. Havia ao todo quatro espécies, duas do gênero *Dysopes*, uma de *Phyllostoma* e a outra de *Glossophaga*. Em sua maioria eram *Dysopes perotis*, especie com orelhas muito grandes e medindo dois pés de ponta á ponta das asas (209). O *Phyllostoma* era pequeno morcego, de colorido cinzento-escuro, estriado de branco na parte posterior do ventre e com uma expansão foliácea na ponta do focinho. Nunca mais fui atacado pelos morcegos depois dessa ocasião. Já está bem verificado o fato deles sugarem o sangue das pessoas que dormem, fazendo ferimentos nos dedos do pé. Mas só algumas são sujeitas a tais sangrias. Disseram-me os negros que *Phyllostoma* é a única espécie que ataca o homem. Os que eu apanhei caminhando em cima de mim eram *Dysopes*, e estou inclinado a pensar que há varias espécies de morcegos com essa propensão (210).

---

(209) Os tres gêneros citados pertencem ás famílias *Molossidae* (*Dysopes*, tendo a espécie referida passado para o gênero *Eumops*) e *Phyllostomidae* (*Phyllostoma* e *Glossophaga*). A primeira espécie *Eumops perotis perotis*, o maior Molossida americano: esta família é constituída por morcegos cuja cauda, muito comprida, faz saliência além da membrana interfemural; *Eumops* se caracteriza pelas enormes orelhas.

(210) Pela descrição que dá Bates, o seu *Phyllostoma* era, na realidade o *Desmodus rotundus rotundus*, e os negros tinham razão em considerá-lo o unico morcego hematófago. A confusão é explicavel. Os verdadeiros vampiros (morcegos sugadores de sangue) formam família especial, *Desmodontidae*, morcegos robustos, de orelhas curtas, apêndice nasal reduzido a uma simples carúncula e sem membrana interfemural. Sabe-se hoje que tais morcegos não sugam o sangue, mas que o lambem das feridas

Um dia eu estava ocupado a catar insetos na casca de uma velha árvore caída, quando vi grande animal, parecendo um gato, que avançava para o lugar onde eu me encontrava. Aproximou-se até umas 12 jardas sem dar por mim. A única arma que levava comigo era uma velha tesoura, e estava preparado para defender-me, caso saltasse para atacar-me, quando deu meia volta e fugiu. Não pude observá-lo distintamente, mas vi que o seu colorido era igual ao do puma, embora fosse muito pequeno para a espécie (211). O puma não é um animal comum nas florestas amazônicas. Não vi mais de uma dúzia de peles em mãos dos naturais. O pelágio é de colorido flavo-fulvescente. Pela semelhança de côr com o veado comum da mata, os naturais chamam-no Sussuarana (212), ou falso veado, isto é, um animal que engana á primeira vista, por seu aspecto superficial, com um veado. Os caçadores não o temem e falam sempre de sua coragem com palavras de desprezo. A respeito do jaguar têm opinião muito diversa.

A única espécie de macaco que encontrei em Caripi foi o mesmo pequeno *Midas* escuro, que já vira perto do Pará. O grande tamanduá (*Myrmecophaga jubata*) (213) não era raro. Depois das primeiras semanas de

---

feitas por seus incisivos muito cortantes. O género *Glossophaga* é representado por uma única espécie. *Glossophaga soricina*, pequeno morcego de focinho alongado, com folha nasal curta e membrana interfemural, que abraça toda a cauda.

211) Tratava-se provavelmente do jaguarundi (*Herpailurus yaguarundi*), que é a única espécie de gatos do pelágio uniforme.

(212) O velho zoólogo Marcgrave chamou o puma de Cuguaruarana (o c sendo provavelmente cedilhado), escrita errônea de Sassu-arana; por isso o nome Cougouar foi empregado pelos zoólogos franceses, e copiado na maioria das obras sobre história natural (*Nota do Autor*). Vê-se por esta nota que Bates escreve Sassu-arána. \* O nome científico de nossa espécie é *Puma concolor concolor*.

(213) O nome científico atual do tamanduá bandeira é *Myrmecophaga tridactyla*,

minha residência aí, faltaram mantimentos frescos. A gente da vizinhança vendeu-me todas as galinhas disponíveis. Ainda não me habituara a comer o peixe salgado, velho e rançoso, que é o principal alimento nesse sítio, e durante muitos dias vivi de arroz cozido, banana assada e farinha. Florinda perguntou-me se eu comia tamanduá. Respondi que aceitaria qualquer coisa, que fosse carne. No mesmo dia saiu ela com um negro velho, chamado António, e os cachorros, e à tarde me trouxeram um desses animais. A carne foi cozida, ficando muito saborosa, de gosto um pouco parecido com a de ganso. A gente de Caripi nem a provou, dizendo que por lá ninguém a comia. Li, contudo, que é alimento comum em outras regiões da América do Sul. Nas duas ou tres semanas seguintes, quando sentíamos falta de carne, António estava sempre disposto a arranjar-me um tamanduá, recebendo pequena paga. Mas certo dia veio, em desespero, dar-me a notícia de que o seu cão favorito, Atrevido, fôra apanhado pelas garras de um tamanduá e estava morto. Corremos para o lugar e vimos que o cão ainda não morrera, mas estava gravemente rasgado pelas garras do animal, o qual, por seu turno, já mortalmente ferido começava a largar a presa. (Fig. 15).

Os hábitos de *Myrmecophaga jubata* (214) são bem conhecidos. Não é raro nas matas mais secas do vale do Amazonas, mas não se encontra, ao que eu saiba, no igapó. Os brasileiros chamam a esta especie tamanduá-bandeira, o termo bandeira sendo aplicado como alusão

---

(214) A respeito dos hábitos de nosso tamanduá-bandeira muito se têm ocupado os cronistas desde Anchieta. Do seu modo de defender-se já escreve o santo jesuíta: "Não faz mal a ninguém, senão em sua defesa; quando é acometido pelas outras feras, senta-se e, com os braços levantados, espera o ataque, com um só golpe penetra-lhe as entranhas e mata-as". Marco de Cen-

á curiosa coloração do animal, que tem, de cada lado do corpo, larga faixa oblíqua, meio cinzenta, meio negra, que lhe dá certa semelhança com uma bandeira heráldica (215). Tem um focinho delgado e excessivamente longo e uma língua vermiforme extensível. Os maxilares são desprovidos de dentes. As garras são muito compridas e a marcha é extremamente desgraciosa. Vive no chão e alimenta-se de cupins. As garras servem para quebrar os sólidos montículos feitos por êsses insetos, e a língua longa e flexível para apanhá-los nos interstícios. As outras espécies dêsse gênero singular são arborícolas. Encontrei ao todo quatro espécies. Uma era *Mymecophaga tetractyla*; as duas outras, mais curiosas e menos conhecidas, eram muito menores, chamadas tamanduá-í (216). Ambas são quasi do mesmo tamanho (dez polegadas sem a cauda) e no número de garras — duas designais nas patas anteriores e quatro nas posteriores. Uma espécie é revestida de pelos se-

---

tenera em 1602 escreve em seu poema "Argentina & Conquista del Perú, Tucuman y estado del Brazil:

"El Yumini que es oso hormiguero,  
A quien non espantara su compostura,  
Por boca tiene un muy chico agujero.  
Como un novillo grande y de la hechura  
De el oso acá-comun, no es carnicero,  
Y privale de ser-lo el angostura  
De la boca, mas vence al tigre fuerte,  
Causandole, por hambre cruda muerte".

A carne do tamanduá, que Bates achou com gosto de carne de ganso, diz Anchieta que é saborosissima; "dirtas que é carne de vaca, sendo no entanto mais macia".

(215) Penso haver engano na interpretação de Bates; o nome bandeira refere-se antes ao aspecto da cauda, com longos pelos e que, quando o animal caminha, parece uma bandeira.

(216) Consideram os zólogos duas espécies de tamanduá-mirim, o *Tamanduá tetractyla* (ou tamanduá coleto) e *Tamanduá longicauda* (sem a faixa negra) e uma só espécie de tamanduá-í, que é o *Cyclopes didactylus*, com algumas subespécies, de modo que as duas espécies de Bates não passam, provavelmente, de sub-espécies.

dosos, amarelo-acinzentados. É rara. A outra tem o pelágio pardo desbotado, sem brilho cetinoso. Trouxeram-me um, vivo, ao Caripi, apanhado por um índio no oco de uma árvore. Tive-o em casa cerca de 24 horas. O focinho era moderadamente longo, curvo, para baixo, e os olhos extremamente pequenos. Ficava quasi todo tempo imóvel, exceto quando o irritavam. Erguia-se então no encôsto da cadeira a que se agarrara, firmando-se nas patas posteriores e procurando dar unhas com as anteriores, como um gato. O modo de agarrar-se com as unhas e a lentidão dos movimentos davam-lhe grande semelhança com a preguiça. Não emitia nenhum som, e ficou a noite inteira no local onde o puzemos de manhã. No dia seguinte eu o levei para uma árvore ao ar livre, e à noite fugiu. Esse pequeno tamanduá é de hábitos noturnos, alimentando-se dos cupins que fazem ninhos de barro, como excrecências informes, nos troncos e grossos ramos das árvores. As diversas espécies de tamanduá adaptaram-se, portanto, a vários modos de vida, terrestre e arboreo. Os que vivem nas árvores são diurnos ou noturnos, pois a *Myrmecophaga tetradactyla* é vista a caminhar de dia por cima dos ramos principais. O grupo aliado das preguiças, inda mais exclusivamente sul-americano que os tamanduás, atualmente apresenta só especies arborícolas, mas aí houve também formas terrestres de preguiças, como o megatério, (217) cujo modo de vida era um enigma, pois seu colossal tamanho não lhe permitiria viver

---

(217) Atualmente os Xenartros fósseis são considerados como pertencendo a duas sub-ordens distintas: Gliptodontes e Gravirados, pertencendo o Megatério a esta última. O modo de alimentação dos megatérios parece ter sido, efetivamente, semelhante ao das preguiças, e ainda Swinnerton em sua moderna Paleontologia o chama preguiça terrestre.

nas árvores, até que Owen mostrou como ele podia comer no chão.

Em janeiro as laranjeiras ficaram cobertas de flôres (pelo menos em maior profusão, pois florescem mais ou menos durante o ano inteiro) e as flôres atraíram multidão de beija-flôres. Todos os dias, nas horas mais frescas da manhã, e à tarde, das quatro às seis, apareciam aos bandos, esvoaçando entre as árvores. Seus movimentos são diferentes de todas as outras aves. Lançam-se de um lado para outro com tal velocidade, que a custo os podemos acompanhar com a vista, e quando param diante de uma flor é apenas por alguns momentos. Libram-se no espaço, batendo as asas com incrível rapidez, sondam a flôr e partem logo para outro ponto da árvore. Não procedem com aquela maneira metódica das abelhas, visitando flor por flor, mas saltam de uma parte da árvore para outra, do modo o mais caprichoso. Às vezes encontram-se dois machos e lutam, num vôo ascendente, como é comum observar-se nos insetos, e depois bruscamente se separam e voltam ao seu lidar. De vez em quando param para descansar, pousando em ramos sem fôlhas, onde os vemos sondando as flores ao seu alcance. Quando esvoaçam, não se podem ver as brilhantes côres que os adornam, nem se podem distinguir as especies, a não ser que tenham um pouco de branco em sua plumagem, como por exemplo, *Heliothrix auritus*, que tem toda face ventral branca, e *Florisuga mellivora*, de cauda branca (218). Não há grande variedade de beija-flores na região amazônica, sendo mui-

---

(218) Olivério Pinto, em seu Catálogo, dá *Heliothrix auritus auritus* como da margem esquerda do Amazonas; na margem direita, chegando até ao Maranhão há outra subespecie *H. a. phainolaema*. *Florisuga mellivora mellivora* voa desde o México até ao norte de Mato-Grosso.

to menor o número de espécies nessas planícies de floresta uniforme, que nos diferentes vales dos Andes, em igual latitude. Divide-se a família em dois grupos, que contrastam pela forma e pelos costumes: uma com espécies que vivem inteiramente na escuridão da mata, a outra com as que preferem os lugares ensolarados. As espécies selvícolas (*Phaetorninae*) pouco visitam as flores, pois estas são raras nos lugares sombrios que habitam, mas catam insetos nas fôlhas com espantosa rapidez. As do outro grupo (*Trochilinae*) não se confinam aos sitios descampados e vêm à floresta quando há uma árvore em flor, ou baixam às clareiras cheias de sol, onde há flores. Mas isto só se observa quando as matas estão menos densas que de costume. Nas altas florestas e nos pontos mal iluminados das terras baixas e das ilhas, pouco aparecem. Cacei muitos em Caripi, esperando encontrar o *Lophornis gouldii* (219), que me disseram ser encontrado nessa localidade. É' este um dos mais lindos beijaflores, com um colar completo de longas penas brancas, de pontas verde-douradas. Mas não tive a fortuna de encontrá-lo. Várias vezes atirei por engano numa mariposa, tomando-a por um beijaflor. Tal mariposa (*Macroglossa titan*) (220) é um pouco menor que o geral dos beijaflores, mas seu modo de voar, e a maneira como se libra diante das flores, enquanto as explora com a tromba, são precisamente como os dos beijaflores. Só depois de alguns dias de experiência

---

(219) Augusto Ruschi, que tem estudado com paciência beneditina os hábitos dos beija-flores, não confirmou, ao menos para o Espírito Santo, as observações de Bates a respeito desse antagonismo das duas sub-famílias.

(220) Mariposa da família *Sphingidae*, hoje chamada *Sesia titan* (o gênero *Macroglossa* ficou para as espécies palearcticas) Há três espécies de *Sesia*, todas com um anel branco na parte posterior do abdomen. (Fig. 16).

fui capaz de distinguir uma do outro no vôo. Essa semelhança chamou a atenção dos naturais, e todos, mesmo os brancos civilizados, acreditam firmemente que uma se transforma no outro. Observaram a metamorfose das lagartas em borboletas e, portanto, nada vêem de espantoso, que uma mariposa possa virar beijaflor. A semelhança entre esta brucha e um beijaflor é, sem dúvida examina os dois de perto. Olhando-os de lado, a forma, muito curiosa, e ainda mais impressiona quando ma da cabeça e a posição dos olhos na mariposa são quasi as mesmas da ave; a tromba estendida representa o longo bico. Na extremidade posterior do corpo da mariposa há um tufo de longas escamas piliformes, parecendo penas e que, expandidas, parecem-se muito com a cauda da ave. Mas, evidentemente, todos êstes pontos de semelhança são meramente superficiais. Os negros e índios procuraram convencer-me de que os dois eram da mesma especie. Diziam-me: "Olhe para as penas; os olhos são os mesmos e as caudas iguais". Esta crença está tão profundamente arraigada, que era inútil discutir com eles sôbre o assunto. As mariposas *Macroglossa* foram encontradas em quasi todas as regiões e sempre apresentam os mesmos hábitos. Há na Inglaterra uma especie muito conhecida. Conta Gould (221) que teve de uma feita, acalorada discussão com um cavalheiro inglês que afirmava haver beijaflores na In-

---

(221) John Gould era filho de um jardineiro e nasceu em Lyne Regis em 14 de setembro de 1804. Começou aos quatorze anos a empalhar aves, alcançando grande habilidade. Foi jardineiro em Riples Castle, Yorkshire. Em 1827 Vigors precisando de um taxidermista para a coleção recentemente criada Sociedade Zoológica de Londres, chamou Gould para o cargo. Em 1820 casou ele com Miss. Coxen, governante e exímia desenhista, como se vê das admiráveis figuras que ilustram as obras de Gould sôbre os beija-flores. De 1838 a 1840 o casal visitou a Austrália. A célebre Monografia dos Beijaflores começou em 1849 e terminou sua publicação em 1861. Morreu Gould em 3 de fevereiro de 1881.

glaterra, pois já vira um voando no condado de Devon. tratava-se, de facto, da *Macroglossa stellatarum*. A analogia entre as duas criaturas proveio, provavelmente, da semelhança de hábitos, nada havendo que indique que uma tenha adoptado o aspecto externo do outro.

Observou-se que os beija-flores diferem das outras aves por suas qualidades mentais, mais parecendo insetos que vertebrados de sangue quente. A falta de expressão do olhar, a pouca versatilidade no comportamento, a vivacidade e precisão dos movimentos são outros tantos pontos de semelhança com os insetos. Quando a gente caminha pelas veredas da floresta, comumente um *Phaethornis* cruza o caminho, geralmente parando de repente, librando-se no espaço, poucos pés adiante do rosto do intruso. Na Amazonia as *Phaethorninae* são mais numerosas em indivíduos do que as *Trochilinae*. Constroem os ninhos na face interna da ponta das fôlhas das palmeiras. São feitos de líquenes e finas fibras vegetais, densamente entretecidos e forrados de seda dos frutos da samaúma (*Eriodendron samauma*). São longos e sacciformes. Os filhos, ao nascer, têm bico muito mais curto que os pais. As únicas espécies de *Trochilinae* que encontrei em Caripi foram o pequeno *Polytmus viridissimus*, de um verde bronzeado, *Thalurania furcata*, safira e esmeralda e o grande *Campylopterus obscurus* (222), de asas falcifones.

As serpentes eram muito numerosas em Caripi, encontrando-se perto de casa e, às vezes, dentro dos quartos, muitas espécies mansas. Um dia, eu caminhava entre

---

(222) Os tres beija-flores acima citados são hoje *Agyrtrina fimbriata fimbriata*, *Thalurania furcata furcata* e *Campylopterus obscurus obscurus*. Usam muito os beija-flores, na confecção dos seus ninhos, a seda de teias de aranha, principalmente de fios de *Pholcidae* e *Theridiidae*.

moitas de guajará, árvore que dá um fruto parecido com a uva (*Chrysobalanus icaco*) (223) e cresce em todas aquelas praias arenosas, quando fui surpreendido pelo que parecia a haste flexuosa de uma trepadeira, dotada de vida e abrindo caminho entre as fôlhas e ramos. Essa liana animada era, nem mais nem menos, uma cobra verde-pálida, a *Dryophis fulgida* (224). Tem todo o corpo do mesmo tom verde, tornando-se imperceptível entre a folhagem do guajará, por onde rasteja em busca de suas presas — lagartos e pererecas. A parte anterior da cabeça alonga-se em delgado bico pontudo, e o seu comprimento chega a seis pés. Há outra espécie muito próxima, mas muito mais delgada, que vive nos ramos da orla da floresta, a *Dryophis acuminata* (225). Chega a quatro pés e oito polegadas, só a cauda alcançando 22 polegadas; mas o diâmetro da porção mais espessa do corpo é de pouco mais de quarto de polegada e seu colorido pardo-claro, com tons iridescentes e manchas mais escuras dá-lhe o aspecto de um cipó. Em um indivíduo, que apanhei, havia uma protuberância perto do meio do corpo. Abrindo-a, encontrei um lagarto meio-digerido, muito mais grosso que a cobra. Outra

---

(223) Bates escreve Guajará, mas o nome científico que ele dá entre parênteses e o aspecto do fruto e porte da planta (formando moitas) concordam com o guajurú, rosacea arbustiva de frutos roxo-negros, quando maduros, também conhecido por uaiurú, ajurú, e icaco. Essa planta ocorre também na África, onde, segundo Barbosa Rodrigues, é conhecida por jingimo; esse mesmo autor diz que guajurú quer dizer fruta de papagaio. O nome guajará é dado na Amazônia a várias Sapotáceas, especialmente ao *Chrysophillum excelsum*.

(224) Atualmente *Oxybelis fulgidus*, conhecido em Mato Grosso (segundo Afrânio Amaral) por paranaboia.

(225) Bates, com seu espírito observador, chama a atenção para o caracter mais frizante destas cobras do género *Oxybelis*, e *O. acuminatus* é conhecido vulgarmente por bicuda.

serpente aí encontrada, uma espécie de *Helicops*, (226) tem hábitos anfibióticos. Vi muitas na praia, nas horas de calor e que, apenas eu me aproximava, sempre se dirigiam em linha reta para a água, onde nadavam com muita graça e habilidade. Certo dia, estando a pescar, apanhou Florinda uma *Helicops*, que tinha engolido o anzol com a isca. Disseram-me que estas cobras d'água se alimentam de peixinhos, mas não tive a prova. Encontram-se frequentemente na mata, mas poucas vezes vi espécies peconhentas. Há muitas outras arborícolas, além das duas já referidas. Era um pouco alarmante, quando andava à cata de insetos nos troncos das árvores, encontrar de súbito, como muitas vezes me aconteceu, dois olhos brilhantes e uma lingua bífida a poucas polegadas da cabeça. Citarei por fim a cobra coral, que é o mais lindo objeto que se encontra no solo negro da mata. Vi uma, anelada de negro e rubro, cada faixa negra com dois aneis brancos. Os exemplares conservados em espírito de vinho não dão idéia das brilhantes côres da coral viva.



Como já disse, fiz, em companhia de Petzell, muitas excursões pela floresta próxima. Fomos algumas vezes ao Murucupí, riacho que atravessa a floresta umas quatro milhas além de Caripi, cujas margens são habitadas por índios e mestiços que, durante muitas gerações, viveram completamente isolados do resto do mun-

---

(226) As cobras aquáticas do Género *Helicops* são conhecidas na Amazônia pelo nome vulgar de surucucurana; a especie a que se refere Bates é *Helicops polylepis*, classificada por Guenther (ver prefácio da primeira edição).

do, sendo esse sitio pouco conhecido e frequentado. Há um caminho de Caripi até lá, atravessando escuro trecho da floresta virgem, onde as árvores são tão densas que o subosque está mergulhado na mais profunda escuridão, encontrando no solo somente fungos fétidos e detritos vegetais em decomposição. A saída dessa inóspita solidão, perto das margens do Murucupi, apresenta a cena encantador contraste. Magnífica vegetação, que atinge imensa altura, reveste as margens do riacho que atravessa largo trecho de campos semi-cultivados, e os maciços de vários tons de verde são iluminados pelo sol. Vêem-se palhoças abertas, cobertas de folhas de palmeiras, salpicadas entre plantações de bananeiras, mangueiras, algodoeiros, mamoeiros e palmeiras. Em nossa primeira excursão saímos na beira do rio defronte de uma casa de arquitetura mais esmerada que as outras, com paredes de taipa, rebocadas e caiadas, e cobertas de telhas de barro vermelho. Pareceu-me cheia de crianças e o aspecto do sitio era melhorado por certo número de bonitas mamelucas, ocupadas em lavar, fiar e fazer farinha. Duas estavam cosendo, sentadas numa esteira da varanda, pois era véspera de uma festa a realizar-se em Balcarém, aldeia a oito milhas de Murucupí, e elas tencionavam comparecer, para ouvir missa e mostrar-se elegantes. Uma das crianças, menino nú de seus sete anos, atravessou o rio na montaria, para buscar-nos. Fomos muito bem recebidos e convidados a ficar para o jantar. Como aceitássemos o convite, mataram duas galinhas, preparando gostosa canja. Não é comum que as mulheres das famílias desse lugares retirados se mostrem tão amáveis com os estranhos, mas essa gente tinha vivido muito tempo na capital e era mais civilizada que os vizinhos. O pai fôra negociante próspero e lhes dera a melhor educação que aí era possível. Depois de

sua morte a viuva se retirara para êsse seu sitio afastado, com as filhas casadas e solteiras. Uma delas era casada com um belo mulato, que aí se encontrava na ocasião, e nos cantou várias lindas modinhas, acompanhando-se ao violão.

Depois do jantar mostrei desejos de ver mais alguma coisa do igarapé. Um velho agil e simpático, que tomei por um dos vizinhos, prontificou-se a servir-me de guia. Embarcámos em pequena montaria e remámos tres ou quatro milhas, subindo e descendo a corrente. Embora já estivesse familiarizado com a beleza da vegetação, senti nesse lugar todo o entusiasmo de nova admiração. O riacho tinha umas cem jardas de largura, sendo mais estreito em alguns pontos. As duas margens estavam ocultas por dois altos reposteiros verdes, interrompidos aqui e ali, permitindo ver, sob as arcadas das árvores, clareiras com as palhoças dos sitiantes. Dos ramos das altas árvores, que se projetavam sôbre o rio, pendiam festões e guirlandas naturais e incalculavel variedade de trepadeiras forrava as margens, das quais algumas, especialmente as Bignonias (227) estavam cheias de flôres de côres vivas. A arte não teria reunido tão harmoniosamente tão lindas formas vegetais, como o fizera a Natureza. Como de costume, as palmeiras formavam grande proporção das árvores mais baixas. Algumas, porém, erguiam seus delgados estípites a uma altura de sessenta pés ou mais e abriam seus capiteis de plumas entre nós e o céu. Uma espécie, a pachiuba (*Iriartea exorhiza*) (228), aí mais abundante

---

(227) Aí o termo *Bignonia* tem uma acepção geral, querendo referir-se de modo vago às Bignonláceas, familia na qual estão as nossas mais lindas trepadeiras silvestres.

(228) Dão também o nome de pachiuba a outra especie próxima, a *Iriartea orbignyana*.

que alhures, era particularmente graciosa. Não é das maiores, pois não vai a mais de quarenta pés, talvez. Suas fôlhas são um pouco menos inclinadas e os folíolos muito mais largos que nas outras espécies, de modo que não apresentam o aspecto de pluma, como as de algumas palmeiras, possuindo, contudo, uma beleza original. Meu guia levou-me á margem para mostrar-me as raízes da pachiúba. Crescem acima do solo, irradiando do tronco a alguns pés de altura, de maneira que a árvore parece sustentada sôbre andas e a gente pode, nas velhas árvores ficar de pé entre as raízes, com o espique erecto sôbre a cabeça. Para maior singularidade do seu aspecto, tais raízes, que formam vergôntees retas, são armadas de robustos espinhoš, e o caule é inteiramente liso. A finalidade dessa curiosa disposição é, provavelmente, semelhante à das sapopembas já escritas, isto é, sustentar a árvore, crescendo acima do solo, pela impossibilidade, graças à competição com as raízes vizinhas, de estender-se pelo subsolo. A grande quantidade de nutrição e umidade, contidas na atmosfera, também podem favorecer tais crescimentos.

De volta, soube que Petzell estivera ocupado, durante as horas de canícula, em apanhar insetos numa clareira próxima. Nossos amáveis hóspedes nos deram uma xícara de café às cinco horas, e logo depois regressámos para casa. A última milha do caminho foi feita na escuridão. A mata, nesse trecho, é escura, mesmo ao meio dia, mas eu não fazia ideia da treva profunda que aí reinava durante a noite, tal que não nos viamos embora caminhássemos lado a lado. Nada aconteceu que nos pudesse alarmar, a não ser, de vez em quando, alguma corrida precipitada entre as árvores, e certa vez, um grito lugubre nos fez estremecer. Petzell tro-

peçou e caiu a fio comprido. Mas tudo correu bem e chegámos sãos e salvos a Caripi.



Um de meus vizinhos em Murucupí era caçador afamado naquelas redondezas. Era um índio civilizado, casado e com família constituída, chamado Raimundo, que costumava, de vez em quando, ausentar-se para alguns pontos de caça produtiva, cuja situação conservava em segredo, para buscar provisões frescas para a família. Eu já tinha observado que, nesse clima exaustivo, o alimento animal era tão necessário como no Norte da Europã. A tentativa de viver de alimentos vegetais, tinha sido para mim um desastre, e eu não podia comer o execravel peixe salgado, consumido pelos brasileiros. Estive muitos dias sem carne de qualquer espécie, e nada mais se encontrava perto de Caripi. Pedi, por isso, ao senhor Raimundo, que me permitisse, como obséquo, acompanhá-lo em suas caçadas para matar alguma coisa para meu uso. Consentiu e marcou o dia para eu ir dormir em sua casa, pois devíamos estar prontos para partir, com a vasante da maré, pouco depois da meia noite.

O local que íamos visitar estava situado perto da ponta extrema da terra de Carnapijó onde se projeta para o Norte, no meio do estuário do Pará, dividindo-se em numerosas ilhas. Na noite de 11 de janeiro de 1849 eu me encaminhei para a casa de Raimundo, levando comigo uma espingarda de dois canos, munição e a caixa para espetar os insetos que apanhasse. Raimundo era carpinteiro e parecia homem muito trabalhador. Tinha com ele dois aprendizes índios: um meninote e um rapaz de seus vinte anos. A esposa era de sua raça.

As índias nem sempre são de temperamento tão taciturno como os homens. A senhora Domingas era muito palradora. Havia então outra índia velha, de visita, e as línguas de ambas trabalharam ativamente a noite inteira, usando só o tupi. Raimundo e os aprendizes estavam ocupados na construção de uma canoa. Apesar de sua diligência no serviço, pareceu-me muito pobre, tal como a maioria dos moradores de Murucupí. Possuem, entretanto, consideráveis plantações de milho e mandioca, além de pequenas culturas de algodão, café e cana de açúcar. O solo é muito fértil. Não pagam aluguel nem impostos diretos. Além disso, há sempre um mercado no Pará, a vinte milhas e fácil acesso pelo rio, onde há escoamento para o excesso da produção.

Sua pobreza parecia devida principalmente a duas causas. A primeira é o modo um pouco comunista de considerar a propriedade, que aí domina. Os índios e os mamelucos das regiões rurais têm noção preconcebida de que os seus vizinhos não têm direito a ser melhores que eles. Se qualquer dêles não tem comida, canoa ou anzois pede ou toma emprestado dos que estão mais bem surtidos, sem nenhum escrúpulo e é costume que ninguém deixe de atender ao pedido ou que se negue a emprestar. Não há, portanto, incentivo para uma família procurar elevar-se acima das outras. Há sempre alguns preguiçosos que preferem viver à custa dos vizinhos. O outro motivo é dependerem os moradores completamente da caça e da pesca para seu suprimento de alimento animal, que é aí, como já disse, artigo tão indispensável ao regime alimentar como nos climas temperados. As pessoas jovens e robustas, que querem e podem caçar, são poucas. Raimundo, como todos os trabalhadores sobrecarregados desses lugares, tinha que aban-

donar sua labuta regular de vez em quando (uma vez em quatro ou cinco dias) e devotar um dia e uma noite à caça ou à pesca. Parece não ocorrer a essa gente que eles poderiam assegurar fornecimento regular de carne, criando vacas, carneiros ou porcos, e alimentando-os com o que forneciam as suas plantações. É este, porém, defeito fundamental de caráter, que herdaram de seus antepassados índios. Os aborígenes brasileiros não tinham noção da domesticação dos animais, e tal é a inflexibilidade de organização nos homens dessa raça e, por hereditariedade dos índios, também nos mestiços, que tal costume parece impossível de ser adquirido por eles, embora mostrem aptidões para adaptar-se a muitos outros modos da vida civilizada. -

Poder-se-ia atribuir fundamentalmente essa repulsa à ausência de animais adequados à domesticação na América do Sul? Assim poderia parecer à primeira vista; e é esta uma grande deficiência de uma terra, sob outros pontos de vista, tão ricamente dotada pela natureza. Mas isto é uma questão difícil e envolve muitas outras considerações. A presença ou ausência de animais domesticáveis numa região tem, sem dúvida, influência muito grande sobre o caráter e cultura das raças. Os índios norte-americanos, especialmente os da Flórida, ofereciam muitos pontos de semelhança de caráter e condição social com os índios da região do Amazonas; e como estes estão condenados, provavelmente pelas mesmas causas, a depender principalmente dos produtos da caça e da pesca para seu sustento. Por outro lado, os índios do Perú, cuja pátria mais favorecida contém o lhama, ficaram habilitados a alcançar elevado grau de civilização, pois receberam grande auxílio deste precioso animal que lhes servia de besta de carga, for-

necia a lã para a roupa, e leite, queijo e carne para o sustento.

Nas planícies da América tropical não há animais comparáveis ao boi, o cavalo, o carneiro ou o porco. Há dêste último, contudo, duas espécies selvagens, mas não são muito aparentadas com o porco doméstico da Europa. Dos tres outros animais, que tão importante auxílio trouxeram à civilização incipiente da Ásia e da Europa, até os gêneros são desconhecidos na América do Sul.

Não faltam nas matas amazônicas animais mansos, aptos para a alimentação humana. A anta, a paca, a cutia e os mutuns são conservados em casa, e ficam tão mansos como os animais domésticos do velho mundo; mas êles não se reproduzem em cativeiro. E' comum verem-se mutuns nas casas dos índios. Uma linda especie, *Mitu tuberosa*, fica tão familiar que acompanha as crianças por toda a parte, mas não se reproduz no cativeiro. Não é, portanto, culpa inteira dos índios neste particular, pois eles souberam valorizar a galinha comum, que foi importada da Europa e adotada em toda parte, mesmo pelas tribus afastadas, de rios raramente visitados pelos homens brancos. Mas é tratada com pouco cuidado e aumenta muito lentamente. Os índios não se mostram tão sensíveis às vantagens do boi, do carneiro e do porco, embora todos tivessem sido introduzidos na região. Parecem incapazes de habituar-se ao gosto de sua carne, e o tratamento dos animais em estado doméstico não está evidentemente de acôrdo com os seus hábitos inveterados. A inferioridade dos animais autóctones, comparados com os do velho mundo, na capacidade de reprodução em cativeiro, à qual se deve originariamente a incapacidade dos índios na domesticação dos animais, parece explicavel, até certo ponto,

pelo domínio da floresta. Foi ultimamente sugerido pelos etnólogos que onde as densas florestas revestem a superfície da região, as raças autóctones não podem fazer quaisquer progresso na civilização. Poder-se-ia acrescentar que as planícies monótonas, vastas e nuas, produzem o mesmo resultado. Os animais que foram tão uteis na infância da civilização humana, viviam originariamente em planícies de bosques ralos e provavelmente de limitada extensão.

O fato de existirem tantos frutos silvestres deliciosos na mata e que êles nunca aprenderam a cultivar, parece demonstrar, ao contrário da opinião aqui exposta, que o que privou os índios dos auxílios da civilização foi uma estupidez inata e não a falta de material. Há uma espécie de arroz que cresce espontâneo nas margens de muitos tributários do Amazonas, que eles nunca domesticaram, embora tivessem adotado a planta introduzida no país pelos europeus (229).

De noite houve mais visitas. Ouviram-se sons de flauta e de tambor e appareceu um bando de gente, que surgiu na estrada que atravessa a roça de mandioca. Vinham pedindo esmolos para S. Tomé, o santo padroeiro dos índios e mamelucos. Um trazia o estandarte, no qual havia grosseiramente pintada a imagem de S. Tomé, com um resplendor. A flauta e o tamborim eram dos mais primitivos. A flauta era um caniço com quatro furos, pelos quais emitia notas desafinadas e o tamborim era um cilindro ôco, com um couro esticado em cada

---

(229) Muitos vegetais úteis foram domesticados, devendo-se aos índios a descoberta do uso da mandioca, que é altamente venenosa, quando crua e precisa longo preparo para poder ser comida. É cultivada em toda a América tropical, inclusive o México e as Antilhas, mas só nas planícies, não se encontrando, segundo Humboldt, acima de seiscentos a oitocentos metros, de altitude em que cresce nos Andes mexicanos. Creio que não se conhece a pátria de origem dessa planta, que não é encontrada no vale do Amazonas. (Nota do Autor).

extremidade. Um moço aleijado tocava os dois instrumentos. Raimundo recebeu-os com a polidez tranquila, tão natural nos índios, quando estão no papel de donos da casa. Convidou as visitas, que vinham de Vila do Conde, a umas cinco milhas pela mata, a repousar. Raimundo tomou então a imagem de S. Tomé e a colocou ao lado da de Nossa Senhora, no oratório, acendendo duas velas de cera. Pouco depois se pôz toalha sôbre a esteira, convidando-se todos os convivas para cear. A comida era muito pouca: uma posta de pirarucú assado, galinha cosida com arroz, farinha e banana. Cada qual se serviu muito parcimoniosamente, alguns rapazes contentando-se com um prato de arroz. Um dos aprendizes ficou de pé, com a toalha e a bacia d'água, onde cada convidado lavava os dedos e a boca, depois da refeição. Aí passaram a noite toda. O grande alpendre ficou cheio de rêdes, armadas de ponta á ponta. Ao sair, Raimundo deu ordens para o almoço do dia seguinte.

Raimundo despertou-me às duas da madrugada quando embarcámos — ele, o aprendiz mais velho, de nome Joaquim, e eu — em um ponto tão escuro, que não se via a água nem a canoa. Levávamos conosco cinco cães. Descemos o rio sinuoso, onde os grossos ramos das árvores se cruzavam pouco acima de nossas cabeças, e entrámos no Murucupí, poucas jardas antes do canal de Aitituba, que cruzámos, entrando em outro estreito igarapé do lado posto. Aí a maré estava contra nós, e tivemos grande dificuldade em avançar. Depois de lutarmos contra a correnteza em distância de duas milhas, chegámos a um ponto, onde a maré corria em direção oposta, mostrando que tínhamos atravessado a linha divisória. A maré entra nêste furo pela duas extremidades opostas ao mesmo tempo, reunindo-se no meio, embora

não haja, aparentemente, diferença de nível, e a largura seja a mesma. As correntes são extremamente intrincadas nos inúmeros furos e igarapés que cortam as terras do delta do Amazonas. A lua despontou, brilhando acima dos ramos das árvores colossais e das folhas das monstruosas palmeiras jupatís, arqueadas sobre o canal, deixando ver os grupos de aráceas arborescentes que se erguiam nas margens como filas de espetros. Aqui, alí, acolá aparecia um clarão no maciço negro da mata, e o silêncio era apenas interrompido pelo canto trêmulo e suave dos grilos. De vez em quando sobressaltava-nos súbito mergulho na água, causado por algum fruto pesado, ou animal noturno, caindo das árvores. Os dois índios pararam de remar, deixando a canoa ser levada pela corrente. Vinha da floresta agradável perfume, que Raimundo disse provir de um canal. Informou que toda essa terra era de grandes proprietários no Pará, que as haviam recebido do Governo em pagamento de serviços políticos. Raimundo estava disposto a conversar. Contou-me vários incidentes do tempo da Cabanagem, como vulgarmente são conhecidos os dias revolucionários de 1835-36. Disse que tinha sido suspeitado de estar com os rebeldes, mas que era uma acusação infundada. A única queixa que tinha dos brancos era a de terem monopolizado a terra sem qualquer intenção ou projeto de cultivá-la. Fôra despojado de um sítio onde desbravara grande trecho da mata. Penso que a lei do Brasil dê-se tempo dava a propriedade das terras aos que as desbravassem e cultivassem, se o seu direito não fosse contestado dentro de certo número de anos, por quem pudesse provar a posse. Essa lei agrária foi depois revogada, adotando-se outra, calcada na dos Estados Unidos. Raimundo falava de sua raça como "pele-vermelha". Eles queriam

bem aos brancos e só pediam que os deixassem socegados. Dizia-me então: "Deus deu lugar para todos nós". Era agradável ouvir esse homem singelo e perspicaz falar dessa maneira. Nosso companheiro Joaquim pegara no sono. O ar da noite estava frio e o luar iluminava as feições de Raimundo, revelando expressão mais animada do que a que habitualmente se observa nos índios. Sempre verifiquei que os índios são mais animados em viagem, especialmente nas horas frescas da noite, do que em terra. Há em sua constituição um quer que seja que os faz sentirem-se excessivamente deprimidos nas horas quentes do dia, especialmente dentro de casa. A pele está sempre quente. Certamente não suportam o calor do seu clima, do mesmo modo que os brancos. Os negros são completamente diferentes a êste respeito; o calor do meio dia tem muito pouca influência sobre eles, que destestam as noites frias do rio.

Chegámos ao sítio de nossa caçada por volta das quatro e meia. O canal era mais largo e apresentava várias ramificações. Faltava ainda hora e meia para o amanhecer e Raimundo aconselhou-me que cochilasse um pouco. Deitámo-nos os dois nos bancos da canoa e adormecemos, deixando o bote vogando ao sabor da maré, então em calmaria. Dormi bem, apesar da dureza do leito, e quando despertei, no meio de um sonho com imagens da pátria, rompia a madrugada. Minha roupa estava úmida de orvalho. As aves agitavam-se, as cigarras começavam a sua música e a *Urania Leilus* (220), estranha e linda mariposa de asas com um prolongamento caudal e de variegadas côres, de hábito semelhante aos

---

(230) Essa mariposa da família *Uranidae* é inconfundível por seu aspecto quasi igual ao de um *Papilio* de asas caudadas; tem as asas negras, cobertas de linhas, estrias e manchas de um verde esmeralda metálico, com as franjas da margem e a cauda das asas posteriores brancas.

das borboletas, começava a esvoaçar em bandos na copa das árvores. Raimundo exclamou: "Clareia o dia!" (231) A mudança foi rápida. O céu, para o nascente, tomou de súbito o mais formoso azul, no qual se destacavam estreitas faixas de alvas nuvens. Em tais momentos a gente sente como é realmente formosa a terra. O canal, em cujas águas flutuava nosso pequeno bote, tinha cerca de duzentas jardas de largura. Outros ramificavam-se à direita e à esquerda, recortando o grupo de graciosa ilhas que formam a terra de Carnapijó. Por toda parte a floresta formava ininterrupto caixilho: em baixo era a franja dos mangues, cuja folhagem miúda contrastava com as frondes em leque ou em pluma das palmeiras.

Tendo chegado enfim ao nosso destino, Raimundo arregaçou as calças e as mangas da camisa, apanhou o facão e saltou em terra com os cães. Ia abrir uma brecha para entrarmos na mata. Esperávamos encontrar pacas e cutias. O método empregado para apanhá-las foi o seguinte: nestas primeiras horas da manhã elas podiam ser vistas comendo as frutas caídas, mas, ouvindo qualquer barulho, rapidamente se escondem nas tocas. Raimundo ia com os cães obrigá-las a sair, e Joaquim e eu ficávamos na canoa com as espingardas, prontos para atirar nas que aparecessem na beira do rio, pois é costume dêsses roedores procurarem a água quando perseguidos. Não tivemos de esperar muito tempo. Primeiro apareceu uma paca, roedor avermelhado, quasi sem cauda, manchado de branco dos lados e do tamanho e aspecto intermediário entre um porco e uma lebre. Errei meu primeiro tiro. O animal mergulhou

---

(231) Em português, no original.

na água e não reapareceu. Segunda paca foi derrubada por meu companheiro, quando a mesma corria por baixo dos mangues. Apareceu depois uma cutia. Os cães ladravam na mata todo tempo. Pouco depois veio Raimundo, que nos disse para remarmos para o outro lado da ilha. Aí chegados, desembarcámos e preparámos o almoço. Era um lindo sítio — praia limpa, branca, arenosa, à sombra de árvores esgalhadas. Joaquim acendeu o fogo. Primeiro tirou da nervura mediana de uma fôlha de bacaba, finas maravalhas que empilhou em lugar sêco; depois fez lume em seu isqueiro de bambú, batendo com um pedaço de lima velha e um sílex, sendo a mecha constituida por uma espécie de feltro, feito por uma formiga (*Polythachis bispinosus*) (232). Soprou delicadamente e os cavacos pegaram fogo; empilhou então por cima dêles alguns gravetos secos e logo se formaram boas labaredas. Esfolou e preparou a cutia, atravessando-a num espeto que fincara no chão, de modo a que o animal pendesse sôbre o fogo. Trouxera um saco de farinha, uma cuia com limão, uma ou duas duzias de pimentas malaguetas e algumas colheres de sal. Almoçámos com apetite a cutia assada, bebendo uma cabaça cheia da agua pura do rio.

Depois do almoço os cães encontraram outra cutia, que se escondera na toca, dois a tres pés abaixo das raízes de uma grande árvore. Raimundo levou quasi uma hora para tirá-la. Pouco depois deixámos êsse lugar, cruzámos o furo, e remando até passar as duas ilhas, chegámos a um ponto do rio mais largo, com longa praia arenosas, onde estavam pousados vários guarás e garças brancas. Uma das ilhas era baixa e arenosa e metade

---

(232) O nome actual desta formiga é *Dolichoderus* (*Monacio*) *bispinosus*.

dela coberta de gigantescos aruns arborescentes, o *Caladium arborescens*, tantas vezes citado, que apresentavam estranho aspecto. Quasi toda gente está familiarizada com a pequena espécie britânica, o *Arum maculatum*, que cresce nos canteiros, e muitas pessoas admiram espécies maiores nas estufas; pode, portanto, fazer uma ideia de uma floresta de tinhorões. Nessa ilha os caules lenhosos das plantas, perto do chão, tinham oito a dez polegadas de diâmetro e as árvores doze a quinze pés de altura, todos cresciam tão chegados que apenas havia espaço suficiente para uma pessoa andar livremente entre eles. Havia uma canoa na praia, com um casal. O homem, que gritava em altos berros, disse-nos, de passagem, que seu filho se perdera no aningal. Este se afastara, passando pela praia, e o pai o estava esperando havia mais de uma hora.

A uma da tarde parámos novamente na foz do pequeno igarapé. Fazia agora intenso calor. Raimundo disse que aí havia veados. Preparei minha espingarda, por ser mais eficiente que as chamadas lazarinhas, que ele usava, como todos os caçadores locais e que se vendem no Pará a sete e oito shilings. Raimundo e Joaquim ficaram nós e meteram-se na mata em direções diferentes, indo nós para fazer menos barulho no tapete de folhas mortas, sobre o qual caminhavam tão de leve que não se ouvia o menor ruído. Os cães ficaram na canoa, enquanto eu matava o tempo caçando insetos pela vizinhança. Ao cabo de duas horas voltaram meus companheiros sem ter encontrado caça.

Embarcámos então de volta. Raimundo cortou duas varas, uma para mastro e outra para cevadeira, ligando às duas a vela que trouxera na canoa, pois tínhamos que voltar pelo rio aberto e esperávamos ter bom vento

que nos levasse a Caripi. Logo que saímos do furo, começámos a sentir o vento, a brisa marinha, que sopra do Atlântico. Nossa embarcação era muito pequena e estava muito carregada. Quando contornámos um cabo e vi a grande largura que tínhamos de atravessar (sete milhas) pensei ser extremamente arriscada a tentativa de cruzar o rio em barco tão frágil. As ondas subiam muito alto; não havia leme; Raimundo guiava com um remo e todos tínhamos que confiar em sua perícia e sangue frio para salvar-nos de ser engulidos pelo cavado das ondas. Na canoa mal havia lugar para nós tres, os cães e a caça que tínhamos abatido. Quando nos víamos entre as cristas de duas vagas, em tão frágil casca de noz, nossa destruição parecia inevitável. De vez em quando entrava um pouco d'água. Joaquim ajudava com seu remo a equilibrar o bote. Meu tempo era todo ocupado em tirar água do bote e tomar conta dos cães, que estavam encolhidos na proa, ganindo de medo. De vez em quando um deles caía de lado, custando a levantar-se. Erguia-se em nossa frente uma crista de pedras, de encontro às quais as ondas bramiam furiosamente. Raimundo sentou-se na popa, rígido e silencioso, com o olhar pregado na proa do bote. Quasi compensava o risco e desconforto da viagem, apreciar a habilidade de peritos marinheiros demonstrada pelos índios. A pequena canoa navegou lindamente, alçando-se bem em todas as ondas, e ao cabo de hora e meia chegámos a Caripí, completamente esfalfados e molhados até aos ossos.

Vou fazer aqui algumas observações relativas à paca e à cutia, embora haja pouco a contar dos seus costumes, em adição ao que se encontra nos livros de história

natural. A paca é a *Coelogenys paca* (233) dos zoólogos, e a cutia a *Dasyprocta aguti* (234) ou uma variedade local desta especie. Ambas são muito diferentes de nossa lebre ou do coelho, que pertencem à mesma ordem; seu pelágio é áspero e cerdoso, e as orelhas largas e curtas. A carne é de sabor muito diferente do de nossos roedores ingleses. A carne da paca assemelha-se muito à do porco no colorido, no aspecto e no gôsto. A pele é grossa e dá uma gelatina, quando fervida muito tempo com arroz. Esses dois animais vivem exclusivamente nas matas, tanto secas como úmidas, sendo talvez mais abundantes nos igapós e nas ilhas. Quando estas são inundadas durante a época das chuvas, fogem para as terras secas, atravessando os igarapés a nado. Em Mucurupí vi muitos indivíduos em estado semi-domesticado, que foram apanhados em pequenos e corriam livremente por dentro de casa. A paca não era tão mansa como a cutia, que geralmente utiliza um buraco ou uma caixa a um canto como esconderijo, e sai facilmente para comer pela mão das crianças. De uma feita encontrei uma cutia mansa, correndo na mata, comendo os frutos caídos da palmeira inajá (*Maximiliana regia*) (235). Quando procurei apanhá-la, em vez de meter-se na brenha, fugiu para casa de seus donos, que ficava a umas duzentas jardas. Esta espécie, quando come,

---

(233) O nome científico da paca é *Cuniculus paca*, espécie de larga distribuição geográfica, sendo a forma típica das Guianas.

(234) O nome comum cutia é dado a várias espécies do género *Dasyprocta*; a espécie vista por Bates era, provavelmente, *Dasyprocta croconota*; encontra-se também no Amazonas a *Dasyprocta fuliginosa*.

(235) A *Maximiliana regia* de Martius é também conhecida por inajá e indaiá (forma que se lê na Viagem de Martius).

às vezes fica semi-erecta, segurando o alimento com as patas anteriores, como um esquilo. (236)

A paca e a cutia pertencem a uma família especial de roedores, que está confinada na América do Sul (237) e que serve de traço de união dos roedores com os Paquidermes (238), ordem a que pertencem o elefante, o cavalo e o porco. Um dos principais pontos de distinção com as outras famílias é a forma robusta das unhas, que em uma das espécies (capivara) são muito largas e se aproximam dos cascos dos Paquidermes, pelo aspecto.

(236) A respeito dessa curiosa posição que tomam as cutias para comer há no folk-lore paraibano curiosa anedota, que ouvi de meu pai, há uns cinquenta anos, e que para aqui transcrevo antes que de todo se perca. Um *marinheiro* (nome por que são conhecidos os portugueses) ouvira dizer em sua terra que no Brasil havia muitas onças e que estas se matavam com zagais. Armou-se portanto de um par de zagais e para cá partiu. Apenas chegado, atravessa seu caminho animal de estranho aspecto, que ele toma por uma onça, e a mata com as suas zagais. Pouco adiante encontra uma tendinha, onde entra para beber e contar a sua aventura. Pasmaram os circunstantes, pois por lá não havia onças. Até que um pergunta. "Como era essa onça?" E ele responde: "Era um bicho que trazia a capa do vigário às costas, os olhos fitos a querer comer a gente, as orelhas empuntheadas e o rabo duro e bem duro e erguido ao ar". Aumenta o pasmo, diante dessa esdrúxula descrição e alguém observa: "Seria um veado". E pronto retruca o marinheiro: "O veado, conheço-o eu; é um bicho de pernas finas, metido a corredor, que em matéria de correr ninguém o pega". E de novo repete a sua descrição: "A onça que vira era um animal com os olhos fitos, a querer comer a gente, as orelhas empuntheadas, a capa do vigário às costas e o rabo duro e bem duro e erguido ao ar". Diz um terceiro: "Era uma cutia". E pronto o marinheiro: — "Cutia não, que essa a conheço eu: é um bichinho vermelho, côr de labareda, que, quando come, reza". E repete a sua descrição. Afinal alguém exclama: — Já sei, era um tatú. "Ao que ele observa: — "Trus-trus ou não trus-trus, quasi me devora!"

(237) É a família Cavidae, da qual algumas formas de pacas e cutias chegam, no entanto, até ao Mexico. Ainda hoje persiste a designação Sub-ungulados, como divisão dos Roedores, porque suas unhas quasi se transformaram em cascos.

(238) O termo Paquidermes é de Cuvier, para os Mamais providos de cascos e não ruminantes. Mais tarde todos os Mamíferos providos de cascos foram reunidos na ordem Ungulados, como diz Bates. Hoje essa serie Ungulados compreende várias ordens, sendo quatro atuais — Hiracoides, Proboscideos, Perissodáctilos e Artiodáctilos — e tres fosséis — Condilartros, Notungulados e Amblípodes.

Por isto foi esta família chamada por alguns autores de Subungulados, porque a grande divisão dos Mamais, a que pertencem os Paquidermes, foi chamada dos Ungulados, na classificação dos melhores autores, depois que as patas providas de cascos foram consideradas como o carater principal. E' fato interessante que o paquiderme mais estreitamente aliado aos roedores é igualmente americano, embora só encontrado em estado fossil: é o *Toxodon*, que o professor Owen (239) demonstrou parecer-se na dentição com os roedores (240). O *Toxodon*, por outro lado, era parente muito próximo do elefante, do qual dizem alguns distintos zoólogos: "Várias particularidades de sua organização indicam uma afinidade com os roedores. Tais fatos mostram o imenso interesse dos roedores americanos semi-ungulados, porque tornam provavel que estes animais sejam os representantes vivos, embora um pouco modificados, de um grupo que existiu em época remota da história do mundo, e que possuía uma estrutura participando dos caracteres das duas grandes ordens Roedores e Paquider-

---

(239) Sir Richard Owen nasceu em Lancaster em 20 de julho de 1804, sendo o filho mais novo de Richard Owen, negociante. Em outubro de 1824 matriculou-se na Universidade de Edimburgo, seguindo o curso de anatomia com John Barclay. Em 1829 foi nomeado professor de anatomia do Hospital S. Bartolomeu, de Londres e em 1856 passou para o Museu de História Natural como superintendente, com os vencimentos de oitocentas libras anuais. De 1861 a 1868 escreveu e publicou sua célebre e notavel Anatomia e Fisiologia dos Vertebrados, a obra mais notavel que se escreveu sobre o assunto e rival da de Cuvier. Foi Owen considerado como o maior conhecedor de Anatomia comparada do século passado. Entre as suas obras mais notavels merece citada a que se intitula "instances of the power of God manifested in His animal creation". Morreu Owen em 18 de dezembro de 1892.

(240) O género *Toxodon* foi criado por Owen, sobre um crânio levado da Argentina por Darwin. Era animal do porte de um elefante, com os incisivos biselados, lembrando os dos roedores e grandes molares muito diferentes dos atuais Ungulados, separados dos pequeninos caninos por largo diástema.

mes, atualmente tão distintos na maioria de suas formas. Creio que não se encontraram fosseis de Toxodontes ou de Subungulados em nenhuma outra parte do mundo, fora da América. Neste ponto da questão é muito arriscado fazer generalizações sôbre dados negativos; mas isto não parece demonstrar que a grande secção dos Mammals, a que pertencem os Paquidermes, tenha tido sua origem no ponto da terra que é atualmente a América do Sul.

\* \* \*

A 16 de janeiro cessou de repente a estação sêca. As brisas marinhas, que tinham aumentado de intensidade nos últimos dias, subitamente cessaram e a atmosfera ficou mergulhada em nevoeiro. Afinal pesadas nuvens acumularam-se num céu que durante tantas semanas se conservará quasi sempre azul escampo, e sobreveio uma série de pesados aguaceiros, o primeiro dos quais durou um dia e uma noite. Isto pareceu dar novo alento à vida animal. Na primeira noite houve tremenda barulheira: pererecas, grilos, bacuraus e mochos juntaram-se para realizar ensurdecedor concerto. Um bacurau repetia de vez em quando, durante a noite inteira uma frase que parecia dizer "João corta pau", que forma o nome brasileiro da ave (241). De um dos genipapeiros um mocho fazia ouvir de vez em quando uma sucessão de sílabas, formando a palavra "murucututú" (242).

---

(241) Há dois bacuraus (ordem Caprimulgiformes, família Caprimulgidae) com o nome comum de João-corta-pau: uma é *Nyctidromus albicollis albicollis*, também conhecida por acurana e mede-léguas, encontrada em toda a América tropical, desde o México até Minas Gerais e Espírito Santo; a outra é *Setochalcis rufa*, menos comum e com área de distribuição muito menor (do oeste da Bafa até ao Panamá).

(242) O murucututú ou coruja do mato (ordem Strigiformes, família Strigidae) é próprio da provincia Amazônica; é a *Pulsatrix perspicillata perspicillata*; uma outra sub-especie muito próxima, a *Pulsatrix perspicillata pulsatrix*, conhecida por mocho

Às vezes o coaxar e alarido das rãs e sapos eram tão altos que abafavam nossas vozes dentro de casa. De dia apareceram nuvens de lavadeiras nas poças d'água, formadas pela chuva, e surgiram enxames das formigas aladas, que acudiam às centenas em tórno das lâmpadas acesas, durante a noite, postas em cima da mesa, geralmente soltavam as asas com um movimento espontâneo. Examinando de perto, verifiquei que não se partiam na base, mas que ficava pequeno coto preso ao torax. A borda da fratura era sempre reta, não mostrando sinais de rutura. Há, de fato, uma sutura natural, cruzando a asa perto de sua inserção e é nesse ponto que as compridas asas caem ou o inseto delas se desembaraça, quando não são mais necessárias. O cupim tem asas somente para sair da colônia, povoada por seus companheiros ápteros, e acasalar com outro indivíduo da mesma ou de alheia colônia, e assim propagar e disseminar a espécie. Os indivíduos alados são machos e fêmeas, ao passo que a grande massa de seus irmãos sem asas não têm sexo, formando duas castas, soldados e operários, aos quais compete a construção do ninho, sustento e defesa da prole. Os dois sexos reúnem-se no solo, depois de ter perdido as asas; e os casais, quando escapam dos numerosos inimigos que os espreitam, entregam-se à tarefa de fundar novas colônias. Formigas e cupins têm muita coisa de análogo em seus modos de vida. Pertencem, porém, a duas ordens muito diferentes, tanto por sua estrutura como pelo modo de desenvolvimento (243).

---

mateiro, corujão, gavião, ocorre no Paraguai, sul e leste do Brasil (da Bafa ao Rio Grande do Sul).

(243) Os cupins pertencem à ordem Isópteros, insetos de metamorfoses incompletas. A única analogia que têm é a vida social, essa mesma organizada em moldes diferentes.

Reuni em Caripí grande coleção de belos e curiosos insetos, montando a cerca de mil e duzentas espécies. O número de coleópteros era notável, tendo em vista a pobreza de sua representação perto do Pará. Atribuí tal abundância ao número de novas clareiras, feitas na floresta virgem pelos colonos. O pau derrubado atrai os insetos lignívoros e estes arrastam consigo espécies predadoras de várias famílias. Como regra geral, as espécies, embora numerosas, não eram representadas por grande número de indivíduos. Estes eram extremamente ageis e, portanto, muito menos fáceis de apanhar, que os da mesma ordem nos climas temperados. Encontrei na praia arenosa duas espécies de *Tetracha*, um gênero de besouros carnívoros, de cabeça muito grande e encontradas somente nos climas quentes (244). Aparecem à noite, escondendo-se durante o dia em buracos de algumas polegadas de profundidade, que cavam no chão. Seu poder de fuga excede a tudo o que observei na locomoção dos insetos. Correm serpenteando sobre a areia lisa e, quando perseguidos de perto pelos dedos quasi a ponto de agarrá-los, voltam-se subitamente, e assim frustram a mão e o olho mais esperto. Mais tarde vim a interessar-me por estes insetos por muitos motivos, um dos quais era esclarecer curioso problema de história natural. Uma das espécies de Caripí (*Tetracha nocturna* de Dejean) era de tom pálido como a areia onde corria; a outra era uma espécie de brilhante côr de cobre (*Tetracha pallipes* de Klug). Muitos insetos que habitam as praias arenosas são brancos; encontrei uma forfícula e uma paquinha desse colorido, que eram muito comuns nessas localidades. Agora se diz frequentemente que, quando os insetos, lagartos, cobras e outros animais são

---

(244) Gênero de Adéfagos, família Cicindelidae.

do mesmo colorido dos objetos em que vivem, que isso é uma providência da natureza, e que a semelhança de côres é dada para ocultar as criaturas dos olhares penetrantes das aves insetívoras e de outros animais. Tal é, sem dúvida, a opinião correta, mas alguns autores acharam dificuldade na explicação, porque esta semelhança de côres se manifesta em algumas espécies e não em outras, que vivem junto com elas, a roupagem de algumas espécies estando em frisante contraste com as côres do seu *habitat*. Uma de nossas *Tetrachas* era de colorido parecido com o da areia, enquanto a outra espécie próxima é muito visível. A espécie branca, é preciso mencionar, é muito mais veloz que a de côr de cobre. As margens dessas enseadas são frequentadas, durante a estação sêca, por bandos de curicacas, que andam à cata de insetos nas noites de luar como de dia. Se uma espécie de insetos consegue escapar de seus perseguidores por sua semelhança enganadora, com a superfície arenosa, por que a espécie afim não é igualmente dotada? A resposta é que a espécie de côr escura tem meios de proteção, de natureza totalmente diversa e que portanto não necessita do modo peculiar de disfarce de sua companheira. Quando é agarrada, emite um cheiro forte, almiscarado e muito desagradável, que a espécie pálida não possui. Vemos dêsse modo que algumas espécies que não apresentam a mesma adaptação de côres ao seu *habitat*, como suas companheiras mais comuns, não trazem dificuldades à explicação dada pela adaptação, mas antes a confirmam.

Os besouros carnívoros do Cariní eram, como os do Pará, principalmente arborícolas. Quasi todos mostravam perfeita adaptação para agarrar-se e correr nas superfícies lisas ou flexíveis, como as das fôlhas. Os tarsos são largos e providos, em sua face inferior, de

uma escôva de pêlos duros; as garras são denticadas, em forma de pente, de modo a poder segurar-se nas bordas lisas das fôlhas e o segmento tarsal que precede a garra é fendido, deixando livre jôgo às garras. Os escaravelhos de Caripí, que voam à noite como os *Geotrupes*, "o cascudo de zumbido soporífico" tão conhecido em nossos campos ingleses, eram aquí de tamanho colossal e de formosas côres. Um deles tem um longo chifre em forma de lança, que se projeta do alto da cabeça (*Phanaeus lancifer*) (245). Uma pancada dêsse camarada, quando vinha voando pesadamente, nunca era muito agradável. Todas as tribus de besouros que se alimentam de substâncias vegetais, frescas ou em decomposição, eram muito numerosas. Os mais belos, embora não fossem os mais comuns, eram os Longicórnios, insetos muito graciosos, de corpo delgado e longas antenas, às vezes ornadas de franjas ou tufos de pêlos. Encontravam-se nas flôres, nos troncos das árvores ou voando nas clareiras recentes. Uma espécie pequena (*Coremia hirtipes*) (246) tem um tufo de pêlos nas patas posteriores, enquanto alguns outros, de espécies próximas, apresentam ornato semelhante nas antenas. Dá lugar a curiosas reflexões vermos um mesmo ornamento, semelhante à pluma de um capacete de granadeiro, mostrar-se nesta espécie em uma parte do corpo, e em outra espécie muito próxima, em região muito diversa. Em vão procurei descobrir o uso dêsses

---

(245) Os escaravelhos ou Lamelicórnios foram divididos em várias famílias; os *Geotrupes* pertencem a uma família (*Geotrupidae*) diferente de *Phanaeus* (*Scarabaeidae*); o *Phanaeus* (*Megaphanaeus*) *lancifer* é dos nossos mais belos besouros, por seu alto chifre cefálico e colorido de belo azul metálico.

(246) Os antigos Longicórnios foram divididos em tres famílias *Cerambycidae*, *Lamiidae* e *Prionidae*, a *Coremia hirtipes*, pertence à primeira dessas famílias, ao grupo *Compsocerini*, de lindos besourinhos, geralmente de élitros de côres metálicas e com um tufo de pelos nas antenas.

curiosos enfeites. No tronco de uma leguminosa viva encontrou Petzell certo número de indivíduos de espécie muito rara e formosa, o *Platysternus hebraeus* (246), de corpo largo, côr de tijolo, manchado e estriado de negro, parecendo um dominó. Nos troncos derrubados havia enxames de longicórnios de um verde dourado; de pequeno porte (*Chrysoprasis*), que pareciam miniaturas de besouros almiscarados e são efetivamente intimamente aparentados com êsses tão conhecidos insetos europeus.

Eu estava muito interessado em muitas espécies pequeninas de besouros lignívoros, encontrados em Caripí, dos quais darei no final algumas observações. E' curioso notar como alguns pequenos grupos de insetos apresentam formas e costumes os mais diversos: — um grupo de espécies se mostra adaptado por sua estrutura a determinadas funções na natureza e outro grupo, estreitamente aliado, se adapta a uma esfera de ação oposta. Assim os Histeridae (pequenos besouros negros bem conhecidos dos entomólogos ingleses, cujas espécies, em sua maioria, são curtas e torudas e vivem no esterco dos animais) — apresentam na Amazonia grande diversidade de estrutura e de hábitos; no entretanto todas as formas conservam notável proporção dos caracteres essenciais da família. Um grupo de espécies vive no estêrco, quasi todas sendo de forma quasi cúbica, de cabeça retractil sob uma placa do torax, como nos cágados. Outro grupo de *Histeridae* é de forma muito mais chata e vive no interior úmido do espique das palmeiras e uma destas espécies é um verdadeiro colosso, o *Hister maximus* de Lineu. Encontra-se um terceiro grupo (os *Ho-*

---

(247) Tanto o gênero *Platysternus* como *Chrysoprasis* pertencem também à família Cerambycidae.

*lolepta*) somente sob a casca das árvores; as cabeças não se retraem no torax e o corpo é excessivamente comprimido, de modo a permitir-lhes viverem em fendas muito estreitas; algumas espécies são literalmente tão delgadas como uma obreia. Quarto grupo de espécies (*Trypaneus*) forma perfeito contraste, pois são cilíndricas; cavam buracos na madeira e parecem minúsculas verrugas vivas quando em função: as cabeças pontudas se fixam na madeira, enquanto os corpos lisos e brilhantes giram rapidamente, gerando pequenas correntes de serragem, que saem dos buracos. Várias famílias de insetos apresentam iguais diversidades de adaptação entre as suas espécies, mas nenhuma, a meu ver, em grau tão elevado como a dos *Histeridae*, tendo em vista os estreitos limites do grupo. Os factos apresentados por tais grupos do reino animal devem ser tomados em consideração para qualquer explicação do modo pelo qual se produziu diversidade quasi infinita de formas de vida nesta terra admirável (248).

Afinal, no dia 12 de fevereiro deixei Caripí. Meus vizinhos negros e índios disseram-me caloroso adeus. Aí passara uma temporada deliciosa, apesar das muitas privações sofridas em matéria de alimentação. Estávamos agora na estação chuvosa. Ilhas e igapós ficariam em breve inundados nas horas de maré alta e a dificuldade de obter provisões frescas seria cada vez maior. Resolvi, portanto, passar os três meses seguintes no Pará, onde havia muito que fazer, esperando a época da sêca, quando empreenderia nova excursão pelo interior.

---

(248) Os Histeridas são besouros de antenas geniculadas e fortemente dilatadas na ponta, élitros truncados, deixando expostos os dois últimos segmentos abdominais. Os tegumentos são brilhantes, geralmente negros ou castanhos, mas em alguns casos os élitros são manchados de rubro, e há algumas espécies de brilho metálico.

## CAPÍTULO VI

### O BAIXO AMAZONAS — PARÁ A OBIDOS

Modo de viajar no Amazonas — Esboço histórico das primeiras explorações do rio — Preparativos para a viagem — Vida a bordo de um grande navio mercante — Os estreitos canais que ligam o Pará ao Amazonas — Primeira vista do grande rio — Gurupá — Os grandes bancos de areia — Montes de cume chato — Santarém — Obidos.

Por ocasião de minha primeira viagem, subindo o Amazonas (em 1849) quasi todas as communicações com o interior se faziam por pequenos navios a vela, de propriedade de negociantes residentes em remotas cidades e vilas do interior, os quais raramente vinham ao Pará, mas entregavam barcos e cargas aos cuidados de *cabos* mesticos ou portuguezes. As vezes arriscavam tudo nas mãos da tripulação indigena, fazendo o piloto (249), que era ao mesmo tempo timoneiro, atuar como sobrecarga. Negociantes portuguezes e brasileiros do Pará enviavam de vez em quando jovens portuguezes, carregados de mercadorias, para trocá-las por produtos natu-

---

(249) No tempo de Martius parece que era corrente chamar ao piloto das pequenas embarcações ou melhor, ao homem do leme, de *jacumaíba* e ao proeiro de *igatituba*. Mas ao tempo de Bates tais designações já tinham caído em desuso pois o grande viajante inglês, tão observador, e que amiude usa os termos correntes, portuguezes e indigenas, nem uma só vez os emprega.

rais nas pequenas povoações esparsas. Os meios de comunicação com o alto Amazonas estiveram efetivamente suspensos durante algum tempo, pela dificuldade crescente de obter tripulação para os barcos. A princípio, quando o Govêrno queria mandar qualquer importante funcionário, como um juiz ou um comandante de destacamento, para o interior, fazia equipar uma galeota, tripulada por 10 ou 12 índios. Estes em média viajavam mais num dia do que as tripulações comuns em três. Remeiros índios eram agora quasi impossíveis de encontrar, e os funcionários públicos se viam obrigados a viajar como passageiros nos navios mercantes. A viagem feita por êsse modo era extraordinariamente tediosa. Quando soprava o vento leste regular (o *vento geral* dos amazonenses) os barcos a vela iam muito bem; mas quando o vento caía, êles eram obrigados a ficar, às vezes dias e dias, ancorados perto da praia ou seguiam trabalhosamente por meio de "*espias*". O último modo de viajar era o seguinte: amarrava-se uma das pontas de um cabo de vinte ou trinta braças ao mastro anterior e mandava-se uma montaria amarrar outra ponta em algum tronco ou ramo robusto; a tripulação puxava então o barco até êsse ponto; aí chegados, os homens do bote tornavam a embarcar o cabo e remavam para diante, repetindo o mesmo processo. Durantê a estação sêca, de agosto a dezembro, quando o vento geral é forte e as correntes fracas, uma escuna pode alcançar a boca do Rio Negro, a mil milhas do Pará, em cerca de quarenta dias; mas durante a estação chuvosa, de janeiro a julho, quando já não sopra o vento-leste e o Amazonas arrasta grande volume d'água, inundando as margens e produzindo caudalosa corrente, gasta-se três meses a percorrer a mesma distância. Foi grande bênção para os

habitantes quando, em 1853, se estabeleceu uma linha de vapores, e esta mesma jornada pode ser feita com facilidade e conforto, em qualquer estação, em oito dias.

\* \* \*

Talvez não seja do conhecimento geral que os portugueses já em 1710 tinham bom conhecimento do Amazonas, mas as informações obtidas por seu Governo, graças às expedições realizadas em larga escala, eram conservadas em segredo pela política de desconfiança que presidia aos negócios da colônia. Desde a fundação do Pará por Caldeira (250), em 1615, até serem assentados os limites entre as possessões espanholas e portuguesas, Perú e Brasil, em 1781-91, tiveram lugar várias expedições sucessivas. A maior foi a comandada por Pedro Teixeira (251) em 1637-39, que subiu o rio até Quito, pelo caminho do Napo, numa distância de cerca de 2800 milhas, com 45 canôas e 900 homens e voltou ao Pará sem grandes contratempos, pelo mesmo caminho. O su-

---

(250) Submetido o Maranhão, parte Alexandre de Moura para Pernambuco, levando em sua companhia La Ravardiére, ao mesmo tempo que manda ao Pará a Francisco Caldeira Castelo Branco, capitão-mor da descoberta e conquista do Grão Pará, com o alferes Pedro Teixeira. Chegados à bafá de Guajará aí foi edificada em dezembro de 1615 a cidade de Nossa Senhora de Belém.

(251) A expedição de Pedro Teixeira foi narrada, na subida, por Alonso de Rojas, e na descida por outro Jesuíta, Cristobal de Acuña no famoso livro Novo Descobrimento do Rio das Amazonas. As duas narrativas estão traduzidas no volume 203 da *Brasiliana*. Nascou Pedro Teixeira em Castanheda, a duas léguas de Coimbra. Pouco se sabe de sua vida até que acompanhou a expedição de Caldeira Castelo Branco, para fundar o Pará. Em 1616 apodera-se de uma nau holandesa e a destroi. Em 1625 desaloja o holandês de seus fortes no Xingú e expulsa os ingleses da margem esquerda do Amazonas. Em 1626 sobe este rio e o Tapajós. Em 1629 toma a fortaleza de Taurege ou Tocujós. Em 1637 sobe o Amazonas, chegando até Quito. A 28 de fevereiro de 1640 tomou posse do cargo de capitão-mór do Pará e seu governador, até 26 de maio do ano seguinte.

cesso dêsse notável empreendimento demonstrou, nessa remota época, a facilidade de navegação do rio, a praticabilidade da região e a boa disposição dos habitantes aborígenes. O rio, contudo, foi descoberto primeiro pelos espanhóis, tendo sido sua foz visitada por Pinzon (252) em 1500, e quasi todo o curso do rio navegado por Orellana (253) em 1541-42. A viagem deste último foi das mais dignas de registo. Orellana era um lugartenente de Gonzalo Pizarro, governador de Quito, a quem acompanhou na aventureosa jornada por êste empreendida ao extremo oriental da cordilheira dos Andes, descendo até ao vale ardente do Napo, em demanda do El Dorado. Partiram êles com 300 soldados e 4 000 carregadores índios; mas, chegados às margens de um dos tributários do Napo, o seu séquito estava tão reduzido pela fome e pelas doenças, e os sobreviventes tão enfraquecidos, que Pizarro se viu obrigado a despachar Orellana com cinquenta homens, numa embarcação por êles construída, para o Napo, em busca de provisões. As pessoas familiarizadas com a região amazônica podem bem imaginar como seria infrutífera essa excursão pela floresta ínvia em que se encontraram Orellana e os companheiros, quando chegaram ao Napo, e quão difícil seria tentar voltar contra as correntes e rápidos que haviam descido. Veio-lhes então a ideia de se entregarem aos azares da corrente, embora ignorassem onde esta os leva-

---

(252) Contesta D. Duarte Leite que Pinzon tenha chegado até ao Amazonas, parecendo mais provavel que a descoberta do Amazonas se deva a Diogo de Lepe, na sua viagem de 1501 ou 1502.

(253) Francisco de Orellana nasceu em Trujillo da Extremadura em 1511. Sua viagem foi narrada por Gaspar de Carvajal, narrativa que se encontra no mesmo volume da *Brasiliana* referido na nota n.º 251. De volta à Espanha conseguiu meios de voltar ao Amazonas, viagem cheia de incidentes e desastres, e na qual morreu em 1546.

ria. Assim fizeram. Do Napo vieram ter ao grande Amazonas e, depois de muitas e várias aventuras com os índios ribeirinhos, atingiram o Atlântico, oito meses depois de ter entrado no grande rio.

Outra notável viagem foi levada a cabo, de maneira quasi idêntica, por um espanhol, chamado Lopez d'Agui-  
re, partindo de Cusco, no Perú, descendo o Ucayali, afluente do Amazonas, que vem do Sul, portanto em direção oposta ao Napo. D'Aguirre, em uma carta ao rei de Espanha, contou essa viagem, da qual nos dá Humboldt (254) um resumo em sua obra. Como é boa amostra da beleza de estilo e falta de precisão observadas nêses primeiros narradores de aventuras na América do Sul, quero dar uma tradução da mesma: "Construimos jangadas e, deixando atrás cavalos e bagagem, descemos o rio (o Ucayali) com grande risco, até que nos encontrámos em um golfo de água doce. Por êsse rio Marañon navegámos mais de dez meses e meio, até sua embocadura, onde deságua no mar. Gastámos cem dias de viagem, e navegámos 1500 léguas. E' um grande e formidável rio, com oitenta léguas de água doce em sua foz, vastos bancos de areia e 800 léguas de selva sem qualquer espécie de habitante (255), como verá

---

(254) Alexandre von Humboldt nasceu em Berlim em 14 de setembro de 1769. Em 1799, tendo como companheiro o botânico francês Bonpland explorou a Venezuela e a região do Orenoco, visitou Bogotá e Quito e subiu o Chimborazo até 5.810 metros de altitude: em 1802 seguiu para o México e de lá para Havana, de onde voltou para a Europa, desembarcando em Bordeaux em 3 de agosto de 1804. Dêsse ano até 1826 viveu, com pequenas interrupções, em Paris, ocupado com a publicação de sua grande obra "Viagens às Regiões Equinociais" (seis partes em trinta volumes) voltando para Berlim em 1827 e aí vindo a falecer em 1859. Suas obras mais célebres são, depois dessa grande obra de suas viagens à América, o "Kosmos" (cinco volumes) e o "Exame Crítico da geografia do Novo Continente".

(255) Essa expedição de Aguirre foi começada por D. Pedro de Orsua, que foi assassinado por Lopo de Aguirre (dizem que por causa de uma mulher). Aguirre nunca voltou à Espa-

vossa Majestade pela narrativa fiel e verídica que fizemos. Tem mais de 6 000 ilhas. Deus sabe como saímos dêsse temeroso mar!"

Realizaram-se muitas expedições no decurso do século XVIII e parece que foi então uma ocorrência comum atravessar o continente do Pacífico para o Atlântico, pelo Amazonas (256). Mas a única viagem da qual o público europeu teve largo conhecimento, foi a do astrônomo francês La Condamine, em 1743-4 (257). A notícia mais completa do rio, publicada até hoje, é a que nos dá Von Martius no terceiro volume das Viagens de Spix e Martius. Estes notáveis viajantes estiveram onze meses na região (de julho de 1819 a junho de 1820) e subiram o rio até às fronteiras do território brasileiro. As informações que êles nos dão da geografia, etnologia, botânica, história e estatística da região do Amazonas são as mais completas, até agora fornecidas ao

na. O trecho resumido por Humboldt, e do qual encontramos também mais desenvolvida transcrição em Martius, é de sua carta a Felipe II. Em frente à ilha de Trinidad, diz Acuña "por ordem de sua Magestade lhe tiraram a vida e lhe cobriram as casas de sal".

(256) As viagens feitas pelo Amazonas durante o século XVII, e referidas por Martius, foram as seguintes: em 1743 a de La Condamine; em 1749 Godin des Odonais viajou de Quito até ao Pará e às Guianas; no mesmo ano uma expedição militar partiu do Pará e subiu o Madeira para Mato Grosso; em 1753 a 1755 foi o Amazonas explorado pelo governador do Estado do Maranhão Mendonça Furtado; em 1784, 1787 e 1788 visitou o bispo D. Caetano Brandão grande parte de sua diocese; de 1781 a 1791 foram feitas as viagens das comissões de fronteiras.

(257) Carlos Marie de la Condamine nasceu em Paris em 28 de janeiro de 1701. Em 1735 veio ao Perú em companhia de Pierre Bouguer e Luis Godin, para medir um grau de meridiano. Em 4 de julho de 1743 embarcou em Jaen de Bracamoros e a 19 de setembro chegou ao Pará. Sua viagem está relatada no "Jornal de viagem feita ao Equador" e na "Relação resumida de uma viagem feita ao interior da América Meridional". Em 1749 publicou em colaboração com Pierre Bouguer o livro "Configuração da Terra". Morreu em Paris no dia 4 de fevereiro de 1774.

mundo. Sua narrativa ficou inédita até 1831 e, infelizmente, eu não a obtive durante o tempo em que viajei na mesma região.

\* \* \*

Quando eu me estava preparando para minha viagem, aconteceu, felizmente que um meio-irmão do Dr. Ângelo Custódio, joven mestiço chamado João da Cunha Correia, estava de partida para o Amazonas em viagem comercial, em navio de sua propriedade, uma escuna de cêrca de quarenta toneladas de registro. Por intermédio do Dr. Ângelo obtive uma passagem, e partimos a 5 de setembro de 1849. Pretendia demorar-me em alguma aldeia da margem norte do Baixo Amazonas, onde seria interessante fazer coleções, para mostrar as relações entre a fauna do Pará e da região costeira da Guiana. Como teria de alugar casa ou choupana onde ficar, levei comigo todos os utensílios caseiros necessários, tais como panelas, louça, etc. Levava também sortimento de provisões que seriam difíceis de obter no interior; e mais munição, caixas, pequena biblioteca de História Natural e um quintal de moedas de cobre. Aluguei, depois de algum trabalho, um joven mameluco para acompanhar-me como criado: um rapaz baixo, gordo, de rosto amarelo, chamado Lucas, que já fôra meu empregado no Pará. Levantámos âncora à noite e na manhã seguinte sulcávamos as águas pardo-escuras do Mojú.

João da Cunha, como a maioria de seus compatriotas, olhava as coisas com muita simplicidade. Ia ficar ausente, no interior, durante alguns anos, e resolveu, por isso, desviar-se de sua rota, para visitar sua cidade natal, Cametá, e passar alguns dias com os amigos. Pa-

recia que para êle era coisa sem importância ter uma carga, um navio e uma tripulação que exigiam poupar o tempo. *Primeiro o prazer e depois os negócios*, parecia ser a sua máxima. Ficámos em Cametá 12 dias. O principal motivo para essa demorada estada era um festival em Aldeia, duas milhas abaixo de Cametá, que devia começar no dia 21, e no qual o meu amigo queria tomar parte. No dia da festa a escuna ancorou em frente da Aldeia, e amo e guarnição caíram na pândega. À tarde soprou um vento forte e foram dadas ordens de embarcar. Descemos no escuro, entre as plantações de cacau, laranja e café, que cobriam a margem elevada, e depois de correr grande risco de sermos engulidos pelo mar grosso, quando fazíamos a travessia na montaria, chegámos todos a bordo por volta das nove horas. Fizemo-nos à vela, entre os adeuses que nos gritavam da margem as namoradas índias e mulatas, e com vento e maré favoráveis, dentro em pouco estávamos muitas milhas distante.

Consistia a tripulação, como já disse, de 12 pessoas. Um dos tripulantes era um moço português de Trás-os-Montes, bela amostra da qualidade de emigrantes que Portugal manda ao Brasil. Teria seus 22 ou 23 anos de idade e estava alí há dois anos, vestindo e vivendo como os índios, aos quais era certamente inferior. Não sabia ler nem escrever, enquanto pelo menos um de nossos tápúios o fazia. Tinha em seu tosco baú de pau pequena imagem de Nossa Senhora, a quem recorria quando caía alguma rajada ou roçávamos em qualquer banco de areia. Outro mariuheiro era um branco trigueiro de Cametá; o resto da tripulação era constituída de índios, exceto o cozinheiro, um cafuso. É frequente dizer-se que esta classe de mestiços é a pior de todos os numerosos cruzamentos entre as raças que habitam o Brasil; mas

Luis era camarada singelo e afável, sempre pronto a prestar qualquer serviço. O piloto era um velho tapúio do Pará, de rosto oval e regular e feições corretas. Eu ficava espantado de sua resistência. Nunca deixava o leme, noite e dia, exceto duas ou três horas pela manhã. Os outros índios costumavam trazer-lhe o café e as refeições e depois do almoço um deles o rendia durante algum tempo, quando descia ao camarote e tomava suas duas horas de sono. Os índios se revezavam, segundo sistema próprio. Não se seguia horário certo; quando qualquer um se sentia cansado, descia à coberta e ia dormir, mas parecia existir sempre entre êles boa camaradagem. Um dos marinheiros era um belo exemplar da raça índia: homem de pouco mais de seis pés de altura, com largura de ombros notável e largo peito musculoso. Os camaradas chamavam-no comandante, por ter sido êle um dos chefes revoltosos quando os índios tomaram parte na tomada de Santarém em 1835. Contavam a seu respeito que, quando chegaram as autoridades legais com flotilha de guerra para retomar a cidade, foi êle o último a abandoná-la, permanecendo na pequena fortaleza a cavaleiro da praça, para fazer menção de carregar os canhões, embora há muito tempo não houvesse munição. Tais eram nossos companheiros de viagem. Vivíamos como nos navios mercantes. A comida era preparada na cozinha mas, quando era praticável, e durante nossas numerosas paradas, os homens tomavam a montaria e iam pescar perto da praia, de modo que o almoço e jantar de pirarucú salgado variava de vez em quando com peixe fresco.

24 DE SETEMBRO — Passámos ontem Entre-as-Illhas com a maré da manhã e atravessámos para a margem oriental: — ponto de partida de todas as canoas que

têm de atravessar a larga boca do Tocantins, indo para oeste. Muito cedinho começámos a passagem. A navegação é considerada perigosa, pelos extensos bancos de areia do meio do rio, apenas cobertos por águas rasas nessa época do ano. Soprava forte o vento e a escuna jogava como um navio em alto mar. A distância era de umas quinze milhas. No meio, a vista do rio era realmente imponente. Para o nordeste o olhar se perdia no horizonte sem encontrar terra; para sudoeste havia uma vastidão semelhante, mas recamada de ilhotas cobertas de palmeiras em leque, as quais, porém, eram visíveis como simples grupos isolados de colunas, com as coroas de fôlhas elevando-se aquí e alí na imensidão das águas. À tarde dobrámos o ponto mais ocidental; a terra, que não é terra-firme, mas simplesmente um grupo de grandes ilhas, que formam parte do delta do Tocantins, estava então a umas três milhas.

No dia seguinte (25) navegámos para oeste, seguindo a parte superior do estuário do Pará, que se estende setenta milhas além da boca do Tocantins. Varia entre três e cinco milhas de largura, mas se expande rapidamente perto de seu têrmo, onde tem oito ou nove milhas. A praia norte é formada pela ilha de Marajó, e é levemente elevada e pedregosa em alguns pontos. Uma série de ilhas esconde a margem sul, quasi todo o tempo. Toda a região, ilhas e terra-firme, é coberta de mata. Tivemos bom vento o dia todo, e pelas sete horas da noite entrámos no estreito furo de Breves, que começa abruptamente o extenso labirinto de canais que ligam o Pará ao Amazonas. E' notável que o Pará termine bruscamente em ponto onde alcança tal largura; mas a água é muito rasa na maior porção dessa expansão. Observei tanto desta vez, como em três outras ocasiões, ao passar por êsse ponto, subindo ou descendo o rio, que a maré

era muito forte tanto no estuário como acima de Breves. Isto parece suficiente para provar que por aí passa grande volume de água do Amazonas para o Pará, e que a opinião dos geógrafos que consideram o Pará como uma das bocas do grande rio, é incorreta. Há, porém, outro canal ligando os dois rios, que entra no Pará seis milhas ao sul de Breves. A parte inferior de seu curso, umas 18 milhas, é formada pelo Uanapú, rio independente que corre do sul. Dizem os nativos que a maré quasi não produz corrente nesse rio, fato que parece trazer pequeno apóio à opinião que acabamos de expôr.

Passámos pela aldeia de Breves às tres da tarde do dia 26. Ela é constituída por umas quarenta casas, em sua maioria ocupadas por mercieiros portuguezes. Aí residem algumas famílias de indígenas, que se ocupam em fabricar louça ornamentada e cuias pintadas, que vendem aos negociantes ou aos viajantes de passagem (258). As cuias são pintadas, às vezes, com muito gosto. O negro intenso do fundo é obtido por uma tinta, feita da casca da árvore chamada Cumateú (259), cuja consistência permite receber belo polimento. As côres amarellas são feitas de tabatinga; o vermelho com as sementes do urucú; e o azul com o anil, que é plantado em redor das cabanas. A arte é própria dos índios amazônicos, mas só é praticada pelas tribus sedentárias e agrícolas do ramo Tupí.

---

(258) Sobre as cuias pintadas, que ainda hoje constituem uma curiosidade trazida do Pará pelos turistas, lêa-se a interessante nota de Alexandre Rodrigues Ferreira, que conta como as preparam os indígenas.

(259) O cumateú ou cumaté é o nome que dão na Amazônia a algumas plantas de frutos negros, de diversas famílias; assim, segundo Alberto Sampaio, em Gurupá é a *Macaira glabrescens*, uma Melastomácea; em Faro a *Saccoglottis guianensis spherocarpa*, uma Humiriácea e em Manaus *Myrcia atramentifera*, uma Mirtácea. As cuias são os frutos de cuité, árvore da família Bignoniáceas (*Crescentia cujete*), serrados ao meio.

27 A 30 DE SETEMBRO — Depois de passarmos por Breves, continuámos lentamente nossa viagem pelo furo, ou série de furos, de largura variável. Na manhã de 27 tivemos bom vento, variando a largura do canal entre 150 e 400 jardas. Por volta do meio dia passámos, na margem oposta, pela boca do Aturiazal, pela qual viajam os barcos ao descer o Amazonas, para aproveitar sua correnteza mais rápida. Logo depois entrámos no estreito furo do Jaburú, que fica vinte milhas acima da boca do Breves. Aí começa o cenário peculiar desta notável região. Encontrámo-nos com canal estreito e quasi reto, com umas oitenta ou cem jardas de largura, apertado por dois paredões de floresta que se erguiam perpendicularmente do nível d'água até altura de setenta ou oitenta pés. A água era de profundidade grande e regular, mesmo junto das margens. Parecíamos estar em profunda garganta, e a estranha impressão produzida pelo lugar era aumentada pelos écos, despertados pelas vozes dos índios e pelo bater dos remos na água. A mata era extraordinariamente variada. Algumas árvores, das ordens das Leguminosas e Bombáceas (260), gigantes que formavam o zimbório da mata e abriam as copas muito acima da altura média das muralhas verdes. A palmeira mirití de fôlhas em leque, formava pequenos tufos esparsos na floresta, alguns especímenes elevando suas colunas lisas acima das outras árvores. A graciosa palmeira assaí cresce em pequenos grupos, formando tufos de plumas que se destacam na folhagem arredondada do conjunto. A ubussú, um pouco mais baixa, apenas mostrava a copa em forma de peteca, formada pelas imensas fôlhas indivisas, que, sendo de um verde pálido, contrastavam com os tons sombrios da folhagem circunja-

---

(260) Já vimos que Bates comumente se refere a ordens vegetais, para o que hoje se considera como famílias.

cente. A ubussú cresce aqui em grande número. A palmeira jupati (*Rhaphia taedigera*), igualmente notável (261) e que é, como a ubussú, própria deste distrito, era mais esparsa, estendia suas longas fôlhas velosas, de quarenta a cinquenta pés de comprimento, em largas arcadas sôbre o canal. Uma infinita variedade de palmeiras de pequeno porte decoravam a beira d'água, tais como a marajaí (muitas espécies de *Bactris*) (262), a ubim (*Geonoma*) (263) e algumas magníficas bacabas (*Oenocarpus bacaba*) (264). A forma desta última espécie é extraordinariamente elegante, com o tamanho da copa proporcional ao comprimento da estipe lisa e direita. As fôlhas, desde a base dos pecíolos luzidios, são de verde-escuro brilhante e sem espinhos. "A orla da floresta" (estou extraíndo êste trecho de meu jornal) "sob a qual estamos agora viajando, consiste, além das palmeiras, de grande variedade de árvores comuns da mata. Dos ramos mais altos até rente à água, descem fitas de trepadeiras de folhagens as mais diversas e as mais ornamentais que se possa imaginar. Os convólculos e outras trepadeiras utilizam as lianas delgadas e as raízes aéreas como escadas para subir por elas. De vez em quando aparece uma Mimosa ou outra árvore de fôlha recortada, e densas massas de ingazeiras chegam até à margem, com suas longas vagens pendentes dos ramos, de colorido e aspecto diversos, segundo as espé-

(261) A respeito destas palmeiras mirití, açai, ubucú e jupati

(262) As principais espécies são *Bactris maraja*, *B. concinna*, vejam-se notas anteriores.

(262) As principais espécies são *Bactris maraja*, *B. concinna*, *B. major*, *B. erostata* e *B. leptosperma*.

(263) O nome comum ubim é dado não somente a espécies do gênero *Geonoma*, mas também a algumas dos gêneros *Bactris* e *Calyptroglyne*, tais como *Geonoma acaulis*, *G. dammeri*, *Bactris lutziburgii*, *Geonoma amoena* e *Bactris simplex*.

(264) Há duas bacabas: a do alto Amazonas é que é *Oenocarpus bacaba*; a comum do baixo Amazonas é *Oenocarpus distichus*.

cies, algumas tendo mais de uma jarda de comprimento. Vejo aquí e acolá flores de um esplêndido carmezin, reunidas em longas espigas que ornamentam a folhagem sombria do cimo da mata. Suponho que sejam de uma trepadeira da ordem das Combretáceas. Há também algumas flores salpingomorfas amarelas e violetes (Bigno-niáceas). As flores dos ingás, embora não sejam vistosas, são de delicada beleza. A mata é por toda parte de tal espessura que não se tem nenhuma vista para o interior da brenha”.

A extensão do furo Jaburú é de cêrca de trinta e cinco milhas, graças às numerosas curvas muito apertadas que apresenta entre o meio e o extremo norte de seu curso. Gastámos três dias e meio a atravessá-lo. As margens, de um e outro lado, pareciam constituídas de lama endurecida, coberta por espêssa camada de humus, de modo que se podia calcular que todo êsse distrito se tivesse originado do acúmulo milenar de aluviões, entre as quais infinito labirinto de canais tenha aberto seus leitos profundos e estreitos. A maré, à medida que viajávamos para o norte, tornava-se gradativamente menos sensível, provocando apenas leve correnteza para montante. A pressão das águas do Amazonas aquí se faz sentir, coisa que não se observa mais abaixo, de modo que suponho que as correntes se dividiram pelos numerosos canais que encontrámos à direita e que atravessam, em seu curso para o mar, a parte noroeste de Marajó. Na tarde do dia 29 chegámos ao ponto em que outro canal se vem unir ao Jaburú por nordeste, e no qual se sentia o influxo da maré. Virámos para oeste e encontrámos a corrente vinda do Amazonas. Êste ponto é objeto de estranha superstição dos canoeiros. Dizem que é habitado por um pagé, que é preciso aplacar por sacrifício propiciatório, depositando alguma

coisa na praia, caso o viajante deseje voltar são e salvo do *sertão* (como chamam ao interior do país). As árvores estão peçadas de farrapos, camisas, chapéus de palha, cachos de frutas, etc. Embora a superstição se tivesse originado entre os aborígenes, só os portuguezes e os brasileiros rudes, segundo observei, aí depositavam alguma coisa. Os índios puros nada ofereciam e consideravam tudo isso um carapetão; mas eram todos tapúios civilizados.

No dia trinta, às nove horas da manhã, atingimos largo canal, chamado Macaco, deixando o escuro e retumbante Jaburú. O Macaco emite vários ramos para a costa noroeste de Marajó. Enquanto se esperava pela maré, fui à terra na montaria de João da Cunha. Era uma selva extremamente escura e densa, cujas árvores muito cerradas davam sombra intensa, sob as quais era tudo escuro e frio. Não havia vestígios de vida animal — vertebrados, articulados ou moluscos. A princípio o Macaco tem cerca de meia milha de largura, e corre de S.S.O. para N.N.E.; mais para o norte alarga-se chegando a ter duas ou três milhas. Podemos considerá-lo como sendo simples passagem entre um grupo de ilhas, entre as quais de vez em quando se viam as largas águas do Amazonas. Um vento fresco nos fez percorrer rapidamente êsse monótono cenário, e na madrugada de primeiro de outubro alcançámos a entrada de Uituquara, que está a quinze milhas da extremidade do Jaburú. E' também sinuoso canal, de 35 milhas de extensão, percorrendo um grupo de ilhas, mas é muito mais estreito que o Macaco.

Saindo do Uitaquara no dia dois, fomos todos à terra: os homens para pescarem num pequeno igarapé;

João da Cunha e eu para caçarmos. Vimos um bando de araras de plumagem azul e escarlate (*Macrocerus macao*) (265), comendo frutos de bacaba, e parecendo um grupo de galhardetes pendentes da copa verde-escura. Desembarcámos a umas cinquenta jardas do local e seguimos cautelosamente pela mata, mas antes de aí chegarmos, elas voaram com altos gritos. Numa árvore frutífera selvagem fomos mais felizes, pois meu companheiro matou um anacã (*Derotypus coronatus*) (266), um dos mais belos representantes da família dos papagaios. É verde, tendo no alto da cabeça um penacho de penas vermelhas, orladas de azul, que se eriçam ou abaixam à vontade. O anacã é o único papagaio do Novo Mundo que se assemelha um pouco ao cacatua da Austrália. Ocorre em todas as terras baixas da região amazônica, mas não é comum em parte alguma. Poucas pessoas conseguem amansá-lo e nunca vi um que tivesse aprendido a falar. Os naturais são, porém, grandes apreciadores desta ave, e a têm em casa para ver essa irritável criatura expandir a bela poupa de penas, o que faz facilmente, quando está zangada. Os homens voltaram com grande quantidade de peixe. Fiquei surpreso com a ampla diversidade de espécies; entre as quais predominava uma espécie de Loricaria (267), de um pé de comprimento, e inteiramente encerrada numa armadura óssea. Em certas épocas é muito abundante

---

(265) É a arara-piranga, arara-vermelha ou arara-canga (*Ara macao*), a mais conhecida de nossas araras, com vastíssima área de distribuição geográfica, estendendo-se do sul do México até ao norte de Mato-Grosso.

(266) O nome anacã, dado ao belo papagaio de topete, é comum às duas sub-espécies de *Derotypus accipitrinus*, o *D. a. accipitrinus* do Rio Negro e Solimões, e o *D. a. fuscifrons*, do baixo-Amazonas. Segundo Olivério Pinto chamam no Amazonas anacã também a uma arara, a *Ara severa*.

(267) A figura de Bates dá: Acari (*Loricaria duodecimalis*): o nome acari é comum a quasi todas as espécies de Loricariidae. (Fig. 18).

nas águas rasas. A carne é sêca mas muito gostosa. Trouxeram também pequeno jacaré, que chamavam jacaré-curuá, e dizem que é uma espécie que só se encontra nos riachos rasos (268). Não tem mais de dois pés de comprimento, embora fosse adulto, segundo a opinião dos índios, que diziam que era uma mãe de ovos, pois haviam saqueado o ninho, que tinham encontrado perto d'água. Os ovos eram pouco maiores que os de galinha, de forma oval regular, com a casca rugosa e dura. Infelizmente o jacaré já estava espostejado, para ser cozido, quando voltámos à escuna, e eu não pude mais tomar notas de seus caractéres. Os pedaços foram espetados e assados no fogo, cada homem sendo seu próprio cozinheiro. Nunca mais vi esta espécie de jacaré.

3 DE OUTUBRO — À meia noite soprou o vento pelo qual esperáramos tanto tempo. Os homens suspenderam a âncora e em breve penetrávamos no Amazonas. Levantei-me muito antes do nascer do sol, para ver o grande rio à luz da lua. Soprava fagueira brisa e o navio singrava velozmente as águas. O canal que percorriamos era apenas estreito braço do rio, de umas duas milhas; a largura total nêsse ponto é de mais de vinte milhas, mas a corrente está dividida em três partes por uma série de grandes ilhas. O rio, apesar da limitação de sua largura, tem aparência das mais majestosas. Não apresenta êsse aspecto de lago das águas do Tocantins e do Pará, mas toda a pujança de vasta corrente em movimento. As águas turvas, côr de tijôlo, apresentavam igualmente grande contraste com as dos rios pertencentes ao sistema do Pará. O canal formava esplên-

---

(268) O jacaré curuá, jacaré coroa ou jacaré curubana é o menor de nossos jacarés; seu nome científico é *Jacarctinga trigonatus*.

didido trecho, correndo de sudoeste para noroeste, com horizonte de água e céu, tanto a montante como a jusante. Às onze horas da manhã chegámos a Gurupá, pequena aldeia situada em margem pedregosa de 30 ou 40 pés de altura. Aí desembarcámos e tivemos oportunidade de caminhar pelos matos vizinhos, que se apresentavam cortados por numerosas veredas alcatifadas de licopódios que atingiam a uma altura de oito ou dez polegadas, e animados por bandos de borboletas azuis da família *Theclidae* (269). A terra sôbre a qual está Gurupá parece uma área pedregosa isolada, pois o resto da região é baixo e sujeito a inundações na época das chuvas. Às cinco da tarde tornámos a partir. Logo depois do pôr do sol, quando cruzávamos a boca do Xingú, que é o primeiro dos grandes tributários do Amazonas, de 1200 milhas de extensão, ergueu-se de repente uma nuvem negra. João da Cunha ordenou que se ferrassem todas as velas, e imediatamente soprou furioso furacão, levantando do rio rajadas de espuma e produzindo pavoroso ruído nas florestas vizinhas. Seguiu-se formidável aguaceiro; mas dentro de meia hora tudo voltara à calma e a lua cheia apareceu boiando em céu escampo.

A rota seguida pelos navios atravessa em linha reta a boca do Xingú, de umas dez milhas de largura. Por volta da meia noite cessou o vento, quando estávamos perto de grande banco de areia, chamado Baixo Grande. Aí ficámos em calmaria, suportando o calor durante dois dias, e quando o vento-geral recomeçou com o nascer da lua, às dez da noite do dia seis, estávamos com costa a sotavento. Apesar de todos os esforços de nosso piloto para evitá-la, raspámos o solo. Felizmente o fundo era

---

(269) Hoje essa família passou a chamar-se *Lycaenidae*, e o género *Thecla* passou a chamar-se *Strymon*.

de lama mole, de modo que, lançando âncora da parte do vento, e puxando com toda a fôrça dos tripulantes e passageiros, conseguimos safar-nos, depois de termos passado noite angustiosa. Contornámos a ponta do banco de areia com duas braças d'água; a proa do navio foi então dirigida para oeste, e ao amanhecer estávamos navegando com vento fresco, todas as velas enfunadas e todos de bom humor.

O tempo conservou-se delicioso durante vários dias, o ar transparente e claro, e o vento frio e revigorante. À luz do dia, às seis da manhã, via-se à distância, do lado da margem direita do rio, uma cadeia de montanhas azuis, a Serra do Almeirim. A vista era das mais agradáveis, depois de longa permanência em zona plana. Passámos para a margem sul, atravessando, no decorrer do dia, as bocas do Urucuricaia e do Aiqui, dois furos que comunicam com o Xingú. Toda essa margem sul, daí até perto de Santarém, numa distância de 130 milhas, é baixa e quasi desabitada. E' cortada por curtos braços do Amazonas, chamados em língua tupí Paranimirins (rios pequenos). Entrando por êles, os pequenos barcos podem viajar grandes distâncias sem ficar muito expostos aos vagalhões do rio principal. Toda a zona ribeirinha tem o aspecto o mais desolador; a floresta não é tão variada como nas terras altas; e a beira d'água, sem o manto verde de trepadeiras, que formam tão rica decoração em outras partes, está obstruída por pilhas de árvores caídas, povoadas de garças brancas, magoaris e socós. À tarde passámos por Almeirim. Segundo Martius, que aquí desembarcou, as montanhas são de cerca de 800 pés de altura acima do nível do rio, e densamente cobertas de matas no cume. Começam a leste por algumas elevações pequenas e arredondadas, mas a oeste da aldeia assumem o aspecto de cristas alon-

gadas, que parecem ter sido reduzidas à mesma altura por uma força externa. No dia seguinte passámos por uma série de montanhas de cimos achatados, algumas isoladas e com o aspecto de pirâmides truncadas, outras estendendo-se por algumas milhas. Há um intervalo de terra baixa entre elas e a serra de Almeirim, que tem uma extensão total de cerca de 25 milhas. Começa então de repente a Serra de Marauaquá, à qual se sucedem as da Velha Pobre, Tapaiuna-quara e Parauá-quara. (Fig. 19). Todas elas formam frisante contraste com a serra de Almeirim, porque são totalmente despidas de árvores. Apresentam vertentes abruptas e ásperas, aparentemente revestidas de vegetação rasteira, deixando aqui e ali a descoberto manchas nús, esbranquiçadas. Sua extensão total é de cerca de 40 milhas. Muito para trás, no interior, há outras cadeias de montanhas, que comunicam com a cadeia central da Guiana, que separa o Brasil de Caiena.

Quando navegávamos ao longo da margem sul, durante o dia seis e os dois seguintes, as montanhas de cumes achatados da margem oposta ocupavam quasi toda a nossa atenção. O rio tem 4 a 5 milhas de largura, aparecendo de vez em quando, no meio do rio, longas ilhas, cuja vegetação, viçosa, verde-clara, formava um primeiro plano de esquisita beleza ao magnífico quadro do rio largo e das montanhas cinzentas. Noventa milhas além de Almeirim está a vila de Monte Alegre, construída perto do tópo da última colina visível desta cidade. Nesse ponto o rio curva-se um pouco para o sul, e a região montanhosa desaparece de suas margens, para reaparecer em Óbidos, já muito diminuída de altura, a umas cem milhas mais para oeste. A vinte e cinco milhas de Monte Alegre aparecem novamente as

terras altas, mas desta vez na margem oposta do rio. E' esta a porção que limita o extremo norte do maciço brasileiro, como as montanhas de Monte Alegre marcam o limite sul da Guiana. Em nenhuma outra parte do rio as terras altas das duas margens estão tão próximas. Além de Óbidos elas gradativamente se afastam e a largura do vale do rio vai consequentemente aumentando, até que nas partes centrais do Alto Amazonas, perto de Ega, chega a 540 milhas ou mais. Nêste ponto, portanto, o vale se contrai para atingir a sua menor largura. Calcula-se em duas milhas da foz o ponto onde o rio e seus primeiros tributários correm entre paredões de rocha das vertentes orientais dos Andes. Eis um fato que talvez se deva tomar em consideração quando se estudar a distribuição geográfica das plantas e animais nestas vastas planícies cobertas de matas.

Cruzámos o rio três vezes entre Monte Alegre e a cidade mais próxima, Santarém. No meio as ondas são muito altas, e o navio jogava de fazer medo, arremessando de um para outro lado das cobertas tudo que não estava bem seguro. Na manhã de 9 de outubro, suave brisa nos levou por um remanso para a margem sul. Êsses trechos de águas remansosas são frequentes, nos lados irregulares do rio e resultam de um movimento de retôrno, causado pela corrente rápida de suas partes centrais. Às nove da manhã passámos a boca de um Paraná-mirim, chamado Mahicá, e então observámos súbita mudança na côr das águas e aspecto das margens. Em vez da praia baixa e alagadiça, que era o aspecto predominante desde a foz do Xingú, viamos, diante de nós, larga praia inclinada de areia branca. A floresta, em vez de ser inextricável maciço de vegetação irregular, como até agora se observava, tomava perfil mais arredondado, e criava uma impressão de repouso que

era muito agradável. Aproximávamos-nos, de fato, da boca do Tapajós, cujas águas claras, verde-oliva; substituíam a corrente lamacenta contra a qual navegávamos há tanto tempo. Embora seja êle um rio de grande extensão (1 000 milhas de comprimento e, nas últimas oitenta milhas de seu curso, dez milhas de largura), sua contribuição ao Amazonas não é perceptível no meio do rio. As águas esbranquiçadas e turvas do rio principal correm desdenhosamente, ocupando quasi toda a largura do canal, enquanto as águas mais escuras do seu tributário parecem recorrer ao longo da praia e já não se percebem quatro a cinco milhas além de sua foz.

Alcançámos Santarém às 11 horas da manhã. A cidade apresentava aspecto asseado e amável, vista do rio. E' formada por tres longas ruas, com algumas travessas que as cortam em ângulos retos e conta cêrca de 2 500 habitantes. Fica logo para dentro da foz do Tapajós, e está dividida em duas partes, a cidade e a aldeia. As casas dos brancos e dos comerciantes são solidamente construídas, havendo muitas de dois e tres andares, todas caiadas e cobertas de telhas. A aldeia, que contém a porção indígena da população, consiste quasi toda de cabanas de taipa, cobertas de fôlhas de palmeiras. A situação da cidade é muito bonita. A terra, embora levemente elevada, não forma, rigorosamente falando, uma porção das planícies ribeirinhas aluviais do Amazonas, sendo antes prolongamento norte da terra continental brasileira. E' escassamente revestida de mata e, para o interior, consiste em campos ondulados, reunidos a uma série de montanhas que se estendem para o sul a perder de vista. Mais tarde fiz dêsse lugar meu centro de operações durante tres anos; deixo para outro capítulo a descrição de seus arredores. A primeira vista de Santarém, não se pode ter noção das van-

tagens de sua situação. Embora a 400 milhas da costa, é acessível a navios de grande tonelagem, vindo diretamente do Atlântico. O rio tem apenas duas leves curvas entre esse pôrto e o mar, e durante cinco ou seis meses do ano o vento geral da Amazônia sopra quasi sem interrupção, de modo que os navios, vindos de países estrangeiros, podem alcançar esse pôrto com pouca dificuldade. Por nossa parte, fizemos 200 milhas, ou cerca da metade da distância do mar, em navio mal aparelhado, em tres dias e meio. Embora a terra da vizinhança immediata seja talvez mal adaptada à agricultura, encontra-se na margem oposta imenso trecho de solo rico, com floresta e prados, e o Tapajós conduz ao coração das províncias de mineração do interior do Brasil. Mas onde está a população para vir desenvolver os recursos desta bela região? Atualmente o distrito, com um raio de 25 milhas, não chega bem a 6 500 habitantes; atrás da cidade, para o interior, o país é desabitado, e os jaguares rondam à noite, ao menos durante a estação chuvosa, perto das esquinas das ruas suburbanas.

Segundo informações aí obtidas, escolhi a próxima cidade, Óbidos, para aí demorar-me algumas semanas, como sendo o melhor ponto para investigar as produções naturais da margem Norte do Baixo Amazonas. Partimos na madrugada do dia 10, e sendo ainda favorecidos pelo vento e pelo tempo, fizemos boa viagem, chegando a Óbidos, que dista quasi 50 milhas de Santarém, por volta de meia noite. Navegámos o dia todo perto da margem sul, e encontrámos as praias, aqui e ali, ponteadas de casas de colonos, todas envoltas por plantações de cacau, que é o principal produto do distrito. Esta costa goza de triste fama por causa dos temporais e mosquitos, mas felizmente escapámos de ambos. Devemos

observar que só fomos molestados pelos mosquitos uma noite, e isso mesmo levemente, durante toda a travessia.

Desembarquei em Óbidos na manhã seguinte, e então disse adeus ao meu querido amigo João da Cunha que, depois de ter feito descer minha bagagem, levantou âncora e seguiu viagem. A cidade conta cerca de 1 200 habitantes e está agradavelmente situada em alcantilada costa, a noventa ou cem pés acima do nível do rio. A margem continua alcantilada ainda umas duas ou tres milhas para Oeste. Os declives são formados de argila colorida ou tabatinga, que se encontra com frequência por toda a região amazônica; a forte correnteza do rio arremete contra ela durante a estação da cheia e anualmente carrega largos trechos. Em certos pontos a argila apresenta-se estratificada de amarelo e róseo, sendo as camadas róseas mais espessas e muito mais duras que as outras. Quando desci o rio em 1859, um major de engenheiros alemão, que aí estava em comissão do Govêrno (270), disse-me ter aí encontrado camadas de calcáreo, muito rico em conchas marinhas, interstratificado com a argila. Por cima da tabatinga há um leito de areia, tendo em alguns lugares vários pés de espessura, e toda a formação repousa sôbre estratos de arenito, que só ficam expostos quando o rio baixa ao seu nível mais baixo. Atrás da cidade eleva-se bela montanha arredondada e há uma fila de elevações semelhantes, estendendo-se a seis milhas para o ocidente, terminando na boca do Trombetas, grande rio que desce do interior das Guianas. Montes e terras baixas são cobertos pela mesma floresta sombria e ondulada. O rio aqui se estreita em uma garganta de menos de uma milha (1738 jardas), e todo o volume de suas águas, produto coletivo

---

(270) Deve referir-se Bates ao Dr. Guilherme Schuch de Capanema, que era geólogo da Expedição científica brasileira.

de uma porção de caudalosos rios, é impellido por êsse estreito com tremenda velocidade (271). Deve-se notar porém, que o vale do rio não se contrai em sua largura, a margem oposta não sendo terra continental mas um trecho aluvial baixo, mais ou menos sujeito às inundações na estação chuvosa. Atrás há extenso lago, chamado o Lago Grande da Vila Franca, que comunica com o Amazonas, tanto a montante como a jusante de Óbidos, e tem antes a aparência de divertículo ou antigo canal do rio. Tem êste lago cerca de 35 milhas de comprimento por quatro a cinco de largura; mas suas águas são pouco profundas, e na época das sêcas suas dimensões diminuem muito. Não tem corrente perceptivel e, portanto, não deve desviar de seu curso principal, as águas do Amazonas que passam por Óbidos.

Fiquei em Óbidos de 11 de outubro a 19 de novembro. Aí passei tres semanas também em 1859, quando a cidade estava muito mudada por influência dos imigrantes portugueses, e pela construção de uma fortaleza no alto do alcantil. E' uma das cidades mais agradaveis do rio. As casas são todas cobertas de telhas, e geralmente de sólida construção. Os habitantes, ao menos por ocasião de minha primeira estada, eram de maneiras singelas, amáveis e sociáveis. Quasi não se via uma palhoça, pois são muito poucos os indios que aí residem. Foi dos primeiros estabelecimentos dos portugueses, e a melhor camada da população é formada por famílias brancas, aí estabelecidas há muito tempo, mas que apresentam, em alguns casos, traços de cruzamento com o índio ou o negro. Óbidos e Santarém receberam, durante os últimos oitenta anos, consideravel importação

---

(271) Nesse ponto recomendava Acuña a Felipe II que mandasse levantar uma fortaleza. Mas esse forte só começou a ser construido em 1859.

de negros escravos; antes houve um tráfico cruel com os índios, com o mesmo intuito de escravizá-los, mas esse número se foi gradativamente reduzindo, e atualmente os indígenas formam insignificante elemento na população do distrito. A maioria dos moradores de Óbidos são proprietários de plantações de cacau, situadas nas terras baixas dos arredores. Alguns são grandes criadores de gado, e possuem fazendas de muitas léguas quadradas no campo, ou distritos de pastagens que marginam o Lago Grande e outros lagos do interior, perto das vilas de Faro e Alenquer. Estes campos são cobertos de ricas pastagens; mas em certas épocas, quando as águas do Amazonas sobem acima da média, podem ser inundadas, e então as grandes manadas de bois semi-selvagens sofrem grande mortalidade, por afogamento, fome e jacarés. Tanto na criação do gado como na plantação de cacau seguem os métodos mais ranceiros e primitivos e, como consequência, os proprietários são geralmente pobres. Alguns, porém, enriqueceram, aplicando um pouco de inteligência e habilidade na exploração de suas fazendas. O povo falava de várias herdeiras dos arredores, cuja fortuna era celebrada em vacas e escravos: uma dúzia de escravos e algumas centenas de cabeças de gado eram considerados como grande fortuna. Vi algumas que já tinham sido desposadas por moços afoitos, que tinham vindo do Pará e do Maranhão para fazer fortuna nesta região.

As poucas semanas que aí me demorei, correram agradavelmente. Geralmente passava as noites em recepções dos moradores da cidade, que, ao contrário dos hábitos brasileiros, tinham lugar à moda europeia. Várias famílias se reuniam nas casas umas das outras, para divertir-se, não sendo excluídos os amigos solteiros, e todos, casados e solteiros, se alegravam nestes divertimen-

tos singelos. As reuniões costumavam ter lugar nas salas de visita e não nas varandas abertas, costume quasi obrigatório, por causa dos mosquitos; mas as noites aí são muito frescas, e não se sentia tanto a sala fechada como no Pará. O domingo era estritamente guardado em Óbidos; todas as casas de comércio fechavam e quasi toda a população ia à igreja. O vigário, padre Raimundo Sanches Brito, era excelente velho, e suponho que os modos afáveis do povo e a moralidade e pureza observadas em Óbidos eram devidas em grande parte ao bom exemplo dado por êle aos seus paroquianos.

Certo dia chegou a Óbidos, vindo de sua fazenda situada na margem oposta do rio, o proprietário da casa onde eu occupava um quarto. Era pessoa de grande importância no distrito e o único que tivera a coragem bastante de aí fundar um engenho de açucar. Êle atravessou o rio em pequeno bote, logo depois do nascer do sol, e o ar matutino vibrava das notas do côro selvagem dos quatro remadores negros, aos quais o seu senhor sempre fazia cantar, segundo me disseram, para matar o tempo. Era um velho alto, magro, nervoso, de feições severas mas simpáticas: — espécimen típico dos agricultores brasileiros da velha escola. Desembarcou de chambre e chinelas, e subiu a praia falando, praguejando e gesticulando. Vários amigos vieram juntar-se a êle e dentro em pouco tínhamos a casa cheia de gente. Depois de tomar café com brôa quente e manteiga, vestiu-se e foi à missa, enquanto eu me despia para passar uma ou duas horas nas matas. Quando voltei, encontrei o major e os amigos sentados em rêdes, que estavam armadas aos pares nos quatro cantos da sala, entretidos em viva discussão sôbre questões políticas. Havia no meio da sala um garrafão empalhado de cachaça, do qual todos livremente se serviam, beben-

do em tijelinhas. Um dos convivas era um cametaense escuro, senhor Calixto Pantoja, pessoa muito agradável e tão conversador como o major. Como a maioria dos seus concidadãos, êle era um Santa Luzia, ou Liberal, enquanto o velho major era furioso conservador. Pantoja provocava o velho, dizendo-lhe que o povo de Cameté defendera a cidade contra os rebeldes em 1835, enquanto os brancos de Óbidos tinham abandonado a sua à pilhagem. O major fugiu do assunto, entrando em digressões contra os cametaenses e liberais em geral. Disse que era branco puro, *Massagonista*; o sangue da *fidalgua* de Portugal corria em suas veias, enquanto o povo de Cameté era de mestiços de brancos e índios. Percebi que essa jactância era mal recebida pelos outros. De facto, é geralmente considerado de mau gôsto no Brasil uma pessoa fazer praça da pureza de sua ascendência. Logo a seguir quasi todas as visitas se foram e jantámos em paz. Alguns dias mais tarde atravessei o rio, para visitar o major e passei dois dias com êle. A casa era enorme edificio de dois andares, com larga varanda em redor do andar superior. Havia por toda a parte uma impressão de desordem e descuido que descoroçoava. O major era viuvo. Seu único filho fôra massacrado pelos rebeldes em 1835, quando cruzava o rio numa canoa, e as duas filhas estavam agora completando a educação num colégio de religiosas no Pará. A direção da casa estava entregue a uma mulata de meia idade e havia vários moleques sujos brincando pelas salas. Em redor da casa viam-se vários amplos telheiros, onde estavam as moendas e o engenho de açúcar, havendo também um curral para as vacas. A moenda era muito tosca, movida por bois. A cana era espremida entre cilindros de madeira e o caldo era recolhido em gamelas, feitas de troncos escavados. A cana de

açúcar cresce aqui até altura de 18 ou 20 pés, e parte do colmo aproveitada para extração de açúcar tem uns oito pés de comprimento e umas tres polegadas de diâmetro. A terra estendia-se milhas e milhas em redor da fazenda em rico solo aluvial, plano como um relvado. Para lá da faixa de floresta que corre ao longo das margens dos rios, há grandes trechos de campina com pequenos capões esparsos ou árvores isoladas, combinando-se para formar paisagem semelhante à de um parque inglês. Mas um prado nas margens do Amazonas é coisa muito diferente do que se vê em clima temperado: a vegetação é viçosa e monótona, e absolutamente não há flôres. O velho major construiu bela capelinha em sua fazenda, por ocasião de uma das visitas do Bispo do Pará, que às vezes percorre a diocese, e eu dormi no quarto do bispo, anexo à capela. A abundância de mosquitos é grave inconveniente para esta rica região agrícola dêste lado do rio. Pouco antes do anoitecer os habitantes são obrigados a fechar portas e janelas dos quartos de dormir; e é singular que basta êste meio tão singular para a gente ver-se livre de tal peste. No Alto Amazonas tal precaução não dá resultado, e todos são obrigados a dormir na rêde embaixo de mosquiteiros. Toda esta zona ribeirinha, e bem assim as ilhotas do rio, são habitadas por moradores muito esparsos. A população do distrito municipal do Óbidos, que comprehende cerca de vinte milhas de testada do rio, é calculada em doze mil almas.

Fiz grande coleção nos arredores de Óbidos, principalmente de insetos. A floresta é mais variada do que é geral no Amazonas. Há uma única estrada que penetra na terra em consideravel extensão. Sob o primeiro o terreno declive da cidade, e depois continua por larga aléa, onde as árvores se cruzam no alto, formando

arcadas, e segue pela margem de pequeno lago, coberto de plantas aquáticas e em cuja margem oposta se ergue a colina revestida de mata de que já falei. Atravessando um terreno alagadiço da ponta da lagoa, a estrada corta tres ou quatro milhas de um despenhadeiro, ao fim das quais se estreita em simples picada, para afinal cessar de todo. Outra estrada mais curta segue pelo alto do penhasco para leste, até encontrar segunda lagoa, formada por depressão arredondada entre colinas e que se chama Jauaretê-paná, ou seja o brejo da onça. A vegetação das terras altas é naturalmente diversa da das terras baixas. Faltam aquelas plantas de grandes folhas largas e luzidias, tais como *Heliconiae* e *Marantaceae*, que dão aspecto tão luxuriante às áreas mais úmidas. Mas em seu lugar há imensa variedade de plantas da ordem *Bromeliaceae*, que formam maciços no subosque, tornando a mata, em alguns pontos, quasi impenetrável. Os cactos, que são peculiares dos lugares mais secos, apparecem aqui também em grande número, alguns dos quais chegam a tamanhos enormes, formando colossais candelabros.

A mata de Óbidos parecia abundar em maeacos, pois raramente passei um dia sem ver muitos. Observei quatro espécies: o coaitá (*Ateles paniscus*), o *Chrysothrix sciureus*, o *Callithrix torquatus* e nosso velho amigo do Pará, *Mydas ursulus*. O coaitá é grande mono preto, coberto de denso pelágio e tendo as partes proeminentes da face de tom róseo aleonado (272). E' o maior dos monos da Amazônia em estatura, mas é ultrapassado em

---

(272) O coatá negro (*Ateles paniscus*) é de fato um dos maiores monos americanos, e é encontrado nas Guianas e em toda a bacia do Amazonas, sendo conhecido no Perú por maquisapa. O *Ateles marginatus* é inteiramente negro, com as maçãs brancas e o contorno dos olhos cor de carne, e chega até ao Rio de Janeiro, onde o chamam macaco-aranha.

volume pelo barrigudo (*Lagothrix humboldti*) do Alto Amazonas. E' encontrado nas terras baixas do Baixo e Alto Amazonas, mas não se estende para o Sul além dos limites das planícies do rio. Nesse ponto uma espécie afim, o coaitá de bigode branco (*Ateles marginatus*) o substitue. Os coaitás são chamados por alguns zoólogos francêses macacos-aranhas, por causa do corpo e patas muito longos e delgados. Nestes símios a cauda, como órgão precursor, atinge o mais alto grau de perfeição, e a êste respeito talvez fosse correto considerar os coaitás como o desenvolvimento extremo do tipo americano de símios. Tanto quanto sabemos, quer nas espécies atuais quer nas fósseis, o Novo Mundo não progrediu além do coaitá para a produção de uma forma mais elevada da ordem dos quadrumanos. A tendência da Natureza foi aí, segundo tudo leva a crer, simplesmente aperfeiçoar os órgãos que adaptam a espécie cada vez mais completamente a uma vida puramente arborícola; e não houve nenhuma aproximação mais estreita para as formas mais adiantadas de monos antropomorfos, que são exclusivamente produtos do Velho Mundo. A cauda do coaitá é provida de alto grau de flexibilidade. Está sempre em movimento, enrolando-se e desenrolando-se como a tromba do elefante, e agarrando tudo que chega ao seu alcance. Outro carácter notavel do coaitá é a ausência de polegar nas mãos anteriores (273). E' curioso notar que essa estranha deficiência só ocorre igualmente na ordem quadrumanos,

---

(273) O termo empregado no texto — Quadrumanos — é antigo e corresponde à ordem (ou sub-ordem) actual dos Símios. Esse antigo termo era empregado por considerar-se que os quatro membros terminavam em mãos, mas as terminações posteriores são realmente pés. O género *Colobus* é africano, da família *Semnopithecidae* e se caracteriza pelo polegar reduzido a uma pequena unha ou ausente. O mais conhecido é o guereza (*Colobus (Guereza) vellerosus*),

no *Colobí*, um gênero de antropóides peculiar da África. Mas o Colobí não é provido de cauda preensora e pertence, em todos os seus caracteres essenciais, aos Catarinos, ou macacos do Velho Mundo, grupo totalmente distinto dos Platirrinos, ou sub-ordem sul-americana. A falta de polegar não é, portanto, um sinal de parentesco entre os Colobís e os coaitás, mas simples carater analógico que se deve ter originado, em cada caso, devido a causas independentes, embora e possivelmente semelhantes. Uma espécie de coaitá apresenta um rudimento de polegar, sem unha.

A carne dêste macaco é muito apreciada pelos nativos desta parte da região amazônica, e o comandante militar de Óbidos, major Gama, todas as semanas mandava um negro caçar um para sua mesa. Certo dia fui caçar coaitás, levando emprestado um negro escravo de um amigo para ensinar-me o caminho. Muito me diverti com a conversa de meu companheiro, durante essa excursão. Esse escravo era negro, alto, simpático, de uns quarenta anos, maneiras graves e cortêses e falar muito desembaraçado. Coisa estranha para um negro, era completamente abstêmio, não bebendo e não fumando. Disse-me que nascera no Congo e era filho de grande chefe ou rei. Narrou as peripécias de grande batalha entre os guerreiros de seu pai e de outra tribu, na qual êle foi feito prisioneiro e vendido aos traficantes portugueses. Manuel logo me mostrou um coaitá. Havia algo de humano no aspecto dessa criatura magra, escura e felpuda que se movia deliberadamente entre os ramos mais altos. Fiz fogo, mas infelizmente apenas o ferí na barriga. Êle caiu com estrépito, de cabeça para baixo, vinte ou trinta pés, quando agarrou um ramo com a cauda, no qual instantaneamente a enrolou, e o animal ficou suspenso no ar. Antes que eu tornasse

a carregar a espingarda, êle se refez e subiu agilmente para as mais altas franças, fora do alcance de uma espingarda de caça, e onde podíamos ver a pobre criatura, parecendo examinar o ferimento com os dedos. Os coaitás são mais comumente conservados em cativoiro que quaisquer outros monos. Os índios gostam muito deles, como chirimabos, e as mulheres às vezes lhes dão de mamar, quando pequeninos. Êles se afeiçoam muito aos donos, e algumas vezes os acompanham pelos campos em longa caminhada. Vi certa vez o mais ridículo coaitá manso. Era uma fêmea velha que acompanhava o dono, um regatão, em todas as suas viagens. Para dar-me demonstração de sua inteligência e sensibilidade, o dono a agarrou e repreendeu asperamente, chamando-a pagã sem vergonha, ladra, e assim por diante, desfiando o copioso vocabulário português de descompostura. A pobre macaca, sentada muito quieta no chão, parecia muito aflita com essa manifestação de cólera. Começou olhando fixamente para êle, depois começou a choramingar, e afinal passou a tremer de medo, gemendo lastimosamente, e passando os longos braços magros pela testa, pois era êsse o seu costume, quando excitada, e já tinha a parte anterior da fronte quasi pelada. Afinal o dono mudou de tom. E' tudo mentira minha velha, você é um anjo, uma flôr, uma velhinha muito carinhosa, etc. Imediatamente a pobre macaca cessou os seus lamentos, e pouco depois trepou onde o homem estava sentado. O natural do coaitá é extremamente manso; nada tem da penosa e irrequieta vivacidade dos seus parentes, os *Cebi*, nem traços do temperamento carnencudo e indomavel dos parentes ainda mais chegados, os *Mycetes* (274). Mas é rematado ladrão, e mostra

---

(274) As espécies de *Cebus* são conhecidas por macacos-pregos e as de *Alouatta* (= *Mycetes*) por guaribas.

grande habilidade em furtar pequenos artigos de vestuário, que esconde no lugar onde dorme. Os naturais do Alto Amazonas procuram o coaitá, quando crescido, caçando-o com a zarabatana e setas envenenadas, e fazendo-o voltar à vida, pondo um pouco de sal (o antídoto do veneno urarái, com que as flechas são ervadas) pela boca do mono. Os animais assim apanhados ficam logo mansos. Conservaram-se no Jardim das Plantas, de Paris, duas fêmeas e Geoffroy St. Hilaire (275) conta que elas raramente se deixavam, ficando quasi todô tempo abraçadas, o rabo de uma enrolado em tórno do corpo da outra. Tomavam as refeições juntas; e observou-se em tais ocasiões, quando a amizade dos animais era posta à prova, que elas nunca brigavam ou disputavam a posse de um fruto favorito.

\* \* \*

Os arredores de Óbidos eram também ricos em insetos. Nos largos caminhos da mata via-se diariamente magnífica borboleta do gênero *Morpho*, a *Morpho hecuba*, voando a uma altura de vinte pés ou mais (276).

---

(275) Etienne Geoffroy de Saint-Hilaire nasceu em Étampes no dia 15 de abril de 1772 e foi um dos grandes zoólogos franceses. Acompanhou Junot na conquista de Portugal pelos franceses e foi o principal pilhador das coleções conseguidas no Brasil, com tanto trabalho, por Alexandre Rodrigues Ferreira. As espécies novas de mamais brasileiros que aparecem em sua obra "História Natural dos Mamíferos", resultam dessa pilhagem. E' considerado pelos franceses como um dos precursores de Darwin, por seu livro "Sôbre os princípios da unidade da composição orgânica". Morreu como diretor do Museu de História Natural em 19 de junho de 1844.

(276) E' o maior e o mais belo dos *Morphidae* americanos, e cujo nome científico é atualmente *Iphimedeia hecuba*; a forma a que se refere Bates é *Iphimedeia hecuba obidonus*: asas anteriores com a parte celular cinzento-esverdeada, centro branco-creme, que se funde com o alaranjado da parte submarginal; margens pretas com manchas e estrias amarelas; sua página inferior é um complexo de desenhos, linhas, ocelos com branco prateado, laranja e mogno, os ocelos são amarelos com centro branco.

Entre as árvores mais baixas e nas moitas eram abundantíssimas várias espécies de *Helicônias*, grupo de borboletas peculiar à América tropical, providas de asas longas e estreitas. A côr dominante das asas dêstes insetos é um negro intenso, no qual se vêem manchas e estrias de carmezin, branco e amarelo vivo, de desenhos variaveis com as espécies. Seu elegante aspecto, vistoso colorido e vôo lento e compassado, fazem delas objetos muito atraentes, e seus números são tão grandes que dão fisionomia peculiar à floresta, compensando a escassez de flôres. Depois das *Helicônias* as *Catagrammas* são as que mais chamam a atenção (*C. astarte* e *C. peristera*) (277). Têm vôo curto e muito rápido, pousando frequentemente e ficando imóveis longo tempo nos troncos das árvores. As asas são rubras e negras tendo um rico brilho veludoso. O gênero deve seu nome grego *Catagramma* (que significa uma letra em baixo) aos curiosos desenhos da face inferior das asas, parecendo algarismos arábicos. Suas espécies e variedades são quasi incontáveis, mas a maioria habita os vales quentes das partes orientais dos Andes. Outra borboleta muito próxima, *Callithea leprieurii* (278) era também muito abundante na extremidade pantanosa da lagoa acima referida. As asas eram de um azul brilhante escuro, com larga margem verde-prateada. Estes dois grupos de *Callithea* e *Catagramma* só se encontram na América

---

(277) Estas borboletas, conhecidas vulgarmente pelo nome de oitenta-e-oito, pelo desenho peculiar da página inferior das asas anteriores, pertencem à família *Nymphalidae*. Das duas espécies citadas, a primeira (*Catagramma astarte*) é maior, as asas anteriores negras com a base e larga faixa carmezin e asas posteriores com uma faixa curva do mesmo colorido; a menor (*C. peristera*) é também negra mas nas asas anteriores o carmim forma uma mancha semicircular.

(278) As asas anteriores têm o centro azul e uma orla verde-cinzeno; asas posteriores de colorido verde metálico, com pontos e linhas concentricas negras e manchas carmezins na base.

tropical, principalmente perto do equador, e se contam certamente entre as produções mais lindas de uma região onde as plantas e animais parecem ter sido formados segundo os mais preciosos moldes da natureza. Grande variedade de outros formosos e variados insetos ornavam estes aprazíveis lugares. Outras só eram vistas ao sol nos lugares abertos. Quando as águas se retiravam das praias, reuniam-se na areia úmida bandos inúmeros de borboletas de côres amarelo-enxofre e alaranjado. A maior parte pertencia ao gênero *Callidryas* (279). Reuniam-se em massas densas, às vezes de duas a tres jardas de circunferência, todas de asas erectas, de modo que a praia parecia recamada de touceiras de açafião. Tais Callidriades parecem ser insetos migradores, e têm grande poder de disseminação. Durante os dois últimos dias de nossa viagem, chamavam a atenção de todos que iam a bordo, os grandes bandos que constantemente atravessavam o rio. Todos voavam na mesma direção, de norte para o sul, e os grupos se sucediam quasi ininterruptamente das primeiras horas da manhã até ao pôr do sol. Todos os indivíduos que aparecem nas praias arenosas são do sexo masculino. As fêmeas são muito mais raras e só se vêem na orla da mata, voando de árvore em árvore, e depositando os ovos nas mimosas baixas que crescem na sombra. As hordas migradoras, tanto quanto pude observar, são exclusivamente compostas de machos, e por isto acredito que suas migrações não vão muito longe. Isto parece confirmado pelo fato de a mesma espécie, embora tenha larga área de distribuição (encontrando-se algumas desde as partes centrais

---

(279) Hoje *Callidryas* é considerado como sinônimo de *Catopsilla*, gênero da família *Pieridae* e que abrange muitas borboletas de porte médio, amarelas, do enxofre ao laranja, e verdes claras, que pousam em grandes bandos na beira dos rios e córregos, sugando a lama revolvida,

dos Estados Unidos—até trinta e dois de latitude sul) apresentar em cada zona uma variedade local bem distinta. Mas o efeito dêsse costume migratório geral do grupo é, depois de largo tempo, a disseminação da espécie. A formação de variedades locais demonstra, porém, que o processo é muito lento. Não se encontra nenhuma espécie muito longe dos trópicos, mas o gênero é bem representado nas zonas tropicais do mundo inteiro; e uma espécie indiana (*Callidryas alcmena*) é tão próxima de outra sul-americana (*C. statira*), que foi com ela confundida por alguns autores.

Encontra-se na vizinhança estranha espécie de esperança, cujos machos produzem ruído alto e não desprovido de certa harmonia, esfregando uma contra a outra as bordas dos élitros. As notas são seguramente as mais altas e mais extraordinárias que já ouvi, produzidas por um inseto ortóptero. Os nativos chamam-no tananá, aludindo à sua música, que é uma estridulação que ressoa como as sílabas ta-na-uá, ta-na-ná, que se sucedem com pequenas pausas. Parece ser raro. Quando os naturais apanham algum, guardam-no em gaiola de vime, para gosar o seu canto. Certo amigo meu conservou um durante seis dias, mas que só esteve ativo durante dois ou tres dias, quando se ouvia a sua nota elevada de uma extremidade à outra da vila. Morto o inseto, êle me deu o espécimen, o único que pude conseguir. E' um membro da família *Locustidae*, grupo intermediário entre os grilos (*Achetidae*) e os gafanhotos (*Acrididae*) (280).

---

(280) Os Ortópteros, na concepção moderna, dividem-se em duas subordens: Acridodeos (os gafanhotos) com tres famílias e Tetigoniodeos, esta última compreendendo as esperanças (Tetigoniodeos, correspondendo aos antigos *Locustidae*), grilos (*Grilloideos*, sendo a família *Achetidae* sinónimo de *Grillidae*) e paquinhas (*Grilotalpoideos*). O tananá é um Tetigoniolideo da família *Pseudophyllidae*.

O comprimento total do corpo é de duas polegadas e um quarto; quando as asas estão fechadas, o inseto tem aspecto vesicular, graças à grande convexidade das tégminas delgadas mas com a consistência de pergaminho resistente, e a côr é toda verde-pálida. O instrumento com o qual o tananá produz a sua música é curiosamente constituído pelas nervuras ordinárias das asas anteriores. (Fig. 20). Em cada tégmina a borda interna, perto da base, tem uma expansão córnea; em uma das asas êste lobo tem as margens elevadas e cortantes; na outra a nervura principal, que atravessa o lobo do lado inferior, é cruzada por certo número de sulcos estreitos como os de uma lima. Quando o inseto move rapidamente as asas, a lima de um lobo é atritada contra a margem córnea da outra, assim produzindo os sons; as tégminas pergaminhosas e o tambor ôco que encerram, servem para dar ressonância às notas. As porções que se projetam em ambas as tégminas são atravessadas por uma robusta nervura semelhante, mas esta é cortada em lima só em uma das asas, ficando na outra perfeitamente lisas. Outras espécies da família a que pertence o tananá têm órgãos estrídulos semelhantes, mas em nenhuma são tão desenvolvidos como neste inseto; encontram-se sempre sòmente nos machos, o outro sexo tendo as bordas das tégminas direitas e sîngelas. O modo de produção do som e sua finalidade foram investigados por vários autores em certas espécies europeias. São notas de chamamento do macho. No grilo campestre comum da Europa observou-se que o macho se põe, à tarde, na entrada da toca, e estridula até que a fêmea se aproxima, quando as notas altas são substituídas por mais doce tom, enquanto o músico bem sucedido acaricia com as antenas a companheira escolhida. Quem quer que se queira dar a êsse trabalho, pode observar a mesma coisa no grilo

doméstico comum. A natureza e a finalidade dessa música dos insetos são mais uniformes que a estrutura e situação dos instrumentos que a produzem, e que diferem nas tres famílias acima referidas. Nos grilos as tégminas são simétricas; ambas têm as bordas direitas e as nervuras salientes e aguçadas para produzirem a estridulação. Não há, portanto, uma porção especial dessa borda, diferenciada em instrumento produtor do som. Nesta família as tégminas ficam deitadas no dorso do inseto, e se superpõem em considerável extensão. Nos Locustidae os mesmos membros caem oblíquamente dos lados do corpo, e não se superpõem, exceto em pequeno trecho perto da base; o órgão musical fica limitado a essa pequena região. Obtem-se maior ressonância, na maioria das espécies, por delgada placa transparente, coberta por uma membrana, no centro dos lobos que se cavalgam. Nos gafanhotos (*Acrididae*) as tégminas se reúnem por uma sutura direita, e já não é possível a fricção de suas bordas. Mas a natureza exhibe a mesma fertilidade de recursos aqui como alhures; e inventando outros métodos para dar aos machos um instrumento para a produção de notas de apêlo, mostra a importância que liga a essa função. A música dos machos dos *Acrididae* é produzida pelo atrito dos longos fêmures posteriores contra as nervuras córneas da borda externa das tégminas (281); há pequeno tambor, situado perto da inserção das patas, adaptado à ressonância das notas.

Obtive muito poucas aves em Óbidos. Não havia escassez, mas eram quasi todas espécies comuns em Caiena. Logo de manhã cedo os bosques perto de minha

---

(281) A respeito da música dos insetos e outros Artrópodes veja-se meu livro: *No mundo dos Humildes*.

casa eram animados pelo seu canto, coisa rara nessa região. Ouvi aí, pela primeira vez, as notas agradáveis e selvagens do carachué, espécie de tordo, provavelmente o *Mimus lividus* dos ornitólogos (282). Mais tarde verifiquei que é pássaro comum nas moitas esparsas nos campos perto de Santarém. E' muito menor e de colorido mais uniforme que o nosso tordo, e seu canto não é tão alto, tão variado e tão demorado; mas sua música é doce e queixosa, harmonizando-se bem com bosques silenciosos e cerrados, onde só êle é ouvido de manhã e à tarde, nos dias tropicais abafadiços. Com o correr dos tempos o canto dêste humilde tordo me despertava as mesmas agradáveis sensações, as mesmas recordações que me provocava o canto de seus irmãos de minha pátria. Há muitas espécies afins no Brail; nas províncias do sul são chamadas sabiás. Os brasileiros não são insensíveis aos encantos de seu melhor cantor, pois muitas vezes ouvi alguns bonitos versos em louvor do canto do sabiá, cantados pelos jovens, com acompanhamento de violão. Várias vezes encontrei o ninho do carachué, que é feito de capim sêco e finos gravetos e forrado de barro; os ovos são coloridos e manchados como os do nosso melro, mas são bem menores. Muito me diverti com pequeno tangará, de brilhante poupa vermelha (*Pipra cornuta*). Havia tres machos pousados num ramo baixo, balouçando-se lentamente para diante e para trás, andando a pesepelo, aproximando-se e afastando-se uns dos outros, como se estivessem executando uma dança

---

(282) Chamam na Amazônia carachué ao que no resto do Brasil chamam sabiá, isto é, às nossas espécies de pássaros das famílias *Turdidae* (e por isso diz Bates que o carachué é uma espécie de tordo) e *Mimidae*. Ao *Mimus lividus* chamam para o sul de sabiá-da-praia, sabiá-de-restinga e sabiá-piri.

(283). Nas moitas pitorescas que cercam as praias arenosas do lago atrás da cidade, era muito comum o Trogon de barriga amarela (*Trogon viridis*). Tem o dorso de um brilhante verde metálico e o peito azul de aço. Os naturais chamam-no surucuá-do-igapó, para distinguí-lo da espécie de peito vermelho, que chamam surucuá-da-terra-firme (284). Vi frequentemente pequenos bandos de meia dúzia de indivíduos, calmamente pousados nos ramos mais baixos das árvores. Êles ficavam imóveis durante uma ou duas horas, apenas mexendo as cabeças, à espera dos insetos que passavam; ou, o que me parecia mais provável, examinando as árvores próximas, à procura de frutas; quando as descobriam, voavam de vez em quando, para agarrá-las, voltando ao mesmo poleiro.

\* \* \*

As espécies de mamais, aves e insetos encontradas em Óbidos são, em grande parte, as mesmas que habitam as porções bem exploradas da região ao longo das costas da Guiana. Nenhuma outra localidade visitada no Amazonas forneceu tão elevada proporção de formas guianenses. Todos quatro macacos acima referidos ocorrem em Caiena. A semelhança geral de suas espe-

---

(283) O nome tangará é comum a todas as espécies da família *Pipridae*, conhecidas também por dançadores. A espécie referida por Bates é hoje *Pipra rubricapilla*. Em meus livros *A vida na selva* e *Vida Maravilhosa dos animais* trato da dança dos tangarás.

(284) Já dissemos em outra nota que o nome de surucuás é comum a todos os Trogoniformes; o surucuá-do-igapó, também chamado surucuá-de-barriga-amarela, perúa-choca, Perú-do-sol (na Baía) capitão-do-mato e pavãozinho-do-mato é hoje *Trogon strigillatus*, ave que se encontra desde Colombia, Venezuela e Trinidad até S. Paulo. O surucuá-da-terra-firme, surucuá de barriga vermelha ou surucuá-tatá (*Curucujus melanurus melanurus*) não vem além da parte setentrional e ocidental de Mato-Grosso.

cies com as das Guianas é uma das principais particularidades da zoologia do vale do Amazonas; mas nas terras baixas encontramos grande número que aí se apresentam como variedades locais fortemente modificadas. Muitas delas, efetivamente, são tão transformadas que passam por espécies distintas; e realmente assim podem ser consideradas, tendo-se em vista a definição mais aceita de espécie. Nas terras do distrito de Óbidos, que são um pouco mais sêcas, as formas conservam de modo mais constante os tipos guianenses.

Julgamos ter conseguido vislumbrar aqui a formação, na natureza, de uma nova espécie. A maneira pela qual se processam tais modificações merecem alguns reparos. Procurarei dar a conhecer, portanto, um caso muito instrutivo que se apresentou nestes arredores.

O caso foi fornecido por alguns tipos de lindas borboletas que pertencem ao gênero *Heliconius* (285) grupo peculiar à América tropical, muito abundante em indivíduos em todos os pontos sombrios de suas luxuriantes florestas, e apresentando feixes de variedades e espécies intimamente aliadas, assim como muitas formas distintas e mais nitidamente separadas. As espécies muito próximas e suas variedades constituem um quebra-cabeças para os taxonomistas. De facto, êste grupo é daqueles onde parece que se estão processando grandes modificações. Membro conspícuo é *H. melpomene* de Lineu. Encontra-se esta elegante forma espalhada pelas Guianas, Venezuela e algumas partes da Nova Granada. E' muito comum em Óbidos e reaparece na margem sul do rio nas matas secas, atrás de Santarém, na

---

(285) Este gênero foi conhecido durante muito tempo como *Heliconia*, termo dos mais inconvenientes, pois há um gênero botânico com o mesmo nome. Um autor propoz ultimamente tornar masculina a terminação dos vocábulos primitivamente usados por Lineu (Felder no Wiener Entomologische Monatschrift, março de 1862) e como acho a correção boa a adotel. (Nota do Autor).

foz do Tapajós. Em todas as outras partes do vale do Amazonas, seja no Pará, a Leste, seja no Perú, a Oeste, falta completamente. A princípio considereei tal ausência muito estranha, pois as condições locais de tais regiões não pareciam formar contraste tão frisante que impedisse, de modo tão abrupto, a disseminação de uma espécie tão prolífica; principalmente se considerarmos que tanto em Óbidos como em Santarém aparece nas matas úmidas da beira do rio.

Mas há outra espécie muito próxima, que a substitue nas florestas da planície, a *H. thelxiope* de Huebner. E' do mesmo tamanho e feitio da especie irmã, da qual nitidamente difere pelo colorido: *H. melpomene* é negra com grande mancha carmezim nas asas; *H. thelxiope* tem as asas rajadas de negro e carmezim e ornadas de certo número de manchas de tom amarelo vivo. Ambas têm os mesmos hábitos. *H. melpomene* adorna as estradas arenosas das matas de Óbidos, adejando preguiçosamente nas árvores baixas; *H. thelxiope* adorna do mesmo modo e com a mesma abundancia as florestas úmidas que constituem seu domínio. Ninguém que tenha estudado o grupo, duvidou um só instante de que as duas são espécies perfeita e originalmente distintas, tais como a lebre e o coelho, por exemplo, ou quaisquer outras duas espécies afins de qualquer gênero. Os seguinte fatos levaram-me, contudo, a concluir que uma delas é simplesmente modificação da outra. Há, como bem se pode imaginar, distritos de mata com caracteres intermediários entre as áreas mais secas de Óbidos, etc. e as zonas mais úmidas que compõem o resto do imenso vale do rio. Em dois lugares e de tais distritos intermediários, a saber, em Serpa, a 180 milhas a Oeste de Óbidos, e em Aveiros, no baixo Tapajós, os individuos destas *Helicônias* que aí ocorriam eram

formas de transição entre as duas espécies. Já em Óbidos *H. melpomene* mostrava leve variação entre os seus individuos na direção de *H. thelxiope*, sem que se encontrasse nenhuma, porém, que se aproximasse desta. Poder-se-ia dizer que tais formas de transição eram híbridos, produzidos pelo cruzamento de duas espécies originariamente distintas; mas as duas ficam em contacto em muitos lugares onde êstes exemplos intermediários são desconhecidos, e nunca observei o acasalamento entre estas duas espécies. Além disso ocorrem muitas formas intermediárias nas costas da Guiana, onde nunca se encontrou *H. thelxiope*. Estes exemplares que parecem híbridos estão ligados por uma cadeia de graduações tão completa que é difficil separá-las, mesmo em variedades, e são incomparavelmente mais raras que as duas formas extremas. Enchem gradativamente o largo intervalo entre as duas especies. A gente é levado a concluir, de tais factos, que as duas eram originariamente uma e a mesma especie: a maneira pela qual ocorrem e sua distribuição geográfica relativa parece em favor da suposição de que *H. thelxiope* tenha derivado de *H. melpomene*. Ambas são, no entretanto, por todos os caracteres essenciaes, especies boas e reais; pois, como já observei, não acasalam quando se encontram lado a lado num mesmo distrito, nem apresentam qualquer apparencia de reversão a uma forma original comum, nessas mesmas circumstâncias. (286)

Na controvérsia que se está travando entre os Naturalistas, depois da publicação da teoria de Darwin sobre a origem das espécies, alegou-se, com razão, que não existia nenhuma prova da produção de espécies fi-

---

(286) Muitos autores consideram hoje estas duas espécies como formas de uma só, certamente baseados nesta observação de Bates. (Figs. 21 e 22).

siológicas, isto é, uma forma que não cruzasse com aquela de que derivara, quando se fornecessem amplas oportunidades para tal cruzamento, e que não apresentasse sinais de reversão à forma paterna, quando posta nas mesmas condições com ela. Espécies morfológicas, isto é, formas que diferem por um número tal de caracteres que justificam considera-las boas espécies, têm sido obtidas em abundância pelo homem, por meio de seleção de variações aparecidas nos animais domésticos ou nas plantas cultivadas.

Os fatos aqui apresentados são, portanto, de certa importância científica, por isso que tendem a demonstrar que uma espécie fisiológica se pode produzir na natureza, como fixação de variedades de espécie estreitamente aparentada. Não é este caso isolado, pois observei, no curso de minhas viagens, certo número de ocorrências semelhantes. Mas em muito poucas se via claramente que a espécie original coexistia com a que evidentemente dela derivara. Geralmente o suposto progenitor também parecia ter sofrido grande modificação e a demonstração não era tão clara, pois faltavam alguns elos da cadeia das variações. O processo da origem das espécies na natureza, quando se processa eficazmente, deve escapar talvez à observação humana, graças ao grande decurso de tempo necessário. Mas podemos obter boa vista de conjunto, rastreando na vasta área de sua distribuição atual uma espécie muito variável e de fácil disseminação. E demorada observação de tais casos leva a concluir que as novas espécies sempre devem ter surgido de formas variáveis e largamente disseminadas. Acontece, às vezes, como no caso presente, que encontremos numa localidade uma espécie sob forma constante para todos os indivíduos; e que em outra apresente numerosas variedades; e em terceira se mostre

como forma constante, inteiramente distinta da que lhe deu origem. Se depararmos com duas destas modificações vivendo lado a lado e mantendo seus caracteres diferenciais em tais circunstâncias, é então completa a prova da origem natural das espécies. As coisas não seriam muito diversas se pudéssemos seguir o processo passo a passo. Pode-se objetar que a diferença entre nossas duas espécies é muito leve, e que se fossem classificadas como variedades nada se provaria com elas. Mas as suas diferenças são da mesma ordem que as que geralmente se observam entre espécies próximas. Os grandes gêneros são constituídos, em grande parte, de tais espécies, e é interessante mostrar como a vasta e bela diversidade dentro de um vasto gênero surgiu graças a leis que estão nos limites de nossa compreensão.

Parecem-me ter cabimento aqui algumas notas a respeito de modo de produção das raças. Os naturalistas estão inclinados, de modo geral, a atribuir a formação de variedades locais ou raças de uma espécie à ação direta das condições físicas sôbre os individuos que migraram para novas localidades. Poder-se-ia dizer, portanto, que nossa *Heliconia thelxiope* das florestas úmidas resultou de operação semelhante das condições locais sôbre *H. melpomene*, uma vez que se encontram variedades intermediárias em distritos intermediários como carater e posição. E' verdade que os agentes externos — tais como o alimento e o clima, retardando ou acelerando o crescimento — têm grande efeito sôbre os insetos, atuando sôbre seus estados adolescentes (287), e em correlação com o crescimento, sôbre o aspecto e co-

---

(287) Conservamos a expressão de Bates, que nos pareceu pitoresca, querendo ele referir-se a estados larvários. (Fig. 23).

lorido das formas adultas (288). Mas não há prova de que uma raça ou variedade local se tenha produzido inteiramente por esse modo, pois as modificações adquiridas pelos indivíduos geralmente não se transmitem à sua descendência. O exame destas raças ou espécies muito afins de *Helicônium*, com referência à sua distribuição geográfica, projetam alguma luz sobre este assunto. *Helicônium thelxiope* está disseminada sobre um distrito de duas mil milhas de extensão de leste a oeste, desde a foz do Amazonas até os contrafortes dos Andes, mas não apresenta modificação notável em toda essa área, ocorrendo levíssimas variações somente em seus pontos extremos. Se as condições locais, atuando diretamente sobre os indivíduos, tivessem originalmente produzido esta raça ou espécie, certamente teriam provocado muitas modificações nas diversas partes desta região, pois a zona do alto Amazonas difere largamente do distrito próximo do Atlântico no clima, sequência das estações, solo, revestimento florestal, inundações periódicas, etc. Tais diferenças, são, contudo, gradativas de modo que a espécie está sujeita a uma grande diversidade de condições físicas de localidade para localidade, e devia, portanto, apresentar infinita série de variedades locais, em vez de mostrar-se uniforme em toda a sua zona de distribuição. Além disso, como explicaríamos o fato de *H. thelxiope* e *H. melpomene* viverem nas mesmas condições locais? e como considerar as várias modificações apresentadas em uma mesma localidade, como em Serpa e no Tapajós? (289)

---

(288) Bellier de la Chavignerie, nos *Annales de la Société Entomologique de France*, 1858, p. 299, relata experiências sobre o efeito de retardamento de desenvolvimento da pupa por exposição ao frio, mostrando que se podem obter prodigiosas variedades do inseto adulto por esse meio. (*Nota do Autor*).

(289) Como a ação das influências externas teria efeito sobre as primeiras fases dos insetos e não sobre os adultos, é bom

Evidentemente há algum agente mais sutil atuando na segregação de uma raça do que a ação direta das condições ambientes. O principio da seleção natural, como foi recentemente proposto por Darwin (290) parece apresentar explicação inteligivel dos fatos. De acordo com essa teoria, o estado variavel da especie, exibido nos distritos acima mencionados, seria devido a que *H. melpomene* se tornara vagamente instavel sob a ação indireta de condições externas, diferentes daquelas onde ela se encontra sob uma forma normal constante. Em tais distritos a seleção não operou, ou é conveniente às condições de vida aí predominantes, que a especie se conserve sob forma instavel. Mas nas florestas úmidas adjacentes, como o demonstram os resultados observados, as condições locais foram originariamente mais favoraveis a uma destas variedades que às outras. A variedade selecionada aumentou, portanto, mais rapidamente que suas aparentadas; e o fato da ausência completa destas últimas em área da qual estão separadas atualmente apenas por poucas milhas, levam à conclusão de que aí elas não se puderam manter. Os individuos de gerações sucessivas que estavam mais adaptados às novas condições foram, pelos mesmos motivos, preferidos aos seus parentes; e ao cabo de poucas gerações se chegou à forma de *H. thelixiope*. A tal ponto a raça se tornou bem adaptada à nova área, que podemos supor que sua formação-se tivesse processando na época em que as planícies ribeirinhas se tornaram terra seca, nas últimas mudanças de nível da região nos tem-

---

mencionar que as descendências de *Heliconlus* parecem ser sociais; as larvas alimentam-se juntas e sofrem sua última transformação na mesma árvore. Foi o que observei em *H. erato*, espécie intimamente aliada a *H. thelixiope*. (Nota do Autor).

(290) A primeira edição do famoso livro de Darwin, sobre a origem das espécies, é de 1859, e a primeira edição do livro de Bates é de 1862.

pos geológicos. Nas zonas mais altas e mais sêcas das Guianas e países vizinhos foi *H. melpomene* a forma selecionada; nas regiões mais baixas e mais úmidas do Amazonas foi *H. thelxiope* a preferida. Prova atual desta perfeita adaptação é dada pelos enxames das duas espécies; o ter *H. thelxiope* derivado de *H. melpomene* se torna extremamente provável pela existência de uma serie completa de elos; e finalmente seu estabelecimento definitivo se torna evidente pela falta de cruzamento com a forma original, quando as duas novamente se puzeram em contacto por uma redistribuição natural. (291)

---

(291) Se esta explicação da derivação de *Helicontus thelxiope* é verdadeira, a origem por processo natural de um sem número de espécies afins d'este gênero, atualmente distintas, como, de fato, todos os outros gêneros contendo numerosas espécies muito próximas deverá ser admitida. Uma espécie afim de *H. thelxiope*, *H. vesta*, parece também ter derivado de *H. melpomene*, pois entre as numerosas variedades já mencionadas há muitos exemplos intermediários entre as duas. Há, porém, esta diferença entre *H. thelxiope* e *H. vesta*: a primeira está confinada ao vale do Amazonas, enquanto *H. vesta* se estende até às Guianas e vales centrais dos Andes; parece, portanto, ter adquirido um poder de adaptação a uma diversidade de condições locais muito mais lata. Os insetos parecem bem adaptados a fornecer dados ilustrando este interessante e difícil problema. Isto é devido principalmente à facilidade com que se podem obter amplas coleções de exemplares para comparação, tanto das espécies como de variedades, apanhados em muitos pontos das áreas de distribuição. E' quasi desnecessário acrescentar que as conclusões se applicam a todos os seres organizados. (Nota do Autor).

## CAPÍTULO VII

# BAIXO AMAZONAS — DE OBIDOS A MANAUS OU BARRA DO RIO NEGRO

Partida de Óbidos — Baixios e canais — Plantadores de cacau — Vida diária a bordo de nosso navio — Grande tempestade — Ilha de areia e suas aves — Montanhas de Parintins — Negociante negro e os índios Maués — Vila Nova, seus habitantes, floresta e produtos animais — Cararaucú — Festa rústica — Lago de Cararaucú — Motucas — Serpa — Festas de Natal — Rio Madeira — Fazendeiro mameluco — Índios mura — Rio Negro — Descrição de Barra — Volta ao Pará — Febre amarela.

Um negociante de Óbidos, chamado Pena, estava preparando viagem em uma cobertura, carregada de mercadorias para o Rio Negro, pretendendo parar frequentes vezes no caminho, e por isso tratei com ele uma passagem. Deu-me lugar na tolda, ou camarote dianteiro, como o podemos chamar, e aí armei minha rede e arranjei minhas caixas, de modo a poder trabalhar durante a viagem. Pensei que as escalas fossem de vantagem, pois assim poderia colecionar, enquanto ele fazia seu negócio, e conhecer as produções de muitos lugares do rio, o que não seria possível em viagem direta. Levei provisão de alimentos para dois meses de consumo, e depois de muita bulha e demora desnecessárias, por parte do dono do barco, partimos a 19 de novembro. Pena levava a família, que compreendia uma mameluca robusta e viva, chamada Catarina, a

quem ele chamava senhora Catita, e dois filhos. A tripulação era constituída de tres homens: um indio robusto, um caçuso, afillhado de Pena, e um mulato afavel e resolutivo chamado Joaquim e que era o melhor auxiliar. Meu criado Lucas ia para ajudar a remar e outros serviços. Pena era homem de meia idade, tímido, branco com um pouco de sangue índio; e quando se mostrava encolerizado e de mau humor, pedia-me que o desculpasse, pois isso era devido ao sangue tapuia de suas veias. Procurava tornar minha viagem tão confortavel quanto o permitiam as circunstâncias, e trouxera grande provisão de comes e bebes, de modo que a viagem prometia ser muito agradável.

Deixando o porto de Óbidos, cruzámos para a margem direita, e navegámos todo o dia com vento fresco, passando por numerosas casas, todas cercadas de seus bosquetes de cacaueros. No dia 20 fizemos pequeno progresso. Depois de passarmos pelas terras altas da foz do Trombetas, as margens eram baixas e barrentas dos dois lados. A largura do rio varia aqui de duas e meia a tres milhas, mas nenhuma das margens é de terra firme. Do lado do Norte há longo furo, que penetra terra a dentro, comunicando com o lago de Faro; ao sul tres canais levam ao lago de Vila-Franca; são, em parte, braços do rio, de modo que a terra que eles cercam é, de facto formada por ilhas. Quando essa porção de terra não é formada completamente pelo depósito do rio, como às vezes acontece, ou fica acima do nivel das maiores cheias, é chamada *igapó alto*, distinguindo-a os naturais das ilhas verdadeiras assim como da terra firme. Desembarcámos em uma das plantações de cacau. A casa era solidamente construida com as paredes feitas de fortes vigas a pique, com ripas entrecruzadas e entaipadas e caiadas e cobertura de telhas. A familia era de mamelucos e pa-

recia ser amostra da média das classes mais pobres de plantadores de cacau. Todos estavam negligentemente vestidos e de pés descalços. De um lado da casa havia larga varanda, de chão de terra batida, na qual estavam armadas redes, vendo-se no chão uma esteira de palha, onde se sentava a dona da casa, com um papagaio manso pousado no ombro, cosendo com duas lindas mulatinhas. O dono da casa, de camisa desabotoada no pescoço e de ceroulas, estava deitado na rede, fumando comprido cachimbo de madeira, pintado de côres vivas. Os utensílios domésticos — jarros de barro, quartinhas e caçarolas — estavam no chão, em uma extremidade, perto do fogo de lenha, com um bule de café fervendo em trempe de barro. A pouca distância havia grande alpendre, entre bananeiras, mamoeiros e mangueiras; e embaixo dele viam-se os fornos, gamelas, peneiras e tudo o mais que era necessário para o preparo da mandioca. O espaço capinado em roda de casa tinha apenas alguns pés de largura; depois vinham as plantações de cacau que se estendiam paralelas ás margens do rio. Havia uma vereda no meio da mata que levava aos campos de mandioca e, algumas milhas adiante, a outras casas da margem de um furo interno. Fomos amavelmente recebidos, como sempre acontece quando um estranho visita estas casas escondidas, pois o povo é invariavelmente delicado e hospitaleiro. Conversámos largo tempo, tomámos café e quando partimos, uma das filhas trouxe um cesto de laranjas para comermos a bordo.

O custo de uma plantação de cacau, no distrito de Óbidos, é de cerca de 240 reis, ou seis pence por árvore, o que é muito mais caro que em Cameté, onde acho que o custo não é tão elevado. A mata é derrubada antes da plantação, e as árvores crescem em aléas. Os menores plantadores são muito pobres. O trabalho é pequeno;

geralmente a família cuida de suas pequenas plantações de dez a quinze mil árvores, mas no tempo da colheita os vizinhos mutuamente se auxiliam. Pareceu-me ser vida agradável e fácil; o trabalho é todo feito à sombra, e toma apenas algumas semanas do ano. A preguiça e desmazelo incorrigíveis do povo impedem que ele se cerque de todas as riquezas de uma região tropical. Poderiam ter pomares com as melhores árvores frutíferas em torno de casa, plantar milho e criar porcos e vacas, como certamente fariam os inteligentes fazendeiros europeus, em vez de se limitarem exclusivamente aos produtos de suas pequenas plantações, alimentando-se apenas de peixe e farinha. Preparando o cacau, não descobriram meio de separar bem as sementes da polpa ou de secá-las de modo regular; daí se segue que, embora de boa qualidade, mofa antes de chegar aos armazens dos negociantes, e não alcança mais que a metade do preço do mesmo artigo, cultivado em outras partes da América tropical. A região amazônica é a pátria de origem da principal espécie de cacaueteiro, a *Theobroma cacao* que cresce em abundância nas florestas do Alto Amazonas. A colheita das árvores cultivadas parece ser precária; dão às árvores pouco ou nenhum cuidado e a própria poda é feita ineficientemente. As plantações geralmente são velhas e foram feitas nas terras baixas, à beira do rio, o que as torna sujeitas à inundação, quando este sobe algumas polegadas acima da média. Há muita terra alta, apropriada para a cultura dessa árvore, mas não está arroteada, e falta de iniciativa e de trabalho impede a formação de novas plantações.

Deixámos as últimas casas do distrito de Óbidos no dia 20, e o cenário do rio se resumiu então ao seu aspecto selvagem e solitário, mitigado de longe em longe por habitações humanas esparsas. Dentro em pouco

caímos num modo de vida rotineiro a bordo de nossa pequena arca. Pena não viajava à noite. A pequena tripulação, esgotada pelos trabalhos do dia, precisava descansar, e raramente tínhamos vento à noite. Costumávamos amarrar o barco a uma árvore, deixando bom pedaço de cabo, de modo que pudéssemos dormir longe das margens e livres dos mosquitos que, embora enxameassem na mata, raramente voavam muitas jardas para o interior do rio, nessa estação do ano. A forte correnteza a uma distância de trinta ou quarenta jardas da costa mantinha a cobertura no fluxo do rio, impedindo-a da encalhar. Todos dormíamos ao ar livre, pois o calor no camarote era sufocante nas primeiras horas da noite. Pena, a senhora Catita e eu, armávamos nossas redes, formando triângulo, entre o mastro principal e dois postes fixos na cobertura. Um lençol bastava para cobrir-nos além da roupa comum, pois a temperatura nunca desce muito no Amazonas, dando apenas para sentir-se delicioso frescor depois do calor abafado das tardes. Costumávamos levantar-nos quando os primeiros albores da madrugada se mostravam por cima da linha escura da mata. Roupas e redes estavam geralmente úmidas de orvalho, mas isso não era inconveniência. O índio Manuel costumava retemperar-se com um mergulho no rio, por baixo do barco. É costume de todos os índios, homens e mulheres, banhar-se muito cedo; fazem isso às vezes para aquecer-se, pois a temperatura da água é notavelmente mais elevada que a do ar. Pena e eu enrolávamos as redes, enquanto Catita preparava a indispensável xícara de café forte, que fazia com espantosa presteza, enquanto fumava o seu primeiro cachimbo matinal. Os patrões liberais dos pequenos barcos do rio dão uma xícara de café, adoçado com rapadura, ou uma ração de cachaça a cada homem da equipagem; Pena dava-lhes café. Quando todos se

serviam, começava a faina diária. Raramente havia vento a essa hora; assim, se havia aguas tranquilas perto das margens, os homens remavam, se não, só se podia avançar com espia. Em alguns pontos a correnteza era muito forte junto à ribanceira especialmente nos pontos em que estas se escavavam para formar enseadas, e então nosso avanço era muito pequeno. Em tais pontos as margens são formadas de terra frouxa, e rica terra vegetal sustentava o crescimento da mais luxuriante floresta, da qual o rio quasi diariamente arrancava largas porções, de modo que se mostrava atravancado de árvores caídas, cujos ramos tremulavam acima da corrente. Quando se encontravam cabos, era impossivel, com a nossa pequena equipagem, impelir a coberta contra o redemoínho das torrentes que turbilhonavam em torno dela, arrastada, às vezes, ao sabor da corrente, uma milha ou duas para baixo na margem oposta. Geralmente soprava leve brisa quando o dia avançava, e então desarmávamos nossas redes, içavam-se todas as velas e singrávamos alegremente para diante. Pena geralmente preferia cozinhar o jantar na praia, quando o vento era escasso ou nulo. Nas horas de canícula desses dias de calmaria, costumávamos procurar um recanto pitoresco e sombrio da mata, com espaço limpo sufficiente para fazer-se fogo. Então eu tinha uma hora para caçar nas brenhas visinhas, e era sempre recompensado pela descoberta de algumas espécies novas. Durante a maior parte de nossas viagem, porém, parávamos na casa de algum colono e fazíamos o nosso fogo no porto. Pouco antes do jantar costumávamos tomar banho no rio e então, seguindo o costume universal no Amazonas, onde parece aconselhavel, por causa da alimentação fraca de peixe, cada qual tomava meia xicara de cachaça, o *abre*, como eles chamam, e fazíamos nossa refeição de pirarucú cozido, feijão e toucinho. Uma

ou duas vezes por semana tínhamos galinha com arroz. Na ceia, depois do pôr do sol, tínhamos, às vezes, peixe fresco, pescado por nossos homens à tarde. As manhãs eram frescas e agradáveis até por volta do meio dia; mas à tarde o calor se tornava insuportável, especialmente nos dias rutilantes e abafados, como eram os mais comuns. Então nos agachávamos à sombra das velas ou íamos para as redes no camarote, preferindo ficar meio sufocados a nos expormos no tombadilho ao calor doentio do sol. Geralmente parávamos a viagem pelas nove horas da noite, quando encontrávamos algum lugar para amarrar o barco. As horas frescas da tarde eram deliciosas; bandos de marrecas assobiadeiras (*Anas autumnalis*) (292), papagaios e araras, passavam aos pares, gritando, indo das áreas de alimentação para os pontos de repouso quando o sol mergulhava abruptamente no horizonte. Começava então o breve côro vespéral dos animais, sendo os principais executantes os guaribas, cujo vozerio horrendo aumentava a sensação de solidude que nos assaltava quando a treva nos envolvia. Pouco depois os vagalumes, de múltiplas espécies, esvoaçavam entre as árvores. A medida que a noite avançava, tudo se tornava silencioso na mata, exceto o coaxar esporádico das pererecas ou o zangarreio monótono dos grilos silvestres e dos gafanhotos.

Pouco avançamos no dia 20 e nos dois dias imediatos, pela inconstância do vento. A estação sêca fôra, esse ano, de muito breve duração. Geralmente dura, nessa parte do Amazonas, de julho a janeiro, com um curto intervalo de tempo chuvoso em novembro. O rio desce trinta e cinco pés abaixo de seu nível mais alto;

---

(292) Olivério Pinto dá para esta marrecá (*Dendrocygna autumnalis discolor*) os nomes vulgares marrecá-cabocla e marrecá-asa-branca, este último como próprio do Ceará. A marrecá assobiadeira do Rio Grande do Sul (*Nettion flavirostre flavirostre*) é do extremo meridional de nosso Continente.

esse ano desceu só uns vinte e cinco pés e as chuvas de novembro ameaçavam ser contínuas. Quanto mais seco o tempo mais forte sopra o vento geral. Agora ele nos faltava completamente ou apenas soprava levemente à tarde. Até agora eu só vira o grande rio em seu aspecto mais resplandecente; ia agora testemunhar o que ele podia fornecer em matéria de tempestades.

Na noite de 22 a lua apareceu com um halo nebuloso. Quando fomos repousar, soprava vento fresco e úmido e nuvens negras se acastelavam do lado de montante, em direção oposta à do vento. Pensei que isto apenas prognosticasse forte aguaceiro que nos faria correr para nossos camarotes. Os homens amarraram o barco a uma árvore, de praia de terra dura, e logo depois da ceia fomos dormir, espalhados pelo tombadilho. Por volta das onze horas fui despertado por horrível estrondo, de um furacão que soprou de repente da margem oposta. A cobertura era impelida com força de encontro à praia barrenta. Pena gritou, enquanto se erguia de um salto, que *trovoada de cima* estava sobre nós. Desarmámos as redes e então todos os braços foram necessários para evitar que nosso barco ficasse reduzido a pedaços. A lua desapareceu, e negro manto de nuvens se estendeu sobre as matas escuras e sobre o rio. O pavoroso estampido de um trovão rebentou sobre as nossa cabeças, e caiu chuva torrencial. Joaquim saltou na praia, com auxílio de grande vara, arriscando-se a afogar-se, e procurou passar a cobertura em torno de pequeno promontório, enquanto do tombadilho nós ajudávamos a conservá-la afastada da margem, e alongávamos o cabo. Conseguimos safá-la e o bote solidamente construído, caiu na corrente mais forte, afastada da praia, e Joaquim pulou habilmente para seu bordo, com auxílio do gurupés, quando o barco contornava o promontório. Foi para nós uma felicidade que isso

acontecesse em praia de barro, de suave declive, onde não havia perigo de bater em árvores derrubadas; poucas jardas adiante, onde a praia era a pique e formada de terra frouxa, grandes porções do solo desagregado, com toda a massa de floresta de revestimento, estavam sendo arrastadas; o estrondo provocado por esses desabamentos juntava-se aos horrores da tempestade.

A violencia do vento diminuiu dentro de uma hora mas a chuva torrencial continuou até às tres da manhã; o ceu era quasi incessantemente iluminado pela luz pálida dos relâmpagos, e os trovões reboavam quasi sem interrupção. Nossas roupas, redes e mercadorias estavam completamente encharcados pelas torrentes de água que passavam entre as pranchas. De manhã tudo estava calmo, mas pesada massa de nuvens cobria o céu, derramando um véu de névoas sôbre a paisagem, que apresentava desolado aspecto. Estes temporais de oeste são sempre esperados na época da passagem da estação seca para a quadra chuvosa, nestas partes centrais do Baixo Amazonas. Geralmente aparecem no começo de fevereiro, de modo que este ano começaram muito mais cedo que de costume. O solo e o clima são muito mais secos nesta parte da Amazônia do que na região mais para oeste, onde as florestas mais densas e o solo mais argiloso e úmido tornam a atmosfera muito mais fria. As tempestades podem ser aí attribuidas à corrente de vento frio, vindo das cabeceiras do rio, quando o vento geral regular, vindo do mar, amaina ou deixa de soprar.

A 26 chegámos a grande banco de areia em conexão com uma ilha do meio do rio, defronte da ilhota de Maracá-uassú. Aí lançámos ferro e passámos metade do dia na praia. Fazendo essa parada, Pena apenas queria dar-se ao prazer de um passeio pela praia com os filhos.

e permitir que a senhora Catita pudese lavar a roupa. O banco arenoso estava sendo coberto pelas aguas com a cheia do rio; em plena estação sêca tem cerca de uma milha de comprimento por meia milha de largura. Os canoeiros adoram estes espaços abertos, que são grande alívio à monotonia da floresta que reveste a terra em todas as outras partes do rio. Mais para o ocidente são mais frequentes e mais extensos. Ficam geralmente na ponta superior das ilhas. Estas, de fato, originam-se dos depósitos de matéria vegetal, formada pelas plantas e árvores que crescem num baixio. A ilha estava coberta de imbaúbas (*Cecropia peltata*), de tronco oco e casca lisa (293). Suas fôlhas são de aspecto semelhante ao das do castanheiro, mas imensamente maiores; a face inferior é branca, e quando o abençoado vento geral sopra, elas mostram suas faces prateadas, bom sinal para o canoeiro fatigado. O modo de crescimento desta árvore é curioso: os ramos nascem quasi em ângulo reto com o tronco, os ramos menores formam círculos menores em tôrno deles, e assim por diante, com as fôlhas crescendo nas extremidades, de maneira que o aspecto geral da árvore é de imenso candelabro. Cécropias de diferentes espécies são características do cenário da floresta brasileira; a especie de que estou falando cresce em grande número em todas as ribanceiras do Amazonas, onde a terra é baixa. Nos mesmos lugares é também abundante a curiosa mongubeira (*Bombax ceiba*); (294) a casca verde escura do seu imenso tronco que aos poucos se vai

---

(293) O nome de imbaúba é dado no Brasil a todas as espécies de *Cecropia*; Alberto Sampaio refere para as imbaúbas do Amazonas as espécies *Cecropia leucocoma*, *C. paraensis*, *C. robusta* (esta de folhas todas do mesmo colorido, e que não pode ser a espécie vista por Bates) e *C. palmata*. No Rio de Janeiro encontram-se *C. pachystachia*, *C. adenops* (= *C. peltata*), *C. palmata* e *C. carbonaria*.

(294) Ver nota n.º 23.

afilando, riscada de cinzento, se salientava no meio das outras. A principal palmeira das terras baixas é o jauari (*Astrocarium jauari*), cuja estipe, cercada por verticilos de espinhos, atinge grande altura. Nas margens da ilha há grandes trechos de triglochim (*Gynerium saccharoides*) (295) com seus elegantes penachos de flores, semelhantes aos de frecha, e alcança uma altura de vinte pés, com as fôlhas dispostas em leque, no meio das hastes. Fiquei surpreso de encontrar nas partes mais elevadas da praia arenosa a folhagem familiar de um salgueiro (*Salix humboldtiana*) (296). E' uma especie anã, e cresce em touceiras, parecendo touceiras de vime; como os salgueiros da Inglaterra, suas fôlhas são povoadas por pequenos besouros Chrysomelidae. Passeando pela ilha, muitas particularidades me faziam lembrar a praia do mar. Bandos de gaivotas brancas voavam por cima de nossas cabeças, soltando seu grito bem conhecido, e maçaricos corriam à beira d'água. Aqui e alí viam-se aves palustres solitárias, caminhando devagar: uma delas, a curicaca (*Ibis melanopis*) (297) voou num surdo tataral, e foi logo seguida pelo unicórnio (*Palamedea cornuta*) (298), que eu espantara do meio das moitas,

(295) No interessante trabalho de Alberto Sampaio — "Nomes vulgares de plantas da Amazônia" — não dá o nome citado por Bates, chamando-se a essa curiosa gramínea flecha ou frecheira. Nas margens do Parafba do Sul há em abundância outra espécie de *Gynerium* (*G. parviflorum*), conhecida por flecha, cana de flecha e ubá.

(296) O nome salgueiro é dado pelos portugueses; o nome mais comum no Pará é oeirana; A Sampaio refere a espécie *Salix martiana*.

(297) O nome curicaca é dado de um modo geral, no Brasil, às aves parecidas com o guará, mas de plumagem escura, tirante ao negro; são ciconiformes, da sub-ordem Ciconiæ, família Threskiornithidae; a espécie a que o autor faz menção é atualmente designada como *Theristicus caudatus caudatus*.

(298) O unicórnio, unicornhe, licorne é conhecido também por anhuma ou inhuma e cuintau; é uma ave grande, do tamanho de um peru, com esporões nas asas e alto chifre muito delgado na cabeça; pertence à ordem Anseriformes, sub-ordem Anhimæ, família Anhimidae e seu nome científico é *Anhuma cornuta*.

cujo chilro áspero, semelhante ao zurrar de um burro, porém mais agudo, perturbava desagradavelmente a quietação do lugar. Entre as moitas de salgueiros havia bandos de formoso pássaro da família *Icteridae*, com rica plumagem negra e amarelo-açafrão. Passei algum tempo observando um agrupamento de aves, que os indígenas chamam tamburi-pará, pousadas em uma imbaúba. É a *Monasa nigrifrons* dos ornitólogos e apresenta a plumagem côr de ardósia, com o bico alaranjado. Pertence à família das tamatias (299), cujos membros são quasi todos de temperamento estúpido e preguiçoso. As especies que são arranjadas pelos ornitólogos no gênero *Bucco*, são chamadas pelos indios, em lingua tupí, taiassú-uirá. Ficam pousados, às vezes, horas a fio, reunidos nos ramos baixos, à sombra, e só se movem quando atraídos pelos insetos que passam. Os bandos de tamburi-parás eram o inverso; estavam sempre saltando e mutuamente se perseguindo entre os ramos. Ao mesmo tempo emitiam breves notas musicais, que produziam, em conjunto, um coro harmonioso que me surpreendeu.

A 27 alcançámos elevado promontório, coberto de mata, chamado Parintins, e que forma atualmente o limite entre as províncias do Pará e Amazonas. Aí encontrámos pequena canoa descendo para Santarém. O dono era um negro forro, chamado Lima, o qual estava descendo o rio com a esposa, para berganhar a sua colheita anual de tabaco por mercadorias de Europa. A

---

(299) A designação vulgar de tamburi-pará ou tanguró-pará (segundo Olivério Pinto) é dada a todas as espécies do gênero *Monasa*; a espécie a que Bates se reporta (*Monasa nigrifrons nigrifrons*) é também conhecida por bico-de-brasa. O antigo gênero *Bucco* foi subdividido em seis outros, com representantes brasileiros, conhecidos de modo geral por João-bobo, dorminhoco, rapazinho-dos-velhos, macurú (não referindo Olivério Pinto o nome citado por Bates). Pertencem de fato à mesma família *Bucconidae*, da ordem *Piciformes*, sub-ordem *Galbulae*.

canoa comprida e rasa estava carregada até quasi a flor d'água. Ele morava na margem do Abacaxi, rio que desagua no Canomá, largo canal interior que se estende do Madeira ao Parintins, numa distância de 180 milhas: Pena lhe fez uma proposta vantajosa, e foi concluído o escambo, que evitou ao homem essa longa viagem. O negro parecia pessoa franca e direita; era natural de Pernambuco, mas instalará-se há muitos anos nessa parte da Amazônia. Tinha com ele uma indiazinha da tribo dos Maués, cuja séde é o distrito que fica por trás do Canomá, entre o Madeira e o Tapajós.

Os maués são considerados, a meu ver com razão, como ramo da grande nação Mundurucú, tendo-se separado em época remota, e por longo isolamento adquiriram hábitos inteiramente diversos e uma lingua muito diferente, de um modo que parece ter sido geral entre os aborígenes brasileiros. Os Mundurucús parecem ter mantido maior número de caracteres do tronco original Tupí que os Maués. O senhor Lima me disse, o que depois verifiquei ser correto, que difficilmente se encontravam duas palavras semelhantes nas linguas dos dois povos, embora houvesse palavras estreitamente aparentadas com o Tupí em ambas. (300) A menina não tinha o menor traço de selvagem. As feições eram finas, as maçãs do rosto não eram proeminentes, os lábios eram delgados e a expressão do semblante franca e risonha. Fôra trazida de sua remota tribo, nas margens do Abacaxi, poucas semanas antes e ainda não sabia cinco palavras de portuguez. Os indios, em regra geral, são muito dóceis quando pequenos, mas há uma queixa geral de que, quando chegam à puberdade, ficam inquietos e

---

(300) Assim a palavra mulher em maué é unia, em tupí — cunhá, em mundurucú — taichí. Fogo em maué é ariá, em tupí — tatá, em mundurucú — idachá ou tachá. (Nota do Autor).

tristes. Mostra-se então a insopitavel revolta contra qualquer prisão, e mesmo o tratamento mais bondoso não impede que fujam de seus senhores; não voltam para as malocas de suas tribus, mas reúnem-se a bandos que vão coligir os produtos dos rios e florestas, e levam vida nómade e meio-selvagem.

Ficámos no sopé da serra dos Parintins a noite toda. Muito de madrugada a luz iluminou o topo das árvores, e a floresta ressoou com os grunhidos dos macacos Uaiapu-saí. (301) Desci à terra com minha espingarda e entrevi o bando, mas não consegui obter um espécimen. Eram de pequeno tamanho e cobertos de longo pelágio de colorido cinzento uniforme. Penso que a especie era o *Callithrix donacophilus*. A rocha que compõe a elevada crista de Parintins era o mesmo conglomerado grosseiro, cementado de ferro, de que já falei muitas vezes, como ocorrendo perto do Pará e outros lugares. Havia muitos blocos isolados, espalhados à toa. A mata era extremamente variada, e cordoalhas inextricaveis de cipós estendiam-se de uma árvore a outra. Tiras de cactos serpeavam pelas rochas e troncos de árvores. A variedade de pequenos fetos de formoso aspecto, de líquenes e boletos faziam do lugar um museu de plantas criptogâmicas. Aí encontrei duas espécies esquisitas de

---

(301) Os uapussás são pequenos macacos da família Cebidae, constituindo uma subfamília especial — Callicebinae. Escreve Cabrera: "O nome Callicebus, aplicado pelo zoólogo inglês Oldfield Thomas a estes monos, significa literalmente mono lindo, e certamente seria difficil encontrar outro mais apropriado. São animais de aspecto agradável por sua fisionomia doce, por seu pelágio longo e macio, quasi sedoso em algumas espécies e sobretudo por suas bonitas côres, que harmoniosamente se combinam". Foram eles observados por muitos viajantes, que descreveram os seus hábitos, entre eles o príncipe de Wied, Jimenez de la Espada, Emilio Déville, Léon Miller. A espécie a que se refere Bates deve ter sido, provavelmente o mesmo *Callicebus cinerascens*, por ele caçada depois no Tapajós; *Callicebus donacophilus* é espécie própria do departamento de Santa Cruz, na Bolivia.

Longicórnios, e uma grande espécie de esperança (*Pterochroza*), cujas largas asas anteriores pareciam fôlhas, dando ao inseto um disfarce perfeito quando estavam fechadas; as asas posteriores eram ornadas de manchas oceliformes de côres brilhantes.

O negro despediu-se e voltou por estreito furo, o Paraná-mirim dos Ramos, a caminho de casa, a umas 130 milhas de distância. Prosseguimos então nossa viagem, e à tarde chegámos a Vila Nova, aldeia perdida, de umas setenta casas, muitas das quais não eram dignas dêsse nome, reduzindo-se a simples cabanas de barro, cobertas de fôlhas de palmeiras. Aí nos demorámos quatro dias. A aldeia está edificada em praia pedregosa, formada do mesmo conglomerado a que tantas vezes me referí. Em alguns pontos um leito de tabatinga repousa sôbre êsse conglomerado. O solo dos arredores é arenoso, e a floresta, que parece quasi toda de formação secundária, é atravessada por largas veredas que terminam ao sul e a leste nas praias dos furos e dos lagos, que formam rosário no interior da terra. Logo que desembarcámos fui com Lucas explorar o distrito. Caminhámos cerca de uma milha pela praia de marga, sôbre a qual se estendia um tapete de ervas em flôr, engalanadas por grandes quantidades de formosas borboletinhas, e depois entrámos na floresta por um córrego seco. Cerca de um estádio terra a dentro êle se abria em lagoa plácida e ampla, cujas margens, revestidas de grama verde-pálida e em suave declive da beira d'água para a floresta que o envolvia completamente. A lagoa fervilhava de aves aquáticas; garças côm de neve, socós escuros, listrados, e cegonhas de várias espécies estavam pousadas em grandes filas em tórno de suas margens. Pequenos bandos de araras carejavam nas franças das árvores. Piaçocas (*Parra*

*jacana*) caminhavam sôbre as plantas aquáticas da superfície da lagoa (302) e nos arbustos das margens viam-se grandes bandos de uma espécie de canário (*Sycalis brasiliensis*), de tom amarelo-esverdeado, e de canto curto e não muito melodioso (303). Tínhamos apenas dado alguns passos, quando espantámos um casal de jaburús moleques (*Mycteria americana*), grande ave da família das cegonhas, de quatro pés e meio de altura, que levantou o voo, alarmando o resto, de modo que apenas apanhei uma ave dêsse bando tumultuoso que passava sôbre nossas cabeças. Passando para a outra extremidade da lagoa, vi, flutuando na superfície, certo número de grandes fôlhas arredondadas, de bordas reviradas para cima; eram fôlhas da Vitoria-regia. As fôlhas começavam a expandir-se (3 de dezembro), algumas submersas, e as maiores, que tinham vindo à tona, não chegavam a tres pés de diâmetro. Encontrámos encalhada na praia uma montaria com um remo, que eu tomei emprestada do desconhecido dono, e Lucas me levou entre as nobres plantas, à cata de flores, busca feita sem proveito. Soube depois que a planta é comum em quasi todos os lagos da vizinhança. Os natu-rais chamam-na fôrno-de-piaçoca, porque a forma das fôlhas é parecida com a dos fôrnos de fazer farinha de mandioca. Vimos muitas especies de gaviões e de águias, uma das quais, negra, o caracara-í (*Milvago nudicollis*) estava pousado em robusto galho desfolhado,

---

(302) A piaçoca, conhecida no Nordeste por jaçanã, também conhecida por marrequinha na Bafa e Cafésinho em Mato-Grosso é linda ave da ordem Charadriiformes (*Jacana spinosa jacana*).

(303) O canário da terra, canário-do-Ceará ou gulranhengatã (*Sicalis flaveola*) é pássaro da mesma família do canário-belga (*Fringillidae*).

desafiando suas queixosas notas hipócritas. (304) Esta águia é considerada pelos índios como ave agourenta; pousa muitas vezes no topo das árvores, perto de suas cabanas, e êles dizem que traz o aviso da morte de algum membro da família. Outros dizem que com seus gritos lamurientos atraem outras aves indefesas. O pequeno e corajoso benteví (*Saurophagus sulfuratus*) reúne-se em grupos de quatro ou cinco, e atacam-na desassombradamente, expulsando-a do ramo onde ela pretendia ficar horas inteiras (305). Matei tres gaviões de outras tantas especies diferentes; e êstes, com o magoarí, dois belos jacamares, de um verde dourado, (*Galbula chalcocephala*) e meia duzia de fôlhas da ninfêa, formavam a pesada carga com que voltámos para a canoa (306).

\* \* \*

Alguns anos mais tarde, em 1854-5. passei oito meses em Vila Nova. O distrito do qual é cabeça, é muito extenso, pois conta cêrca de quarenta milhas de extensão linear pelas margens do rio; mas todo ele não conta mais de quatro mil habitantes, sendo mais da metade constituída por índios puro-sangue, que levam vida semi-civilizada nas margens dos numerosos lagos e furos. O comércio do lugar é principalmente de borracha, bálamo de copaíba (apanhados nas margens do Madeira e numerosos rios que deságuam no furo Canomá) e peixe salgado, preparado na época das secas, mais perto de

---

(304) Este gavião é conhecido igualmente por gralhão, cãcã, caracará-preto e uracaçú; seu nome científico é *Daptrius americanus*; é do tamanho de um urubú, com as costas negras, barriga e coxas brancas, cara e garganta nuas, cor de cinábrio.

(305) O nome atual do ben-te-vi é *Pitangus sulfuratus macmillanti*; é um pássaro da família *Tyrannidae*.

(306) Essa ariramba a que se refere Bates é hoje *Galbula albirostris chalcocephala*,

casa. Estes artigos são mandados ao Pará, em troca de mercadorias europeias. As poucas famílias de índios e mestiços, que vivem na cidade, são muitos furos inferiores, em qualidades pessoais e condição social, aos que vivem entre o Pará e Cametá. Moram em taperas de taipa; as mulheres cultivam pequenas roças de mandioca; os homens passam quasi todo tempo vendendo o que sobra e embriagando-se com cachaça, comprada com êsse dinheiro, com a mais exemplar regularidade.

A configuração da região onde está situada Vila Nova é notavel. A cerca de uma milha para o interior começa o rosário de lagos de maior ou menor extensão, reunidos por estreitos furos e que estende para o interior o paraná-mirim de Ramos. Este último comunica com o furo de Canomá, que o liga ao rio Madeira. Todo esse pedaço de terra forma, portanto, uma ilha ou grupo de ilhas que se estendem desde um pouco abaixo de Vila Nova até à boca do Madeira, numa distância de 180 milhas, e com largura que varia de dez a vinte milhas. O distrito é conhecido pelo nome de ilha de Tubinambarana. O Canomá é um derivativo para as aguas do Madeira, quando êste rio está mais cheio que o Amazonas, o que acontece de novembro a fevereiro. Mas recebe também as contribuições de oito outros rios independentes, quasi todos apresentando largas expansões, formando lagoas, perto de sua junção com o Canomá. Um deles, o Andirá-mirim, tem, ao que me disseram, uma legua de largura durante certa extensão, a partir de sua foz. A região marginal destas águas interiores é extremamente fértil, e os amplos lagos são de águas claras e praias arenosas. Abundam em peixe e tartaruga. A região é salubre nas margens do Canomá e durante certo trecho, subindo os seus tributários. Mas em outros pontos das margens destes últimos há febres

intermitentes, como aliás acontece em todos aqueles afluentes do Amazonas, de aguas límpidas e escuras e lenta correnteza. A incidência dessa endemia é um pouco caprichosa, pois se encontra de um dos lados do Andirá-mirim, onde a terra é alta e pedregosa e não ocorre na margem oposta, baixa e alagadiça.

Os velhos historiadores referem que a ilha de Tupinambarana foi colonizada por uma porção da grande nação Tupí ou Tupinambá, que tinha sido escorraçada do litoral pernambucano pelos primeiros colonos portugueses, no século XVI. Penso, contudo, que há motivos para concluir que houve originalmente, em lugares das margens do Amazonas, diferentes tribus, com afinidades mais ou menos estreitas com os Tupís, e que as mesmas tinham frequentes comunicações umas com as outras, antes da vinda dos portugueses. Houve provavelmente muitas migrações parciais quando os aborígenes tinham toda a navegação do Amazonas. Parece-me muito pouco provavel que um grupo compacto de índios tivesse emigrado em massa das costas de Pernambuco para as partes centrais do Amazonas. Como quer que seja, atualmente não se encontra nesse ponto nenhum vestigio de aborígenes tupis. O distrito é escassamente povoado, e os índios, que atualmente aí residem, são hordas esparsas das tribus de Mundurucú, Mura e Maués sendo que se encontram familias semi-civilizadas das duas últimas na cidade ou nos arredores.

Encontrei algumas pessoas muito amáveis e inteligentes entre as familias brancas e mamelucas que residiam em Vila Nova. O vigário, padre Torquato de Sousa, não é inteiramente desconhecido do público europeu, pois foi o guia do príncipe Adalberto da Prússia, quando êste visitou os índios Jurunas do Xingú, fazendo referências ao mesmo na narrativa de sua via-

gem. E' atualmente conspicuo cidadão da nova província do Amazonas, tendo sido, por várias vezes, eleito presidente da Câmara provincial. Como muitos outros naturais do região do Amazonas, prova que um clima equatorial no Novo Mundo não tem necessariamente ação degenerativa sôbre a raça branca. E' homem bem constituído: de estatura acima da média, feições agradáveis, e complexão bela, sadia e robusta. E' pessoa das mais enérgicas e ativas. Quando desembarcámos em Vila Nova pela primeira vez, em 1849, a igreja estava sendo reparada, e como os carpinteiros eram escassos, ele também metera mãos à obra e eu o encontrei, de mangas arregaçadas, serrando e acepilhando, como se sempre tivesse lidado com as ferramentas. Depois do padre Torquato, devo mencionar o senhor Meireles, o homem mais delicado, inteligente e bondoso que encontrei no Brasil. Tinha também um cargo qualquer no Governo, mas seu tempo era tomado principalmente por suas plantações, situadas a umas tres milhas da cidade, para o lado de baixo. Estes dois homens operosos gostavam muito de ler e assinavam regularmente os jornais do Rio de Janeiro. O senhor Meireles gastava boa soma de dinheiro com seus queridos livros, que fazia vir da metrópole, umas duas mil milhas distante. Alguns eram periódicos portuguezes, no plano do *English Penny Magazine*, mas em sua maioria eram traduções de romances, principalmente franceses. Eles circulavam à vontade entre os muitos leitores de Vila Nova. Por ocasião de minha visita "*A Cabana de Pai Tomás*," traduzida para o portuguez, era grande favorito. Observei que o gôsto pela leitura não era absolutamente coisa rara entre a gente melhor das cidades e aldeias do Amazonas. Parece natural ao clima e é desenvolvido por ser esta occupação adequada às horas

quentes e preguiçosas do meio-dia. E' pena que a lingua portuguesa, pela inópia de sua literatura moderna, seja meio tão pobre para adquirir conhecimentos e os livros tão escassos no norte do Brasil. Outra fosse a situação e o povo da Amazônia não estaria condenado ao lamentavel estreitíssimo âmbito de informações que aí se encontram. Há algum tempo se estabeleceu no Brasil um sistema de educação popular, mantido totalmente pelo Governo, e existe uma escola primária para meninos em cada cidadezinha, desde o Pará até às fronteiras do Império. Padre Torquato era o mestre-escola e o vigário de Vila Nova. Tinha uns trinta alunos, de todos os tons de epiderme, do negro e do índio até ao branco puro. Os professores primários, como já disse em capítulo anterior, recebem o mesmo salário dos padres, seicentos mil réis ou cerca de setenta libras anuais; mas têm direito a uma gratificação quando o número de alunos excede certo limite. Em algumas das cidades maiores foram criadas também escolas para meninas. E' muito de desejar que estas se mantenham bem, pois o progresso futuro do povo brasileiro para uma condição social melhor depende em grande parte do aperfeiçoamento da educação de suas mulheres.

Vila Nova, como a maioria das localidades ribeirinhas do rio principal, é muito salubre; é muito mais salubre que Santarém, onde o clima é muito mais seco e mais quente, ou que regiões mais para oeste, onde o ar é abafadiço e parado. O vento, fresco e tonificante, é neutralizado antes de chegar ao rio Negro, mas em Vila Nova, sopra diariamente do começo de setembro ao fim de janeiro, com poucas semanas de intervalo em novembro. O rio, que tem aí duas milhas e meia de largura, faz uma volta fechada de dez ou doze milhas sem ilhas, limitado o horizonte pela fímbria azul de Parintins. A

correnteza, larga e rápida, arrepiada pelo movimento em contrário da atmosfera, e as brisas fortes, são sem dúvida as principais causas da salubridade do distrito. As estações variam consideravelmente. Assim, em 1849, como já referi, o período de sêca e brisa frescas foi excepcionalmente curto e o rio, por conseguinte, não desceu ao seu nível habitual. Em 1854 testemunhei o extremo oposto. A estação chuvosa, de fevereiro a junho, tinha sido muito severa, e as aguas tinham subido ao seu ponto mais alto. Gastámos, nos meses de junho e julho, em barco bem aparelhado, quatorze dias para ir a Santarém, numa distancia de 110 milhas apenas. As correntezas eram muito fortes; todas as terras baixas estavam inundadas, e grandes trechos, plantados de cacau, tinham sido destruidos. Em Vila Nova estava muito quente, abafado e chuvoso até fins de agosto. Chegaram então os abençoados ventos secos e duraram até 20 de novembro, quando o rio alcançou seu nível mais baixo. Nessa data começou uma série de pesadas chuvas, que duraram apenas nove dias, mas o tempo se conservou chuvoso até o fim do ano. A tres de janeiro começou segundo verão, e foi este o tempo mais delicioso. A vegetação que se requemara em novembro, reverdecera com o tempo chuvoso de dezembro e os lugares descampados estavam cobertos por um tapete de verdura, e as enseadas argilosas ou arenosas revestidas de arbustos cheios de flores. Aves e insetos mostravam-se muito mais numerosos e ativos que antes. Apareceu então em grande número uma especie de andorinha de côr parda e curta cauda quadrada (Cotyle), que constroe o ninho em cavidades do barranco sôbre o qual está construida a cidade, e solta, de manhã e ao anoitecer, um canto curto mas doce. O vento Leste recomeçou. A princípio soprou suavemente, mas foi

aumentando de fôrça de dia para dia, à medida que o tempo se tornava mais secco. E com isto sobreveio denso nevoeiro, fenómeno raro nessa localidade, mas que observei ser de occurrência regular nas partes centrais do baixo Amazonas, quando a estação sêca era muito prolongada.

Durante as tres semanas seguintes o tempo se conservou quasi uniforme. As madrugadas surgiam com céu escampo, soprando forte brisa, levantando as águas em ondas encapeladas, penetrando em nossas casas e communicando ao corpo excitação sadia e alegre. Quando subia o sol, formava-se uma névoa luminosa nas camadas inferiores da atmosfera; à tarde essa névoa se tornava mais densa e uma hora antes do crepúsculo o sol era obscurecido, e não mais produzia esse calor doentio que, durante o resto do ano, torna as últimas horas da tarde tão depressivas. Uma ou duas horas depois do pôr do sol o nevoeiro se dissipava novamente e as noites eram estreladas e deliciosamente frescas. Cada dia o nevoeiro aumentava de densidade, até que em começo de fevereiro denso veu úmido envolvia a paisagem dia e noite.

O vento passou a rajada; todos os barcos que navegavam no rio procuravam abrigo; e quando o paquete mensal, de quatrocentas toneladas de arqueamento, ancorou no porto, subia e descia como eu vira succeder com os navios em Southampton nos dias de ventania. Isso durou tres dias, ao cabo dos quais o vento de súbito acalmon, nuvens negras se amontoaram no oriente, o nevoeiro desceu como uma cortina, e chuva torrencial inaugurou a estação das chuvas.

\* \* \*

Nessa segunda visita a Vila Nova fiz grande coleção de produtos naturais dos arredores. Bastam, po-

rém, algumas notas a respeito dos mais interessantes. Por seu aspecto geral, as matas são muito diferentes das do Pará, bem como, de modo geral, das dos distritos úmidos do Amazonas. Notava-se aqui, como em Óbidos, a mesma escassez de plantas Musáceas e Marantáceas, de grandes fôlhas. As areas baixas da mata, ou igapós, que alternam com os distritos mais elevados, não fornecem a mesma luxuriante vegetação que se observa no delta do Amazonas. São inundadas durante tres ou quatro meses do ano e, quando as águas se retiram, o solo — ao qual ténue camada de deposito aluvial dá pouca fertilidade — fica nú ou coberto de um lençol de folhas mortas até à proxima inundação. Estes pontos apresentam, portanto, aspecto de esterilidade; os troncos e ramos baixos das árvores ficam cobertos de lama seca, e desfigurados por massas de esponjas de água doce, cujas longas espículas córneas lhes dão a apparencia de porcos-espinhos. Densas touceiras de capim duro e cortante, chamado *tiririca*, (307) formam quasi que a unica vegetação fresca durante a época das secas. Talvez que a sombra densa, o longo período durante o qual a terra fica inundada, o dessecamento excessivamente rápido, quando a água se retira, contribuam para a esterilidade desses igapós. A terra mais alta e mais seca é sempre arenosa, e capins altos e robustos limitam os lados das largas estradas abertas entre os capoeirões. Esses lugares fervilham de carrapatos, que sobem às pontas das folhas de capim e se agarram às roupas da gente. São grande incômodo. Eu gastava por dia uma hora inteira a tirá-los de meu corpo, depois dos meus passeios diurnos. Há duas es-

---

(307) A designação vulgar de *tiririca* é dada no Brasil a várias Ciperáceas, especialmente às espécies do género *Scleria*; na Amazônia são *Scleria reflexa* e *Scleria tenacissima*; no Rio de Janeiro é *Scleria brasiliensis*.

pécies; ambas são de corpo muito achatado, com quatro pares de patas, tromba curta e grossa e tegumento corneo. Costumam prender-se à pele, enfiando a tromba, e então sugam sangue até que o corpo tome aspecto globuloso. Isso, porém, é muito lento, e êles levam alguns dias para encher-se de sangue. Não se sente dor ou coceira, mas formam-se feridas sérias, se não se tem cuidado ao tirá-los, pois a tromba facilmente se quebra e fica na ferida. Aplica-se geralmente um pouco de infusão de tabaco, para fazê-los soltar. Eles não se agarram firmemente à pele com as patas, embora sejam todas providas de um par de garras finas e pontiagudas, presas às pontas dos tarsos por meio de um pedículo flexível. Quando sobem à ponta das fôlhas finas do capim, agarram-se somente com as patas anteriores, ficando os tres outros pares estendidos, para prenderem-se a qualquer animal que por aí passe. A menor das duas espécies é de um tom amarelado e muito mais abundante, caindo às vezes às duzias em cima da gente. Quando distendida é mais ou menos do tamanho de um grão de chumbo N.º 8; a maior, que felizmente trabalha sosinha, chega ao tamanho de uma ervilha.

Em algumas partes do interior o solo é formado de areia muito grosseira e pequenos fragmentos de quartzo; aí não crescem árvores. Visitei, em companhia do vigário, padre Torquato, um destes sítios sem árvores, ou campos, como se chamam, situado a cinco milhas da vila. A estrada, que aí ia ter, atravessava uma mata bella e variada, contendo muitas árvores gigantescas. Faltavam o assaí, o merití, a paxiuba e outras palmeiras que só se encontram nos solos mais ricos e úmidos, mas a nobre bacaba não era rara, e havia grande diversidade de especies anãs de palmeiras marajás (*Bactris*), uma das quais, chamada peuririma (Fig. 24), era muito ele-

gante, atingindo uma altura de 12 a 15 pés, e cuja estipe não era mais grossa que um dedo humano. Chegando ao campo, toda essa bela floresta cessava de repente, e vimos diante de nós um trecho de terra oval, de tres ou quatro milhas de perímetro, destituída até de pequenos arbustos. A unica vegetação era constituida por um capim piloso, que crescia em touceiras. A floresta formava completo caixilho em tórno dêsse campo isolado, e sua orla era composta, em grande parte, por árvores que não crescem no denso da mata virgem, tais como grande variedade de Melastomáceas arbustivas, pequenas árvores de Byrsonima, mirtáceas e árvores-laere, cujos frutos exsudam glóbulos de cera, parecendo goma-guta. (308) Nas margens do campo cresciam em grande quantidade ananases selvagens. O fruto tinha o mesmo aspecto da especie cultivada, mas muito menor, seu tamanho apenas excedendo o de uma maçã de tamanho médio. Colhemos alguns bem maduros; eram de sabor agradável, mas tinham grande número de sementes, e pequena quantidade de polpa comestivel, que lembrava a do verdadeiro abacaxí. Não havia caminho além do campo, pois tudo isso era terra incógnita para os habitantes de Vila Nova.

O único mamal interessante que vi em Vila Nova foi um macaco de especie nova para mim; mas não era natural do distrito, tendo sido trazido, por um negociante, do rio Madeira, algumas milhas acima de Borba. Era um guariba, provavelmente o *Mycetes stramineus* de Geoffroy St. Hilaire. (309) São apanhados com pre-

---

(308) *Vismia guyanensis* (e outras espécies do mesmo gênero), planta da familia das Gutíferas.

(309) O nome específico *stramineus* foi dado por Spix, para o mesmo mono que Geoffroy de Saint-Hilaire chamou mais tarde

quência, mas não resistem ao cativeiro muitas semanas, sendo os únicos macacos que os nativos não conseguiram amansar. O exemplar de que estou falando, não era ainda adulto. Tinha umas 16 polegadas de comprimento, fora a cauda; o corpo todo era coberto de longo pelágio branco-sujo, só os bigodes e a barba sendo de um tom aleonado. Era conservado em casa, junto com um coaitá e um cauarara (*Cebus albifrons*). Estes dois membros da ordem dos monos pareciam querer chamar a atenção mas o *Mycetes* se escapulia, quando alguém dele se aproximava. Logo que cheguei, soltou, acidentalmente, seu rugido pela madrugada. O grande volume da voz dos guaribas, como é bem sabido, é devido a uma expansão ventricosa da laringe. Era curioso observar o animal, quando emitia o seu grito cavernoso e ver o pouco esforço muscular empregado. Quando se vêem guaribas na mata, estão sempre em grupos de tres ou quatro, trepados nos ramos mais altos das árvores. Não parece que seu ronco seja emitido por súbito alarma; pelo menos não era assim nos individuos em cativeiro. E' provavel, porém, que o ruido sirva para amedrontar os inimigos. Não encontrei o *Mycetes stramineus* em nenhuma outra parte da região amazônica; nos arredores do Pará predomina uma especie de colorido avermelhado (*M. belzebuth*); nos estreitos furos pertos de Breves matei uma especie grande, inteiramente negra; outra especie de mãos amarelas habita a ilha de Marajó, dizem os naturais, e é provavelmente o *M. flavimanus* de Kuhl; um pouco acima do Tapajós o unico bugio que se encontra é uma especie negro-brunete; e no Alto-Amazonas a única especie encontrada

---

*chrysurus*. A maioria dos autores considera o *Mycetes stramineus* como o mesmo *Alouatta seniculus*, mas H. von Ihering considera a especie *Alouatta straminea* boa especie.

era o *Mycetes ursinus*, de pelágio de côr vermelho-amarelada brilhante. (310)

Nas matas secas de Vila Nova vi pela primeira vez a cascavel. Certo dia, voltava para casa por estreita vereda, quando ouvi um chocalhar perto de mim. Próximo havia robusta palmeira, cuja copa estava sobrearregada de plantas parasitas, e pensei que o ruído fosse sinal de que estava a pique de cair. O vento cessou durante alguns momentos, e não havia dúvida que o ruído vinha do chão. Voltando a cabeça naquela direção, brusco salto me encheu de susto, e pesado movimento de reptação mostrou grande serpente, que saía quasi debaixo de meus pés. Os moradores de Vila Nova não quizeram acreditar que eu tivesse visto uma cascavel ali perto. De fato não era conhecida sua ocorrência na mata, sendo ela própria dos campos, onde, perto de Santarém, matei várias. Em minha segunda visita a Vila Nova vi outra. Eu tinha então um cãozinho favorito, chamado Diamante, que costumava acompanhar-me em meus passeios. Certo dia ele entrou numa moita, e acuou grande serpente, cuja cabeça eu via se elevando acima das ervas. O imprudente bichinho aproximou-se muito dela e a serpente então sacudiu levemente a cauda, em direção horizontal, e fez soar seu terrível chocalho. Passaram-se muitos minutos antes que eu conseguisse afastar o cão; e este incidente, como o que eu já contei, mostra como o reptil é lento em dar o bote fatal.

Eu era muito molestado pelos urubús, e ao mesmo tempo me divertia a observá-los. Os portugueses chamam-nos corvos, com os quais se parecem na côr e no

---

(310) Cabrera considera para a Amazônia apenas, duas espécies válidas; *Aloouatta seniculus* e *Aloouatta belzebul*, com o que concorda H. von Ihering.

aspecto geral, mas são muito maiores e têm a pele da face e da garganta nua, negra e engelhada. Reunem-se em grandes bandos nas aldeias, no fim da estação chuvosa, sendo então de terrível voracidade. Meu cozinheiro não podia deixar um só minuto a cozinha, que funcionava em telheiro fora da casa, quando o jantar estava no fogo. Alguns deles estavam sempre andando pela vizinhança, à espera de uma oportunidade, e no instante em que a cozinha era deixada desguarnecida, os atrevidos ladrões entravam e levantavam as tampas das caçarolas com o bico, para roubar o conteúdo. Os meninos da aldeia ficavam à espera, e matavam-nos com arco e flecha; e os abutres criaram tal medo dessas armas, que geralmente eram espantados, pendurando-se um arco nos barrotes da cozinha. Quando a estação seca avança, os bandos de urubús acompanham os pescadores aos lagos, onde se fartam com os rebutalhos das pescas. Em fevereiro voltam para as vilas, mas então não se mostram tão vorazes como antes de sua viagem de verão.

Os insetos de Vila Nova são, na maioria, os mesmos de Santarém e do Tapajós. Aí se encontram, contudo, algumas espécies que não se vêem em outras partes da Amazônia, além de muitas mais que podem ser consideradas como variedades ou raças locais de espécies encontradas no Pará, na margem norte do Amazonas ou em outras partes da América tropical. Os Himenópteros eram particularmente numerosos, como sempre acontece nos distritos de solo arenoso: mas muitos fatos interessantes, referentes a seus costumes, serão mais convenientemente considerados quando tratar das mesmas ou de espécies afins, encontradas nas localidades acima referidas. Um dos insetos mais notáveis, peculiares a Vila Nova, é uma borboleta extraordinariamente

formosa, que foi chamada *Agrias phaleidon*. É de grande porte e as côres da face superior das asas são semelhantes às de *Callithea leprieurii*, já descrita, isto é, azul escuro, com uma larga orla verde-prateada. Quando pousa nas fôlhas das árvores a quinze ou vinte pés de altura acima do solo, cerra as asas e então exhibe uma fila de manchas oceliformes com pupilas brancas, que ornâ sua face inferior. Seu vôo é excessivamente rápido, mas quando está em repouso, não é com facilidade que a fazem mover-se do lugar, e, quando enxotada, volta logo depois ao mesmo sítio. Sua semelhança superficial com *Callithea leprieurii*, que é uma espécie muito abundante na localidade, é muito estreita. Esta semelhança poderia ser considerada mera coincidência acidental, especialmente porque se refere principalmente à face superior das asas, se não ocorressem semelhanças paralelas entre outras espécies dos dois mesmos gêneros. Assim, no Alto Amazonas, outra espécie totalmente diversa de *Agrias* mimetiza ainda mais estreitamente outra *Callithea*, ambos os insetos sendo peculiares ao distrito onde se encontram voando juntas. Semelhanças desta natureza são muito numerosas no mundo dos insetos. Deparei com muitos deles no curso de minhas viagens, especialmente quando, passando de um distrito para outro, encontrava variedades locais de certas espécies, acompanhadas por variedades locais das espécies que as imitavam na primeira localidade, sob roupagem modificada para corresponder à libré modificada da espécie que mimetizavam. A gente não pode deixar de concluir que estas imitações sejam intencionais, e que a natureza tenha algum motivo em sua produção. Em muitos casos a razão da imitação é suficientemente clara. Tal, por exemplo, quando uma mosca ou uma abelha parasita tem semelhança enganadora com a es-

pecie de abelha diligente, em cujo ninho vai depositar os ovos o que de outra maneira não seria conseguido; ou quando uma aranha Tomísida, quando fica à espreita na axila de uma fôlha, à espera da prêsa, apresenta imitação exata de um botão de flor. E' evidente em tais casos que o proveito da especie imitadora é o fim que tem em vista. Quando, porém, um inseto mimetiza outra espécie de sua ordem, na qual não entram em cogitação hábitos predadores ou parasitários, não é tão facil adivinhar o motivo preciso da adaptação. Podemos estar seguros, entretanto, que um dos dois se assemelha ao outro em seu aspecto externo para algum fim util à especie, talvez mesmo de importância de vida ou de morte. Acredito que tais imitações sejam da mesma natureza que aquelas em que um inseto ou um lagarto apresenta o colorido ou o desenho que o faz assemelhar-se ao solo, à fôlha, à cortiça em que vive: — semelhança servindo para esconder a criatura dos animais de rapina seus inimigos; ou, se são espécies predadoras, servindo como disfarce que lhes permita aproximarem-se de sua prêsa. Quando um inseto, em vez de imitar as coisas mortas ou as substâncias inorgânicas, mimetiza outra especie de sua ordem, da qual não é parasita nem predadora, não se pode deduzir que o imitador está sujeito a uma perseguição pelos animais insetívoros, de que está livre o seu modelo? Muitas especies apresentam semelhança extraordinária com as fôlhas vivas ou mortas; admite-se geralmente que isto serve para protegê-las dos assaltos dos animais insetívoros que devorariam o inseto mas recusam a fôlha. O mesmo se poderia dizer de uma especie mimetizando outra da mesma ordem; uma pode ser tão repugnante para o paladar dos perseguidores de insetos, como seriam uma folha ou um pedaço de casca, e seu imitador, não gozando de tais vantagens

poderia escapar tendo semelhança externa enganadora. No caso presente, não é muito claro qual a propriedade que possui *Callithea* para torná-la menos exposta à perseguição do que as *Agrias*, a não ser um perfume ativo, lembrando o da baunilha, de que *Agrias* é desprovida. Este cheiro se torna muito forte quando o inseto é agarrado bruscamente ou beliscado e se serve de proteção a *Callithea*, explicaria porque *Agrias* imita as suas côres. A semelhança, como já fiz notar, aplica-se principalmente à face dorsal; em outras espécies (*Agrias hewitsonius* e *Callithea markii*) a semelhança é muito estreita em ambas as faces. Algumas aves e as grandes libélulas *Aeschnae* agarram as prêsas no vôo, quando a face dorsal é a mais visível. (311)

Nas largas aléas da floresta onde se encontram estes formosos insetos, são comuns varias espécies de *Morpho*. Uma destas espécies é a forma irmã da *Morpho hecuba*, que já mencionei como sendo de occorrença comum em Óbidos. A espécie de Vila Nova difere de *hecuba* o suficiente para ser considerada como espécie distinta, e foi descrita sob o nome de *M. cisseis*, (312) mais é cla-

---

(311) As *Agrias* são lindíssimas borboletas da família Nymphalidae, geralmente voando a grandes alturas e muito esquivas, tres particularidades que as tornam muito apreciadas dos colecionadores, e de algumas espécies vendem-se os exemplares por muitas centenas de cruzeiros. Em *Agrias phalaedon* as asas são de centro negro e azul marinho escuro, ora predominando uma, ora outra dessas duas côres; tanto as asas anteriores como as posteriores são orladas de uma faixa de colorido verde acinzentado; é espécie própria do Tapajós e do Xingú. *Agrias hewitsonius* descoberta e descrita por Bates é uma das mais lindas: as asas anteriores têm a base côr de laranja, seguindo-se um negro que passa insensivelmente a um azul escuro intenso, e a orla é azul purpúrea; o ápice e a borda externa são negros, tendo o ápice uma faixa cinzenta, composta de placas divididas pelas nervuras; as asas posteriores são negras com a base castanha-escura com laivos amarelos.

(312) *Morpho cisseis* é simples forma geográfica de *Morpho hecuba* e habita a margem direita do Amazonas, até aos rios Javari, onde é denominado *M. hecuba phanodemas*, por ter côr esverdeada em vez de azul. O que em *M. hecuba* é laranja em *M. cisseis* é azul.

ramente apenas uma variedade local da mesma, a distribuição das duas estando separada pela barreira do largo Amazonas. É uma maravilha ver estas borboletas colossais às duas e tres, planando a grande altura no ar tranquilo de uma manhã tropical. Só bātem as asas com grandes intervalos, pois eu as vi percorrer distâncias muito consideráveis sem um abalo. Os seus músculos alares e o torax são muito fracos, em comparação com o grande tamanho e peso das asas; mas a larga expansão desses membros sem dúvida ajuda o inseto a manter seu curso aéreo. As *Morphos* se contam entre os mais vistosos habitantes das florestas tropicais americanas, e as grandes clareiras das matas de Vila Nova, pareciam especialmente preparadas para elas, pois aí observei seis espécies. Os maiores exemplares de *Morpho cisseis* medem sete polegadas e meia de envergadura. Uma outra especie menor, que não consegui capturar, era de azul prateado claro, e a superficie polida das asas brilhava como espelho de prata, quando o inseto batia as asas ao sol, em grande altura.

Para resumir nossa viagem. Deixámos Vila Nova a 4 de dezembro. Leve brisa do dia 5 levou-nos à margem oposta, e passámos a boca do Paraná-mirim do Arco, assim chamado por ser curto braço do rio principal, formando uma curva, tornando a entrar no Amazonas pouco além de Vila Nova. No dia 6, depois de passar grande ilha do meio do rio, chegámos ao ponto onde uma linha de barrancos de argila, chamados Barreiros de Cararaucú, faz leve diversão ao curso do rio, como em Óbidos. Pouco abaixo desses barreiros há algumas casas. Aí ficou Pena dez dias, negociando, demora que aproveitei para aumentar consideravelmente minhas colleções.

Na primeira casa havia festa. A ancorámos a alguma distância da praia porque aí havia baixios. Muito de manhã cedo chegaram tres canoas, carregadas de peixe salgado, óleo de peixe-boi, galinhas e bananas, gêneros que os donos pretendiam trocar por artigos precisos para a festa. Logo depois desembarquei. O anfitrião era um tapuio alto, bem feito, civilizado, chamado Marcelino, que, com a esposa, uma índia velha, magra, nervosa e diligente, fazia as honras da casa admiravelmente. A sociedade era formada por cinquenta ou sessenta índios e mamelucos; alguns sabiam o português, mas o tupí era a única língua usada entre eles. A festa era em honra de Nossa Senhora da Conceição. Quando souberam que Pena tinha a bordo uma imagem da santa, mais bonita que a sua, foram nas canoas buscá-la. Marcelino tomou conta da imagem, cobrindo-a cuidadosamente com uma toalha branca, caprichosamente bordada. Ao desembarcar com a imagem, formou-se uma procissão do porto para a casa, dando-se as salvas com duas espingardas lazarinas, e depois a santa foi posta, com toda devoção, no oratório da família. Cantou-se à noite a ladaíinha, seguida de cânticos, e todos se reuniram para cear, sentando-se em tórno de grande esteira, posta no terceiro em frente de casa. O repasto consistiu de grande pirarucú, pescado de manhã para esse fim, tartaruga cozida e assada, montões de farinha de mandioca e bananas. A velha dona da casa, com as duas filhas moças, mostravam a maior diligência em atender aos convidados. Marcelino estava de pé, observando cuidadoso o que faltava e dando as ordens necessárias à mulher. Terminado o repasto, começaram a beber, e logo depois tiveram início as danças para as quais fomos convidados Pena e eu. Serviu-se principalmente uma bebida fermentada, obti-

da pela destilação de bôlos de mandioca. As danças eram todas do mesmo tipo, isto é, diversas variedades de *landum* (313), dança erótica, semelhante ao fandango, que primitivamente tinham aprendido com os portugueses. A música consistia de duas violas de cordas de arame, tocadas alternadamente pelos rapazes. Tudo se passou muito pacificamente, tendo-se em vista a quantidade de bebida alcoólica forte que bebiam, e o baile durou até à madrugada do dia seguinte.

Visitámos sucessivamente todas as casas. Uma delas estava situada em recanto encantador, com larga praia arenosa em frente, na entrada do paraná-mirim do Mucambo, canal que leva a um lago interior, povoado por selvagens da tribo Mura. Parecia ser a residência de família trabalhadora, mas todos os homens estavam ausentes, salgando pirarucú nos lagos. A casa, como as vizinhas, era simplesmente um entrançado de varas, coberta de fôlhas de palmeiras, as paredes formadas de um gradeado, entaipado de barro; mas era maior e muito mais limpa, internamente, do que as outras. Estava cheia de mulheres e crianças, ocupadas o dia inteiro em seu afazeres. Algumas teciam redes em grande bastidor grosseiro, que sustentava o cordume, enquanto a lançadeira era passada à mão nos seis pés de largura do tear. Outras fiavam algodão e outras raspavam, prensavam e coziavam mandioca. A família lavrara e cultivava uma grande área de terreno; o solo era de extraordinária riqueza, como mostrava uma camada de terra vegetal de muitos pés de altura, que se via nas margens perpendiculares do rio. Havia gran-

---

(313) Deixamos no texto como está no original; são os *lundús*, cantigas muito em moda no tempo do império, e às quais se referem, ora com gabos, ora escandalizados, os viajantes que nos visitaram.

de plantação de tabaco, além das roças habituais de milho, cana de açúcar e mandioca; cercava a casa um quintal com algodoeiros, cacau, café e arvores frutíferas. Passámos aí duas noites ancorados nas aguas rasas da bahia. O tempo era mais belo e bandos de golfinhos brincavam a noite toda em tórno da canoa.

Aí vi, pela primeira vez, a especie côr de carne (*Delphinus pallidus* de Gervais?) (314), que sempre nada aos pares, sendo os dois individuos da mesma côr.

Durante o dia a praia fervilhava de pequenas cicindelas (*Cicindela hebraea* de Klug), que se elevavam, como enxame de moscas domésticas, diante de nossos passos, quando por aí passeávamos. A gente não as percebe facilmente porque são de côr semelhante à da areia úmida, sôbre a qual correm. Guardo agradável lembrança dessa praia arenosa, por ter aí observado, pela primeira vez, subindo o rio, uma das mais lindas de muitas formosas borboletas que se encontram exclusivamente no interior do continente sul-americano, a *Papilio columbus*. E' branca, levemente amarelada, orlada de negro, e tem uma mancha carmezim perto da base de seus longos prolongamentos caudiformes. Encontrei na mata, entre uma multidão de outros belos e curiosos insetos, outra espécie do mesmo género, que era nova para mim, a *Papilio lysander*, notavel pelo contraste de côres de sua roupagem: — manchas carmezins e verde-azuladas em fundo negro. Este vistoso inseto pode ser citado como oferecendo outra illustração do modo pelo qual as espécies tão comumente se modificam, de acordo com as diferentes localidades que habitam. Encontra-se *P. lysander* no interior da região amazônica, desde Vila Nova ao Perú, e também nas Guianas

---

(314) Veja-se a nota n.º 189.

inglesa e holandesa. Na região do delta do Amazonas é substituída por uma forma que foi descrita como espécie distinta, a *Papilio parsodes* de Gray. Encontram-se na Guiana Francesa, porém, numerosas variedades intermediárias entre as duas, de maneira que somos compelidos e considerá-las como modificações locais da mesma espécie. A diferença entre as duas formas locais é muito leve e muitos naturalistas, só por isso, as consideram como pertencendo à mesma espécie; mas os numerosos tons intermediários observados demonstram quantos graus são possíveis mesmo entre duas variedades locais de uma espécie. De facto, os passos de modificação observados são excessivamente pequenos e numerosos em todos aqueles casos em que se pode traçar a filiação de raças ou espécies; e esta circunstância pode ser tomada como confirmando a verdade do axioma "*Natura non facit saltum*", que foi impugnada por alguns autores.

A umas duas milhas desta praia arenosa estava a miserável morada de uma família de índios Mura, a tribo mais degradada que habita as margens do Amazonas. Estava situada na praia de graciosa enseada, antes do começo dos barreiros altos. Com exceção de uma touceira de bananeiras, não havia árvores frutíferas ou qualquer plantação em roda da casa. Vimos aí varios acarás de grande tamanho, com a cabeça e ombros acima do nível da água. A casa era simples telheiro de folhas de palmeiras, mal sustentadas sobre um engradado de ripas e postes fracos, amarrados com lianas flexíveis com as paredes em parte entaipadas com barro. Uma porta baixa dava entrada a uma câmara escura; o chão de terra batida era extremamente sujo: e em úmido recanto vi dois grandes sapos cujos olhos brilhavam na obscuridade. O mobiliário consistia em alguns tambó-

retes baixos; não havia esteira e a rede era um trançado grosseiro de fitas da entrecasca da mongubeira. Arcos e flechas pendiam dos caibros esfumaçados. Uma mulher feia, vestida com saia grosseira e tendo uma criança escanchada no quadril, estava acocorada junto do fogo, assando a cabeça de grande peixe. O marido estava ocupado a entalhar pedaços de bambú para pontas de flecha. Ambos pareceram desconcertados com a nossa entrada repentina; não obtivemos senão respostas breves e descortezes a nossas perguntas, e por isso nos sentimos satisfeitos em partir.

Cruzámos o rio nesse ponto, e entrámos por estreito furo, que penetra no interior da ilha Tupinambarana, e leva a um cordão de lagoas, chamadas Lagoas de Cararaucú. Junto à costa há furiosa corrente, que vai comendo as praias barrentas, e atravancando o rio com restos da floresta. A boca do canal fica a vinte e cinco milhas de Vila Nova; a entrada tem apenas cerca de quarenta jardas de largura, mas se expande, pouco mais para dentro, em grande lençol d'água. Sofremos terrivelmente com a praga dos insetos, durante as vinte e quatro horas que demorámos aí. À noite era impossível dormir com os mosquitos; caíram em cima de nós aos miríades, e sem muito zumbido, vinham diretos aos nossos rostos, em bandos densos como as gotas de chuva num temporal. Os homens meteram-se dentro dos camarotes, de onde procuraram espantar a praga com o fumo de trapos queimados, mas isso foi de pouco proveito, pois ficámos quasi sufocados pela operação. Durante o dia a motuca, mosca muito maior e mais formidável que o mosquito, insistia em cobrar sua taxa de sangue. Tínhamos sido atormentados por ela durante alguns dias, mas esse lugar parecia a sua metrópole.

A espécie foi descrita por Perty (315) o autor da parte entomológica das viagens de Spix e Martius, com o nome de *Hadrus lepidotus*. (316) Pertence à família Tabanidae, e efetivamente é muito afim de *Haematopota pluvialis*, mosca parda que se encontra na orla das florestas, durante o verão, na Inglaterra. A motuca é de colorido negro-bronzeado; a tromba é formada de um feixe de lancetas córneas, mais curtas e mais largas do que o comum na família a que pertence. Sua picada não produz muita dor, mas faz na pele ferida tão larga que o sangue escorre em pequeno regato. Voavam em tórno da canoa, em grandes bandos, durante o dia todo e às vezes oito ou dez pousavam ao mesmo tempo no tornozelo da gente. E' de movimentos preguiçosos e, quando pousada, pode ser facilmente morta com os dedos. Pena seguiu adiante, na montaria, para as estações de pesca do pirarucú, num lago situado mais terra a dentro; mas não conseguiu chegar até lá, devido à extensão e intrincado dos furos, de modo que, depois de perdermos um dia, durante o qual, contudo, fiz proveitoso passeio na mata, cruzámos novamente o rio, e a 16 continuámos nossa viagem pela margem norte.

Os barreiros de Cararaucú têm várias milhas de extensão. Os leitos duros, vermelhos e róseos, são aqui extremamente espessos e, em alguns pontos, apresentam textura compacta, quasi como pedra. A altura total da barreira é de trinta a sessenta pés acima do nível médio do rio, e o barro repousa sobre estratos do mes-

---

(315) José Antonio Max Perty nasceu em Ohrbau, na Média Franconia em 1804; foi grande entomólogo, tendo descrito os Artrópodes colhidos por Spix e Martius em sua viagem, no livro "Delectus animalium articulorum quas in itinere per Brasiliam colligerunt Spix et Martius". Morreu em Berna em 8 de agosto de 1884.

(316) O nome atual desta mutuca é *Lipiselaga crassipes*.

mo conglomerado grosseiro, cimentado de ferro, ao qual tantas vezes me tenho referido. Destacaram-se grandes blocos deste último, e rolaram pela força das correntes até às partes da barreira onde os vimos repousando sobre terraços de argila. Por cima de todos há um leito de areia e terra vegetal, que sustenta soberba floresta, crescendo à beira do precipício. Depois de passar por estes barreiros, continuámos nossa viagem ao longo de costa baixa e desabitada, revestida, nos pontos em que se ergue acima do nível mais alto das águas, da costumeira floresta de côres vivas das terras mais altas do igapó, a que as frondes largas e regulares da palmeira murumurú, aí extremamente abundante, serviam como formosa decoração (317). — Nos pontos em que a terra era mais baixa do que o nível máximo das inundações do Amazonas, prevaleciam as imbaúbas, às vezes esparsas entre moitas de capim alto, de fôlhas largas, que cercava as lagoas rasas, cheias de aves aquáticas. Os jacarés eram muito comuns em quasi todas as partes das praias. Em alguns pontos vimos pequenos bandos de capivaras (grande roedor, parecendo colossal porquinho da India) entre as ervas da margem, nas praias lamacentas, e aqui e ali grupos do gracioso macaco esquilo (*Crysothrix sciureus*) e do esperto çaiarara (*Cebus albifrons*), apareciam aos saltos de uma árvore para outra (318). A 22 passámos a foz do mais oriental dos numerosos canais que levam ao grande lago interior de Saracá, e a 23 percorremos uma serie de pas-

---

(317) *Astrocaryum murumuru* Mart.

(318) O çaiarara é o *Cebus gracilis*; o macaco esquilo de Bates é o belo macaco-de-cheiro ou boca preta, que alguns antigos naturalistas chamavam sapajú-aurora, e que, por sua larga distribuição no continente americano, em toda a bacia do Amazonas, recebeu vários nomes comuns; seu nome científico é *Saimiri sciureus*; é um macaquinho cinzento-claro, cara côr de carne e uma orla negra em tórno da boca.

sagens entre ilhas, onde vimos novamente habitações, a noventa milhas da última casa de Cararaucú. No dia 24 chegámos a Serpa.

Serpa é pequena aldeia, formada por umas oitenta casas, assentadas num montado vinte e cinco pés acima do nível do rio. Os leitos de tabatinga, que aqui se misturam a um conglomerado que parece de escórias, são em alguns pontos do declive, de côres variegadas; o nome da cidade, em língua tupí, Itacoatiara, tira sua origem dessa circunstância, pois significa pedra pintada ou listrada. E' velho burgo, e já foi séde do governo que tinha jurisdição sôbre a Barra do Rio Negro. Em 1849 era uma aldeia em ruínas, mas depois reviveu, por ter sido escolhida pela Companhia de Navegação a Vapor do Amazonas como estação de serrarias a vapor e fábrica de telhas. Chegámos na véspera de Natal, quando a cidade apresentava animado aspecto, pelo número de pessoas que se tinham reunido para os dias santos. O porto estava cheio de canoas, grandes e pequenas, desde a montaria, com seu toldo arqueado de lianas entretecidas e fôlhas de Maranta até à coberta de dois mastros do negociante bufarinheiro, que aí fundeara na esperança de negociar com os colonos, vindos de sítios remotos para esperarem pela festa. Ancorámos junto a uma igarité, cujo dono era velho índio jurí, desfigurado por grande mancha negra, de tatuagem, no meio do rosto, e pelos cabelos cortados rente, exceto uma franja da testa. À tarde fomos à terra. A população parecia consistir principalmente de índios semi-civilizados, vivendo, como de costume, em cabanas de taipa não acabadas. As ruas eram irregulares, cobertas de capim e de arbustos cheios de micuins, pequeninos ácaros escaurates, que, varridos pela roupa de quem passa, se agarram à pele em grande número e causam a mais

desagradavel coceira. Os poucos brancos e os mamelucos de classe melhor vivem em casas mais confortaveis, caia-das e cobertas de telhas. Todos, homens e mulheres, mais cordiais e, ao mesmo tempo, mais grosseiros de maneiras que os outros brasileiros que eu até agora conhecera. Um deles, Capitão Manuel Joaquim, que conheci muito tempo depois, era homem vivo, inteligente e de bom coração, que adquirira, em todo o interior, fama de generoso e de ser grande amigo dos residentes estrangeiros e dos viajantes desgarrados. Alguns dêstes excelentes moradores eram pessoas de recursos, donos de barcos de comércio, escravos e extensas plantações de cacau e de tabaco.

Parámos em Serpa cinco dias. Algumas das cerimônias observadas no Natal eram interessantes, embora fossem as mesmas, com pequena modificação, das ensinadas pelos Jesuítas missionários, há mais de século, às tribus aborígenes que tinham induzido a fixar-se nesse lugar. De manhã todas as senhoras e raparigas, com blusas de cambraia branca e saias de chita vermelha, vieram em procissão à igreja, dando primeiro uma volta pela cidade para buscar os diferentes mordomos, cujo ofício é auxiliarem o Juiz da festa. Tais mordomos usavam grandes varas brancas, enfeitadas de fitas de côr; várias crianças acompanhavam a procissão, grotescamente ataviadas. Vinham adiante tres índias velhas, carregando o sairé: — grande moldura semicircular, coberta de algodão, cheio de enfeites, cascos de espelho, etc. Dançavam acima e abaixo, cantando todo tempo um hino monótono e triste, em língua tupí. De vez em quando voltavam-se para os acompanhantes, que paravam por alguns minutos. Disseram-me que êste sairé foi um estratagemma dos Jesuítas para atraiem os selvagens para a igreja, pois estes seguiam por toda a parte os espelhos,

nos quais achavam que as próprias pessoas se refletissem por magia. À noite generalizou-se por toda parte alegre algazarra. Os negros que têm um santo de sua côr, S. Benedito, faziam sua festa em separado, passando a noite inteira cantando e dançando com a música de um comprido tambor, o gambá, é do caracaxá (319). O tambor era um tronco ôco, com uma das extremidades coberta de pele, e era tocado pelo músico que ficava escanchado em cima dele e batia na pele com os nós dos dedos. O caracaxá é um tubo de bambú, cheio de dentes, que produz som rascante, quando se esfrega uma vara dura sôbre os dentes. Nada podia exceder em triste monotonia esta música, bem como o canto e a música que se prolongavam sem esmorecimentos pela noite a dentro. Os índios não conseguiam dançar, pois os brancos e mameucos monopolizaram todas as raparigas bonitas para os seus bailes e as velhas índias preferiam ficar espiando a tomar parte nelas. Alguns maridos se juntaram aos negros, embriagando-se rãpidamente. Era divertido ver como os índios, naturalmente taciturnos, se tornam palradores sob a ação da bebida. Os negros e índios desculpavam-se de sua intemperança dizendo que os brancos se estavam embriagando na outra extremidade da vila, o que era verdade.

A floresta, que invade as extremidades das ruas cheias de mato, forneceu grande número de interessantes insetos, alguns dos quais foram descritos no capítulo anterior. A terra elevada, na qual está construída a cidade de Serpa, parece ser porção destacada da *terra firme*. Atrás está o grande lago interior de Saracá, a cujas margens vai ter um atalho pela mata, do qual não con-

---

(319) A gambá e o caracachá de Bates são a cuica e o reco-reco que se popularizaram nas músicas selvagens dos sambas do Rio de Janeiro.

segui saber a distância. O lago comunica com o Amazonas por certo número de passagens, acima da aldeia. A mata era notavelmente densa e reinava a mais profunda solidão, quando se tinha caminhado durante alguns minutos fora do povoado. As duas primeiras milhas da floresta eram muito agradáveis; a estrada era larga, sombria e limpa; as árvores mais baixas exibiam a mais bela e variada folhagem que se podia imaginar, e o caminho era limitado, de ambos os lados, por uma orla densa de selaginelas. As únicas aves que eu vi, foram borralharas no mais denso da ramaria, e duas espécies de *Ceraeba* (320), grupo aliado dos picanços. Estas estavam comendo as sementes vermelhas de *Clusia* (321), que eram aí muito numerosas e se destacavam por suas grandes flores alvas, que pareciam de cêra, e suas fôlhas ovais.

Dentre as numerosas espécies que alegam êsses lugares sombrios, apenas referirei *Papilio ergeteles*, e isto para mostrar mais uma vez quanto se pode aprender, notando as relações geográficas das raças e as espécies afins. A *Papilio ergeteles* é de colorido negro aveludado, com duas manchas verdes e dois arcos carmezins nas asas. Sua área de distribuição está limitada à margem norte do Baixo Amazonas, de Óbidos ao Rio Negro; na margem Sul é substituída por espécie distinta, a *Papilio echelus*. As duas podiam ser consideradas como espécies perfeitamente distintas se não ocorresse uma va-

---

(320) Chamam-se, de modo geral, borralharas a uma porção de pássaros da família Formicariidae. São dois pássaros da família Coerebidae, também chamados saís (*Cyanerpes caerulea* e *C. cyaneus*).

(321) São gutíferas, de belas flores alvas ou roseas, parecendo de cêra; na Amazônia chamam cebola brava e cebola grande da mata a *Clusia grandiflora* e *Clusia insignis*. No Rio de Janeiro chamam manga da praia à *Clusia fluminensis* (de flores alvas) e *C. lanceolata*, de flores róseas.

riedade intermediária em Caiena, onde se não encontram as formas extremas. As duas, tão distintas como podem ser duas formas aliadas quaisquer, são diferentes em ambos os sexos. Elas não se encontram em nenhuma outra parte da América, fora dos distritos mencionados. Mas as variedades intermediárias ligam uma à outra, de modo que estas devem ser consideradas como simples modificações da mesma espécie, aparecendo uma das modificações na margem Norte e outra na margem Sul do Amazonas. É digno de menção especial que aqui, como nos casos de *P. lysander* e das *Heliocónias* descritas no capítulo precedente, os elos de união se encontram em localidades distintas, e sem imiscuir-se com as formas extremas, às quais servem de intermediárias.

Deixámos Serpa a 29 de dezembro, em companhia de um velho agricultor, chamado João Trindade, em cujo sítio, situado em frente à foz do Madeira, pretendia Pena passar alguns dias. Nossa viagem dos dias 29 e 30 foi feita por estreitos canais entre ilhas. No dia 31 passámos o último e avistámos ao Sul grande expansão d'água, parecendo um mar, onde o Madeira, o maior tributário do Amazonas, depois de um curso de 2 000 milhas, mistura suas águas com as do rei dos rios. Eu não podia imaginar uma junção de águas, em tão larga escala, como a que tinha diante de meus olhos, a quasi 900 milhas do oceano. Quando viajava semanas e semanas pela corrente monótona, tantas vezes apertada entre ilhas, e de me ter familiarizado com ela, o meu senso da magnitude deste vasto sistema fluvial aos poucos se fôra embotando, mas esta vista renovava as minhas primeiras sensações de assombro. A gente fica inclinado, em pontos como êste, a pensar que os paraenses não exageram muito quando chamam o Amazonas o Mediterrâneo da América do Sul. Além da boca do Madeira, desce o Amazonas

com majestoso poderio, parecendo que a sua largura não difere de uma jota antes ou depois de receber êste enorme tributo a suas águas. O Madeira não enche e esvasia simultaneamente com o Amazonas; sobe e desce de nível dois meses mais cedo, de modo que atualmente estava mais cheio que o rio principal. Sua corrente, portanto, extravasava livremente de sua embocadura, carregando longa fila de árvores flutuantes e tufos de capim (322), que tinham sido arrancados da parte inferior do seu curso. A correnteza não alcançava, porém, o meio do rio, dobrando-se mais perto da margem sul.

Podem encontrar lugar aqui alguns informes que obtive sôbre êste rio. O Madeira é navegavel até umas 480 milhas de sua foz; começa então uma série de cachoeiras e de corredeiras que se estendem, com alguns intervalos de águas quietas, por 160 milhas, além das quais há outro longo trecho navegavel. Às vezes as canoas descem de Vila Bela, no interior da província de Mato Grosso, mas não com tanta frequência como d'antes, e soube de muito poucas pessoas que tenham tentado nestes últimos anos subir o rio até lá. Êle foi explorado pelos portuguezes em começos do século dezoito. A principal (e atualmente a única) cidade de suas margens é Borba, a 150 milhas da foz, fundada em 1756. Até 1853 a parte inferior do rio, umas cem milhas além de Borba, era regularmente visitada pelos negociantes de Vila Nova, Serpa e Barra, para apanharem salsaparrilha, bálsamo de copaíba, óleo de tartaruga e para negociarem com os índios, com quem suas relações estavam geralmente em pé de

---

(322) A esses tufos ou moitas de canarana e outras plantas, que descem os rios com as cheias, a essas ilhas flutuantes, que chamam no Paraguai e no Prata camalotes, dão no Amazonas três nomes: mururés, matupás e periantãs.

amizade. Nesse ano foram a essa região vários seringueiros, animados pelo alto preço da borracha (2s.6d. a libra), então corrente na praça do Pará, e os Araras, tribu feroz e intratavel, começaram a tornar-se molestos. Êles atacaram várias canoas e massacraram todos a bordo, tanto a tripulação de índios como os negociantes brancos. Seu plano era ficarem de tocaia perto das praias arenosas onde as canoas paravam para passar a noite e caíam sôbre os tripulantes, quando estes dormiam. As vezes vinham com pretexto de querer negociar, e logo que surpreendiam o mercador em posição desvantajosa, atiravam nele e na tripulação de trás das árvores. Suas armas eram clavas, arcos e flechas de taquara, tendo estas formidáveis armas aguçadas em ponta de lança. Êles as atiravam com tal fôrça que podiam atravessar uma pessoa de um lado a outro. Os brancos de Borba fizeram represalias, induzindo os guerreiros Mundurucús, que têm velha pendência com os Araras, a auxiliá-los. Tal estado de coisas demorou dois ou tres anos, e qualquer viagem subindo o Madeira era cheia de risco, pois os selvagens atacavam todos os que aí se aventuravam. Além dos Araras e dos Mundurucús, estes últimos, amigos dos brancos, vivendo da agricultura e habitando o interior da região, desde o Madeira até além do Tapajoz, habitam atualmente o baixo Madeira duas outras tribus, os Parintintins e os Muras. Pouco ouvi falar dos Parintintins; os Muras levam vida quieta e ociosa nas margens dos labirintos de lagos e canais que cortam as terras baixas dos dois lados do rio abaixo de Borba. Os Araras são uma das tribus que não plantam mandioca e realmente não possuem habitações fixas. São muito parecidos com os Mundurucús na estatura e outros caracteres físicos, embora deles se distingam amplamente pelos costumes

e condição social (323). Pintam o queixo de vermelho com urucú e geralmente têm uma faixa tatuada de negro, de cada lado do rosto, estendendo-se do canto da boca às fontes. Ainda não aprenderam a usar armas de fogo, não possuem canoas, e levam vida nômade, pelo interior da terra, alimentando-se de caça e frutos silvestres. Quando querem atravessar um rio, fazem uma canoa temporária com casca de árvores, que mantêm com a forma desejada de bote, amarrando-a com cipós. Ouvi de um negociante de Santarém, que por pouco escapou de ser morto por êles, que os Araras tinham 2 000 guerreiros. Penso que êste número deve ser exagerado, como geralmente acontece com as tribus de índios no Brasil. Quando os índios se mostram hostis aos brancos, acredito que quasi sempre isto seja devido a alguma provocação que dos mesmos tenham recebido. O primeiro impulso do índio brasileiro é de respeito aos europeus. Têm forte aversão de ser obrigados a servi-los mas se os estrangeiros os visitam com intenção amigável, são bem tratados. Conta-se, contudo, que os índios do Madeira desde o início foram hostis aos portuguezes; eram então as tribus dos Muras e Torazes que atacavam os viajantes (324). Em 1855 encontrei um americano, carater singular, chamado Kemp, que vivera durante muitos anos entre os índios do Madeira, perto da povoação abando-

---

(323) Os Araras formam uma tribu do grupo Cariba, que habita o baixo Amazonas, entre o Tapajós e o Xingú, havendo um outro grupo no Purús; segundo Martius habitam eles "as nascentes dos rios Maués, Canomá e para os lados do Madeira". São aparentados aos Yuma, que têm sido assinalados nas florestas do Jacaré e sobre o Ituasá, afluentes da direita do Purús.

Na bacia do rio Madeira propriamente dito vivem Parentintin, Nawahlb ou Kawaiwa, instalados entre o Gy-paraná e o Marmelos, com pequenos grupos isolados sobre o Riozinho (Kawaiw-Tupf e Kawaiwa-Wirapeá) e o Machadinho, afluente do Alto Machado. Esta tribu fala um dialeto Tupi-Guarani muito puro.

(324) Os Torás ou torazes constituem com os Muras índios de nível cultural muito baixo; são provavelmente caribas (ou uma família isolada), localizados no alto Madeira.

nada de Crato. Disse-me êle que os seus vizinhos eram gente amavel e alegre, e que o ataque dos Araras fôra provocado por um negociante de Barra, que perversamente atirou sôbre uma de suas famílias, matando os pais e levando os filhos para serem seus escravos.

\* \* \*

Ficámos nove dias no sítio do senhor João Trindade. Está situado em um trecho de terra de igapó alto, que se elevava, contudo, apenas algumas polegadas acima do nível d'água. Esta pequena altura o punha longe da praia. O solo era de aluvião, com rica camada de terra vegetal, apresentando a mais exuberante fertilidade. Estes distritos foram os primeiros a ser colonizados na região, e toda a costa se mostra, por muitas milhas, pontilhada de pitorescos sítios, semelhantes aos de nosso amigo. Era ampla construção, a casa e os anexos tomando grande espaço. O ativo proprietário era um João-faz-tudo; agricultor, negociante, pescador e construtor de canoas, e uma grande igarité estava então em vias de construção, em baixo de grande telheiro. Era uma grande satisfação contemplar esta próspera fazenda, quasi toda trabalhada pelo braço livre; de facto por uma família e seus aderentes. João Trindade tinha apenas uma escrava; seus outros trabalhadores eram a irmã e o cunhado, dois afilhados, um negro livre, um ou dois índios e uma família de Muras. Tanto êle como a mulher eram mamelucos; os negrinhos chamavam-nos sempre pai e mãe. A ordem, abundância e confôrto que se observavam, mostravam o que o trabalho e a boa administração podem realizar nessa região sem o braço escravo. Mas o excesso de produção dessas pequenas lavouras é insignificante. Tudo o que viamos, fôra executado depois da revolução de 1935-36, durante a qual João Trin-

dade sofreu muito; foi obrigado a fugir e os índios Mura destruíram-lhe a casa e as plantações. Havia grande e bem tratada plantação de cacau ao longo das margens do rio, compreendendo cêrca de oito mil pés, e mais para dentro consideráveis plantações de tabaco, mandioca, milho, campos de arroz, melões e melancias. Perto de casa estava a horta, na qual cresciam couves e cebolas, introduzidas da Europa, além de admirável variedade de vegetais tropicais. Não se deve supor que tais plantações e horta estivessem cercadas e perfeitamente limpas, pois tal nunca sucede nesse país onde a mão-de obra é tão escassa, mas o terreno estava toleravelmente bem tratado. A área em tôrno de casa estava completamente plantada de árvores frutíferas, algumas pertencendo à ordem das Anonáceas, dando deliciosos frutos, do tamanho de uma cabeça de criança, e cheios de polpa cremosa que é preciso comer com colher; além disso havia laranjas, limões, goiabas, abacates, abios (*Achras caimito*), genipapos e bananas (325). À sombra destas árvores cresciam os cafeeiros com grande exuberância. A mesa estava sempre bem surtida de peixe que o Mura, que se empregara como pescador, trazia todas as manhãs de algumas centenas de jardas do porto. As principais espécies eram o surubim, a pirapeba e a piramutaba, tres espécies de Siluridae, do gênero *Pimelodus* (326). Para o peixe usávamos um mólho, em forma de pasta amarela, inteiramente novo para mim, chamado arubé, feito do

---

(325) O abio é a sapotacea *Lucuma caimito*, e o genipapo a Rubiácea *Genipa americana*.

(326) A designação sorubim, surubim ou sorubi é dada a grande número de Silúridas de médio ou grande porte, principalmente dos gêneros *Brachyplatystoma*, e *Pseudoplatystoma*; um dos maiores é *Pseudoplatystoma coruscans*. A pirapeba é também um Silúrida, o *Sorubimichthys planiceps*; a piramutaba é o *Brachyplatystoma vaillanti*.

suco venenoso da raiz da mandioca, fervido antes da precipitação do polvilho ou tapioca, e temperado com pimenta malagueta. E' conservado em vasilhas de pedra durante algumas semanas, antes de ser usado, e é o mais apetitoso condimento para o peixe. O tucupí, outro mólho feito também do suco da mandioca, é muito mais comum no interior da Amazonia que o arubé. E' preparado pelo aquecimento ou coção do líquido puro, depois da separação da tapioca, durante vários dias a fio, e temperado com pimenta e pequenos peixes; quando velho, tem gôsto de extrato de anchovas. Geralmente é líquido, mas as tribus Jurí e Miranha do Japurá, prepararam-no em forma de uma pasta negra por processo que não consegui aprender; é então chamado tucupí-pixuna ou tucupí preto. Vi os índios do Tapajós, onde o peixe é escasso, temperarem o tucupí com saúvas. Aí é usado principalmente como mólho do tacacá, outro preparado de mandioca, feito de polvilho, batido na água fervente (327).

Gozei inteiramente os nove dias que passámos nesse lugar. Nossos anfitriões tiveram comigo cuidados especiais: deram-me um dos melhores quartos da casa e os rapazes me conduziram em longos passeios pelas matas vizinhas. Assisti então a pouco trabalho pesado. Todos se levantavam de madrugada e iam ao rio tomar banho; depois vinham tomar a infalível xícara de café forte, depois da qual todos iam para suas occupações. Nessa época nada se estava fazendo nas plantações; o cacau e o tabaco não estavam no tempo da colheita; o tempo

---

(327) Há um refrão pejorativo que diz.

"Tucupí no tacacá  
e cabeça de mucura  
come o povo do Pará".

(Mucura é o timbú (do nordeste), o gambá do sul do Brasil).

da limpa já tinha passado, e o único trabalho em curso era a preparação da farinha, feita pelas mulheres. Os homens matavam o tempo pelos arredores; iam caçar e pescar ou faziam pequenas tarefas em roda da casa. O único trabalho pesado que tem lugar durante o ano é a derrubada de árvores para novas plantações, no começo da estação sêca, de julho a setembro. As pessoas encarregadas disso não interrompem a faina durante as horas quentes do dia. Os que vão para a mata levam o almôço — um punhado de farinha e uma posta de peixe salgado. Ao pôr do sol voltam para casa; tomam então frugal jantar e, às oito da noite, depois de tomar a bênção do chefe patriarcal da casa, vão para as rêdes dormir.

Havia outra visita, além de nós: um negro que João Trindade me apresentou como seu mais velho e mais querido amigo, que lhe salvara a vida na revolta de 1835. Infelizmente esqueci o seu nome; era livre e tinha sítio seu, a um dia de viagem. Havia nele o mesmo aspecto varonil que eu já observara com prazer em muitos outros negros livres; mas os seus modos sossegados e atenciosos e a expressão benevolente e agradável de seu semblante demonstravam que era homem superior de sua classe. Disse-me ser íntimo do dono da casa há trinta anos e que nunca houvera entre os dois uma palavra de desagrado. No começo das desordens de 1835, tivera conhecimento de secreta conspiração para assassinar seu amigo, promovida por alguns miseráveis, cuja causa única de inimizade era lhe deverem dinheiro e lhe invejarem a prosperidade. Tinham sido êles que tinham atigado a estúpida e brutal animosidade dos Muras contra os brancos. O negro, ao saber tal intento, tomara uma montaria sósinho, e fizera durante a noite uma viagem de seis

horas para avisar seu compadre do que estavam tramando contra êle e assim lhe deu tempo de fugir. Era agradável ver-se a cordialidade e o respeito que estes dois velhos tinham um pelo outro; costumavam passar horas inteiras juntos, gozando a frescura da brisa, sentados sob o telheiro perto do rio e conversando sôbre o passado.

João Trindade era afamado por seu tabaco e cigarros, pois tinha grande cuidado em preparar o tauarí, ou mortalha, que é feita da entrecasca de uma árvore, separada em finíssimas camadas. Muitas árvores se prestam para isso, entre elas a *Courataria guianensis* e a sapucaia, ambas pertencendo à mesma ordem natural. A casca é cortada em longas fitas, de largura apropriada para enrolar o fumo; separa-se então a porção interna, que é fervida, batida com soquête de madeira e exposta ao ar durante algumas horas. Certas espécies têm sabor adstringente e côr avermelhada, mas a qualidade preparada por nosso hóspede era de um belo branco-acetinado e perfeitamente insípida. Conseguia sessenta, oitenta e, às vezes cem camadas de uma só fita de casca. O melhor tabaco do Brasil cresce nos arredores de Borba, no Madeira, onde o solo é rico barro preto. Mas crescia tabaco de muito boa qualidade nas plantações de Trindade e em sítios vizinhos, onde havia um solo semelhante. E' preparado em rôlos finos, de polegada e meia de diâmetro e seis pés de comprimento, afilando-se nas duas extremidades. Colhidas as fôlhas e parcialmente sêcas, são retiradas as nervuras medianas e postas em camadas sôbre uma esteira e enroladas, dando-se-lhes a forma desejada. Isto é feito por mulheres e crianças, que também trabalham no plantio, monda e colheita do tabaco. O processo de apertamento dos rôlos é tarefa penosa e demorada e só pode ser realizado pelos homens. As cordas usadas para tal fim são muito fortes, feitas de entrecasca

de uma árvore delgada, de madeira leve, chamada uaissima (328), que fornece, quando batida, grande quantidade da mais linda fibra sedosa, de muitos pés de comprimento. Penso que ela podia ser utilizada pelos fabricantes ingleses, se a pudessem obter em grande quantidade. A árvore é abundante nas terras leves da margem sul do baixo Amazonas, e cresce muito rapidamente. Quando os rôlos estão suficientemente apertados, são enrolados com estreitas correias de notavel resistência, cortadas da casca da palmeira trepadeira jacitara (*Desmoncus macracanthus* (329) e então estão prontos para a venda ou para o uso.

Estreito furo corre perto de casa, e que comunica com o Urubú numa distância de seis horas de viagem (cêrca de dezoito milhas). O Urubú é rio extenso e quasi desconhecido, vindo do interior da Guiana. Disse-me nosso hospedeiro que o Urubú apresentava, em certos trechos, vastas extensões de águas límpidas e escuras, de quasi uma légua de largura, e que é orlado por terra ondulada, em parte coberta de matas, em parte de campos. Encontram-se em suas margens alvas enseadas arenosas, habitadas apenas por algumas famílias de Mura selvagens. A família que estava atualmente como sua empregada, e que levava vida de ciganos, morando sob telheiro meio em ruínas de seu campo, fôra trazida dêsse rio seis meses antes. O furo só era navegavel por montarias durante a estação chuvosa; atualmente era um riacho meio sêco, cuja embocadura ficava uns oito pés acima do nível das águas do Amazonas no momento. A boca principal do Urubú está situada entre essa loca-

---

(328) Chamam uaissima ou uacima a duas tiliáceas: *Luhea* sp. e *Apeiba albiflora*, devendo ser a esta última que se refere Bates.

(329) Veja-se a nota n.º 79.

lidade e Serpa. O rio comunica com o lago de Saracá, mas eu nada poderia esclarecer sobre as suas relações geográficas precisas com essa grande coleção d'água, que tem dez ou doze léguas de comprimento por uma a duas de largura, e em cujas margens está situado velho povoado brasileiro, chamado Silves.

Era muito agradável percorrer o cacual de nosso hóspede. O chão estava limpo, as árvores tinham cêrca de trinta pés de altura e formavam densa sombra. Duas espécies de macacos frequentavam as árvores, fazendo grandes depredações, quando os frutos estavam maduros. Um dêstes, o macaco prego (*Cebus cirrhifer?*) é o ladrão mais atrevido; destroe mais do que come, por sua desordem, pressa em apanhar e quebrar os frutos e quando volta para a mata, carrega tudo o que pode nas mãos e em baixo dos braços. A outra espécie é o bonitinho *Chrysothrix sciureus*, que se contenta em devorar o que pode no próprio lugar (330). Grande variedade de belos insetos aqueciam-se ao sol, sobre a folhagem, onde raios de sol luziam através do docel de largas fôlhas de um verde-pálido, e bandos de elegantes besouros de longas patas (*Odontocheila regia*) corriam e voavam por sobre o ervaçal (331). Pertence a gênero especial das regiões mais quentes da América, cujas espécies só se encontram nas partes sombrias da floresta, onde se vêem perseguindo as presas tanto nas árvores e nas ervas como no solo. As Cicindelas típicas só se encontram em zonas abertas e cheias de sol, e são de hábitos inteiramente terrestres. São as únicas formas da família que ocorrem

---

(330) Os macacos-pregos do Baixo-Amazonas são *Cebus nigritatus* e *Cebus apella*. Do macaco de cheiro já tratámos em nota anterior.

(331) Espécie de *Cicindelidae* muito comum em quasi todo o Brasil.

no Norte e Centro da Europa e na América do Norte. Na região do Amazonas as *Odontocheilae*, umbrófilas e semi-arborícolas, têm número muito maior de espécies que as *Cicindelae*, em proporção de vinte duas para seis. São todas, com uma única exceção, peculiares das matas amazônicas, o que traz outra prova da adaptação da fauna a uma região coberta de floresta, por existência longa e ininterrupta nesta parte da superfície da terra.

\* \* \*

Deixámos êsse sítio no dia oito de janeiro, e na tarde de nove chegámos a Matarí, miseravel povoado dos índios Mura. Aí novamente fundeámos e fomos à terra. O lugarejo consistia de cêrca de vinte palhoças de paredes de taipa, e apresentava o aspecto mais desolador, apesar da luxuriante floresta que lhe ficava atrás. Uma horda dêstes índios aí se estabelecera há muitos anos, no ponto de antiga séde missionária, e o govêrno ultimamente nomeara para aí um chefe residente, com a intenção de submeter à autoridade estes índios até então intratáveis. Tal providência, porém, parece ter tido como único resultado a volta deles para as suas cabanas solitárias, nas margens das águas interiores, pois muitas famílias já se tinham retirado. A ausência das costumeiras árvores cultivadas bem como de qualquer lavoura davam ao lugar aspecto de pobreza e de nudez. Entrei em uma das choupanas, onde algumas mulheres estavam preparando a comida. Assavam postas de grande peixe em fogo feito no meio da casa, e as entranhas estavam espalhadas pelo chão, onde se acocoravam as mulheres com os filhos. Tinham no rosto expressão tímida e desconfiada, e os corpos eram cobertos de lama negra, que é untada na pele como proteção contra os mosquitos. As crianças

estavam nuas, e as mulheres usavam saias de pano grosseiro, esfarrapadas na barra, e com ramagens feitas de murixí (332), tinta preparada da casca de uma árvore. Uma delas trazia um colar de dentes de macaco. Quasi não havia utensílios caseiros; a casa estava desguarnecida, vendo-se apenas a um canto duas rédes sujas. Não vi o habitual telheiro para mandioca atrás de casa, nem as plantações de algodão, cacau, café e limoeiros. Dois ou tres rapazes da tribu estavam descansando no batente da porta. Eram camaradas robustos, mas menos bem proporcionados que os índios semi-civilizados do Baixo-Amazonas. A largura do peito era notavel e os braços extraordinariamente grossos e musculosos. As pernas pareciam curtas em proporção ao tronco; a expressão de seus semblantes era indiscutivelmente mais carrancuda e brutal, e a pele mais escura do que no comum dos índios brasileiros (333). Antes de deixarmos a cabana, entrou um casal de velhós: o marido trazia o remo, arco, flechas e harpões; a mulher se curvava ao pêso

---

(332) Murixí parece ser corrutela de Murici ou muruxí, nome comum de várias Malpighiaceas do género *Byrsönima*, dando-se à côr o mesmo nome da planta, tal como succede com o urucú.

(333) Escreve Martius: "São os Muras uma das nações mais numerosas de selvícolas, tanto mais esparsa, por não ter lugar fixo da morada, e preferir vagar, ao sabor da fantasia e da necessidade do momento, pelas margens do grande rio. Parece que antigamente viviam eles no baixo Madeira, donde se foram depois dispersando, talvez em parte pela perseguição dos mundurucús, em hordas menores, dirigindo-se para o Solimões, rio Negro e Amazonas. Assim como os Pauaguás são flagelo do Paraguaí, os Muras, desde que há deles noticia, tornaram pouco seguras as paragens dos rios setentrionais. Embora atualmente já suavizada a hostilidade, ao menos parte deles desdenha aos brancos, mais do que qualquer outra tribu e só o gosto da cachaça os torna às vezes serviciais por curto período. Sem esse talismã, o aparecimento de um mura entre os brancos seria o mais estranho acontecimento. Todas as demais atrações são inefficazes para homens cujo estado de embrutecimento dispensa a mais simples comodidade. A sua lingua, toda gutural e continuamente acentuada pela gesticulação das mãos e vivo caretear, soa de modo extremamente desagradavel e é difficil de imitar".

de grande cesto cheio de frutos de palmeiras. O homem era de baixa estatura e tinha aspecto selvagem, por causa do cabelo comprido e duro que caía sobre a testa. Os dois lábios eram furados, como é usual nos velhos Mura vistos no rio. Antes costumavam usar nesses furos presas de caitetú, quando saíam ao encontro dos estrangeiros ou de seus inimigos na guerra. A selvageria triste, a sujeira e pobreza da gente dêsse lugar encheram-me de melancolia e fiquei contente por voltar para a canoa. Não tiveram conosco nenhuma mostra de cortezia, nem mesmo a saudação ordinária, que todos os semi-civilizados e muitos índios selvagens proferem quando se encontram. Os homens perseguiram Pena, pedindo cachaça, que parecem considerar a única coisa boa que os brancos trazem consigo. Como não tinham nada para dar em troca, Pena não os satisfez. Eles nos seguiram, quando descíamos para o porto, tornando-se muito importunos, quando se reuniram uns dez ou doze. Traziam as garrafas vazias e prometiam peixe e tartaruga, se primeiro lhes dêssemos a apetecida aguardente, ou cauim, como eles chamavam. Pena foi inexorável: deu ordens à tripulação para levantar âncora, e os selvagens, desapontados, insultavam-nos aos gritos, do alto do barranco, à medida que nos afastávamos.

Os Mura gozam de má fama em toda esta parte do Amazonas, e os índios semi-civilizados fazem deles o mesmo péssimo conceito que os brancos. Todos falavam deles como indolentes, ladrões, mentirosos e crueis. Mais que qualquer outra classe de índios, mostram a maior repugnância pelos hábitos estáveis, trabalho regular e serviço aos brancos. E' realmente invencível sua aversão por qualquer aproximação da vida civilizada. Mas quasi todos estes defeitos são apenas um exagêro dos fundamentais no carater do índio brasileiro. Não há nada,

a meu ver, que demonstre que os Mura tenham origem diversa da das tribus agrícolas mais nobres, pertencentes à nação Tupí, de algumas das quais são eles vizinhos imediatos, embora o contraste frizante em seus costumes e carater pudessem levar a concluir que sua origem tenha sido diferente, do mesmo modo que os Semangs de Malaca, por exemplo, com relação aos Malaios. São apenas um ramo dos mesmos, e certo número de hordas segregadas se degradaram pela residência de muitos séculos nas terras de igapó, limitados a um dieta de peixe e obrigados a vagar constantemente em busca de alimento. As tribus que se presumem mais chegadas aos Tupís, se distinguem pelos hábitos agrícolas, vida em casas bem construídas, prática de muitas artes, tais como a manufatura da louça pintada, a tecelagem, o costume geral de tatuagem, a organização social, a obediência aos chefes, etc. Os Mura tornaram-se nação de pescadores nômades, ignorando a agricultura e todas as outras artes praticadas por seus vizinhos. Não constroem habitações sólidas e fixas, mas vivem em famílias separadas ou pequenas hordas, vagando de ponto em ponto, ao longo das margens dos rios e lagos onde mais abundam o peixe e a tartaruga. Em cada ponto de parada constroem cabanas temporárias à beira d'água, mudando-as para mais alto ou mais baixo, na praia, segundo as águas avançam ou recuam. As canoas eram primitivamente feitas de espessas cascas de árvore, amarradas em forma meio cilíndrica por meio de cipós. Estas canoas já raramente se vêem, pois quasi todas as famílias possuem montarias, que elles conseguiram roubar dos colonos de vez em quando (334). Seu principal alimento é constituído de peixe

---

(334) Quando Martius visitou os Mura ainda encontrou essas canoas: diz ele: "Só uma era de madeira leve, aparelhada e tinha vinte pés de comprimento; as demais eram simplesmente

e tartaruga, que são muito habéis em capturar. Dizem os vizinhos que elles mergulham atrás das tartarugas e conseguem pegá-las pelas pernas, o que eu acho que é verdade nas lagoas rasas, onde as tartarugas ficam presas durante a estação sêca. Matam o peixe com arco e flecha, e não conhecem outro meio de preparar a comida que não seja assar. Não é bem certa que toda a tribu ignore a agricultura, pois algumas famílias das margens das correntes atrás de Vila Nova, que difficilmente podiam ter adquirido tal conhecimento em tempos recentes. plantam mandioca; mas, como regra geral, o único alimento vegetal usado pelos Mura são as bananas e frutos silvestres. A residência original da tribu eram as margens do baixo Madeira. Parece que desde o início foram hostis aos colonos europeus, pilhando os sítios, armando emboscadas às canoas e massacrando todos os que caíam em seu poder. Há uns cinquenta anos os portuguezes conseguiram voltar contra elles os instintos guerreiros dos Mundurucú, e estes, ao cabo de muitos anos de perseguição, enfraqueceram grandemente o poder da tribu, e expulsaram grande parte das margens do Madeira. Os Mura estão agora dispersos, em famílias e hordas isoladas, em larga extensão da região ribeirinha do Amazonas, de Vila Nova a Catuá, perto de Ega, numa distância de 800 milhas. Desde as desordens de 1835-36, quando cometeram grandes devastações nos pacíficos povoados de Santarém ao Rio Negro, foram perseguidos e muitos deles destroçados pelos Mundurucú em aliança com os brasileiros, não causaram mais nenhum vexame sério.

---

umas cascas ligadas com cipós, e amarradas nas duas extremidades, formando um canudo meio cilíndrico de 12 a 15 pés de comprimento”.

As razões que me levam a pensar que os Mura são simplesmente um ramo dos Mundurucú, ou alguma outra secção afim da nação Tupí, tão largamente espalhada, e não povo distinto, são fundadas na comparação das diferentes tribus de índios amazônicos. Em primeiro lugar, não há diferença nitidamente definida entre secções da raça indiana, tanto nas qualidades físicas como morais. São todos muito semelhantes na estrutura corpórea e, embora alguns estejam em nível de cultura muito mais baixo que outros, formam as numerosas tribus, neste particular, insensível escala dos mais baixos para os mais elevados. Os mesmos costumes reaparecem em tribus que, sob outros pontos de vista, estão largamente separados. Os Maué, que vivem na vizinhança dos Mundurucú e dos Mura, têm muita coisa em comum com ambos mas, de acôrdo com a tradição, já fizeram parte da nação Mundurucú. A língua dos Mura é totalmente diversa da das tribus referidas, mas as línguas não são guia seguro na filiação das tribus brasileiras, pois se falam sete ou oito línguas diferentes no mesmo rio, em distância de 200 ou 300 milhas. Há certas particularidades nos costumes dos índios que levam a uma brusca corrupção de linguagem e segregação de dialetos. Quando os índios, homens ou mulheres, estão conversando, parecem sentir prazer em inventar novos modos de pronuniação, ou em alterar as palavras. E' divertido observar como toda a reunião ri, quando o engenhoso da roda inventa novo termo da gíria, e estes novos vocábulos facilmente se conservam.

Isto foi por mim observado durante as longas viagens que fiz com tripulações de índios. Quando ocorrem tais alterações no seio de uma família ou de pequeno grupo, que muitas vezes vive muitos anos sem comunicação com

o resto de sua tribo, a corrução local da linguagem se perpetua. Simples hordas, pertencentes à mesma tribo e habituando as margens do mesmo rio, tornam-se dêsse modo, no decurso de muitos anos de isolamento, inintelligíveis para as outras hordas, como acontece com os Colinas do Juruá.

Acho, pois, muito provavel que a disposição para inventar novas palavras e novos modos de pronúncia, juntada à pequena densidade de população e aos hábitos de isolamento das hordas e tribus, sejam as causas da espantosa diversidade de línguas na América do Sul.

Há curioso costume dos Mura, que precisa ser referido antes de terminar esta digressão; é a prática de tomar rapé com cerimônias particulares. O rapé é chamado Paricá, e é um pó muito estimulante, feito das sementes de uma espécie de ingá, pertencente à ordem das leguminosas (335). As sementes são sêcas ao sol, pulverizadas em almofarizes de madeira, e guardadas em tubos de bambú. Quando estão maduras e chega o tempo de preparar o rapé, há uma bebedeira que dura muitos dias, em festa que os brasileiros chamam *quarentena* e que é de carater semi-religioso. Começam por tomar grandes quantidades de caisuma e cachiri, bebidas fermentadas, feitas de vários frutos e mandioca, mas preferem a cachaça, quando a conseguem. Em pouco tempo ficam semi-intoxicados e então começam a tomar o paricá. Para tal fim êles se emparelham e cada parceiro, tomando uma palha, contendo certa quantidade do rapé, depois de uma série de simulações, enfia o conteúdo com toda a fôrça nas narinas do companheiro. O efeito

---

(335) O nome paricá é dado na Amazônia a várias leguminosas da tribo Mimosoideas, principalmente dos gêneros *Pithecolobium* e *Parkia* e principalmente *Parkia multijuga*, *Pithecolobium ntopoides* e *Piptadenia peregrina*.

sôbre os selvagens, geralmente tristes e taciturnos, é pasmoso; tornam-se excessivamente palradores, cantam, gritam e dão saltos, tomados da maior excitação. Vem logo depois a reação; é preciso beber mais para sair do estupor em que caíram, e assim passam dias e dias (336). Os Maué também usam o paricá, embora êste não seja conhecido de seus vizinhos, os Mundurucú. Seu modo de tomar o paricá é muito diverso do dos imundos Mura, sendo guardado em forma de pasta, e empregado principalmente como preventivo contra as febres intermitentes, nos meses entre as estações sêca e chuvosa, quando a doença é frequente. Quando se precisa uma dose, seca-se e pulveriza-se pequena quantidade de pasta em uma concha chata, e o pó é então introduzido em ambas as narinas de uma vez, por duas penas de urubú, amarradas com fio de algodão. O uso do paricá foi observado pelos primeiros viajantes entre os Omagua, secção dos Tupís que antes viviam no Alto Amazonas, mil milhas de distância dos sítios dos Maué e dos Mura. Esta comunhão de costumes é um dos fatos que vêm em apoio

---

(336) Já Alexandre Rodrigues Ferreira escrevera uma interessante "Memória sôbre instrumento para tomar tabaco paricá".

Martius descreve a festa do Paricá do seguinte modo: A festa é para comemorar a virilidade dos rapazes. Numa casa espaçosa, toda aberta, reúne-se a horda inteira, e anima-se, ao esvasiar as cuias do cachiri e outras bebidas feitas de vegetais, que as mulheres distribuem. Os homens perfilam-se aos pares, e surram-se com grandes correias de couro de peixe-boi, ou de anta até correr sangue. Esta flagelação não é tida como crueldade, mas antes como prova de amor. Depois de continuada por alguns dias a operação sangrenta, o par sopra o paricá mutuamente, um no nariz do outro, por meio de pequeno canudo de um pé de comprimento, feito, em geral, do osso escavado da perna da anta; e sopram-no ininterruptamente, com tanta violência que, por vezes, alguns ou ficam sufocados pelo fino pó ou, superexcitados pelo efeito entorpecente, caem mortos. Súbito frenesi, palavras sem nexos, gritos, cantigas, pulos selvagens e dansas, são a sequência dessa prática, depois da qual, entontecidos também por bebidas e por toda espécie de excessos dissolutos, tombam embrutecidos no chão".

da opinião da origem comum e estreita relação dos índios do Amazonas.

Depois de deixarmos Matarí, continuámos nossa viagem pela margem norte. As praias do rio eram de moderada elevação, durante alguns dias de viagem; a terra firme ficava muito para dentro e a costa ou era baixa ou mascarada por ilhas de formação aluvial. No dia 14 passámos pela boca superior do paraná-mirim de Eva, um braço do rio, de pequena largura, formado por uma ilha perdida, de umas dez milhas de comprimento, paralela à praia norte. Passando a ponta ocidental dessa ilha, apareceu novamente o continente: costa alta e pedregosa, coberta de mata magnífica, de perfil arredondado, que continua por umas vinte milhas, até à boca do Rio Negro, e forma a praia oriental dêste rio. Muitas casas de colonos, construídas em considerável elevação, sôbre os montados cobertos de mata, davam agora vida às praias. Uma das primeiras coisas que aqui nos deu as boas vindas, foi belo pássaro, que ainda não tinha encontrado, uma tanagra escarlate e negra (*Rhamphocoelus nigrogularis*), que se via em bandos, esvoaçando entre as árvores à beira d'água, sua roupagem de côres vivas alegrando as massas de folhagem verde-escuro (337).

O tempo, de 14 a 18, piorou. Chovia às vezes doze horas a fio, não em bâtegas, mas chovendo constante, tal como estamos habituados em nosso clima inglês. Desce-mos várias vezes à terra, Pena para negociar, como de costume, e eu para caminhar na mata em busca de aves e insetos. Em certo ponto a ribanceira, coberta de mata, encerrava cena muito pitoresca: uma torrente, correndo

---

(337) Espécie muito próxima do tiê sangue, tiê piranga ou sangue de boi do Brasil oriental e meridional; pássaro da família Thraupidae.

por uma ravina, caía em múltiplas cascatinhas no largo rio, e suas margens eram ornadas de infinita variedade de belas plantas. Bananeiras silvestres arqueavam-se sobre a correnteza, e os troncos das árvores, em sua vizinhança, estavam cobertos de fetos, espécies de grandes fôlhas, do gênero *Lygodium* que, como *Osmunda*, tem seus esporângios reunidos em fôlhas diferenciadas (338). No dia 18 chegámos a uma grande fazenda, chamada Jatuarana. Aí penetra no rio um promontório formado pela rocha, e como era impossível resistir à corrente que escachoava em tôrno dêle, cruzámos para a outra margem. As canoas, aproximando-se do Rio Negro, preferem a margem sul, por ser aí muito mais branda a corrente perto da praia. Nosso progresso era, contudo, desesperadamente lento, pois o vento regular de leste cessara completamente, e o vento de cima, que o substituíra, soprava diariamente contra nós durante algumas horas. O tempo era opressivo e todas as tardes caía uma rajada de vento que, como soprava na boa direção, era sempre benvinda. Travámos conhecimento nessa costa com uma nova praga de insetos, o piúm, pequenina mosca de dois terços de linha de comprimento, que aí começa o seu reino, e continua daí por diante, como terrível flagelo, rio acima, pelo Solimões, até onde termina a navegação pelo Amazonas (339). Êle só aparece de dia, cedendo seu lugar aos mosquitos ao pôr do sol com a maior pontualidade, e só se encontra nas praias lamacentas do rio, nunca sendo visto dentro da mata. Nos pontos onde é

---

(338) Hoje *Lygodium* e *Osmunda* (ambos fetos leptosporanglados) pertencem a distintas famílias: Schizeaceas (*Lygodium*) e Osmundaceas (*Osmunda*).

(339) Dão no Amazonas o nome de piúm ao que no sul chamam borrachudo, isto é, a qualquer espécie de Símúlida, família de Nematóceros anômalos, com o aspecto de pequeninas moscas. A descrição de Bates é muito boa.

abundante, acompanha as canoas em enxames tão compactos que parecem tênues nuvens de fumo. Fizeram seu aparecimento em densas nuvens no primeiro dia depois de termos atravessado o rio. Antes que eu me apercebesse da presença das mosquinhas, senti leve comichão no pescoço, pulsos e tornozelos e, procurando a causa, vi certo número de pequeninos objetos, parecendo piolhos, aderentes à pele. Foi assim que conheci o tão falado piúm. A exame mais atento, vi que eram pequeninos insetos de duas asas, de corpo escuro e patas e asas claras, estas deitadas longitudinalmente sobre o dorso. Eles pousam sem ser percebidos, e apenas pousados imediatamente entram em ação; as patas anteriores ficam dirigidas para diante, em constante movimento, parecendo agir como antenas, e aplicam as trombas curtas na pele. O abdomen logo fica distendido e vermelho de sangue e, satisfeita a sede, afastam-se devagar, às vezes tão pesados, que quasi não podem voar. Não se sente nenhuma dor quando estão picando, mas deixam pequena mancha elevada na pele e desagradavel irritação. Esta última pode ser evitada em grande parte, fazendo sair o sangue que fica na manchinha; mas isto é trabalho incômodo, quando se tem várias centenas de picadas por dia. Tive o trabalho de dissecar alguns, para ver como operam estas pequeninas pestes. A boca consta de um par de lábios carnosos espessos e duas lancetas córneas triangulares, correspondendo ao lábio superior e à língua dos outros insetos. Isto é aplicado intimamente à pele, feita a picada pelas lancetas e o sangue sugado passa entre elles para o esôfago; a mancha circular resultante coincide com a forma dos lábios. Ao cabo de alguns dias as manchas vermelhas secam e a pele fica enegrecida pelo número incontavel de picadas que nela se vêem.

A irritação que produzem é mais agudamente sentida por certas pessoas que por outras. De uma feita viajei com um português de meia idade, que sofrera durante tres semanas os ataques dos piuns; suas pernas estavam extraordinariamente inchadas e as picadas se tinham agravado em extensas feridas.

Na manhã de 22 começou a soprar muito cedo o vento de leste; içámos então todas as velas e navegámos para a boca do Rio Negro. Esta nobre correnteza parece, em sua junção com o Amazonas, ser continuação direta do rio principal, enquanto o Solimões, que aí forma ângulo e é um pouco mais estreito que seu tributário, parece ser um ramo e não o tronco principal do vasto sistema hidrográfico. Percebe a gente imediatamente porque os primeiros exploradores deram nome distinto a esta parte superior do Amazonas. Os brasileiros começaram mais tarde a empregar a designação, conveniente de Alto Amazonas para o Solimões e é provavel que gradativamente prevaleça sôbre o antigo nome. O Rio Negro alarga-se consideravelmente de sua boca para cima, e apresenta o aspecto de grande lago; suas águas tintas de negro não têm corrente, e parecem ser represadas para cima pela correnteza impetuosa das águas amarelas e turvas do Solimões, que aí vomita uma fila contínua de árvores arrancadas e mururés, formando frizante contraste com seu tributário. Cruzando o rio, passámos a linha, pouco acima do meio, onde as águas dos dois rios se reúnem e são nitidamente demarcadas uma da outra. Chegando à margem oposta, encontramos notavel differença. Todas as nossas pragas de insetos tinham desaparecido, como por magia, mesmo do porão da canoa; o turbilhão de um rio agitado, correndo velozmente, e suas margens rotas, perpendiculares, barrentas, eram substituidas por águas tranquilas e uma

costa recortada em pequenas enseadas abrigadas, orladas de praias arenosas e suaves. A terra baixa e a folhagem de verde-claro brilhante e de infinita variedade de formas, que eram o tom dominante da margem sul do Amazonas, davam lugar a uma região montanhosa, coberta de floresta arredondada, sombria e monótona. Nossa enfadonha viagem aproximava-se de seu termo; vento fresco nos levava docemente ao longo da costa para a cidade de Barra, que fica a sete ou oito milhas acima da boca do rio. Parámos uma hora em pequena baía límpida, para tomar banho e vestir-nos, antes de nos mostrarmos de novo entre gente civilizada. Via-se o fundo a uma profundidade de seis pés, e a areia branca tomava tom pardacento, devido à água colorida mas clara. À tarde chegámos ao porto e fomos amavelmente recebidos pelo senhor Henrique Antony (340), italiano afavel, ocupando aqui elevada posição como negociante, e que era amigo certo de todos os viajantes desgarrados. Pôs dois quartos à minha disposição e em poucas horas eu estava confortavelmente instalado em meus novos alojamentos, sessenta e quatro dias depois de ter deixado Óbidos.

\* \* \*

A cidade de Barra está construída em trecho de terra elevada, mas muito irregular, da margem esquerda do Rio Negro, e contava, em 1850, cêrca de 3000 habitantes. Primitivamente aí houvera pequena fortaleza,

---

(340) Spruce que esteve em Manaus (então Barra do Rio Negro) ao mesmo tempo que Bates, diz que o senhor Antony chegou a Barra em 1822 e fora sempre um grande amigo dos viajantes e gaba a sua cozinha na qual nunca havia menos de cinco pratos de tartaruga em cada refeição. Grato pelo bom acolhimento, dedicou-lhe o género *Henriquestia* (uma Rubiácea).

levantada pelos portuguezes para protegerem suas expedições de caça aos escravos entre as numerosas tribus de índios que povoavam as margens do rio. Dêstes os mais afamados e guerreiros eram os Manaus, que estavam continuamente em guerra com as tribus vizinhas, e tinham o hábito de escravizar os prisioneiros, feitos durante suas expedições de pilhagem. Os portuguezes mascaravam seus meios de escravização sob o pretexto de *resgatar* êsses cativos. O termo *resgatar* ainda é dado pelos negociantes do Alto Amazonas à prática muito generalizada, mas ilegal, de comprar meninos índios das tribus selvagens. Os moradores mais velhos do lugar ainda se lembram do tempo em que eram trazidas muitas centenas dêstes cativos, conseguidos em uma só expedição. Em 1809 Barra foi elevada à cabeça do distrito do Rio Negro; muitos portuguezes e brasileiros de outras províncias vieram então estabelecer-se aí. Construíram-se casas espaçosas e ela cresceu tanto, no curso de trinta ou quarenta anos, que se tornou, depois de Santarém, a principal povoação das margens do Amazonas. Por ocasião de minha visita estava em declínio, devido à desconfiança crescente dos índios, que dantes formavam a numerosa classe trabalhadora, mas que tendo tomado conhecimento de que as leis os protegiam contra a servidão forçada, estavam rapidamente abandonando o lugar. Quando se criou a nova província do Amazonas, em 1852, Barra foi escolhida como capital, e batizada com o nome apropriado de cidade de Manaus (341).

A situação da cidade tinha muitas vantagens; o clima é salubre; não há pragas de insetos; o solo é fértil e capaz de dar todos os produtos tropicais (o café do Rio Negro, especialmente, é de qualidade muito superior),

---

(341) Veja-se a nota n.º 59.

e está perto da confluência de dois grandes rios navegáveis. A imaginação fica excitada, quando a gente reflete sobre as possibilidades futuras desta localidade, situada perto do centro da parte equatorial da América do Sul, no meio de região quasi tão vasta como a Europa, da qual cada polegada é da mais exuberante fertilidade, e comunicando por água, de um lado com o Atlântico, e do outro com as repúblicas espanholas da Venezuela, Nova Granada, Equador, Perú e Bolívia. Barra é atualmente a escala mais importante das linhas de vapores que foram estabelecidas em 1853, e passageiros e mercadorias são transbordados aí para o Solimões e o Perú. Um vapor corre cada quinze dias entre Pará e Barra e de dois em dois meses navega entre êste porto e Nauta, em território peruano. A companhia de vapores é mantida por grande subvenção anual do Govêrno Imperial, de cêrca de 50.000 libras esterlinas. Barra era antes agradável lugar de residência, mas atualmente está em lamentavel estado, sofrendo de escassez crônica dos gêneros alimentícios mais necessários. A atenção dos colonos a princípio dedicou-se inteiramente à colheita dos produtos espontâneos da floresta e dos rios. A agricultura foi, portanto, deixada ao abandono, e atualmente os arredores não produzem nem a farinha de mandioca sufficiente para o seu consumo. Muitos dos gêneros alimentícios mais necessários, além de todos os artigos de luxo, vêm de Portugal, Inglaterra e América do Norte. De vez em quando chegam alguns novilhos, trazidos de Óbidos, distante umas 500 milhas, e que é o ponto mais próximo onde se possa obter um pouco de gado. Tem-se assim, com longos intervalos, suprimento de carne fresca, mas esta é geralmente monopolizada pelas famílias dos empregados públicos. Galinhas, ovos, peixe fresco, tar-

tarugas, verduras e frutas eram excessivamente escassos e caros em 1859, quando tornei a visitar a cidade. Aí se comprava então uma galinha magra por seis ou sete shillings e um ovo por dois e meio pence. Realmente os arredores produzem muito pouco; o govêrno provincial recebe a maior parte de seus fundos da tesouraria do Pará. Suas rendas, que montam a cêrca de cinquenta contos de réis (5 600 libras) derivam de direitos de exportação dos produtos de toda a província, e não chegam para pouco mais da quinta parte de suas despesas. A população da província do Amazonas, de acôrdo com o censo de 1858, é de 55 000 almas; o distrito municipal de Barra, que compreende larga área em tôrno da capital, tem apenas 4.500 habitantes. Há, contudo, para o govêrno desta pequena população, imensa quantidade de funcionários, acumulados na capital e, apesar das inúmeras formalidades triviais que os brasileiros empregam em cada pequeno detalhe de administração, a maior parte do tempo nada têm que fazer. Nenhuma das pessoas que foram para Barra, na fundação do novo govêrno, parece ter cuidado do cultivo do solo ou de obter alimento, embora fossem estas das mais proveitosas atividades. Os portuguezes, que emigram para o Brasil, parecem preferir o pequeno comércio aos trabalhos muito mais nobres da agricultura. Se os ingleses são uma nação de mercadores a retalho o que dizer dos portuguezes? Conteji em Barra uma tenda para cada cinco casas de residênciã. Estas *tavernas* geralmente não tinham mais de 50 libras de mercadorias como capital, e os seus proprietários, portuguezes altos e robustos, passavam o dia todo atrás dos imundos balcões para vender alguns vintens de cachaça ou de merçearia. Todos estes homens dão a mesma desculpa. porque não

se dedicam à agricultura: não haver braços para trabalharem o solo. Nada se pode fazer com os índios. De facto êles estavam rapidamente abandonando os subúrbios, e a importação de negros escravos, no louvavel estado de espírito atual dos brasileiros, está fora de cogitações. O problema de como obter uma classe de trabalhadores sem a escravidão, tem de ser resolvido para que esta gloriosa região, com seu clima delicioso e sua exuberante fertilidade se torne, como deve, a residência de um povo numeroso, civilizado e feliz.



Encontrei em Barra meu companheiro Wallace, que, depois da nossa expedição ao Tocantins, estivera explorando (em parte com seu irmão, ultimamente chegado da Inglaterra) a costa nordeste de Marajó, o rio Capim (ramo do Guamá, perto do Pará), Monte Alegre e Santarém. Passara por nós à noite, abaixo de Serpa, em sua viagem para Barra, e aí chegara umas tres semanas antes de mim. (342). Além de nós dois, havia aí mais uma meia duzia de estrangeiros — ingleses, alemães e norte-americanos; um era colecionador de Historia Natural, os outros eram negociantes nos rios. Na agradável companhia dos mesmos e da família do senhor Henrique, passámos um tempo delicioso. As misérias de nossas longas viagens pelo rio foram depressa esquecidas e dentro de duas ou tres semanas começámos a falar em futuras explorações. Nesse interim fazíamos passeios quasi diários pela mata circunvizinha. Toda a superficie do solo, à beira d'água, está

---

(342) A narrativa dessa porção da viagem de Wallace está nos capítulos V e VI de sua obra.

coberta de floresta ondulada, de verde escuro uniforme, a caá-apoam dos índios, característica do Rio Negro. Ela cobre também extensas áreas de terras baixas, que são inundadas pelo rio durante a época das chuvas. A côr pardo-olivácea das águas parece derivar de sua saturação pela folhagem verde-escura durante estas inundações anuais. O grande contraste em forma e côr, entre as matas do Rio Negro e do Amazonas, decorre da predominância de famílias diversas de plantas numa e noutra. No rio principal as palmeiras, de umas vinte ou trinta espécies, formam grande proporção da massa de árvores enquanto no Rio Negro representam papel muito secundário. A espécie característica desta última região é a jará (*Leopoldina pulchra*), especie não encontrada nas margens do Amazonas (343), e possui pequena copa de flabelos com estreitos folíolos do mesmo verde escuro do resto da mata. O caule é liso e de umas duas polegadas de diâmetro; a altura não excede a doze ou quinze pés. Não se eleva, portanto, acima das massas de folhagem das árvores exógenas, de modo a formar um marco na paisagem, como acontece com o murumurú e o uricuri de largas fôlhas, o delicado assaí, o alto jauari, e o muriti de fôlhas em leque das praias do Amazonas. (344) Nas margens do rio principal a massa da floresta é composta, além das palmeiras, de Leguminosas, com infinita variedade, quanto à altura, à forma da folhagem, às flores e aos frutos, de paineiras, colossais castanheiras (*Lecythideae*) e *Cecropiae*; o

---

(343) Nos tesos de Marajó, diz Alberto Sampaio dão o mesmo nome a outra palmeira, o *Cocos inajá*.

(344) Lembremos mais uma vez os nomes científicos destas palmeiras; murumurú (*Astrocaryum murumuru*), uricuri (*Attalea excelsa*), assaí (*Euterpe oleracea*), jauari (*Astrocaryum jauaré*) e muriti (*Mauritia flexuosa*).

subosque e a linha d'água são formados em grande parte de *Musaceae* de largas fôlhas, *Marantaceae* e ervas suculentas, todas com tonalidades claras de verde. As matas do Rio Negro são quasi desprovidas destas plantas de grandes fôlhas e de ervas, que dão aspecto de tanta vida à vegetação onde se encontram. As margens do rio são cobertas de arbustos ou pequenas árvores, com o mesmo aspecto monótono e tristonho dos mangues das praias lamacentas do Atlântico. As árvores exógenas, de fôlhas pequenas mas elegantes, e que constituem a massa da floresta, consistem, em grande parte, de membros das ordens das Lauraceas, Mirtáceas, Bignoniáceas e Rubiáceas. O solo é geralmente um barro duro, cujo principal componente é a tabatinga, que também forma pequenas elevações em alguns pontos da margem, onde se superpõe a camada de arenito grosseiro. Este tipo de solo e a mesma formação geológica prevalecem, como já vimos, em muitos pontos das margens do Amazonas, de modo que o grande contraste no revestimento florestal dos dois rios não pode ser devido a esta causa.

Não me demorei em Barra tempo suficiente para fazer grande coleção dos produtos animais dos arredores. Obtive uma espécie de macaco, mais ou menos uma dúzia de aves e cerca de trezentas espécies de insetos. Julgando por este material, a fauna parece ter muita coisa de comum com a das costas de Guiana. Mas, ao mesmo tempo, contém considerável número de espécies que ainda não foram encontradas na Guiana ou em qualquer outra parte da América do Sul. A semelhança entre a margem oriental do Rio Negro e a costa distante da Guiana parece ser maior, neste particular, do que entre o rio Negro e as margens do Alto Amazonas.

Meu próprio material talvez não seja suficiente para justificar esta opinião sobre as relações da fauna, pois isso exige a comparação de extensa série de espécies para que se possam obter seguros resultados em tais assuntos. Alguns casos mais salientes, porém, levam à conclusão acima mencionada. Por exemplo: nas aves a bela saíra de sete côres *Calliste tatao*, a *setecores* dos brasileiros, uma ave de Caiena, é comum às Guianas e aos arredores de Barra, mas não é encontrada mais para Oeste, nas margens do Solimões, onde, de Ega a Tabatinga, a forma afim *Calliste yeni* (345) a substitue. O *Rhamphasto toco* ou tucano pacova (assim chamado porque seu bico parece uma banana ou pacova), ave guianense bem conhecida, também se encontra em Barra, mas não mais para Oeste, em Ega. Nos insetos Coleópteros, espécies tais como *Aniara sepulchralis*, *Agra aenea*, *Stenocheila lacordairei* (346) e outros, confirmam este ponto de vista, sendo comuns a Caiena e Rio Negro, mas não se encontram mais para Oeste, nas margens do Solimões. Wallace descobriu que o Rio Negro servia de barreira à distribuição de muitas espécies de aves e mamais, certas espécies sendo peculiares à margem oriental e outras à ocidental. A fauna do Alto Amazonas contém, no entretanto, proporção muito grande de espécies guianenses.

A espécie de macaco, que referi acima, era relativamente comum na mata. E' o *Midas bicolor* de Spix, espécie que não encontrava antes, e peculiar, tanto quanto se sabe até agora, à margem oriental do Rio Negro.

---

(345) Estes dois pássaros, da família Thraupidae (dos gaturamos e tiês) são hoje conhecidos em ciência pelos nomes de *Calospiza chilensis paradisea* (*Calliste tatao*) e *Calospiza chilensis chilensis* (*C. yeni*).

(346) São tres gêneros de Coleopteros da família Cicindelidae.

E' pardo, com o pescoço e os braços brancos. Como seus congeneres vive em pequenos bandos, e corre pelos ramos mais grossos das árvores mais robustas, trepando pelos troncos verticais, mas nunca dando grandes saltos no espaço. (347)

A localidade parecia pobre em aves e insetos. Não sei até que ponto essa escassez aparente pode ser atribuída ao tempo chuvoso então dominante e à época desfavorável do ano. Os meses que aí passei (de janeiro a março) foram sempre os melhores para colecionar coleópteros nesse clima, mas não são propícios para as outras ordens de insetos ou para as aves, que são mais abundantes de julho a outubro.

A mata era muito agradável de percorrer. Em algumas direções largas veredas desciam suaves encostas, que a gente podia imaginar como intermináveis aléas de sempre verdes, levando a pontos mais úmidos de onde rompiam múrmuros regatos ou se formavam lagoas rasas, de fundo revestido de areia branca. Mas a estrada mais bonita era a que, atravessando o coração da mata, ia ter a uma cascata que os moradores de Barra consideram como a principal curiosidade natural de seus arredores. As águas de um dos maiores ribeiros que atravessam a escura brenha, despenham-se aí sobre leito de rocha de dez pés de altura. Não é a cascata em sí, mas a solidão silenciosa, a maravilhosa diversidade e riqueza de árvores, folhagens e flôres, cercando as águas que formam a atração do sítio. As famílias vêm fazer convescotes nesse lugar e os rapazes (dizem que as senhoras também) passam as horas sufocantes do meio dia banhando-se em suas águas frias. O lugar é um sítio clássico para os naturalistas, por ter

---

(347) E' o *Marikina bicolor* da nomenclatura atual.

sido o ponto favorito dos célebres viajantes Spix e Martius, durante sua estada em Barra, em 1818 (348). Von Martius sentiu-se tão profundamente impressionado por sua mágica beleza, que comemorou a sua visita fazendo um esboço do cenário, como fundo de uma das pranchas de sua grande obra sôbre as palmeiras.

Eram, contudo, pouco abundantes as aves e insetos no meio destas encantadoras cenas silvestres. Fiz muitas vezes o percurso de Barra à cascata, cêrca de duas milhas pela estrada da mata, sem ver ou ouvir uma ave, e encontrando, quando muito, uns vinte Coleópteros e Lepidópteros. Nas breñhas menos densas da orla da mata, viam-se diariamente algumas pequenas trepadoras verdes e azuis do grupo dos *Dacnidae*, alimentando-se de bagas (349) e havia na mata algumas aves muito vistosas. Mas estas últimas eram tão raras, que só as consegui obter empregando um caçador nativo, o qual costumava gastar um dia todo e ir muito longe para caçar dois ou tres especimes. Por este modo obtive, entre outros, exemplares do *Trogon pavoninus* (o surucú grande dos naturais), formosíssima criatura de fofa plumagem verde-dourada, peito vermelho e bico ala-

---

(348) Eis o trecho de Martius: "Os nossos passelos levaram-nos, às vezes, por um caminho já invadido pelo mato, a oeste da cidade, ao riacho da Cachoeira, regato da mata, que se despenha de um rochedo de grés de cantaria, e forma bonita cascata. A água tem aqui, em geral, a temperatura de 19,5 a 20.º R., em contraste com o estado térmico médio das águas do Amazonas (26.º R.), e proporcionou-nos o gozo de um banho, semelhante ao do nosso norte europeu. Suntuosa variedade de flores e de arvoredo cerca essa bacia, de sorte que, para nós naturalistas, os afamados banhos da Itália teriam menos encanto. Procurei esboçar (Pal. tab. 52) o aspecto daquela solidão adorável".

(349) O gênero *Dacnis* pertence hoje à família Coerebidae; deve referir-se portanto Bates ou a safras ou, mais provavelmente, aos Thraupidae verdes e azuis, do grupo conhecido pelos franceses por *Todiers*.

ranjado; (350) e também a *Ampelis pompadoura*, uma cotinga de colorido purpúreo-brilhante, com asas brancas de neve. (351)

A orla da floresta forneceu mais insetos que os caminhos sombrios. Havia algumas espécies que já obtivera em Obidos ou em Serpa, mas aí encontrei algumas outras que não eram conhecidas de nenhuma outra parte da América do Sul.

Os arbustos de folhas miudas e as pequenas árvores das bordas da mata e ao longo das estradas mais ou menos amplas, eram visitadas, embora com pouca frequência, por certo número de besouros fitófagos. Nenhum, porém, apresentava qualquer particularidade digna de nota, com exceção talvez, das espécies de *Chlamys* (352).

São pequenos insetos de forma quasi cúbica e aparência grotesca, com o face dorsal salpicada de tubérculos. Parecem tudo, menos insetos: alguns são imitação perfeita de dejectos de lagartas nas folhas; outros apresentam impressionante semelhança com pequenos botões de flôr, galhas ou quaisquer outras exerescências vegetais; enquanto as espécies maiores parecem fragmentos de minério metálico. São de movimentos muito preguiçosos e se encontram nos pontos mais em evidência da superfície das folhas. Suas curiosas for-

---

(350) Na nomenclatura atual *Pharomacrus pavoninus*.

(351) E' essa cotinga ou anambé uma das mais lindas aves do Brasil, pelo colorido vermelho purpúreo escuro do corpo, em contraste com a alvura das asas; seu nome científico atual é *Xipholena punicea*.

(352) O gênero *Chlamys* é hoje o tipo de uma familia especial de Coleópteros Fitófagos, caracterizada justamente pela presença de sulcos no protorax onde se escondem as antenas e pelos tubérculos dos élitros e a cabeça chata e invisível de cima (*Chlamydae*).

mas constituem, sem dúvida, outros tantos disfarces, com que se protegem dos olhares penetrantes das aves insetívoras e dos lagartos. Um grupo muito próximo, os *Lamprosomas* (353) do qual se encontram nos mesmos sítios várias espécies, possuem o corpo perfeitamente convexo. Brilham como pedras preciosas sôbre a folhagem e parecem protegidos pela excessiva dureza de seus tegumentos.

Os *Eumolpidae* e *Galerucidae*, dois grupos pertencentes à mesma família de insetos fitófagos (354), são muito mais numerosos que os *Chlamydes* e os *Lamprosomas*, embora não tenha o aspecto enganador de uns nem a dureza de tegumentos dos outros; mas muitos deles segregam um líquido fétido, quando tocados, o que talvez lhes sirva de defesa passiva. Os *Chlamydes* estão quasi confinados às partes mais quentes da América; as espécies, embora muito numerosas (conhecem-se cerca de 300 nas coleções) são quasi todas muito raras. É digno de registo que os insetos miméticos são muito geralmente de grande escassez, isto é, há poucos individuos nos lugares onde ocorrem, e constituem grupos que são notáveis pela acentuada diversidade das espécies, todas de distribuição muito restrita.

Depois de termos repousado algumas semanas em Barra, fizemos nossos planos para nova exploração no interior da região. Wallace escolheu o Rio Negro — para sua próxima viagem e eu concordei em tomar o

---

(353) O gênero *Lamprosoma* é igualmente tipo de outra família próxima da mesma série (Fitófagos) de protorax sem sulcos laterais para as antenas; fêmures sulcados para receber as tibiás; são geralmente besourinhos de brilho metálico e corpo muito convexo (*Lamprosomatidae*).

(354) Estas duas famílias, com as referidas nas duas notas anteriores estavam antes encerradas em uma grande família, os *Chrysomelidae*. Os *Galerucidae* se distinguem das tres outras por seu prosterno largo e pelos lados do protorax geralmente em quilha.

Solimões. Meu colega já deu a lume uma narrativa de sua excursão pelo Rio Negro e da ousada subida do seu grande tributário, o Uaupés (355). Deixei Barra, em direção a Ega, a primeira cidade de alguma importância no Solimões, no dia 26 de março de 1850. A distância é de quasi 400 milhas, e fizemos a viagem numa pequena coberta, remada por dez robustos índios Cucama, gastando trinta e cinco dias. Nessa ocasião passei 12 meses no Alto Amazonas. Certas circunstâncias obrigaram-me a voltar ao Pará. Tornei a visitar a mesma região em 1855, e dediquei tres anos e meio a uma exploração mais completa de suas riquezas naturais. Os resultados das duas jornadas serão dados juntos, nos subseqüentes capítulos desta obra; quero, entretanto, dar primeiro uma noticia de Santarém e do rio Tapajós, cujas circunvizinhanças explorei nos anos de 1851 a 1854.



Podem ser acrescentadas aqui algumas palavras sôbre minha visita ao Pará em 1851. Desci o rio, de Ega até à capital, na distancia de 1400 milhas, numa escuna muito carregada, de propriedade de um negociante daquela primeira localidade. Gastámos na viagem 29 dias, embora fôssemos favorecidos pelas fortes correntezas da estação chuvosa. O porão do barco estava cheio de óleo de tartaruga, posto em grandes jarras; o camarote estava atravancado de castanhas do Pará e grande pilha de salsaparrilha, coberta de fôlhas de palmeira, ocupava o meio do tombadilho. Tínhamos

---

(355) E' o livro "Viagens pelo Amazonas e Rio Negro", cuja tradução já foi publicada na Brasilliana. Sua excursão ao rio Negro e ao Uaupés constituem os sete últimos capítulos de sua narrativa (mais rigorosamente os capitulos VII a XII).

portanto (o patrão e dois passageiros) péssima acomodação, sendo obrigados a dormir no tombadilho, expostos ao tempo úmido e tempestuoso, sob pequenos toldos, arranjados de cipós entrançados e fôlhas de maranta. Muitas vezes acordei de manhã com as roupas e o lençol ensopados de chuva. Contudo, com exceção de leve resfriado, no começo da viagem, nunca tive melhor saúde que durante esta travessia. Quando o vento soprava de cima ou de terra avançávamos velozmente; mas às vezes havia temporal destas bandas e não era seguro então soltar as velas. Geralmente o tempo era calmo, com o céu coberto por docel imóvel de pesadas nuvens, e a grande massa d'água descia lentamente sem nenhum outro movimento que o leve encrespar da corrente. Quando o vento soprava de baixo bordejávamos com a corrente. Às vezes soprava tão forte que a escuna, tendo o vento pela proa, rasgava as ondas que se erguiam sobranceiras e lavavam o convés de lado a lado.

Chegados ao Pará, encontrei aquela cidade, dantes salubre e alegre, desolada por duas terríveis epidemias. A febre amarela, que a visitara no ano anterior (1850), pela primeira vez desde a descoberta do país, ainda se prolongava, depois de ter vitimado quasi cinco por cento da população. O número de pessoas acometidas, tres quartas partes de toda a população, mostrava como é geral o assalto de uma epidemia no seu primeiro surto em uma localidade. Nos calcanhares desta peste chegou a variola. A febre amarela acometera mais gravemente brancos e mamelucos, ficando os negros quasi indenes; mas a variola atacou mais especialmente os índios, negros e mestiços, poupando quasi completamente os brancos, e vitimando quasi um vigésimo da população no decurso de quatro meses de sua duração. Ouvi

muitas coisas estranhas sôbre a febre amarela. Acho que o Pará foi o segundo porto do Brasil a ser atacado por ela. As notícias de sua devastação na Baía, onde a epidemia apareceu em primeiro lugar, chegaram alguns dias antes da doença se manifestar. O governo tomou todas as medidas sanitárias que se podiam de-sejar; entre elas havia uma, muito singular, de dar tiros de canhão nas esquinas das ruas para purificar o ar. Mr. Norris, o consul americano, contou-me que os primeiros casos da doença ocorreram perto do porto, e que esta se espalhou rapida e regularmente de casa em casa, ao longo das ruas que se dirigem do porto para os subúrbios, levando cerca de 24 horas para chegar ao fim. Algumas pessoas, contaram que durante várias tardes sucessivas, antes de irromper a febre, a atmosfera era densa, e que um escuro nevoeiro, acompanhado de forte bodum, ia de rua em rua. Este vapor foi chamado mãe da peste, e era inutil procurar dissuadí-los da convicção de que ele fôsse o precursor da pestilência. O progresso da doença foi muito rápido. Começou em abril, em meados da estação chuvosa. Em poucos dias havia milhares de pessoas doentes, moribundas ou mortas. O estado da cidade durante o tempo em que a febre durou é fácil de imaginar. No fim de junho amaiou e houve muito poucos casos de julho a dezembro.

Como já disse há pouco, a febre ainda perdurava na cidade quando cheguei do interior, em abril. Tinha esperança de poder escapar-lhe, mas não fui tão afortunado; ela parecia não poupar nenhum recém-chegado. Quando caí doente, todos os médicos da localidade estavam sobrecarregados de serviço, atendendo às vítimas da outra epidemia; era quasi inútil pensar em obter o seu auxílio, de modo que me vi obrigado a ser meu próprio médico, pois já tivera antes alguns bons ataques de febre. Fui acometido de calafrios e vômitos às

nove horas da manhã. Enquanto a gente de casa foi à cidade em busca dos remédios que eu receitara, embrulhei-me num cobertor de lã, e andei depressa de um para outro lado da varanda, bebendo de vez em quando uma xícara de chá quente, feito de uma erva amarga, usada pelos naturais, chamada pajémarioba, planta leguminosa que cresce em todos os terrenos incultos (356). Uma hora depois, tomei bom trago de cozimento de folhas de sabugueiro, como sudorífico, e pouco depois caí insensível dentro da rede. Philips, um inglês com quem eu estava morando, ao voltar para casa, à tarde, encontrou-me dormindo e suando em bicas. Não despertei até à meia noite quando me senti muito fraco, com dores em todos os ossos. Tomei então um purgativo: um pouco de sais de Epsom e maná. Em quarenta e oito horas a febre me deixou, e passados oito dias de seu primeiro ataque já estava pronto para trabalhar.

Durante minha permanência no Pará houve muito pouca coisa que mereça ser contada. Embarquei todas as minhas coleções para a Inglaterra e recebi então novo suprimento de fundos. Gastei várias semanas a preparar minha segunda viagem mais demorada ao interior. Meu plano agora era primeiro passar algum tempo em Santarém, e d'aí subir o Tapajós, até onde fosse praticável. Depois pretendia tornar a visitar a maravilhosa região do Alto Amazonas, e pesquisar bem sua história natural em varios pontos sôbre os quais me fixara, desde Ega até ao pé dos Andes.

---

(356) É uma planta conhecida em quasi todo o Brasil (*Cassia occidentalis*), também conhecida por pajamarioba, fôlha-de-pajé, tararucú, mangerioba e fedegoso e muito empregada na medicina caseira como antifebrífugo. É uma Leguminosa da subfamília Cesalpíneas.

## ÍNDICE

Prefácio .....	5
Prefácio da primeira edição .....	11
Comentário de Carlos Darwin .....	18
Prefácio da segunda edição .....	25
I — Pará .....	27
II — Pará (continuação) .....	74
III — Pará (conclusão) .....	121
IV — O Tocantins e Cametá .....	146
V — Caripí e Baía de Marajó .....	202
VI — O Baixo Amazonas — Pará e Obidos .....	245
VII — Baixo Amazonas — Obidos e Manaus ou Barra do Rio Negro .	294



★ *Este livro foi composto e impresso nas oficinas da 'Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda., à rua Conde de Sarzedas, 38, S. Paulo, Brasil, para a Companhia Editora Nacional, em junho de 1944.*







FIG. 1 — Belém: Ver-o-peso.



FIG. 2 — Içá



FIG. 3 — Saúvas: 1 — operária menor; 2 — operária maior; 3 — operária subterrânea

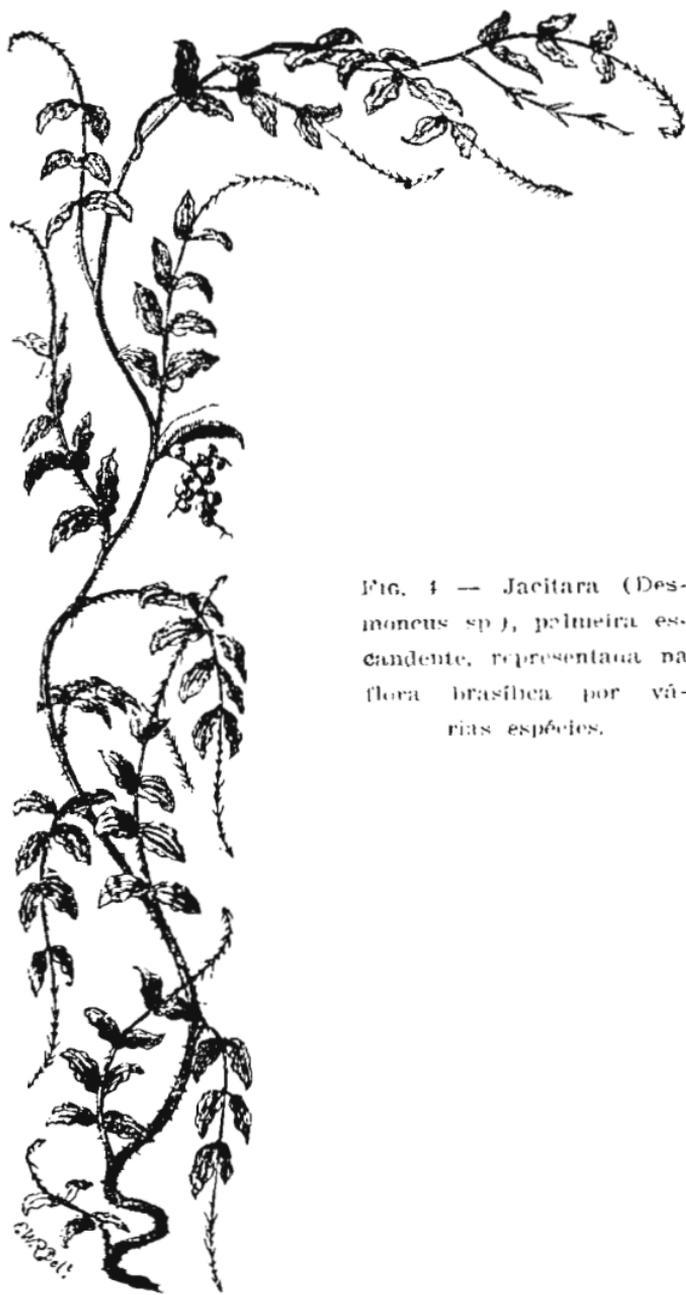


FIG. 4 — Jacitara (*Desmanthus* sp.), pelmeira escandente, representada na flora brasileira por várias espécies.

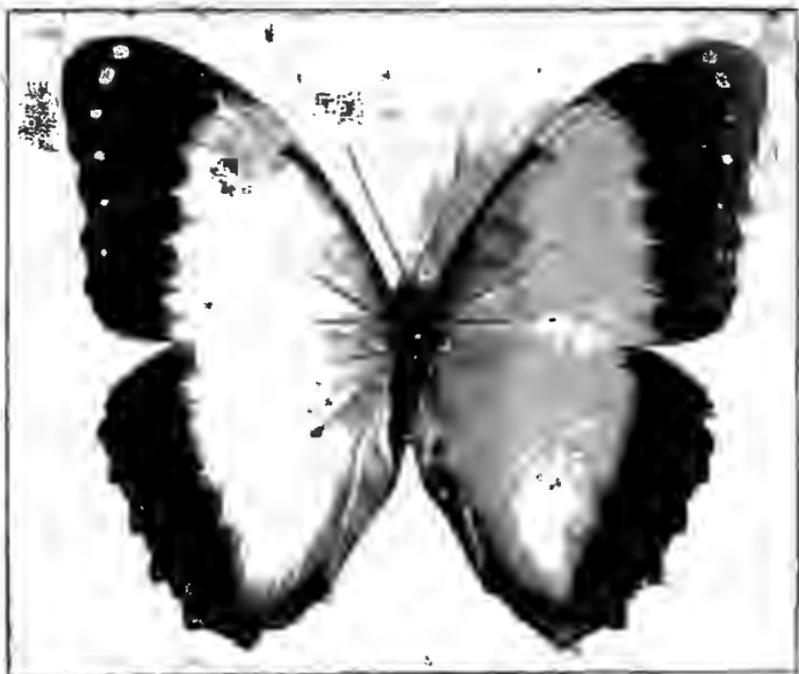


FIG. 5 — *Morpho Achillaea*.



FIG. 9 — Pavo do Pará.

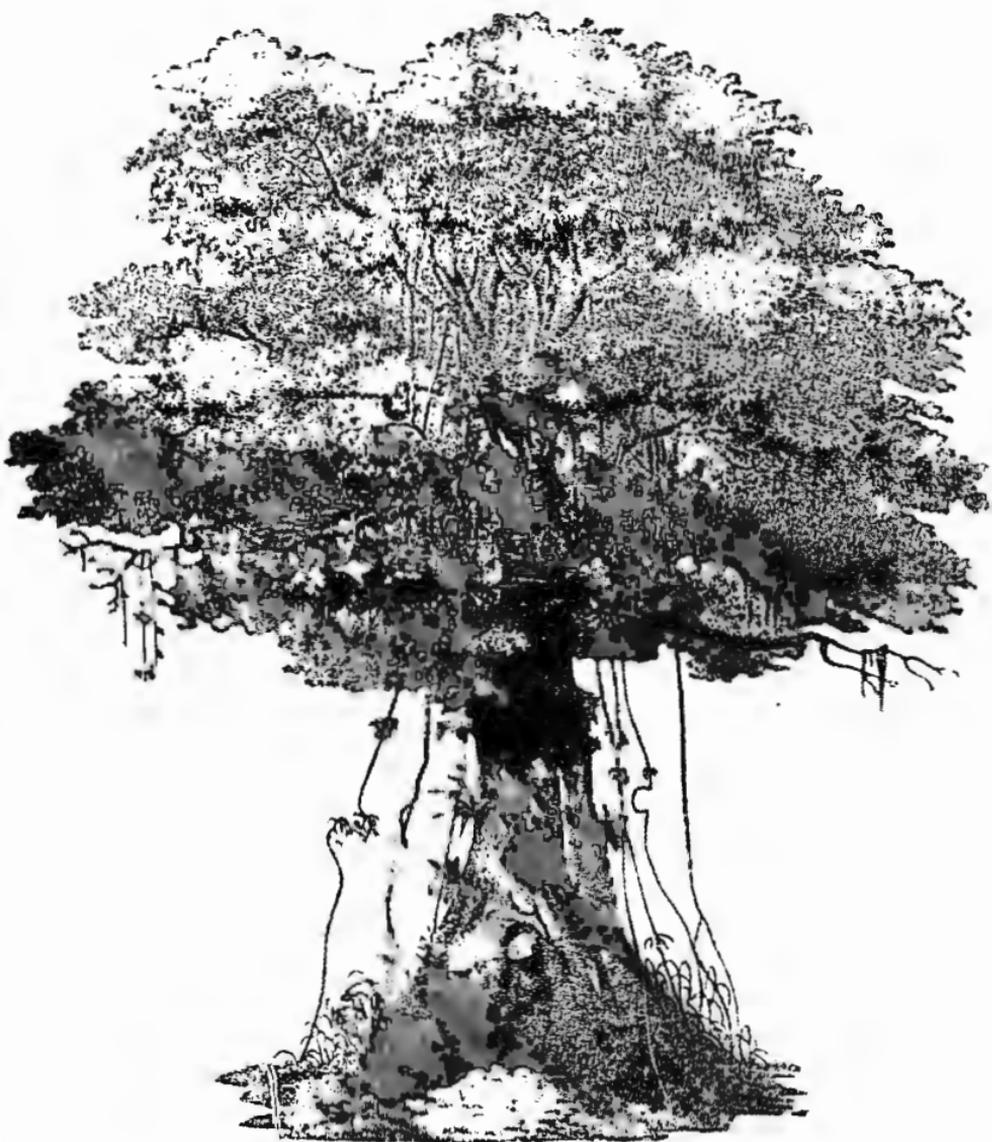


FIG. 6 -- Cipó matador.



FIG. 7 — Sapopembas.

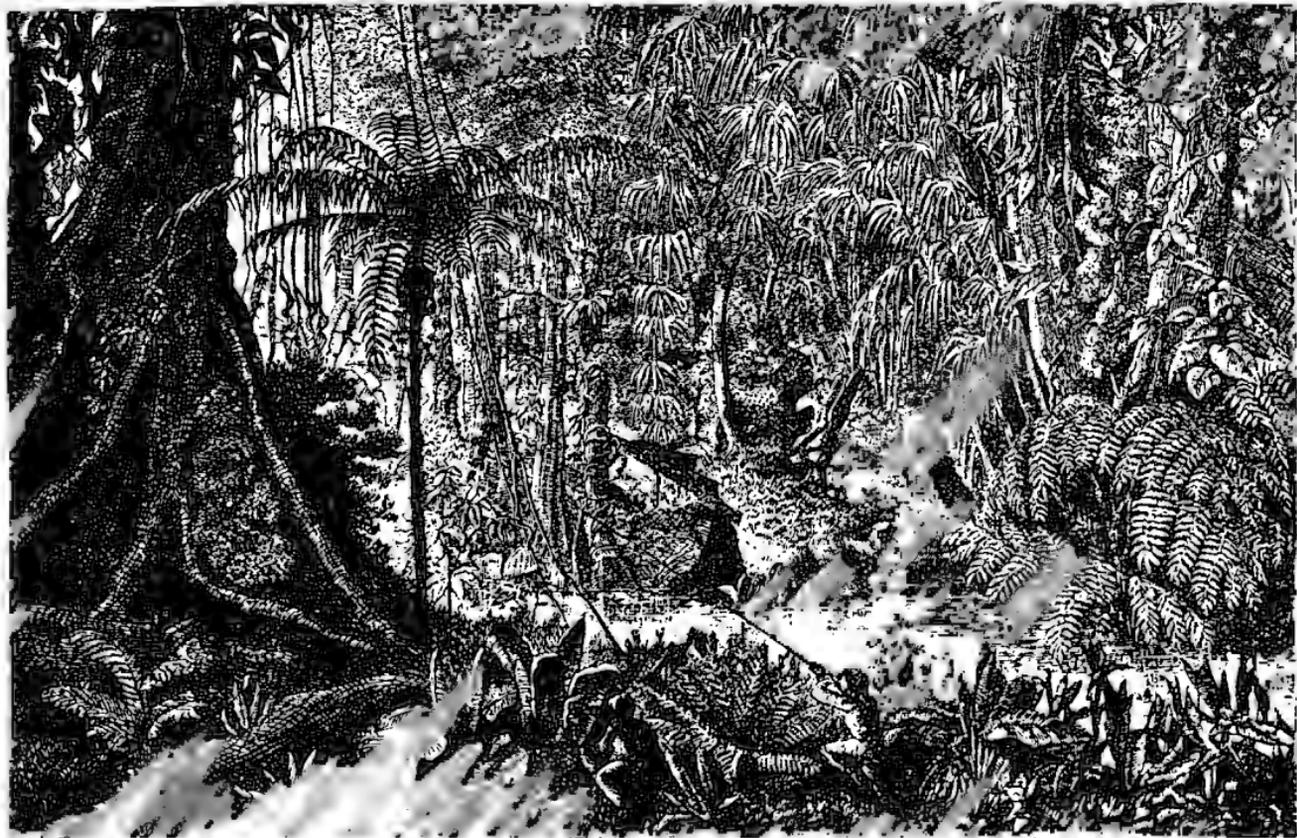


FIG. 8 --- Interior de uma floresta no Amazonas.

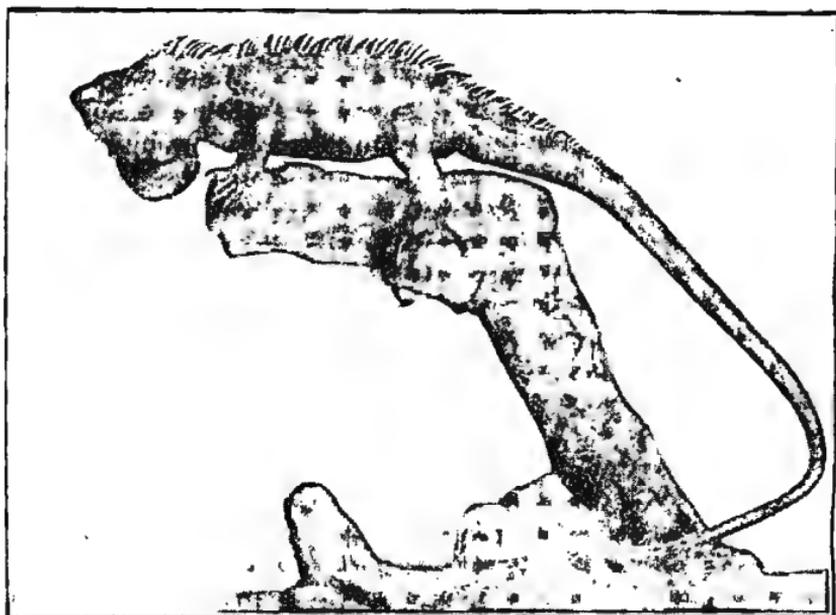


FIG. 10 — Iguana.



FIG. 11 — Anfiberra ou m̃e-das-saúvas



FIG. 13 — Palmeira açaf

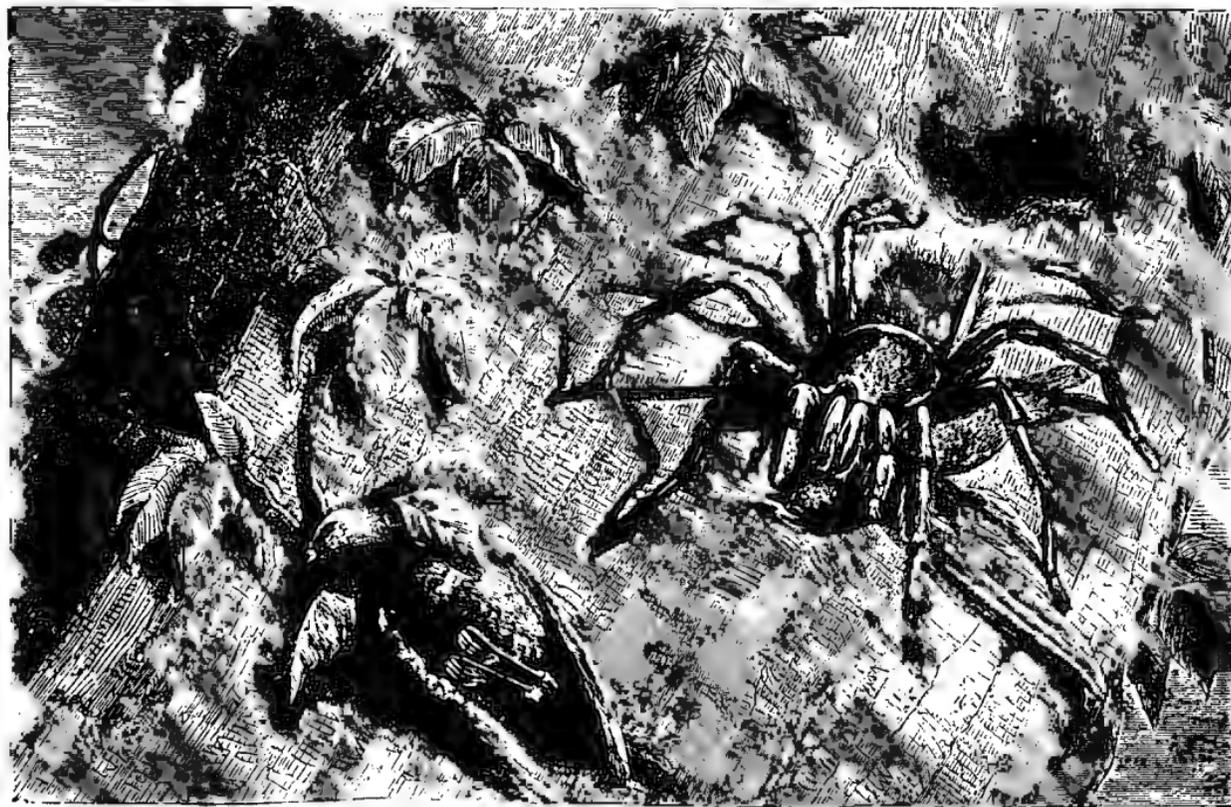


FIG. 14 — Aviculária atacando pintassilgos



FIG. 15 - Tamanduá estripando um cão.

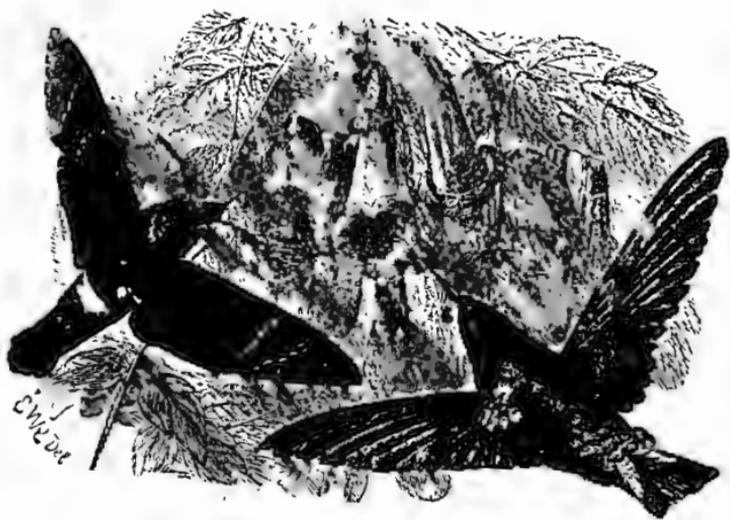


FIG. 16 — Beija-flôr e mariposa que o mimetiza (*Macroglossa*)

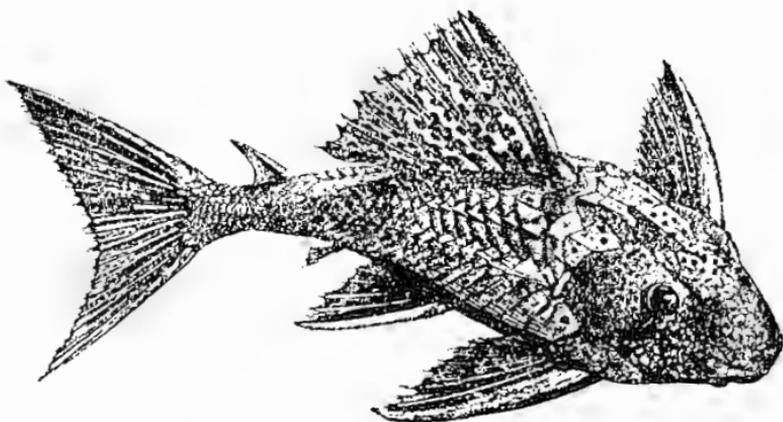


FIG. 18 — Acará (*Loricaria duodecimalis*)



FIG. 17 — Um igarapê e desembarcadouro.



FIG. 19 — Montanhas de Parauaquara, de cumes achatados.

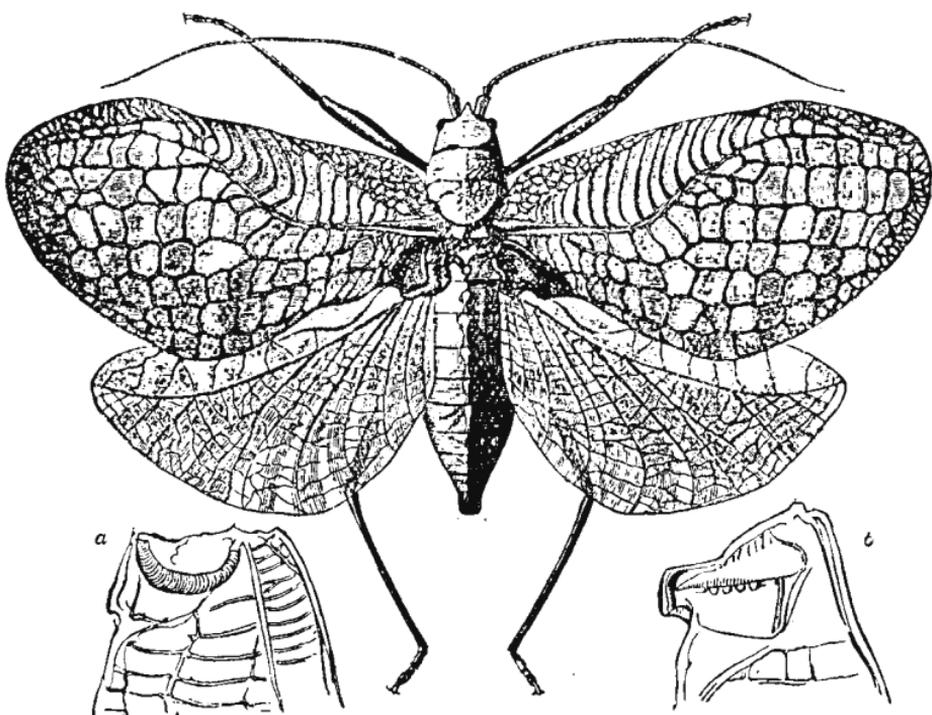


FIG. 20 — O Tananá (*Chlorocaelus tanana*) a e b. Lobos das tégminas, transformados em instrumento musical.

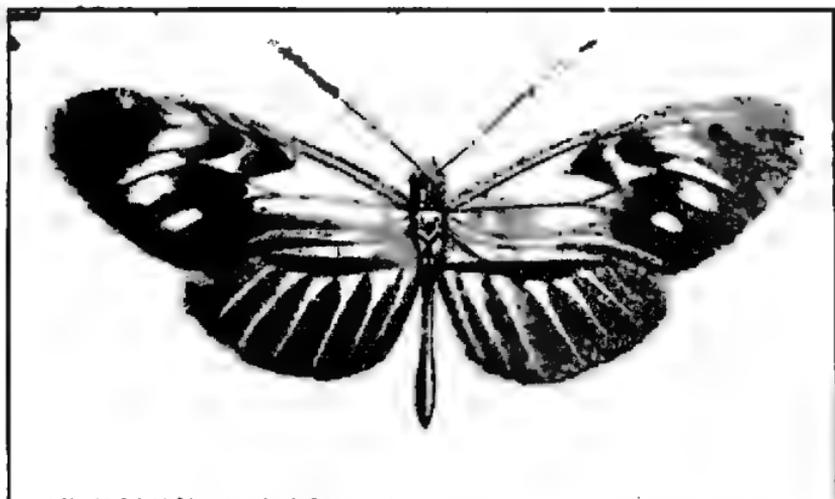


FIG. 21 — *Heliconius Thelxiope*.



FIG. 22 — *Heliconius Melpomene*.



FIG. 23 --- Formas intermediarias entre *Heliconius thelxiope* e *H. melpomena*.

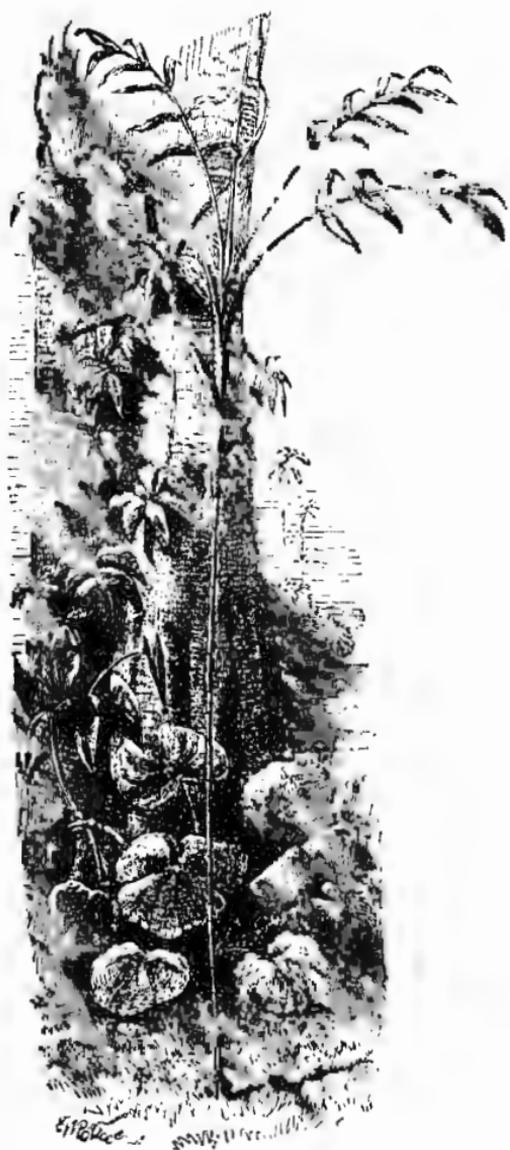


FIG. 24 — Palmeira peuririma  
(*Bactris* sp.).